

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NATASHA GUERRIZE CLARO

**A Faculdade de Educação Física de Santos frente à esportivização da  
Educação Física no Brasil (1969-1985)**



SANTOS  
2020

NATASHA GUERRIZE CLARO

**A Faculdade de Educação Física de Santos frente à esportivização da  
Educação Física no Brasil (1969-1985)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos (UniSantos) como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

SANTOS  
2020

[Dados Internacionais de Catalogação]  
Departamento de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos

---

C591f Claro, Natasha Guerrize  
A Faculdade de Educação Física de Santos frente à  
esportivização da Educação Física no Brasil (1969-1985)  
/ Natasha Guerrize Claro; orientador Luiz Carlos Barreira.  
-- 2020.  
175 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de  
Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em  
Educação, 2020

1. Educação física. 2. Esportes. 3. Ensino superior  
I.Barreira, Luiz Carlos. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 37(043.3)

---

Viviane Santos da Silva- CRB 8/6746

NATASHA GUERRIZE CLARO

A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS FRENTE À  
ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL (1969-1985)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Data: 11/03/2020    Aprovado (X)    Reprovado ( )

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira  
Professor Titular - UNISANTOS

Prof. Dr. João do Prado Ferraz de Carvalho  
Professor Titular - UNIFESP

Profa. Dra. Maria Aparecida Franco  
Professora Titular - UNISANTOS

*Dedico à minha família, em especial, minha mãe,  
Maria Helena, e meu pai, Aduino (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

12 de março de 2018. Dia decisivo. “Vou cancelar a pós-graduação. Aqui, não volto”, pensei comigo mesma. Já havia encaminhado um *e-mail* de despedida ao meu orientador. Não conseguia me dedicar às densas leituras de tantos livros distintos à minha formação. História. História da Educação. Pedagogia. Uns ‘passeios’ na Filosofia e na Sociologia.

Ao mesmo tempo, conciliar com a desafiante tarefa de assessora de imprensa, que não tem sábado, domingo nem feriado, parecia 100% inviável. Como pesquisar? Fazer os fichamentos nos prazos corretos? Apresentar leituras críticas pertinentes?

Acontece que o destino se mostra mais sábio que nós. Encontrei o professor Elias Salim Haddad Filho, coordenador dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da UniSantos. Somos também colegas de trabalho, já que também atua como professor nos cursos da mesma área na UNIMES. Perguntou como estava indo no Mestrado, e eu avisei de minha decisão.

“Você não vai cancelar seu curso. Não vou permitir. Nem que você venha conversar comigo sempre que precisar. Quero te ver até o fim, tirando seu título de mestre. Você consegue!”, disse.

E aqui estou, apresentando essa humilde contribuição para a Academia. Por isso, meu primeiro agradecimento vai para o professor Elias, quem tanto admiro como profissional e como pessoa. Uma simples frase, um singelo incentivo, pode mudar a vida de alguém. E o senhor mudou a minha, sem fazer muito esforço!

Meu segundo agradecimento vai ao professor Paulo Börnsen Vibiam, que foi meu orientador na graduação de Jornalismo da UniSantose outro grande incentivador nessa jornada. Deu-me a oportunidade de realizar o sonho do estágio docência, contribuir com outros jovens aquilo que o ofício de jornalista me proporcionou durante esses últimos 11 anos e por ter conversado com o reitor, Marcos Medina Leite, a me oferecer 50% de bolsa. Sem isso, não conseguiria concluir a pós-graduação. Minha eterna gratidão!

Não posso deixar de agradecer a UNIMES, onde trabalho, que não só me proporcionou todo o suporte para conciliar minhas pesquisas na pós-graduação, como abriu as portas para que eu pudesse pesquisar sobre a FEFIS com toda a autonomia necessária. Faço menções especiais a reitora, Renata Viegas, por todo o carinho e apoio, a pró-reitora acadêmica, Elaine Marcílio, ao mantenedor, Rubinho Viegas, ao diretor da FEFIS, Marcelo

Casati (quem muito deu suporte ao meu trabalho com os entrevistados!), aos professores da FEFIS, Fabrício Madureira e Dilmar Guedes, grandes referências da Educação Física no Brasil e com quem tenho orgulho de trabalhar!

Ao meu chefe de setor na UNIMES, Fábio Maradei: mais que um chefe, você é um mentor, um líder nato e também um amigo para a vida. Sempre me incentiva a ser uma profissional e uma pessoa melhores a cada dia!

No curso de História da UNIMES, meu “muito obrigada” vai para a coordenadora Maria Candelária Volponi Moraes, pessoa que admiro e que muito me apoiou na jornada, além da querida professora Sandra Colucci, que me cedeu horas do seu apertado tempo para me auxiliar nas leituras que fazia durante a pós-graduação. Um abraço bem apertado e cheio de gratidão, também, para a professora Giselle Agazzi. Seu largo sorriso me guiou na caminhada para a qualificação deste trabalho!

Aos meus amigos e colegas de trabalho Cris, Salgado, Stenio, William e Leo: saibam que tenho vocês em meu coração, por entenderem minhas angústias durante a jornada e por me apoiarem sempre quando precisei.

Voltando à UniSantos, faço um agradecimento especial a todos os professores que contribuíram com a minha formação durante o PPGE: a coordenadora Irene Jeanete LemosGil, uma grande incentivadora e uma mulher de fibra; Marineide Gomes, muito obrigada por “desequilibrar”, me tirar da zona de conforto; Maria de Fátima Abdalla, seu conhecimento e empatia pelo ser humano são gigantes, nunca me esquecerei; Alexandre Saul, que aulas dinâmicas, aprender sobre Paulo Freire ficou mais fácil com o senhor; Moisés Kuhlmann Junior, não tive aula com o senhor, mas sou eternamente grata por ter ainda assim me aconselhado nos corredores da Universidade!

Faço duas menções especiais, que sem eles, meu trabalho não seria possível: a professora Cida Franco – fui conquistada pela sua pureza, amor pelos alunos e pela História da Educação de Santos! E por último, porém talvez o mais importante: meu orientador, Luiz Carlos Barreira. Aliás, “ORIENTADOR” deveria ser seu sobrenome! Um excelente professor e um grande ser humano. Dizer que fui sua orientanda é um enorme privilégio. Obrigada por ter acreditado em mim.

Meus queridos colegas do PPGE, que também se tornaram amigos para a vida: no grupo de pesquisa, Paulo (um verdadeiro companheiro, me levou à PUC-SP para pesquisar, ajuda sem pedir nada em troca!), Thalita (que se tornou minha irmã de alma dentro do grupo e minha grande inspiração!), Luiz Henrique (querido pastor, pesquisador dos intelectuais da educação e o ‘relações públicas’ do grupo!), Rosângela (de coração enorme, amante dos

animais e a nossa tradutora da classe!), Tércio (nosso matemático, com quem dividi muitas angústias – muitas, mesmo!!!), Genira (a pessoa mais tranquila que conheci, além de querida e super alto astral!), Fabrício (um jovem historiador, apesar de pouco tempo convivendo juntos, aprendemos muito no Congresso em Belém!), Sílvio (quem me contribuiu muito sobre a história da EF!). Quem não está mais no grupo, mas sou extremamente grata: Lúcia (minha grande incentivadora na dissertação!) e Fátima (‘mãe’ que adotei no grupo, foi minha ex-professora de História no ensino médio!). Outras menções a colegas e amigos queridos que convivi na Universidade e/ou que estiveram comigo em outras disciplinas do curso: Silvânia, Camila, Karen (obrigada pelas portas abertas na SEDUC!), Bira, Ronaldo, Flávia, Beatriz, Gabi (com quem tive uma linda convivência na X CBHE, em Belém!), Roseli, Giselle, Angelo, Andreia Lays, Lucas (agradeço muito pelas orientações em relação à HE e seu jeito questionador em tudo!), Waira, Cristiane, Simone, Ana Margareth (quem também foi minha professora no ensino médio!), Sandra, Sonia, Gilson, Renata (tantas conversas boas que tivemos!), Nilcéia (a pessoa mais alto astral que conheci e que desejo o mundo!), Grace (a pós-doc mais querida, inteligente e humilde que convivi!)... se esqueci de alguém, peço desculpas!

Uma lembrança mais que especial à Marcia Atik, que aguentou meus surtos, e ao Gustavo, que lembrarei sempre com carinho todos os momentos bons que tivemos juntos, inclusive me ajudando nesta pesquisa.

Termino este “Tratado de Tordesilhas”, lembrando duas das pessoas que mais amo nesta vida e que me ajudaram muito durante os últimos dois anos: minha mãe, Maria Helena, e meu pai, Aduino. E também minha família (tia Ana, tio Fernando, primos Carol, Glécio, Kallel, Boy, Fernanda, Maria Clara e Antonella) aos meus grandes amigos e amigas, também amores da minha vida: Andrey, Juliana, Evelyn, Natália, Teca, Luciana, Luana, Aline, Andréa, Fernanda, Anderson, Suelen e Sirlene.

Este trabalho é para todos vocês!

*Eu amei, eu sorri e chorei*

*Tive minhas falhas, minha parte em derrotas*

*E agora, enquanto as lágrimas caem*

*Eu acho tudo muito engraçado*

*[...]*

*Vivi uma vida por inteiro*

*Viajei por todas as estradas*

*E muito além disso*

*Eu fiz do meu jeito*

*(My Way – Frank Sinatra)*

## RESUMO

Esta pesquisa busca narrar a história da Faculdade de Educação Física de Santos por meio de depoimentos de ex-professores e ex-alunos que vivenciaram a instituição de ensino superior na cidade de Santos durante os primeiros 16 anos de atividades (1969-1985), à luz do contexto histórico correspondente à ditadura civil-militar no Brasil de 1964 a 1985. O conceito de “esportivização” no ensino da educação física e a abertura das instituições de ensino superior de educação física, com a Reforma Universitária de 1968, são alguns acontecimentos que justificam a investigação desta instituição. A pesquisa presente faz uso do método histórico, apoia-se em pressupostos teóricos que têm orientado estudos e investigações sobre instituições escolares e biografias e, no que diz respeito às fontes documentais, em especial as orais, recorrendo às contribuições fornecidas pela História Oral. Foi desenvolvida no Grupo de Pesquisa *Formação de Sujeitos: História, Cultura, Sociedade*, coordenado pelo Professor Dr. Luiz Carlos Barreira. Enfatiza, ainda, a visibilidade e a importância da identidade de sujeitos no (e sobre) o ensino da educação física na metade do século XX, seja em uma perspectiva regional, política ou social.

**Palavras-chave:** Educação Física. Esportivização. Ensino Superior FEFIS.

## ABSTRACT

This research seeks to evidence the history of the Physical Education Faculty of Santos through testimonials of former teachers and former students who lived the institution of higher education in the city of Santos during the first 16 years of activities (1969-1985), in the historical context corresponding to the civil-military dictatorship in Brazil from 1964 to 1985. The demonstration of "sportification" in the teaching of physical education and the opening of higher education institutions of physical education within 1968 University Reform are some events which justify the investigation of this institution. The present research makes use of the historical method, based on theoretical assumptions that have guided studies and investigations on school institutions and biographies and, as far as documental, especially oral sources are concerned, draws on the contributions provided by Oral History. The study was developed in the Group of Research *Education of Subjects: History, Culture, Society*, taught by college professor PhD. Luiz Carlos Barreira. It also emphasizes the visibility and importance of the identity of subjects in and about the teaching of physical education during half of 20<sup>th</sup> century, considering regional, political and social aspects.

**Keywords:** Physical Education. Sportification. Higher Education FEFIS.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

Quadro 1 - Relação de entrevistados com função, data da entrevista e idade.....	20
Quadro 2 - Componentes curriculares do curso de Educação Física da FEFIS (1969-1985) ..	74

### FIGURAS

Figura 1 - Equipe santista de basquete nos Jogos Abertos do Interior, em 1965 .....	37
Figura 2 - Professor Alcino Pellegrini com a tocha nos Jogos Abertos do Interior .....	38
Figura 3 - Fachada da FEFIS (1999-atualmente) .....	43
Figura 4 - Certidão de nascimento da educadora Rosinha Viegas .....	45
Figura 5 - Edição do jornal “O Binóculo”, de Guariba .....	46
Figura 6 - Matéria do encontro de Rosinha Viegas com o Papa João Paulo II .....	48
Figura 7 - Equipe feminina de basquete do São Carlos Clube .....	51
Figura 8 - Trecho de publicação da criação do Ginásio E. E. José Pacífico .....	52
Figura 9 - Currículo de Rosinha Viegas, redigido em 1978.....	54
Figura 10 - Carta de Oscar da Silva Musa sobre as instalações .....	56
Figura 11- Aprovação do funcionamento da FEFIS, no jornal “Cidade de Santos” .....	57
Figura 12 - Exame prático de Atletismo no vestibular da FEFIS.....	59
Figura 13 - Candidatos estudando no campo do Brasil Futebol Clube .....	60
Figura 14 - Aprovação do funcionamento da FEFIS.....	61
Figura 15 - Relatório de abertura da FEFIS .....	62
Figura 16 - Relação da Diretoria e Funcionários da FEFIS .....	63
Figura 17 - Campo de futebol do Brasil Futebol Clube, em 1970 .....	67
Figura 18 - Ampliação do prédio do Brasil Futebol Clube para salas de aula da FEFIS .....	67
Figura 19 - Competição de remo do Clube Internacional de Regatas .....	68
Figura 20 - Trabalho teórico sobre Jogos Olímpicos de Montreal, na disciplina “Ginástica Feminina” .....	73
Figura 21 - Trabalho teórico de Basquete do professor Alcino Pellegrini .....	74
Figura 22 - Aula prática de Voleibol na FEFIS.....	78
Figura 23 - Reportagem sobre a torcida brasileira, após a seleção vencer a Copa de 1970.....	82
Figura 24 - Capa da Folha de S. Paulo, após a conquista do tricampeonato .....	84
Figura 25 - Entrega do sombrero por Pelé a Rosinha.....	85
Figura 26 - Pelé em aula prática de atletismo na FEFIS .....	85
Figura 27 - Rosinha Viegas com o formando de 1973, Emerson Leão.....	86
Figura 28 - Carta do Ministério da Educação e Cultura à FEFIS (1971) .....	90
Figura 29 - Reportagem de A Tribuna sobre os VI JUBAS.....	93
Figura 30 - Partida entre FEFIS x Faculdade de Direito de Santos.....	95
Figura 31- Negrelli recebendo o diploma da diretora Rosinha Viegas .....	102
Figura 32 - Trote com os calouros: Negrelli e Moacir Rebello dos Santos, campeão sul-americano de natação.....	104
Figura 33 - Laurete Godoy com o livro autografado pelo ex-presidente Médici .....	120

Figura 34 - Autógrafo de Médici para Laurete no livro “Jogo da Verdade” .....	121
Figura 35 - Desfile cívico-militar composto por alunos da FEFIS .....	141

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 – Ato Institucional n.º 5

APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CBB – Confederação Brasileira de Basquete

CBDU - Confederação Brasileira do Desporto Universitário

CEUBAN – Centro de Estudos Unificados Bandeirante

CFE – Conselho Federal de Educação

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

CREF4/SP – Conselho Regional de Educação Física da 4.ª Região – São Paulo

EEFE-USP – Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo

EF – Educação Física

EFE – Educação Física Escolar

ENEFD – Escola Nacional de Educação Física e Desportos

ESEP – Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo

ESPN – *Entertainment and Sports Programming Network* (Rede de Programação de Entretenimento e Esportes)

ETEC – Escola Técnica Estadual

FACOS - Faculdade de Comunicação de Santos

FEFIS – Faculdade de Educação Física de Santos

FIEP – Federação Internacional de Educação Física

FIFA – Federação Internacional de Futebol

FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

FPDU – Federação Paranaense de Desportos Universitários

FUPES – Fundação Pró-Esportes

ISESC – Instituto Superior de Educação Santa Cecília

JUBAS – Jogos Universitários da Baixada Santista

JUB's – Jogos Universitários Brasileiros

LUSE – Liga Universitária Santista de Esportes

MEC-USAID – Ministério da Educação - *United States Agency for International Development*

PUC-SP – Pontifícia Universidade de São Paulo

PUC-Rio – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro

SEMES –Secretaria Municipal de Esportes de Santos

UNICAMP –Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP –Universidade Federal de São Paulo

UNIMES –Universidade Metropolitana de Santos

UNISANTA –Universidade Santa Cecília

URSS – União Soviética

USP –Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....</b>	<b>23</b>
2.1 O ESPORTE COMO LAZER NA SOCIEDADE INDUSTRIAL INGLESA (SÉCULOS XVIII E XIX).....	23
2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE NO BRASIL (1882-1985): ALGUNS APONTAMENTOS.....	27
2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE EM SANTOS .....	36
<b>3 A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS (1969-1985) .....</b>	<b>41</b>
3.1 A FUNDADORA ROSINHA VIEGAS .....	44
3.2 APROVAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS..	54
3.3 BRASIL FUTEBOL CLUBE E CLUBE INTERNACIONAL DE REGATAS: A INFLUÊNCIA DOS CLUBES SOCIODESPORTIVOS NA ESPORTIVIZAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFIS.....	63
3.4 COMPONENTES CURRICULARES E CURSOS LIVRES: UMA CULTURA ESPORTIVA?.....	68
3.5 “A TAÇA DO MUNDO É NOSSA!”: O RECONHECIMENTO DO CURSO DA FEFIS APÓS A CONQUISTA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1970.....	78
3.6 O CONTEXTO DOS JOGOS UNIVERSITÁRIOS DA BAIXADA SANTISTA (JUBAS) COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DE UMA ESPORTIVIZAÇÃO DO CURSO .....	90
<b>4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE EX- ALUNOS ESPORTISTAS SOBRE A FEFIS .....</b>	<b>96</b>
4.1 ENTREVISTAS: POR QUE E PARA QUE(M)? .....	96
4.2 ENTREVISTADO 1: JOSÉ OSWALDO MARCELINO, O “NEGRELLI” (TURMA 1970-1972).....	101
4.2.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com “Negrelli” .....	102
4.2.2 “Para um atleta da época, associar o emocional com o físico é algo estranho. Mas foi um ensinamento importantíssimo para nós” .....	104
4.2.3 Considerações finais sobre a entrevista com “Negrelli” .....	116
4.3 ENTREVISTADA 2: LAURETE GODOY (TURMA 1969-1971).....	118
4.3.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com Laurete .....	119
4.3.2 “Na vistoria para aprovação da FEFIS eu fiz o discurso para os membros do Conselho Federal da Educação e o Pelé entregou uma bola autografada” .....	121
4.3.3 Considerações finais sobre a entrevista de Laurete .....	132
4.4 ENTREVISTADO 3: DIRCEU LEAL, O “BURU” (TURMA 1970-1973).....	132
4.4.1 Considerações sobre a entrevista com “Buru” .....	132
4.4.2 “Praticamente, minha vida foi na FEFIS” .....	133

<b>4.4.3 Considerações finais sobre a entrevista de “Buru”</b> .....	143
<b>4.5 ENTREVISTADO 4: WILLIAM URIZZI DE LIMA (TURMA 1972-1974)</b> .....	144
<b>4.5.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com William</b> .....	144
<b>4.5.2 “20% dos alunos da minha turma eram treinadores de natação”</b> .....	145
<b>4.5.3 Considerações finais sobre a entrevista de William</b> .....	153
<b>4.6 ENTREVISTADO 5: JOSÉ MACIA, O “PEPE” (TURMA 1971-1973)</b> .....	153
<b>4.6.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com “Pepe”</b> .....	154
<b>4.6.2 “A dona Rosinha dava preferência para atletas ingressarem no curso, de forma a promover a Faculdade, que estava começando”</b> .....	155
<b>4.6.3 Considerações finais sobre a entrevista de “Pepe”</b> .....	158
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>163</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>174</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conflito de ordem política, militar, econômica e, sobretudo, ideológica entre Estados Unidos e a União Soviética permeou o período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial, em meados dos anos de 1940, e a queda do Muro de Berlim, no fim dos anos de 1980. A Guerra Fria, assim estabelecida, pode ser interpretada além da delimitação do marco histórico: uma delas, a batalha de narrativas, reforçada pelo investimento nas propagandas governamentais de ambas as nações e o usufruto do aparato de outros veículos de comunicação de massa, como o rádio e a TV, pulverizou não só interesses políticos, como práticas cotidianas em vastos setores da sociedade.

No Brasil, a década de 1960 era marcada pela supressão das liberdades individuais. No paralelo com o cenário da Guerra Fria, o país se alinhou ao poderio econômico, militar e cultural dos países ocidentais, em especial, os Estados Unidos; e desenvolvia no plano interno a premissa da vinculação de toda a dimensão cultural à esfera do "desenvolvimento com segurança" (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 90). Uma das manifestações culturais utilizadas como aparato das relações de poder neste marco foi o esporte.

Ainda que tenha uma gênese pouco esclarecida, o esporte foi constituído com a finalidade de os seres humanos garantirem a sobrevivência em seu *habitat* – exemplos como o uso do arco e da flecha para a caça e a alimentação estimulavam o homem a saltar e a correr, ainda que não tivesse a consciência plena de sua capacidade motora. Neste sentido, o esporte, no contexto da Guerra Fria, foi instrumentalizado a serviço de um possível conflito armado entre os principais países do Ocidente e do Oriente nos blocos que representavam um cenário político polarizado entre o Capitalismo e o Socialismo.

Neste momento, a educação física, tanto como disciplina escolar como acadêmica, ganhava contornos da influência das modalidades esportivas, algo que já não era novidade, com as bases do discurso e práticas higienistas desde os governos nazistas e fascistas das décadas de 1930 e 1940, na Alemanha e na Itália, e o Estado Novo, no Brasil. A visão do esporte como cultura corporal e benefício para erradicação de doenças oriundas do processo de urbanização desenfreada das cidades se tornava o *lobby* favorável para a implantação das práticas desportivas nos educandários e nas escolas de formação superior (LIMA, 2015).

Nasci precisamente no ano em que foram realizados os Jogos Olímpicos de Seul, na Coreia do Sul, e um ano antes da queda do Muro de Berlim, um dos primeiros acontecimentos que marcaram o esfacelamento dos países pertencentes ao bloco socialista. Ainda na infância,

percebia, pelo sentimento de meus pais e outros familiares, aquilo que o sociólogo alemão Wolf Lepenies (1992, p. 14) definia por *supressão dos sentimentos* na perspectiva do capitalismo, pela valorização do trabalho como uma "terapia universal contra a melancolia"<sup>1</sup>. Pergunto-me se o esporte também equivalia a este sentimento, uma válvula de escape do cotidiano, uma vez que o orgulho patriótico do brasileiro frequentemente pousava sobre as vitórias conquistadas em eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol, levando o Brasil ao *status* de "País do Futebol".

O futebol, para o brasileiro, tornou-se religião e política – ainda que, no senso comum, não se deva discuti-los. Durante minha trajetória de vida, encontrei-me nas seguintes problemáticas: seria esta modalidade uma paixão meramente movida pelo entretenimento ou pela sociabilização dos indivíduos? Ou pelas tensões dos acontecimentos políticos no Brasil e no mundo? Ou, ainda, uma terceira via: seria o futebol uma religião sem um deus santificado?

Esta identificação pessoal com o esporte remete à infância, nos poucos dias de contato mais próximo com meu pai, que era fanático pelo Botafogo e por esportes a motor. Também se tornou protagonista da minha trajetória de vida como estudante universitária e profissional. O Jornalismo Esportivo esteve presente na maior parte dos meus 11 anos de atuação na Comunicação Social, cobrindo eventos nacionais, como campeonatos brasileiros de Futebol, e internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol, Jogos Olímpicos e categorias internacionais do automobilismo. Há quatro anos, fui transferida para "o outro lado do balcão"<sup>2</sup>: trabalho como assessora de imprensa na Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), instituição de ensino superior que abriga a Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS), a primeira escola superior de Educação Física da cidade, fundada no contexto da Guerra Fria e no berço da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

A instituição ficou conhecida por ter, em seu corpo discente da época, alguns dos principais atletas brasileiros que disputavam campeonatos internacionais em diversas modalidades. Jogadores de futebol, como Pelé<sup>3</sup>, Carlos Alberto Torres e Leão, por exemplo, fizeram parte da conquista do tricampeonato mundial da Copa de 1970, sediada no México. Este evento talvez corresponda ao apogeu do Brasil no cenário mundial do esporte, sendo

---

<sup>1</sup> A melancolia mencionada por Lepenies é mais voltada aos intelectuais, mas pode ser relacionada ao próprio povo que, após o sentimento ligado ao movimento das *Diretas Já*, com a volta da democracia, sentia que as coisas "continuavam no mesmo lugar".

<sup>2</sup> Jargão jornalístico que se refere aos profissionais que saem das redações dos veículos de imprensa para atuarem na Comunicação Institucional.

<sup>3</sup> Pelé, a partir daquela época, passou a ser chamado pela imprensa mundial de "Atleta do Século".

possível mostrar três interpretações do imaginário do país, à época: 1) a de que apresentávamos as qualidades que a educação física daquele período tentava propor (em especial, a competitividade e a habilidade técnica dos atletas); 2) a de que o governo militar, na figura do presidente daquele ano, Emílio Garrastazu Médici, teve a sorte de agarrar uma “oportunidade singular” para se legitimar no poder (GUTERMAN, 2006); 3) a de que a “espetacularização” do esporte<sup>4</sup> com o apelo dos conteúdos de linguagens falada, escrita e visual, recursos televisivos que orquestravam a alienação da sociedade brasileira.

Outros aspectos da FEFIS enquanto instituição escolar também evidenciavam uma forte influência da educação física no auge de sua “esportivização”<sup>5</sup>, conceito que se trabalha ao longo da dissertação. A partir do amadurecimento epistemológico conquistado durante um ano e meio de minha trajetória no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Educação na Universidade Católica de Santos (UniSantos), foi possível chegar a seguinte problemática de pesquisa: **Como a esportivização da Educação Física se deu no contexto da Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS)?**

Na história da educação no Brasil, é fundamental salientar duas alterações legislativas que provocaram mudanças quanto à valorização da Educação Física enquanto disciplina acadêmica: uma delas foi a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 (LDB/61), que veio de uma “[...] tentativa de organizar o ensino ao novo quadro político” (CERQUEIRA *et al*, 2013). O quadro que os autores citam era o regime militar vigente. Na Educação Física, o formato do ensino era composto pelas aulas de ginástica, acrescentando-se as modalidades esportivas coletivas, “[...] valendo-se do método [Ginástica] Desportiva Generalizada” (MARTINS; SILVA, 2012), que foi introduzido no Brasil em curso internacional promovido pela Federação Internacional de Educação Física (FIEP) no ano de 1951. Já a partir do Decreto Lei n.º 58.130/66, foi regulamentada a obrigatoriedade do ensino da disciplina nas escolas. Posteriormente, em mais um Decreto Lei, de n.º 705, de 25/07/1969, a disciplina de Educação Física e Desportos tornou-se obrigatória a todos os cursos de nível superior.

---

<sup>4</sup> Esporte telespetáculo, considerado por Betti (1997) uma “[...] realidade textual autônoma”. Em sua tese de doutorado, o autor defende, em uma perspectiva hermenêutica, o discurso da sociedade do espetáculo contido nas competições desportivas transmitidas pela TV – entre elas, o futebol – e como esses elementos influenciaram na Educação Física enquanto uma prática educacional.

<sup>5</sup> Esportivização ou desportivização é um conceito trazido por Norbert Elias e Eric Dunning (1985) como um processo decorrente do avanço civilizatório da sociedade industrial especialmente ao longo do século XVIII, pela necessidade de se estabelecer regras e limites quanto à utilização da força física, uma vez que os desportos passavam a se organizar em larga escala mundialmente e adentrava no cotidiano daquela sociedade.

Enquanto isso, a Reforma Universitária de 1968 abria as portas para o estímulo da formação de professores de Educação Física. O governo militar incentivou a criação de cursos de licenciatura na área em instituições de ensino superior, em especial, as particulares, uma vez que o número de candidatos excedentes nos processos seletivos das universidades públicas crescia. Entre os anos de 1978 a 1986, foram realizadas discussões acerca da necessidade de reforma curricular dos cursos superiores de Educação Física, tendo em vista as mudanças do mercado de trabalho. Para atender a demanda da esportivização da sociedade, criaram-se os cursos de bacharelado para atuação do profissional de Educação Física nas áreas de exercícios e esportes em ambientes não-escolares (BAHU; CARBINATTO, 2016).

A fim de compreender e dialogar com as evidências encontradas, optei pela metodologia que privilegia a pesquisa histórica, recorrendo-me à análise documental e aos testemunhos de ex-alunos e ex-professores que viveram o período do recorte temporal proposto (1969-1985), por entender que os depoimentos complementam as informações dos materiais físicos trabalhados. Ao longo da pesquisa, foram diferenciados os conceitos de história e memória. Outrora, confundia o procedimento de entrevistas com a História Oral. Somente *a posteriori* compreendi o que muitos pesquisadores definem a HO como a “metodologia das histórias de vida”<sup>6</sup>.

Não obstante, optei por fazer uma distinção neste trabalho entre trechos de entrevistas que possam complementar informações e dados encontrados nos documentos relacionados à instituição. Em seguida, apresento a história oral de alguns ex-atletas de destaque no cenário regional, nacional e internacional que estudaram e se formaram na FEFIS. Eles, por si só, são evidências da esportivização da Educação Física com as quais delimito minha trajetória de investigação. Para isso, recorri aos trabalhos do professor José Carlos Sebe Bom Meihy (2005; 2007).

Este trabalho também traz fundamentação teórica em Norbert Elias e Eric Dunning (1985), que conduzem a compreensão do processo da desportivização na sociedade inglesa industrial, tendo influenciado pesquisadores brasileiros que se ocuparam da história e da

---

<sup>6</sup>Meihy fundamentou, em entrevista à Rovai e Maranhão Filho (2010), as primeiras instituições fundadoras da História Oral no Brasil; chamou-me a atenção sobre a frequente utilização dos termos “democracia” e “exílio”, com os quais o pesquisador caracteriza a maneira com que usualmente se faz o usufruto desse aporte metodológico. Talvez se explique o fato de que os primeiros pesquisadores, preocupados em criar seus grupos de HO, tal como Meihy, tenham feito a partir do início dos anos de 1980, que representou o processo de redemocratização no Brasil.

historiografia da Educação Física no Brasil<sup>7</sup>. Entre eles, destaco Betti (1997), Melo (1996), Castellani Filho (2010) e, em especial, Taborda de Oliveira (2001), por ser o autor que se concentrou na análise crítica da Educação Física brasileira no contexto da Ditadura Civil-Militar, baliza histórica que tem interlocução com o contexto da suposta esportivização no campo acadêmico.

Também busco fundamentação teórica em E.P. Thompson (1981;1998; 2002) que, em suas obras, discorre sobre o processo de industrialização da Inglaterra a partir do século XVIII e a formação da classe operária inglesa para compreender o processo da esportivização. Justifico, também, a opção por este aporte teórico pela necessidade de apanhar os pormenores dos estereótipos que permeiam a manifestação deste processo na formação acadêmica dos profissionais de Educação Física na FEFIS, assim como na relação entre experiência herdada e experiência vivida dos discentes – em sua maioria, atletas que, supostamente, possuem um conhecimento prévio do que os docentes ensinariam com outras abordagens.

Pollak (1989) e Le Goff (2003) são outros autores escolhidos por esta pesquisadora pelo paralelo entre “fazer história” e “conservar a memória”, ou seja, pela compreensão da memória como abrigo afetivo e do documento como um “monumento”, uma intervenção que não se deve ignorar ao trabalhar com os vestígios encontrados em arquivos da instituição e naqueles que foram cedidos pelos sujeitos que concederam os depoimentos para a produção deste trabalho. Também incluo as compreensões acerca do livro de Ecléa Bosi (1999), autora que, influenciada por Maurice Halbwachs<sup>8</sup>, costura memória social, familiar e grupal, abordagem que utilizei na condução das perguntas por considerar que as memórias afetivas levam a lembranças que as pessoas acima de 60 anos não imaginam que conseguem externar.

Neste trabalho, o leitor encontra os registros oficiais encontrados na Unimes, além de fotos e trabalhos acadêmicos cedidos por ex-alunos e ex-professores que são importantes para validar as informações fornecidas pelas fontes orais. Nesta ótica, posiciono-me à luz de algumas considerações feitas por Saviani (2005): nós, pesquisadores, trazemos as marcas da produção do conhecimento, o que significa que o documento não é a marca por si só – nossas apropriações determinam nossa forma de narrar, de fazer história.

---

<sup>7</sup> Importante ressaltar que reconheço a importância de outros pesquisadores e intelectuais que se ocuparam com as escritas da Educação Física, tais como Inezil Penna Marinho e Fernando de Azevedo. Para o enfoque desta pesquisa, no entanto, o referencial teórico precisou ser afunilado.

<sup>8</sup> Sociólogo francês, foi professor de Psicologia Social do *Collège de France*.

Para isso, a primeira etapa da pesquisa foi localizar escritos sobre a fundadora da instituição e sobre a FEFIS: constatou-se a existência de uma biografia intitulada “A Garra de Uma Leoa”, escrita pela jornalista e professora universitária Lúcia Maria de Melo, no ano de 2004. Neste livro, foram coletados depoimentos da educadora e fundadora da FEFIS, Rosinha Viegas, de familiares e de alguns atletas que se formaram na instituição. O segundo livro foi encontrado na biblioteca central da Unimes, de autoria de Rubens Viegas, marido de Rosinha. Em “A História de uma Universidade e 80 anos de Agradecimentos”, há referências sobre sua própria trajetória, o reconhecimento da FEFIS perante o MEC e outros fatos que aconteceram nos primeiros anos de faculdade até se tornar universidade, no fim dos anos de 1990.

Ao longo da pesquisa, recorri ao Departamento de Diplomas da Unimes em busca de registros dos certificados de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física entre os anos de 1969 e 1985. Concomitantemente, conversava com diretores acadêmicos e outros professores, com a finalidade de mapear os possíveis entrevistados para esta pesquisa, incluindo familiares dos dirigentes da universidade.

Assim, cheguei a 15 entrevistados<sup>9</sup>, conforme Quadro 1, sendo que seis deles estão no rol do trabalho de História Oral para esta pesquisa, verificando quais movimentos da valorização do esporte tais sujeitos perceberam durante suas passagens como ex-alunos.

Quadro 1 - Relação de entrevistados com função, data da entrevista e idade

Nome do entrevistado	Função	Data da entrevista	Idade
Arlindo Pedro Júnior	Ex-jogador de vôlei do Santos Futebol Clube, formado na turma 1971-1973	26/02/2019	68 anos
Dilmar Pinto Guedes	Professor da FEFIS, formado na turma 1984-1986	29/11/2018	57 anos
Dirceu Leal “Buru”	Ex-professor de Basquete da FEFIS, formado na turma 1970-1972	21/02/2019	73 anos
Francisco “Cisco” Araña	Ex-professor da FEFIS, formado na turma 1980-1982	29/11/2018	62 anos
Geonísio Pereira Aguiar	Vereador da Câmara Municipal de Santos, formado na turma 1978-1980	24/09/2018	57 anos
Geraldo Nakasato	Ex-jogador de Basquete e Vôlei do Santos, formado na turma 1972-1974	10/12/2018	76 anos
Helena Cláudia La Terza	Ex-professora de Ginástica Feminina, fez parte do corpo docente desde a primeira turma (1969)	03/12/2018	81 anos
Jonas Eduardo Américo, o “Edu”	Ex-jogador de futebol do Santos Futebol Clube	11/12/2019	70 anos
José Macia, o “Pepe”	Ex-jogador de futebol do Santos Futebol Clube	14/11/2019	84 anos
José Oswaldo Marcelino “Negrelli”	Ex-jogador de vôlei da Seleção Brasileira e ex-professor da FEFIS, formado na turma 1970-	14/12/2018	69 anos

<sup>9</sup> Optei por não utilizar todas as entrevistas, visto que algumas fugiam do enfoque principal deste trabalho; isso aconteceu pelo fato de ter feito mudanças quanto ao norte da investigação após o exame de qualificação, realizado em 28 de agosto de 2019.

	1972		
Laurete Godoy	Campeã sul-americana de Atletismo, formada na turma 1969-1971	23/09/2018	81 anos
Luis Alberto da Silva	Ex-vice-diretor e atual professor da FEFIS, formado na turma 1976-1978	04/12/2018	64 anos
Maria Isabel Rocca	Professora aposentada e irmã de Rosinha Viegas	05/05/2018	81 anos
Marcelo Casati <sup>10</sup>	Atual diretor da FEFIS, formado em 1986-1988	13/12/2018	51 anos
William Urizzi de Lima	Ex-nadador e técnico	05/12/2019	68 anos

Fonte: Elaborado pela autora

A dissertação está organizada em três seções, descritas a seguir: 1) A Esportivização da Educação Física, na qual há três recortes dissertando sobre o esporte enquanto lazer na sociedade industrial inglesa, considerando este o momento “originário” do termo trabalhado em questão, incluindo uma breve contextualização da história da Educação Física e do Esporte no Brasil e o contexto da Educação Física e do Esporte na cidade de Santos, onde foi fundada a FEFIS; 2) A Faculdade de Educação Física de Santos (1969-1985), onde se discute, à luz das evidências da esportivização desta instituição escolar, a sua fundação, componentes curriculares e eventos esportivos que marcaram a história do Brasil, como foi o caso da Copa de 1970, quando a seleção brasileira sagrou-se tricampeã mundial; 3) Os entendimentos desta pesquisadora no movimento da pesquisa e sobre o método da História Oral como uma necessidade de fazer diálogo com as evidências além das fontes ditas “oficiais” (especialmente pelo fato de ser uma pesquisadora diretamente ligada ao objeto de pesquisa como funcionária, o que poderia me comprometer como pesquisadora, pela conveniência de desenvolver um distanciamento em elaborar críticas incisivas sem perder a historicidade dos cenários apresentados).

Não obstante as dificuldades encontradas até o momento da qualificação, realizada no mês de setembro de 2019, especialmente no que tange à definição do direcionamento da pesquisa, penso ter encontrado no tema da esportivização da Educação Física a “pedra filosofal” para conseguir delimitar a abordagem que sempre esteve presente em minha trajetória de vida e que tenho apreço em trabalhar, sem perder a criticidade necessária para uma pesquisadora em constante processo de aprendizagem.

<sup>10</sup>Essa entrevista foi exceção à delimitação feita quanto ao recorte histórico, pois foi considerada a importância da contribuição da visão do seu pai como acadêmico da época, além de que seu período como aluno na FEFIS ainda se percebia a forte vigência da LDB/61 quanto à esportivização da Educação Física Escolar; como aponta Meihy (2007, p. 74), a História Oral é mais que uma disciplina ou uma narrativa de trajetória de vida, mas uma forma de saber, o que diz respeito à valorização da experiência humana, elevando o “[...] sentido moral da vivência individual ou coletiva”.



## 2 A ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Antes de apresentar a história da Faculdade de Educação Física de Santos por meio das narrativas oficiais e dos depoimentos daqueles que viveram a instituição nos primeiros anos de atividades, objetivo contextualizar o processo da esportivização da Educação Física<sup>11</sup>, com alguns aportes teóricos feitos por pesquisadores não somente da área da Educação Física<sup>12</sup>, mas também da Sociologia<sup>13</sup> e da História.

Apesar de ter feito menções a acontecimentos históricos ao longo deste trabalho, posiciono-me a favor da ideia de que a história não se mensura por tempo – ela possui seu próprio movimento, em processos e costumes das sociedades e/ou das comunidades (THOMPSON, 1981). Durante o desenvolvimento deste trabalho, fiquei cada vez mais convencida – se é que posso me referir desta forma - de que a esportivização da Educação Física *conversa* com esta perspectiva: as práticas de sujeitos historicamente datados em momentos importantes de transformação social sugerem a valorização das manifestações culturais. O esporte é uma delas, como veremos a seguir.

### 2.1 O ESPORTE COMO LAZER NA SOCIEDADE INDUSTRIAL INGLESA (SÉCULOS XVIII E XIX)

Mas, como surge este termo – esportivização – mencionado também por muitos dos pesquisadores do campo da História da Educação Física? Este questionamento levou-me primeiro à sociologia, tendo em vista que as modalidades esportivas são vistas nesta perspectiva como “manifestações culturais da sociedade”. Foram Norbert Elias e Eric Dunning (1985) que se ocuparam de investigar as práticas e as representações do esporte e do lazer, com as suas relações de consumo. Suas ideias foram preconizadas à luz do processo civilizacional da sociedade europeia ocidental, tendo em vista a formação dos monopólios do Estado (CHELUCHINHAK; CAVICHIOLLI, 2008).

---

<sup>11</sup> Neste momento, considero o entendimento da Educação Física sendo “escolar” ou “acadêmica” (nas universidades ou demais instituições de ensino superior), esta última, na perspectiva da formação de professores e/ou profissionais de Educação Física.

<sup>12</sup> Fez-se aqui a diferenciação entre ‘Educação Física’ (primeiras letras em maiúsculo) como uma área acadêmica; em minúsculo, se refere à disciplina acadêmica.

<sup>13</sup> Del Priore e Melo (2009) apontam que a Nova História Cultural também engloba a influência dos estudos de esporte.

Elias e Dunning (1985) trouxeram à tona este conceito, preocupando-se mais com o “global” e menos com as formalidades das práticas dos indivíduos, diferentemente de outros intelectuais, como Certeau(2008)e até mesmo E. P. Thompson(1981; 1998; 2002), com os quais dialogo ao longo desta dissertação.

Portanto, a esportivização – ou desportivização, como Elias e Dunning (1985) mencionam em diversos momentos – é entendida como um processo de transformação dos passatempos (ou das recreações) da sociedade inglesa durante o século XIX, conforme explicado nesta passagem:

A transição dos passatempos a desportos, a "desportivização", se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 42-3).

Se observarmos esta colocação tão específica sobre este fenômeno do esporte historicamente datado, torna-se passível de questionar a *sobriedade* do argumento posto. Afinal, o esporte nas civilizações antigas já era uma realidade. A pensar nos próprios Jogos Olímpicos, que tiveram a sua gênese na Grécia Antiga. Pode-se, também, exemplificar o futebol, uma das modalidades esportivas mais populares do mundo, que já era praticada na Idade Média<sup>14</sup>. O esporte não é uma novidade, então por que ganha mais notoriedade neste marco?

Entretanto, os autores dissertam, de forma crítica, sobre como as práticas desportivas foram ressignificadas, tendo em vista o processo de industrialização na Europa, com suas especificidades nas relações de produção e de trabalho:

Perante a avaliação dominante que se faz do trabalho, como alguma coisa de muito maior valor do que as atividades de lazer de todos os gêneros, pode sugerir-se (sic) sem dificuldade que qualquer transformação, quer nas atividades de lazer em geral, quer nos confrontos de jogos em particular, que têm ocorrido nos últimos duzentos anos aproximadamente, devem ter sido o *efeito* do qual a industrialização foi a *causa*.[...] Pode, por exemplo, considerar-se a possibilidade de que tanto a industrialização como a transformação das ocupações específicas de lazer em desportos serem aspectos de orientação interdependentes no quadro da transformação global das sociedades-Estado nos tempos recentes (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 192, grifos dos autores).

---

<sup>14</sup> Alguns pesquisadores e historiadores vão além e defendem que a gênese do futebol é da China entre os anos 206 a.C.e 220 d.C., quando praticado em treinamentos militares durante a chamada “dinastia de Han”. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) reconhece o Tsu’Chu (o jogo praticado à época) como a forma mais antiga de prática do futebol (FIFA, 2020).

Note-se que Elias e Dunning mencionaram *lazer* mais de uma vez. A lógica histórica da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX aflorou a possibilidade de otimização de tempo – o que fazer com o tempo ocioso, após o fim do expediente, por exemplo? O esporte é uma das atividades que responderam a nova demanda da sociedade vigente inglesa. Um dos exemplos da transformação percebida nos costumes<sup>15</sup> foi a implantação da “Semana Inglesa”, que consistia em trabalhar meio período ou não trabalhar todo o sábado, sobrando tempo de lazer para a prática esportiva (NICOLINI, 2015). Para Elias e Dunning, tratava-se de concepção do “desporto” que não poderia se resumir tão somente a visão corporal, ligada à função de permitir “[...] a prática de atividades físicas a uma população com várias profissões sedentárias” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 68).

Neste ínterim das duas primeiras revoluções industriais, os esportes também deixariam de ser somente atividades físicas ligadas ao lazer para a população inglesa e, posteriormente, europeia. A esportivização, conforme Elias e Dunning perceberam, estava no âmbito da aplicação sistemática das regras, o que geraria a competitividade como a conhecemos nas chamadas competições, torneios e campeonatos que foram sendo desenvolvidos. Esta aplicação é uma herança do século XVIII a qual os autores parecem ratificar. Percebe-se, sob a ótica deles, a constituição de uma burguesia como a nova classe dominante do sistema capitalista “[...] quer o desporto, quer o Parlamento, eram características da mesma modificação na estrutura do poder na Inglaterra e nos hábitos sociais desse grupo de indivíduos que emergiu de lutas anteriores com o grupo dirigente” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 68).

Um historiador menos conhecido na literatura brasileira, o norte-americano Richard D. Mandell, também se ocupou de estudar a gênese do esporte moderno enquanto fenômeno social e moral para as sociedades dos séculos XVIII e XIX. Um artigo publicado e apresentado no XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH, de autoria de Marcelo Weishaupt Proni, traz uma análise curiosa: não seria coincidência a origem do esporte moderno ter sido associada à Inglaterra no período industrial. Proni (2015) afirma que poucos colegas teriam compreendido o “esporte como o conhecemos” no marco da pré-

<sup>15</sup> Apanhar esses pormenores da história da esportivização, como é o caso da criação do lazer depois do advento da máquina, é um exercício que traz uma reflexão sobre a investigação feita por E.P. Thompson em “Venda de Esposas”, um dos capítulos finais do livro “Costumes em Comum”. É possível elencar evidências que mais se repetem para – se não determinar – considerar quais são os possíveis cenários historicamente datados mais coerentes na contextualização do objeto de pesquisa. Thompson, em certa passagem, disserta sobre o que seriam as evidências “mais confiáveis” no caso da venda de esposas na sociedade inglesa da década de 1850: “[...] o mercado aberto, a publicidade, a corda, a forma de leilão, a troca de dinheiro, a transferência solene e, de vez em quando, a ratificação em documentos” (THOMPSON, 1998, p. 321).

industrialização, que já ditaria as noções de “[...] oportunidades iguais, *fair play*”<sup>16</sup>, regras codificadas, arbitragem, ligas transregionais e treinamentos” (PRONI, 2015, p. 2).

Apesar das semelhanças com a perspectiva de Elias e Dunning, Mandell defende que os esportes modernos não eram produtos da industrialização em si, mas adaptações particulares à vida moderna, à economia e à política local e nacional. Entretanto, não faz a linha negacionista, que tenta refutar a gênese histórica do esporte no país. Conforme Proni (2015, p. 3), Mandell entende que

A Inglaterra é considerada como a pátria do esporte moderno não apenas porque os ingleses inventaram ou regulamentaram boa parte das modalidades esportivas hoje praticadas. É assim considerada também por ter introduzido uma série de inovações que mudaram a feição dos jogos e competições atléticas.

Entre as mudanças apontadas pelo historiador norte-americano, eram perceptíveis desde os obstáculos inclusos nas provas de atletismo, os métodos de probabilidade aritmética para mensuração de chances de vitória (a valorização da meritocracia começa a emergir!), os recordes esportivos como determinações sociais para legados na história do esporte e até os conceitos de “esporte amador” e “esporte limpo” (este último, mesmo conceito do jogo limpo, *fair play*, descrito anteriormente).

Se a industrialização não significava o resultado da criação do esporte moderno, as transformações da sociedade inglesa marcadas pela racionalização e a padronização<sup>17</sup> se moldaram à importância da manufatura e dos negócios, tornando-se um produto programado a gerar eficiência e resultados comprovados pela estatística (PRONI, 2015, p. 5).

Tal qual conhecemos atualmente, com regras que pouco mudaram ao longo do tempo, a maior parte dos esportes teve origem neste contexto industrial da sociedade inglesa. Em “A Gênese do Desporto”, terceiro capítulo de “A Busca da Excitação”, com quem Elias divide a autoria com Eric Dunning, descreve-se o futebol, a corrida de cavalos, a luta (hoje dizemos “artes marciais”), boxe, tênis, remo, críquete e atletismo como as principais modalidades esportivas criadas (ou inovadas) à época.

E em seu ensaio sobre o esporte e a violência, Elias e Dunning (1985) classificam a desportivização como um processo que caiu nas graças da sociedade europeia de maneira

<sup>16</sup> A história do “jogo limpo” está ligada à ética do esporte e foi aplicada pela primeira vez por Barão de Coubertin, organizador da primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, em Atenas, na Grécia.

<sup>17</sup> Esse movimento foi percebido com a criação de entidades reguladoras do esporte, especialmente entre confederações, associações e outras cuja atividade de natureza seja a arbitragem, caracterizada por uma “suposta” neutralidade.

orgânica depois de tantos conflitos armados e da necessidade de disciplina e respeito entre as classes sociais. Uma pergunta que paira nesta pesquisa: o esporte se consolidou por uma possível necessidade de atividades de recreação mais ordenadas e por uma ordem de civilização (o chamado “jogo limpo”?) ou seria possível dizer que era a “arma oculta” para conflitos armados? Ao questionar o próprio “andar da carruagem” da história do esporte e da educação física nacional, teremos algumas compreensões a partir dos apontamentos a seguir.

## 2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE NO BRASIL (1882-1985): ALGUNS APONTAMENTOS

Compreendida a noção de esportivização à luz do pensamento de Norbert Elias e Eric Dunning (1985), senti a necessidade de compilar alguns apontamentos da história e da historiografia da Educação Física do Brasil. A ideia não é preencher brechas epistemológicas, e sim ampliar perspectivas distintas sobre a investigação neste campo. Não se pretende, portanto, narrar os mais vastos entendimentos sobre a Educação Física nesta dissertação.

Tampouco aprofundo-me nos métodos, sejam eles tecnicista, construtivista, crítico-emancipatório, crítico-superador e assim por diante. Deixo essa reflexão para os entrevistados para esta pesquisa, se é eles que percebem estes movimentos. A proposta é de explicitar alguns apontamentos conceituais que possam melhor esclarecer a escrita desta primeira parte do trabalho. Destaco algumas características predominantes em determinados marcos da história do Brasil que colaboram para o entendimento de quando, supostamente, as atividades desportivas chegaram a este campo de estudo.

Ainda que as diferenças entre Educação Física e Esporte (ou Desporto) sejam consideráveis, é comum entre leigos associarem as duas áreas como saberes semelhantes. Este é um vestígio que, por si só, aponta para um olhar restrito e hegemônico sobre o quanto as práticas das modalidades esportivas impactaram (e ainda parecem interferir) no desenvolvimento da Educação Física no Brasil.

Mas o que é o esporte e como ele se desenvolveu? Duas perguntas-chave para este capítulo que demandam um breve resumo de referencial teórico sobre a história dos conceitos<sup>18</sup>, ao qual Melo (2010, p. 41) recorre para a reflexão do que vem a ser as “[...] práticas corporais institucionalizadas”.

---

<sup>18</sup> O historiador alemão Reinhart Koselleck (1992) trabalha a temática no sentido de resgatar a problemática da indagação em que, segundo ele, só é possível a partir do processo de teorização e do trabalho com as fontes.

Ainda que inconclusiva a elaboração de uma história para o conceito do esporte, Melo (2010) verifica algumas evidências: o termo ainda é visto como uma “invenção inglesa” pelo modo como as atividades esportivas foram exportadas para outros países, europeus ou de outros continentes, no século XIX. Estas práticas referem-se a modalidades que são consideradas algumas das mais populares no mundo, criadas na Inglaterra em plena transformação, oriundas das revoluções industriais, como o futebol, o tênis, o golfe, entre outros.

No Brasil, as práticas de caça e pesca dos índios antes da chegada dos portugueses já eram consideradas as primeiras manifestações esportivas no Brasil (MARINHO, 1980), embora alguns teóricos discordem desta compreensão, por entenderem o esporte como práticas físicas de competição, acompanhadas de um conjunto de regras. Modalidades como o turfe e o remo teriam sido as primeiras a se concretizarem no século XIX, seguidas das corridas a pé e de velocípedes –que foram consideradas os primórdios do atletismo – além das corridas de cavalos. As touradas também já faziam parte do calendário da realeza portuguesa e aconteciam no Brasil anteriormente, no século XVIII (MELO, 2010).

Posteriormente, na transição dos séculos XIX e XX, a sociedade passou a acompanhar os esportes a motor e a futura paixão nacional do brasileiro “entrou em campo” (literalmente!): o futebol<sup>19</sup>, com a vinda dos marinheiros ingleses que pelevavam nos intervalos de seus trabalhos (FRANZINI, 2009).

Manoel Tubino (1999) oferece outra versão sobre o conceito de esporte, lembrando novamente os marinheiros em atividades durante suas expedições, e traça um paralelo que parece diferenciar o esporte competitivo com o esporte incluído nas práticas da Educação Física:

O termo *esporte* vem do século XIV, quando os marinheiros usavam as expressões "fazer esporte", desportar-se ou "sair do porto" para explicar seus passatempos que envolviam habilidades físicas. [...] O esporte, quando praticado generalizadamente, [...] é uma das manifestações da cultura física, que também compreende a dança e a recreação (atividades de fim de semana no campo, por exemplo), e se fundamenta na educação física (TUBINO, 1999, p. 8-9, grifos do autor).

O contexto da Educação Física, portanto, ganhou outros recortes. Para Bracht (1997), os elementos da cultura corporal e de motricidade predominantes no Brasil foram, no primeiro

---

<sup>19</sup> Muito na história do futebol brasileiro se remete à Charles Miller, o precursor do futebol no País. O pioneirismo, no entanto, foi contestado pelo Bangu Atlético Clube, clube carioca que teve sua origem junto à fábrica Bangu em fevereiro de 1889: o esporte teria sido apresentado por alguns trabalhadores britânicos, um deles, o escocês Thomas Donohoe. (PELLI, 2012).

momento, a ginástica e, posteriormente, o esporte. Na mesma linha, Medina (2004) considera que

[...] a Educação Física convencional se consolidou através dos antigos métodos de ginástica (Ling, Herbert, Jahn, Demeny, Baden Powell e outros) e, secundariamente, através de algumas práticas desportivas (Kingsley, Arnold, Coubertin e outros), a partir da segunda metade do século passado (MEDINA, 2004, p. 79).

O “século passado”, ao qual Medina (2004) se refere, é o XIX. Meu pressuposto, entretanto, é de um possível indício da valorização das práticas esportivas dentro da Educação Física por volta do anos 1950 e 1970 no Brasil. Ao longo da investigação, estão inclusas algumas evidências/vestígios no que diz respeito à constituição da FEFIS nesta baliza, especialmente a aspectos presentes nesta instituição (como os componentes curriculares, as atividades programadas, simpósios/semanas acadêmicas e jogos universitários), os sujeitos que conviveram na instituição escolar e os principais acontecimentos narrados por eles que poderiam ter sido indícios desse fenômeno.

Antes disso, também estiveram presentes na historiografia da Educação Física os estudos da influência do “pensamento médico-higienista” (OLIVEIRA, 2010). Esta ideia teria colaborado para a política de implantação da Educação Física em tempos *simbólicos*<sup>20</sup> no País: começando pelo Brasil Império, ainda que, à época, houvesse muita resistência da população, por associação da atividade física ao trabalho escravo. De acordo com Lima (2015, p. 247), “[...] qualquer ocupação que implicasse esforço físico era vista com maus olhos, considerada ‘menor’. Essa atitude dificultava que se tornasse obrigatória a prática de atividades físicas nas escolas”.

O estigma de inferioridade em relação às demais disciplinas e ciências afetou a imagem e a reputação da Educação Física por tempos no Brasil, mesmo depois de a disciplina ser obrigatória nas escolas<sup>21</sup> e, posteriormente, nas universidades. Neste trabalho, foi observado, na fala de um dos entrevistados, que cursar a graduação naquele período era motivo de descrédito<sup>22</sup> por parte de uma elite acadêmica. Na quartaparte desta dissertação, o

<sup>20</sup> Destaco a palavra para os marcos históricos que considero terem abarcado os principais contextos para a implantação das práticas recreativas e esportivas associadas à saúde e a educação moral como políticas públicas desses governos. Ou, pelo menos, como um possível “discurso demagogo” de investimento nessas áreas – que tenha liderado grupos de pressão para a incrementação dessas mudanças no cenário da educação básica no País ao longo dos anos.

<sup>21</sup> Em 1937, passava a constar dos escritos da, então, nova Constituição vigente a prática obrigatória da EF nas escolas, junto com o ensino cívico e os trabalhos manuais (LIMA, 2015, p. 249).

<sup>22</sup> Gramsci (1982) já trabalhava com a ideia de “atividade intelectual” das escolas tradicionais e instrumentais, em que o prestígio era a prioridade. O modelo, de acordo com ele, cairia no anacronismo, pois a tendência de organização das culturas configuraria uma formação cada vez mais especializada – trazendo, para o cenário da Educação Física, a necessidade de um profissional que trabalhasse a cultura do movimento corporal, ainda que tecnicamente, seria inevitável na perspectiva do processo de industrialização das civilizações ocidentais.

leitor terá a oportunidade de conhecer a história de Laurete Godoy, formada na primeira turma da FEFIS (1969-1971). Era uma aluna que se tornou uma espécie de “braço direito” da diretoria da Faculdade, estando presente em algumas reuniões cruciais da instituição no Ministério da Educação e Cultura. À época, presenciou discursos desconfiados (e até em tons de deboche) quanto ao processo de reconhecimento da instituição. Nas palavras da entrevistada, chegou a ouvir de um membro de um conselho ligado ao Ministério que “faculdade”<sup>23</sup> era um “título pernóstico para uma escolinha de ensinar ginástica”<sup>24</sup>. (GODOY, 2019)

Ainda no contexto do Brasil Império, coube ao estadista e intelectual Rui Barbosa apresentar argumentos, defendendo a prática da ginástica nas escolas durante sua defesa do “Parecer e Projeto da Comissão de Instrução Pública”. Datada de 12 de setembro de 1882, a apresentação argumentou que, além da importância higiênica da Educação Física, a influência moral também seria “[...] tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos” (MARINHO, 1980, p. 13).

Visava à reforma do ensino primário em que a disciplina fosse instituída no curso normal do secundário, com a finalidade de se preparar professores para ensinar a educação física aos alunos do ensino primário. Este teria sido o “primeiro momento”, registrado pela historiografia, de valorização da disciplina no Brasil, levando o estadista a ser conhecido por “Paladino da Educação Física no Brasil”.

Percebe-se neste período da história da educação brasileira uma prévia do Brasil República, com ênfase no chamado Estado Novo (1937-1945), que preconizou o moralismo da disciplina física como um caráter *eugênico*<sup>25</sup> – característica que não pode ser ignorada nas escritas da história da Educação Física, pois teóricos deste campo trazem à luz nas discussões a manifestação deste ideal a partir do início do século XX, quando a Educação

---

<sup>23</sup> Não-oficialmente (por parte de alguns conselheiros com quem conversei para a produção deste trabalho), o Conselho Federal de Educação Física (CREF) considera a Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS) como a primeira no Brasil a utilizar o título de “Faculdade”, enquanto as demais eram chamadas de Escolas Superiores de Educação Física.

<sup>24</sup> Essa discriminação pode ser percebida na resistência histórica das universidades tradicionais em assimilar os cursos superiores de Educação Física. Ao menos, o processo não foi espontâneo. Beltrami (1992) lembra uma entrevista da nadadora e professora universitária Maria Lenk em que diz que a Escola Nacional de Educação Física (ENED) só foi criada em 1939 na Universidade do Brasil (atual UFRJ) em função do poder e influência dos militares oficiais, que eram docentes, tinham junto ao governo do Estado Novo. Já a Escola Superior de Educação Física e Esportes foi fundada em 1934, mas só integrada à Universidade de São Paulo (USP) em 1969.

<sup>25</sup> Conforme Góis Júnior e Garcia (2011), a eugenia pode se caracterizar em dois tipos: a positiva, que consiste na orientação para uma educação de sujeitos para os princípios eugênicos (o que por si só não aparenta fazer sentido, uma vez que ainda transparece uma doutrinação cultural pelos princípios do superior e inferior na raça humana), e a negativa, que se divide em três ramos: esterilização, segregação e regulamentação.

Física era “[...] estritamente vinculada às instituições militares e à classe médica” (LIMA, 2015, p. 247).

Tais instituições e a categoria profissional da saúde foram preponderantes no curso do desenvolvimento da Educação Física, inclusive quando os *esportes na escola*<sup>26</sup> e no ensino superior estiveram em maior evidência até os dias atuais. De certa forma, é possível dizer que a Medicina teve sua parcela positiva nessa contribuição para a atual conjuntura da EF, principalmente quando começou a ser direcionada para atender os anseios por bem-estar e por qualidade de vida da população, decrescendo a idealização da competitividade a serviço da meritocracia.

Um dos críticos mais contundentes desta linha eugênica que norteou a EF, em especial nos anos de 1930-1940, quando do auge dos governos totalitários no prisma mundial e nacional, é Lino Castellani Filho, citado anteriormente. Autor e organizador de obras de referência, entre elas, “Educação Física no Brasil: a história que não se conta”, fez ressalvas sobre as contribuições de intelectuais da educação brasileira, como Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, que colocavam o físico a serviço do intelecto. Considerava, também, os meandros do capitalismo internacional e a influência militar como preponderantes para acentuar esse “fenômeno” nas práticas da EF.

No contexto da eugenia, Castellani Filho (2010) fez os seguintes apontamentos, quase como uma denúncia para os “desavisados” sobre as reais intenções dos higienistas

[...] nessa questão da eugenia da raça [...], o raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres (CASTELLANI FILHO, 2010, p. 43).

O que seria um discurso benéfico acerca da Educação Física como instrumento para a erradicação de doenças oriundas do processo de urbanização das cidades também escondia uma espécie de “processo seletivo”: a atividade física selecionaria os sujeitos que estariam prontos para servirem ao País, no exército brasileiro, nas forças armadas. Uma difusão de cunho nacionalista, como é possível notar.

---

<sup>26</sup> Existe uma diferença entre “esporte *na* escola” para “esporte *da* escola”: o primeiro traz o conceito das modalidades trabalhadas no ambiente escolar (visando à exacerbação do espírito competitivo) enquanto a segunda definição refere-se ao esporte que é criado e construído na escola, defendido por Bracht (1997), que pensava em uma cultura esportiva produzida pedagogicamente, sem a necessidade das práticas reproduzidas dos esportes convencionais.

Na tese de Taborda de Oliveira (2001), em que se investigam as práticas da Educação Física escolar na rede pública de Curitiba pelos escritos da Revista Brasileira de Educação Física e Desportos no período da Ditadura Civil-Militar, percebe-se uma análise antagônica. Os anseios higienistas-eugenistas da EF não aconteciam por motivos de uma conspiração da ascensão do capitalismo internacional, conforme CastellaniFilho (2010) e outros pesquisadores da linha estruturalista e crítica da EF mencionam. A razão envolvia as práticas cotidianas dos sujeitos.

Para defender este ponto de vista, Taborda de Oliveira (2001) recorreu a um artigo publicado no primeiro Congresso Internacional para o Estudo Integral do Desporto, realizado em Buenos Aires, na Argentina, no ano de 1967. Esse artigo é de autoria do então presidente da Federação Internacional de Educação Física (FIEP), António Leal D'Oliveira, que acusava a marginalidade que jovens se encontravam em razão do processo de urbanização das cidades.

Em certos meios urbanos, propaga-se a concepção de que a existência humana é uma coisa absurda, sem finalidade, sem ideal, onde cada um pode inventar as suas próprias regras de conduta, por considerar-se completamente "livre", apesar de ser dominado pelos sentidos, instintos, paixões, que muitas vezes correspondem a uma hereditariedade certamente mórbida. Quem percorrer algumas cidades, observa grupos de jovens, por vezes numerosos, que exemplificam essa filosofia, vestidos miseravelmente, sujos, drogados, mesmo com aparência homossexual. Nem sequer são atraídos pelo espetáculo desportivo sobre que se fundaram grandes esperanças para evitar muitos vícios. Outros grupos típicos são formados de desordeiros que assistem aos desafios de futebol. No primeiro caso, há, também, a tentativa de atingir um estado de apatia, de inconsciência, de evasão à custa de drogas e de bebidas alcoólicas. O indivíduo tenta, assim, libertar-se de estados de angústia, que principalmente resultam da falta de educação familiar e oficial, nomeadamente de educação física, e de viver em meios decadentes. É uma tendência em grande parte "nirvânica", que se está observando no mundo ocidental, especialmente em certos países (D'OLIVEIRA, 1968, p. 16 *apud* TABORDA DE OLIVEIRA, p. 163, 2001)

Sobre esse “diagnóstico”, Taborda de Oliveira (2001) fez a seguinte análise:

[...] A civilização ocidental sofre de males que devem ser extirpados. Além da imagem dantesca criada pelo autor [D'Oliveira] para identificar os jovens (sempre eles!) largados à própria sorte, consumidos pelo álcool e pelas drogas e de "aparência homossexual", o autor luso ainda arrisca imputar a uma "hereditariedade mórbida" e a um "meio decadente" tal situação. Sem grandes surpresas, somos informados pelo autor que um dos motivos de tal situação é a falta de educação familiar e oficial. Em nome da FIEP, o autor reclama a humanização da sociedade ocidental e erradicação de toda moléstia individual e social. Sua arma: a razão. Seus divulgadores: cientistas, higienistas e professores de Educação Física. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2010, p. 163-4).

Não menos importante, a influência militar na Educação Física começou antes mesmo do golpe de Estado em 1964. O Brasil República representou um período de

mudanças para a Educação, com impactos significativos para a EF. Foi, para alguns estudiosos, o início da “profissionalização<sup>27</sup> da Educação Física” (SOUZA, 2012), com as formações ministradas pelos militares.

Coincidentemente (ou não!), a primeira participação do Brasil em Jogos Olímpicos aconteceu em 1920, na Antuérpia, cidade belga. A delegação era formada por 21 atletas e três deles conquistaram medalhas em uma modalidade composta por militares, o Tiro Olímpico: o ouro foi de Guilherme Paranaense, que possuía a patente de tenente do Exército Brasileiro e atuava pelo Fluminense Futebol Clube; a de prata e a de bronze, foram para Afrânio Costa, nas categorias de pistola livre e pistola livre por equipes (FREITAS; BARRETO, 2008). Não é possível ter certeza se a estreia olímpica do Brasil teria sido a mola propulsora para os governos seguintes apostarem na formação de professores de Educação Física, mas, sem dúvida, a presença militar nesse processo de incentivo<sup>28</sup> ao esporte e ao atleta permaneceu até os dias atuais.

Melo (1996) lembra que os militares já promoviam iniciativas de formação superior na área de educação física. Em 1929, o general Nestor Sezefredo Passos, ministro da Guerra, submeteu um projeto de lei, propondo a formação física formal de professores, instrutores, professores, médicos e monitores, sendo obrigatória sua diplomação e certificação de aptidão.

À época, o projeto foi criticado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), especialmente pela hegemonia do denominado método francês, presente nesta pauta, alegando anecessidade de se fomentar um novo método, adequado aos padrões culturais brasileiros. De acordo com Goellner (1992, p. 90), a ginástica da escola francesa em questão trazia uma “[...]concepção reducionista de ser humano, trabalhando o seu corpo apenas frente a sua dimensão anátomo-fisiológica”.

Em contrapartida, Marinho (1980) discorre que tais manifestações por parte dos militares se justificavam, mencionando que, anteriormente aeste evento, uma portaria do Ministério da Guerra determinava a criação do Centro Militar de Educação Física, em 10 de

---

<sup>27</sup> O processo de “profissionalização aconteceu no início do século XX no Brasil, todavia, o reconhecimento do profissional de Educação Física (não o do professor de Educação Física) aconteceu no fim deste mesmo século, o que demonstra um grande desafio das autoridades da educação e da política de compreenderem a EF como um campo de conhecimento de relevância para a sociedade.

<sup>28</sup> As forças armadas brasileiras incentivam o esportista amador e de alta performance em relação à ajuda de custo e patrocínio – se não pagam as melhores “luvas” para os atletas, são responsáveis pela estabilidade e continuidade de apoio. Fez-se necessário reconhecer essa ação diante da perspectiva rasa sobre o esporte no Brasil, tanto em relação às políticas públicas quanto às iniciativas privadas. Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, a imprensa nacional polemizou em inúmeras ocasiões o ato de alguns atletas prestar continência durante a premiação no pódio, fazendo alusão à uma suposta simpatia deles aos militares e ao governo ditatorial dos anos 1960-1970. Penso ter sido um julgamento simplista e descontextualizado.

janeiro de 1922. Somente quase dez anos depois, no contexto do regime do Estado Novo com o presidente Getúlio Vargas, surgiram a Escola Superior de Educação Física do Estado de São Paulo (ESEP)<sup>29</sup> e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), integrada à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesse tempo, os profissionais das escolas eram formados no Curso Provisório de Educação Física, na Escola de Educação Física do Exército, tendo sido fundada em 1933 (MARINHO, 1980).

Mas a influência do esporte na educação corporal tornou-se predominante no período do pós-Segunda Guerra Mundial e no decorrer da Guerra Fria. Pensando em preparar as próximas gerações para desenvolverem habilidades e competências em situações de conflito militar, o esporte passou a determinar o conteúdo de ensino da Educação Física, “[...] estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 37).

Nesta rede, não há antagonismo entre o professor e o treinador, pois os professores são contratados pelo seu desempenho na atividade desportiva. Essa característica, ressaltada pelos autores do Coletivo (1992) que se uniram em prol de um “manifesto” pela metodologia e cultura corporal da Educação Física, fica evidente na fala de um dos entrevistados para esta dissertação, o ex-nadador William Urizzi de Lima, que se encontra textualizada na quarta seção. Ele relatou que, à época em que passou a cursar a FEFIS, houve uma sistematização nos clubes náuticos do Rio de Janeiro e, posteriormente, de São Paulo, o que fez com que os empresários contratassem ex-atletas e técnicos para serem professores da modalidade (neste caso, a natação), em seus próprios clubes – e ele esteve presente nesse rol de contratados, sem ter ainda se formado na licenciatura.

Neste contexto de Guerra Fria, o Brasil “decretava” seu conflito ideológico mais conturbado que seria considerado como os “anos de chumbo”, impactando aspectos políticos, culturais e, principalmente, educacionais. Se o esporte era lazer, com a Educação Física, seria instrumentalizado na mão dos militares. Mas, não logo na simbólica data que decretaria o fim do regime democrático e a derrubada do governo do presidente João Goulart. Primeiro de abril de 1964 era o dia de clássico entre Corinthians e São Paulo pelo Torneio Rio-São Paulo, considerado, à época, uma das competições mais aguardadas pelos brasileiros, além da Taça Brasil<sup>30</sup>. Antes mesmo que a partida pudesse acontecer, o senador Auro de Moura Andrade,

<sup>29</sup> Atual Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP).

<sup>30</sup> Atualmente Campeonato Brasileiro de Futebol, popularmente conhecido como Brasileirão.

presidente do Congresso Nacional, declarava vaga a presidência da República, confirmando o sucesso do golpe militar que destituiu João Goulart e instaurou a ditadura que governou Brasil pelos 21 anos seguintes. A data do clássico paulista teve de ser mudada (STRINI; CARA, 2014).

A esportivização no Brasil – e na Educação Física – iniciou partir deste marco. O regime militar chegou até mesmo a interferir nos formatos das principais competições esportivas, em especial, o futebol, a modalidade mais popular do País. Isso explica porque, por vários anos, se perpetuaram autoridades políticas em cargos de cartolagem<sup>31</sup> dos clubes de futebol e associações, como a antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD)<sup>32</sup>, em que figuras como João Havelange<sup>33</sup> se aliaram aos militares para aplicar o investimento do Estado no futebol (CHAIM, 2014). Surgiu, por exemplo, o Campeonato Brasileiro no lugar da Taça Brasil de Futebol como “símbolo de integração nacional” (STRINI; CARA, 2014), com a participação de diversos times de todos os estados do País. A militarização esportiva não acontecia exclusivamente no futebol. A Confederação Brasileira de Basquete (CBB) teve o almirante Paulo Martins Meira como o presidente em maior tempo de gestão na entidade (de 1938 a 1975).

A tentativa de transformar o Brasil em uma potência esportiva era clara. Tanto dirigentes esportivos quanto os militares no governo não escondiam esta pretensão. Espaços esportivos (em especial, os clubes que abrigavam diversas modalidades) foram construídos maciçamente. A cultura esportiva crescia até em outros campos, como na economia. Exemplo disso foi a Loteria Esportiva, modalidade de loteria mantida pela Caixa Econômica Federal, regulamentada em 25 de março de 1970. Esta foi uma das marcas do governo do Estado de exceção.

Considerando tais aspectos, Taborda de Oliveira (2001) demonstra sintetizar o esporte como identidade para o brasileiro neste período da história e da política.

[...] mais que incrementar o esporte propriamente dito, a Ditadura parece ter contribuído, sobretudo, com o desenvolvimento de uma sensibilidade esportiva no Brasil. Certamente, isso ocorreu também com a contribuição do hiperdesenvolvimento do esporte como fenômeno de massa em praticamente todo o mundo a partir da segunda metade do século XX (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001, p. 388).

<sup>31</sup> No jargão esportivo, trata-se da figura do dirigente de futebol.

<sup>32</sup> Foi extinta em 1979, dando lugar à Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

<sup>33</sup> Dirigente esportivo, ficou no cargo de presidente da CBD até 1975, quando assumiu a presidência da FIFA.

Transformar uma cultura esportiva não seria feito da noite para o dia. Era preciso uma estratégia, um “[...] lugar do querer e do poder próprios com gestos de modernidade política, científica e militar” (CERTEAU, 2008, p. 99). E, para isso, as reformas educacionais foram escolhidas como “as soluções dos problemas”: a Reforma Universitária de 1968 foi um exemplo de dispositivo legislativo que, na visão dos governantes militares, seria o suprassumo da formação de professores de Educação Física com um olhar atento para descobrir talentos nas escolas e para ensinar as modalidades esportivas (o chamado “esporte na escola”). Foi parte de um dos acordos MEC-USAID, envolvendo o Ministério da Educação e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, de caráter intervencionista após o golpe de 1964.

Um dos fundamentos deste convênio político-educacional mencionado abrangia o fomento de um modelo de educação superior semelhante ao dos Estados Unidos, estimulando o aumento de vagas nas universidades, expansão do crédito estudantil e de um currículo com componentes, em que seus conteúdos programáticos fossem mais tecnicistas e menos reflexivos, abrindo espaço para a obrigatoriedade do ensino da educação física não só nas escolas, mas também nas escolas superiores de ensino (BELTRAMI, 1992). Tanto a *produtividade*, a *eficiência* e a *racionalização*<sup>34</sup> possuem “[...] validade em si e por si mesmos” (ROMANELLI, 1978, p. 231) e que, a respeito de sua atuação no Brasil, teve como objetivo a assimilação para a “[...] expansão do capitalismo ocidental” (ROMANELLI, 1978, p. 257, grifos meus).

Não menos importante, a Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (LDB/71) estabeleceu diretrizes para os ensinos de 1.º e 2.º graus que “favoreceram” a Educação Física Escolar. Propositivamente, menciono o verbo entre aspas porque, na prática, se referia a obrigatoriedade da disciplina nos currículos escolares. Para tanto, o Decreto n.º 69.450/71 foi a regulamentação para a obrigatoriedade da disciplina, impondo “[...] padrões de referência para a prática da Educação Física no interior da escola” (OLIVEIRA, 2001, p. 33).

### 2.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE EM SANTOS

A identidade higienista, mencionada na seção anterior, decorreu da urbanização e do crescimento das cidades. No início do século XX, as epidemias afetaram as populações surgindo problemas recorrentes à pobreza, miséria e até a prostituição, gerando as

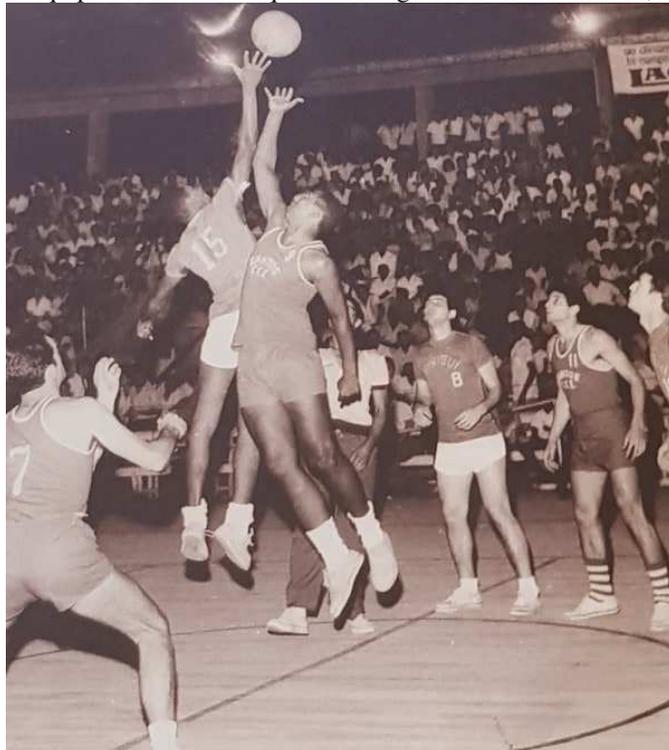
<sup>34</sup> Termos utilizados por Romanelli (1978) e grifados pela autora desta dissertação, com a intenção de reforçar as características do convênio político-educacional.

epidemias que afetaram as populações(BENVEGNÚ JÚNIOR, 2011). Em Santos, não foi diferente, levando em conta que a cidade já abrigava um dos portos mais importantes da América Latina e, por isso, o fluxo de pessoas e de cargas de diversos materiais impactava a dinâmica da cidade.

O engenheiro sanitaria Saturnino de Brito foi o responsável pelo projeto de higienização e urbanização em Santos em 1905, alterando os locais de habitação da população da cidade, que moravam no Centro e puderam se deslocar para perto da barra. Neste projeto, estão os canais que desembocam na praia. Esta mudança já faria sentido na configuração de uma elite que passava praticar esportes na praia. Conforme Souza(2012, p. 24), as “[...] famílias da elite econômica paulista começam a usufruir do banho de mar e de seus efeitos terapêuticos, confirmados pela ciência. [...] a valorização do corpo principia e os espaços públicos começam a ser mais procurados”.

Os clubes náuticos, que fortaleciam a prática do remo, configuraram na cidade um novo estilo de vida, materializando uma economia que incentivou tanto trabalhadores, estudantes e a elite santista. Ao longo do tempo, Santos confirmava sua evolução e vocação para o esporte com as participações colegiais nos Jogos Abertos do Interior (SOUZA, 2012), conforme Figura 1. O investimento em outras modalidades, como o futebol, também foi sendo desenvolvido.

Figura1 -Equipe santista de basquete nos Jogos Abertos do Interior, em 1965



Fonte: Acervo Museu Devaney (2019)

Muitos estudantes da Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS) participaram desta competição, considerada vitrine para eventos desportivos ainda mais relevantes em nível nacional. Entre os principais destaques nas primeiras turmas, estavam atletas do voleibol José Oswaldo Fonseca Marcelino (também conhecido como “Negrelli”), participante dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972, e Geraldo Nakasato (anteriormente atuou em outra modalidade, como jogador de basquete do Santos Futebol Clube), conforme Figura 2. Conforme Souza (2012, p. 42), Santos “[...]foi a maior vencedora de 1939 a 2009: das 73 edições, ganhou 25”. Entretanto, o apogeu de conquistas da delegação nesta competição ocorreu até 1968, tendo sido “[...]vitoriosa em 23 jogos dos 33 disputados”.

Figura 2-Professor Alcino Pellegrini com a tocha nos Jogos Abertos do Interior



Fonte: TerceiroTempo (2019)

Foi na década de 1930 que se estabeleceu o desenvolvimento da Educação Física em Santos, especialmente em razão do surgimento de políticas públicas de formulações sobre o corpo, afirmando ainda mais o caráter higienista. Exemplo disso foi a publicação, de 1915, do educador e diretor do Instituto Dona Escolástica Rosa, Artur Porchat de Assis, sobre um

manual pedagógico que direcionava normas para a formação de professores<sup>35</sup>, reforçando a importância de vestimentas leves, alimentação regrada e a prática de “[...]exercícios físicos cientificamente utilizados” (SOUZA, 2012, p. 54), uma influência positivista<sup>36</sup> sobre a prática do movimento corporal nas escolas.

Em 1955, Santos ganhou sua primeira entidade voltada à categoria dos profissionais da área. O “Clube do Professor de Educação Física da Região de Santos” era formado não somente por professores que atuavam nas escolas locais, mas também por treinadores esportivos. Conforme Souza (2012, p. 88), o Clube tinha como propósito a promoção social “[...]entre professores de educação física da região de Santos [...]estudar assuntos técnicos e administrativos ligados à educação física, apresentar sugestões às autoridades superiores”. Esta teria sido uma das primeiras iniciativas para se discutir os principais problemas da categoria na região, bem como apresentar propostas e novas medidas às autoridades.

Os grêmios esportivos de Santos, como já mencionado em função das frequentes práticas do remo no fim do século XIX, são marcos importantes na história do esporte e da Educação Física da cidade. Muitas escolas da rede estadual de ensino não possuíam quadras para a prática da EF e, desta forma, os clubes esportivos eram as alternativas para fomentar o ensino para os estudantes ginásiais. Um deles vai ao encontro do protagonismo de Rosinha Viegas na construção da primeira faculdade de Educação Física da cidade, como exponho no capítulo posterior.

Na década de 1950, a então Delegacia Regional de Educação Física e Esportes de Santos, sob o comando do delegado Oscar da Silva Musa, apresentava o que consideravam como modelo ideal de sala de aula para as práticas da educação física escolar. O documento conta com uma breve apresentação e fotos reprodutivas de estruturas de salas e aparelhos que seriam adequados para os exercícios físicos. Musa pleiteava seu manifesto às autoridades do Estado de São Paulo, e reiterava aos colegas de profissão a mobilização frente ao contexto apresentado, afirmando que “[...] já é chegado o tempo de se ministrar uma aula de educação física sem obrigar o professor a improvisar quase tudo, por falta de material necessário”.

Existiram, nesta mesma época, encontros internacionais de professores de Educação Física, alguns oriundos de escolas da Polícia Militar do eixo Rio-São Paulo, que promoviam

---

<sup>35</sup> “Eduquemos”, manual pedagógico editado a partir das aulas que ministrava no Liceu Feminino Santista, tendo sido publicado em 1915 (SOUZA, 2012).

<sup>36</sup> Doutrina filosófica derivada do Iluminismo.

debates sobre o futuro da formação dos professores de educação física<sup>37</sup>, que aconteceram no prédio da antiga ETEC “Escolástica Rosa”. As primeiras iniciativas aconteceram com o apoio da Federação Internacional de Educação Física do Brasil (FIEP). Aliás, o primeiro curso da entidade no Brasil aconteceu em Santos, no ano de 1951. Em boletim divulgado pela FIEP, há o registro de que o professor sueco Johanson Curt foi chamado pelo professor Antonio Boaventura da Silva para ministrar uma aula de Ginástica Sueca. Na ocasião, a cidade recebeu 178 inscritos de diversos estados do País (GRUHN, 2010).

No ano seguinte, em 1952, Santos também ganhava mais um curso inédito no Brasil, com a vinda do professor Auguste Listello, um dos criadores do método Desportiva Generalizada. A criação foi durante seu trabalho pelo Instituto Nacional de Esportes da França no pós-Segunda Guerra Mundial (PEREIRA; VAZ, 2019). Para o curso internacional, promovido pela Federação Internacional de Educação Física (FIEP), Listello ministrou sobre a Desportiva Generalizada em Santos pela primeira vez, onde escreveu uma apostila intitulada “Princípios da Educação Física Esportiva Generalizada”, além de introduzir o Handebol de Salão, considerado o precursor da modalidade no Brasil<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Existem, atualmente, dois tipos de formação universitária na graduação: o bacharelado, que forma profissionais de Educação Física (a terminologia ‘educador físico’ não é reconhecida pelo Conselho Federal de Educação Física – CREF) para atuar no ambiente não-escolar (que são os clubes, academias, hotéis e outros espaços); e a licenciatura, em que o aluno se forma para atuar em escolas – esse é o enfoque deste trabalho, uma vez que a criação do bacharelado acontece apenas em 1987, com o decreto do fim do currículo mínimo (Resolução n.º 3/87, do CFE)

<sup>38</sup> Em Santos, o handebol é difundido na EF. Prova disso é a Copa TV Tribuna de Handebol Escolar, organizada pelo Grupo “A Tribuna” de Comunicação.

### 3A FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS (1969-1985)

A opção por pesquisar a Faculdade de Educação Física de Santos se justifica pela própria história da instituição escolar. Fundada pela educadora Rosinha Garcia de Siqueira Viegas, a FEFIS é considerada a primeira instituição de ensino superior na área de Educação Física da cidade de Santos, litoral de São Paulo, e considerada uma das primeiras escolas superiores de Educação Física do Estado de São Paulo – sendo a primeira instituição privada para a formação de professores deste campo.

Sua mantenedora, a Sociedade Civil de Educação Física de Santos, teve seu empreendimento datado em 1968, e era até então presidida por Rubens Viegas, marido da educadora em questão. A instituição situava-se na antiga sede do Brasil Futebol Clube, na Rua Arabutan<sup>39</sup>, 47, no bairro da Aparecida, onde se ministravam as aulas teóricas e práticas – exceto as atividades voltadas à disciplina de natação. Nesta disciplina, algumas das aulas eram realizadas na casa da própria fundadora. Quando o número de alunos aumentou, as aulas passaram a ser ministradas no Clube Internacional de Santos, localizado no bairro da Ponta da Praia.

Embora não seja o enfoque principal desta pesquisa, também é importante elucidar que a FEFIS, em 1972, fez parte do Centro de Estudos Unificados Bandeirante (Ceuban)<sup>40</sup> e, posteriormente, tornou-se Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes (Uniceb)<sup>41</sup> em 1986. Atualmente, se estabelece na administração da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)<sup>42</sup>, fundada também por Rosinha Viegas, em 1996.

Antes da FEFIS, era preciso cursar Educação Física fora de Santos para se trabalhar em escolas da rede municipal e estadual, o que explica a vinda de professores de outras cidades do estado de São Paulo (e outros estados) para o litoral. Alguns se valeram da Lei da Estabilidade, promulgada no governo Castelo Branco, que garantia ao servidor público o

<sup>39</sup> Em alguns documentos antigos, consta como endereço principal a Rua Jurubatuba, 80, porém vale esclarecer que a extensão do Brasil Futebol Clube compreendia um espaço entre as Ruas Arabutan e Primeiro de Maio.

<sup>40</sup> A partir deste ano, além da FEFIS, passou a funcionar a Faculdade de Educação e Ciências Humanas Professor Laerte de Carvalho, com os cursos de Estudos Sociais e Pedagogia.

<sup>41</sup> Fusão entre o Instituto Superior de Educação Santa Cecília (Isesc), gerido pela família Teixeira, e o Centro de Estudos Unificados Bandeirante (Ceuban), de administração da família Viegas; em 1996, as famílias decidiram “[...] voltar a atuar de forma separadamente” (MELO, 2004, p. 155), surgindo a Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e a Universidade Santa Cecília (UNISANTA).

<sup>42</sup> À época, Rosinha Viegas assumiu a posição de reitora acadêmica, que contava com a seguinte diretoria: a pró-reitoria administrativa ficava a cargo de Renata Garcia de Siqueira Viegas, sua filha e atual reitora da Universidade; Vera Aparecida Taboada de Carvalho Raphaelli, como pró-reitora acadêmica, e Paulo Augusto Bueno Wolf, na pró-reitoria comunitária (MELO, 2004, p. 155).

exercício do magistério na área da educação física escolar, mesmo sem o diploma de nível superior. No primeiro ano de atividades (1969), foram aprovados 207 alunos – homens e mulheres estudavam em turmas separadas.

Até o fim dos anos de 1980, a FEFIS era a única instituição da região da Baixada Santista que formava professores de Educação Física para trabalhar nas escolas locais e nas espalhadas pelo estado de São Paulo. Posteriormente, com a cisão da Uniceb, a Unisanta foi fundada e, com ela, surgiu a FEFESP – a Faculdade de Educação Física e Esportes de São Paulo, instituição ocupada por professores formados, em sua maioria, pela FEFIS, à época.

Nesta seção, portanto, apresento os estudos sobre uma instituição escolar e, quando menciono instituição escolar, faço referência aos sujeitos historicamente datados que ajudaram a construir esses espaços de formação intelectual. A investigação acerca de uma instituição – caso da FEFIS – vale-se por diversos motivos e contextos.

Identifiquei-me particularmente com as considerações feitas por Nosella e Buffa (2013) sobre o que leva um pesquisador da área de História da Educação a se envolver com este tema de pesquisa. É o “significado social” a qual ambos se referem, que reflete na relevância histórica para aquela comunidade que a escola/instituição de ensino superior desenvolveu, como pode ser entendida na passagem, a saber.

Nossa experiência demonstrou que as melhores pesquisas ocorreram quando a instituição escolar escolhida tem um significado social reconhecido, o que significa ser considerada pela sociedade, em razão de sua tradição, dos alunos que formou, etc[...]. É importante, ainda, que a escola tenha alguma densidade histórica, isto é, tenha demonstrado, no decorrer do tempo, a realização dos objetivos a que se propunha e que a sociedade ainda identifique traços significativos de sua própria história (NOSELLA; BUFFA, 2013, p. 58).

Permito-me posicionar a “densidade histórica” mencionada no trecho destacado para trazer à luz alguns comentários de minha experiência como pesquisadora e como funcionária desta instituição. Porque percebo em diversos aspectos cotidianos como a compreensão dos autores corrobora para essa escolha particular. Após ter sido sediada nas dependências do Brasil Futebol Clube, a FEFIS ganhou seu prédio próprio no ano de 1999. Desde sua inauguração, o edifício confirma uma representação no imaginário dos moradores de Santos. Arrisco-me a dizer que isso acontece em função da localização da sede, porque situava-se à Avenida Conselheiro Nébias, uma das mais importantes e movimentadas da Cidade, fazendo esquina com outra importante via, a Avenida Francisco Glicério. Antes, o local abrigava o tradicional Colégio Independência.

Quando o prédio foi inaugurado, era somente para os estudantes da FEFIS – os demais cursos da Unimeseram sediados em outros dois *Campi*: *Campus* Bandeirante I (Rua da Constituição, 374, no bairro da Vila Nova) e *Campus* Bandeirante III (Avenida Prefeito Antonio Manoel de Carvalho, 3935, no Morro Nova Cintra). A estrutura oferece academia aberta ao público até hoje, o que a tornou não só uma instituição escolar voltada aos acadêmicos, futuros profissionais de Educação Física, mas também à comunidade, reunindo praticantes de diversas modalidades esportivas.

Figura3- Fachadada FEFIS (1999-atualmente)



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

A partir de 2016, o prédio da FEFIS passou a abrigar todos os cursos presenciais (exceto o curso de Medicina Veterinária, que ainda funciona no *Campus* do Morro da Nova Cintra, em Santos) e se transformou no *Campus* Rosinha Viegas. Em muitas ocasiões, deparei-me com o questionamento “você trabalha no prédio da FEFIS?” e até comentários de que não sabiam onde ficava a Unimes, mas, quando se mencionava o “prédio da FEFIS”, logo reconheciam.

Estas evidências parecem elucidar o conceito de representação social trazido pelo pensador Pierre Bourdieu quanto a crenças e valores existentes em uma determinada comunidade e, como resultante, trazem um *habitus*, uma proeminência simbólica que designa uma “[...] postura de investigação, ao apontar um caminho para escavar as categorias implícitas através das quais as pessoas montam continuamente o seu mundo vivido” (WACQUANT, 2017, p. 213).

A seguir, apresento as seções acerca da investigação da esportivização no curso de Educação Física da FEFIS. Separei, de acordo com os sujeitos fundadores da instituição

escolar, como ela passou pelos primeiros processos de aprovação e reconhecimento, sem ignorar os contextos históricos da época, o Brasil Futebol Clube e o Clube Internacional de Regatas como agremiações desportivas no processo de construção de um espaço de formação acadêmica superior; a história do primeiro vestibular da instituição (de forma a apanhar os aspectos das provas práticas, todas dedicadas às modalidades esportivas); como eram os componentes curriculares e os cursos livres oferecidos pela Faculdade, a influência da Copa de 1970 para o reconhecimento da instituição (para o MEC e para o imaginário da comunidade santista); e os Jogos Universitários da Baixada Santista (JUBAS), em que se pretende fazer um compilado da história da instituição nessa competição universitária (dentro do período proposto pela pesquisa), que tinha apoio da mídia local e foi idealizado por um jornalista da região.

### 3.1 A FUNDADORA ROSINHA VIEGAS

Nesta seção, explico aspectos da trajetória de vida pessoal e profissional da educadora Rosinha Viegas de modo a investigar quais os possíveis movimentos que colaboraram para a formação superior dos profissionais de Educação Física, sobretudo da cidade de Santos, local onde fundou a Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS).

Para compreender quais os caminhos percorridos por ela, os feixes de relações sociais construídos e, principalmente, seus valores, escolhas e experiências vividas, sejam com a família, amigos, colegas de trabalho e de formação escolar, descartando qualquer definição pré-concebida ou superficial sobre este sujeito. Para isso, esta pesquisa segue na construção pela consciência histórica, conforme explica Minayo (2001, p. 14), ao dizer que “[...] não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e as suas construções”.

Nesta seção, a pesquisa sobre a fundadora da FEFIS foi realizada com trechos de entrevistas com Marisa, sua única irmã viva, além do diálogo com documentos encontrados nos arquivos da atual Unimes, cedidos para esta pesquisa. Não pretendo fazer deste fragmento um estudo biográfico aprofundado, nem tomar como uma espécie de “prova dos 9” (SCHWARCZ, 2013) – a biografia histórica vai além de revelar somente o sujeito. Ela revela seus atos com os fatos, em que o historiador se posiciona diante das coisas que ele fez, tornando-se necessário recorrer à documentação que imprime um ponto de vista à narrativa e

orientar o caminho a percorrer sem perder de vista seu objetivo principal durante a investigação (ALMEIDA, 2014).

Nascida em 17 de fevereiro de 1935 e falecida no dia 6 de junho de 2008, Rosinha Garcia de Siqueira Viegas era apenas Rosinha Garcia Rocca, quando foi amparada pelas mãos de uma parteira na casa de n.º 51, situada à Rua João Pessoa, na cidade de Guariba, região nordeste de São Paulo, próxima a Ribeirão Preto – essas informações constam do registro de nascimento, conforme Figura 4, a seguir. Era a primogênita de Francisco Rocca e Leonor Garcia, que tiveram outros cinco filhos: Domingos Consistre Rocca Neto, Maria Isabel Garcia Rocca – que sempre foi chamada de ‘Marisa’ pela família e amigos, Martha Garcia Rocca, Rubens Rocca – este morreu precocemente, aos 11 meses de vida – e Delcídes Rocca, conhecido por ‘Cid’.

Figura4-Certidão de nascimento da educadora Rosinha Viegas

Talão N.º 12 - Pág. 128 -

República dos Estados Unidos do Brasil

Distrito de Guariba Município de Guariba  
Estado de São Paulo Comarca de Jaboticabal

**REGISTRO CIVIL**

**Certidão de Nascimento N.º 2427-**

CERTIFICO que, a fls. 227 do livro N.º 3 - de registro de nascimentos, inscrito em data de 25 de Fevereiro de 1935, o assento de Rosinha Garcia Rocca, nascida a 17 de Fevereiro de 1935, às 1 horas e minutos, em domicílio nesta cidade à Rua João Pessoa, número cinquenta e um, do sexo feminino, de cor branca, filha de Francisco Rocca natural deste distrito e de d. Leonor Garcia Rocca natural deste distrito, sendo avós paternos Domingos Rocca e d. Rosa Consistre e maternos Bento Garcia e d. Maria Cortez.

Foi declarante o próprio pai e serviram de testemunhas Milton Almeida Bisolla e João Teodoro Christoforo

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

Cartório de Paz de Guariba, 27 de dezembro de 1935

O OFICIAL

Este selo. R. 111.80,00



*[Handwritten signature]*

Fonte: Arquivo pessoal da família Viegas

Seus pais traziam a ascendência italiana e espanhola, respectivamente, em seus históricos familiares. Os avós paternos de Rosinha eram Domenico Rocca e Rosina Consistre,

oriundos da região da Calábria, na Itália, enquanto os avós maternos, Bento Garcia e Maria Cortez, eram nascidos na Galícia.

De todos os irmãos, Rosinha mostrou um grande apego por Cid, o caçula da família Rocca. De acordo com o relato da própria educadora à jornalista Lídia Maria de Melo, autora de sua única biografia, a música era o elo entre eles. Chegaram a fazer parte de uma turma onde se reuniam todas as vésperas de Ano Novo para cantar e tocar pelas ruas de Guariba:

[...] íamos de casa em casa. O povo se levantava na cidadezinha pequena e acompanhava. Em cada casa, a gente comia, bebia e assim amanhecia o dia, fazendo serenata. [...] A todo lugar que nós íamos, cantávamos muito eu e o Cid. Sussuarana era uma das mais pedidas. “Faz três sumana/ que na festa de Sant’Anna/o Zezé Sussuarana me chamou para conversar”. Eu cantava e o Delcídes só fazia junto comigo o refrão. (MELO, 2004, p. 24)

A música composta por Hekel Tavares (música e arranjos) e Luiz Peixoto (letra), interpretada por artistas consagrados da música popular brasileira, como Inezita Barroso e Maria Bethânia, era um dos ‘hinos’ dos irmãos e de primos da família que vinham de outras cidades. Após este e outros momentos musicais, irmãos e primos seguiram seus rumos profissionais com outro fator em comum: tornaram-se professores de Educação Física, seguindo os mesmos passos de Rosinha, a primeira da família a demonstrar interesse nessa área.

O incentivo pelos estudos, de acordo com seus relatos, foi presente na família Rocca, a começar pelo patriarca. Além de poeta e jornalista – editava “O Binóculo”, periódico de Guariba, conforme Figura - 5 –, seu pai, Francisco Rocca, foi considerado o primeiro professor primário em Guariba.

Figura 5-Edição do jornal “O Binóculo”, de Guariba



Fonte: Arquivo pessoal da família Viegas

Dona Leonor, por sua vez, nunca teve uma educação formal, em função do próprio pai, conservador<sup>43</sup>, que “[...] achava que mulher deveria se dedicar apenas aos afazeres domésticos” (MELO, 2004, p. 21). Provavelmente, para ir de encontro à repressão e às questões de gênero e machismo preponderantes na sociedade daquela época, sua mãe decidiu oferecer uma educação mais aberta aos filhos, refletindo em um aparente espírito “mais libertário” de Rosinha – independentemente do sexo, sua mãe, Dona Leonor “[...] queria que todos os filhos fossem à escola e se diplomassem professores” (MELO, 2004, p. 21).

A formação católica também é um aspecto preponderante na trajetória acadêmica de Rosinha. Cursou o primário no Externato São Luiz, em sua cidade natal, depois foi a Jaboticabal para cursar o ginásio, no Colégio Santo André e, por fim, o curso secundário no Colégio Estadual Doutor Aurélio Arrobas Martins. Única irmã viva de Rosinha, Maria Isabel Rocca, conhecida como Marisa, confirmou este aspecto de sua família em entrevista realizada no dia 5 de maio de 2018. Em sua residência na cidade de Guariba, ela mostrou os santos que guarda em sua casa como “heranças” de uma criação voltada aos valores cristãos.

Nossa família era muito católica. Nós éramos nascidos, criados e batizados na Igreja. Todos crismados e os filhos também se casaram na Igreja. Crescemos, estudamos... no ginásio, estudamos no colégio Santo André, em Jaboticabal, que era

<sup>43</sup> Uma das edições do jornal “O Binóculo”, em 1930, mostrava este aspecto: sua esposa, Leonor, teria de ter funções domésticas, mas o culto à beleza reforçava a cultura da época vigente, como pode ser visto na Figura 5.

particular e religioso. Era muito importante para a nossa família que seguissemos assim (ROCCA, 2018).

A devoção era tão presente na vida de Rosinha que, anos depois, já reitora da Universidade Metropolitana de Santos, conheceu o Papa João Paulo II durante uma das peregrinações do pontífice na cidade do Vaticano, na Itália – à época, Rosinha visitava sua filha, Renata Viegas, atual reitora da Unimes, que fazia um curso de especialização em Odontopediatria (MELO, 2004). Pelas suas redes de sociabilidade, algo que traz à tona as ideias de Sirinelli(1996), Rosinha teve a oportunidade de receber a bênção papal em função da ligação que teve com o Padre Salvatore, do Vaticano, em atenção a um pedido feito por um padre brasileiro de Americana que conhecia “[...] nas andanças do pelo Conselho Federal de Educação” (MELO, 2004, p. 141). Essa história também foi contada por Laurete Godoy<sup>44</sup>, aluna da primeira turma da FEFIS (1969-1971), em um artigo publicado no Jornal da Maioridade<sup>45</sup>, de São Paulo, conforme Figura 6.

Figura 6 -Matéria do encontro de Rosinha Viegas com o Papa João Paulo II

---

<sup>44</sup> Nota da pesquisadora: À época, Laurete assinava Lauret, por questão de gosto pessoal, conforme me disse após entrevista realizada em 23 de setembro de 2018.

<sup>45</sup> O periódico é editado mensalmente pela Associação Brasileira de Clubes da Maioridade (ABCMI).

**VATICANO**



# Rosinha do Brasil

LAURET GODOY

Rosinha Viegas, Reitora da UNIMES-Universidade Metropolitana de Santos, no Vaticano, diante do Papa João Paulo II.

Rosinha era diretora da FEFIS - Faculdade de Educação Física de Santos. Lá estudei. A seguir vim para São Paulo, percorri novos caminhos e perdi completamente o contato.

Após vinte e quatro anos de ausência e distância, Rosinha chamou-me. Foi procurar-la, conversamos e na despedida, em sala fronteiriça à que estávamos, dois quadros dispostos um ao lado do outro chamaram a minha atenção. A figura feminina meio abaixada e sorridente não deixava dúvidas. Mas será que aquele respeitável homem era mesmo o Papa João Paulo II? Meu Deus, como puderam fazer aquela montagem fotográfica com tanta perfeição? O Sumo-Pontífice à frente de Rosinha, abençoando-a? Em meio às pessoas que estendiam avidamente olhos e braços, buscando atenção, somente ela recebia a imposição da mão do Papa Peregrino.

Perguntei e a história foi contada.

Quando Rosinha comentou com um padre amigo que iria à Itália para visitar a filha Renata, ele incumbiu-a de levar um presente a um religioso que exercia alto posto no Vaticano. Chegando a Roma, entrou em contato e foi orientada a dirigir-se aos lanceiros que permaneceram na porta de entrada da residência papal. Lá foram Rosinha e Renata, para entregar a encomenda. Ao se aproximarem, um dos lanceiros antecedeu-se e perguntou: "A senhora é a Rosinha do Brasil?" Resposta positiva, foram conduzidas a um bonito jardim. Alegre, comunicativa, inimiga de protocolo, Rosinha é o que deseja ser e fala o que quer falar, esteja onde estiver. Nesse clima descontraído, a conversa estendeu-se por algum tempo. As brasileiras devem ter cativado o anfitrião, porque surgiu novo e irrecusável convite. Lá foram elas outra vez ao Vaticano, com direito a visita e guia especial.

Interessante! Perspicaz, Rosinha notara que de todas as janelas voltadas para o jardim, apenas uma permanecia aberta, próxima ao local onde eles sentavam-se para o chá de despedida. Todas as demais, fechadas. Por certo o ocupante daquele aposento, se ali estivesse, conseguia acompanhar as conversas que se desenvolviam. Curiosa, perguntou quem era ele.

"É o Santo Padre", foi a resposta. Será que o Sumo-Pontífice, à distância, também estava participando daquele informal encontro de pessoas que já pareciam velhas e queridas amigas?

Ir a Roma e não ver o Papa? Impossível.

Padre Salvatore marcou o dia em que Sua Santidade daria bênção coletiva, em espaço reservado, para dez pessoas de cada país. Uma sala grande, onde os fiéis ficavam isolados por um gradil de madeira e, lá na frente, um altar. Finda a missa, o Papa foi caminhando pela passarela, abençoando, na atitude característica de desenhador uma cruz no ar, em direção das pessoas. De repente viu as brasileiras. Parou, deu um sorriso, abriu levemente os braços e disse:

"Rosinha do Brasil!"

Dirigi-me a ela e abençoo-a. Enquanto Renata, nervosa e envergonhada pela deferência, escondia-se atrás da mãe, Rosinha pensava: tudo isso acontecendo comigo e nem uma fotografia para registrar o fato e provar lá no Brasil, que é verdadeira esta história...

Alguns meses mais tarde chegaram a Santos três lindos posters, onde estão imortalizados aqueles especiais momentos. Atrás, um grande e nítido carimbo do Vaticano. Ah, esse Padre Salvatore... Quanta gentileza!

Modernidade. Rosinha tornou-se Magnífica Reitora da UNIMES - Universidade Metropolitana de Santos, tendo como fiéis escudeiros os jovens e eficazes filhos: Rubinho, que é Coordenador Geral da Universidade, e Renata, Pró-Reitora Administrativa.

E assim, neste abril de 1998, mês em que a UNIMES completa o segundo ano de vida, achei interessante contar uma das muitas histórias que marcaram a vida dessa forte, corajosa, empreendedora e surpreendentemente generosa mulher.

Que em Guariba, sua terra natal, era conhecida como Rosinha Rocca. Em São Carlos, onde estudou, era Rosinha de Guariba. Em Santos, onde ficou nozes, Rosinha Viegas. E em Roma, para o Papa João Paulo II, foi a gloriosa e absoluta Rosinha do Brasil.

-Lauret Godoy é historiadora e cronista.

Fonte: Arquivo/ Unimes

Quanto à paixão pelos esportes e pelas atividades físicas, as evidências apontam que começaram a se manifestar em sua infância. As brincadeiras entre amigos já indicavam uma Rosinha adepta ao cenário, ainda que improvisado nos meios urbanos, às práticas desportivas e corporais. Na mesma entrevista com a sua irmã, o apontamento é feito, o que não foi encontrado em sua biografia.

A gente morava numa casa na Rua 9 de Julho. Naquela época, não tinha calçamento [...]. Quando chovia, a água corria, e a gente pegava um cabo de vassoura com uma latinha na ponta e ficava jogando água, sabe? Brincando... na água, no barro... Era até gozado. a Rosinha gostava muito de brincar, sabe? No jardim... E era diferente da gente. Eu e outras meninas, primas, gostávamos muito de brincar de boneca, de casinha. A Rosinha não, sempre gostou de brinquedo mais avançado, de jogar bola, praticar esportes. Ela juntava com uma turma de amigas que tinha na época e colocavam umas marcas no chão para jogar *bets*<sup>46</sup> (ROCCA, 2018).

<sup>46</sup>Há outras denominações, como jogo de taco, bete-ombro, bete, tacobol, entre outros. Segundo Teixeira (2012), o objetivo principal do jogo "[...] é rebater a bola lançada pelo jogador adversário, sendo que, durante o tempo

Marisa relembrou sua adolescência quando Rosinha passou a demonstrar talento para o atletismo. Foi influenciada por uma professora de Educação Física do Colégio Santo André, em Jaboticabal, onde ambas cursaram o ginásio. Para a irmã, esta educadora foi, talvez, a principal influência de Rosinha para cursar Educação Física anos depois, na Escola Superior de São Carlos.

Ela era uma ótima atleta. Teve uma vez que a dona Clelia, que era professora de Educação Física lá em Jaboticabal, onde a gente estudava, levou a Rosinha para correr no Estádio do Pacaembu, em São Paulo e [a Rosinha] ficou em segundo lugar na prova. E poderia ter ido melhor, mas a Rosinha não estava acostumada com os recursos todos do atletismo. Mal tinha calçado apropriado. (ROCCA, 2018)

Neste último trecho, é possível compreender historicamente o diálogo com o fortalecimento da ginástica escolar no período do Brasil República. Conforme Marinho(1980), as primeiras fontes sobre a implantação da ginástica no Brasil datam a partir de 1889. Até 1920, percebeu-se a chegada da influência da ginástica alemã, trazida por famílias daquele país no sul do Brasil, constituindo núcleos<sup>47</sup> específicos para a prática, voltada ao “[...]restabelecimento da simetria corporal perdida durante a formação humana [...]”. (QUITZAU, 2014, p. 507)

Em seguida, o método francês se mostrou ainda mais prevalente nas escolas ginásias brasileiras, especialmente a partir de 1938, respaldada por uma abordagem mais positivista de ciência e culto ao corpo. Para Goellner(1991, p. 90), a ginástica da escola francesa, em questão, trazia uma “[...]concepção reducionista de ser humano, trabalhando o seu corpo apenas frente a sua dimensão anátomo-fisiológica”. O caráter mecanicista propõe a valorização do desempenho e alta performance nos resultados, como pode ser explicado na visão da professora de Rosinha na época do ginásio, em Jaboticabal, convidando-a para uma competição na capital, porque seria um diferencial em relação às demais colegas.

Outros aspectos abordados durante esta entrevista foram a adolescência de Rosinha, marcadas por “traquinagens” na escola (de acordo com a irmã, era uma boa aluna, mas aprontava na classe, “cabulava” aulas para tomar sorvete e um incidente que quase lhe custou a vida aos quase 18 anos – pegou um barco com quatro amigas no Rio Mogi-Guaçu, que

em que o adversário corre atrás da bola, a dupla que rebateu deve cruzar *osbets* no centro do campo, fazendo assim um ponto cada vez que cruzam os tacos e trocam de lugar”.

<sup>47</sup> Herança das sistematizações dos exercícios físicos na Europa, na chamada “ginástica de Jahn”, em 1816, sob o título *Die Deutsche Turnkunst*, (JAHN, 1967; QUITZAU, 2014).

virou, e a correnteza as levou. Rosinha não era uma exímia nadadora, mas conseguiu se salvar, ao contrário de suas amigas, que vieram a falecer naquele incidente (MELO, 2014). Aquele período de abalo emocional, relatado por Marisa, teria estimulado ainda mais sua irmã a buscar o sonho fora de Guariba, para cursar Educação Física em São Carlos.

Terminou o ensino secundário em 1954 e passou a traçar os planos para fazer faculdade, porém seu pai não permitiu de início. Na história, a prática dos esportes e a própria Educação Física para mulheres eram encarados como atividades de natureza vulgar, em uma linha tênue entre a prostituição e a desonra familiar, ou até mesmo a destruição dos valores da feminilidade (GOELLNER, 2005). Rosinha, entretanto, contrariou a vontade do pai e foi escondida para realizar a inscrição do processo seletivo em São Carlos (MELO, 2004).

Em 1956, Rosinha iniciou os estudos na Escola Superior de Educação Física de São Carlos, terminando a graduação em 1958. Neste período, a educadora atuava pelo time feminino de basquete da cidade, o São Carlos Clube, conforme pode ser visto na Figura 7 (Rosinha está à ponta direita das colegas, em pé).

Figura 7 -Equipe feminina de basquete do São Carlos Clube

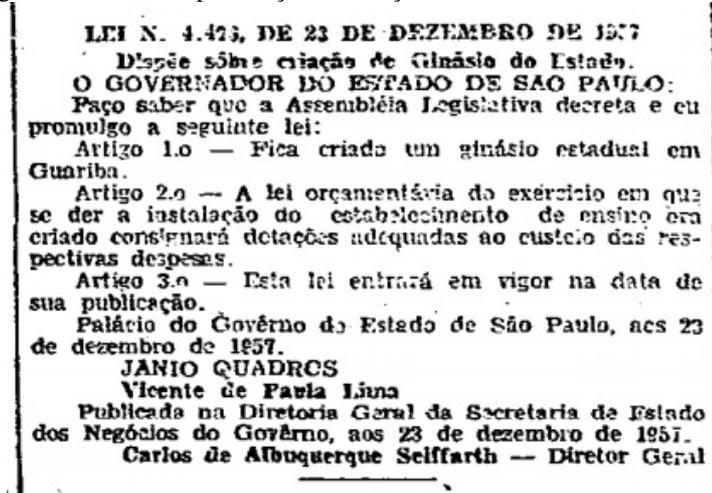


Fonte: Arquivos da FEFIS/Unimes

No ano em que concluiu o curso de Educação Física, Rosinha se tornou professora na escola “José Pacífico”. Foi considerada a primeira professora de Educação Física da cidade, que até então, não tinha ginásio. Rosinha Viegas recorreu à sua amiga, Maria Pacífico, para pleitear ao governo do Estado a viabilização da primeira escola de ensino ginásial na cidade, em 1957.

Maria tinha laços de amizade com Jânio Quadros, à época, governador de São Paulo. Foram à capital para conversar com o chefe do executivo, sem marcar audiência no Palácio dos Campos-Elíseos, sede do Governo entre 1935 a 1965. Quando chegou ao gabinete, expôs desafios dos jovens que precisavam sair de Guariba para continuar os estudos, dizendo: “[...] Guariba só tem escola primária. Todo mundo tem que pegar a maria-fumaça e continuar os estudos em Jaboticabal, como eu fiz. Guariba tem que ter um ginásio” (MELO, 2004, p. 42). No dia 24 de dezembro de 1957, o Diário Oficial do Estado de São Paulo publicou o deferimento para a publicação do ginásio de Guariba – passou a se chamar E.E. José Pacífico, que leva o nome da irmã de sua amiga, Maria Pacífico (MELO, 2004).

Figura 8 - Trecho de publicação da criação do Ginásio E. E. José Pacífico



Fonte: Arquivo Diário Oficial do Governo do Estado de São Paulo

Neste episódio, é importante destacar um “parênteses” a fim de contextualizar historicamente o período das políticas públicas voltadas à educação no Estado de São Paulo. Embora a iniciativa aparente demonstrar méritos à educadora, não é possível ignorar que a política expansionista de ensino no governo de Jânio Quadros é que favoreceu tal feito. Conforme Souza (2012, p. 6),

[...] o governador Jânio Quadros (1955- 1959) facilitou enormemente a proliferação rápida de estabelecimentos de ensino secundário autorizando a instalação de seções dos ginásios existentes que passaram a funcionar nos edifícios dos grupos escolares. Os interesses políticos sobrepujaram as discordâncias internas verificadas dentro da própria Secretaria de Educação e a ciência dos graves problemas do ensino paulista (SOUZA, 2012, p.6).

À parte das nuances políticas, este episódio da reivindicação por uma escola ginásial em Guariba evidencia uma postura de Rosinha que dialoga com o conceito de intelectual proposto por Gramsci. É possível dizer que, em uma tentativa despretensiosa, a futura

educadora tentava romper com a hegemonia, encarando os dirigentes a serviço de interesses de uma classe dominante, mas de uma forma mais pragmática, que pode ser sustentada nesta passagem: “[...] O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, ‘persuasor permanente’.” (GRAMSCI, 1982, p.4)

Além de ser efetivada como professora após ter concluído os estudos em Educação Física na cidade de São Carlos, seu engajamento e envolvimento na E.E. José Pacífico são ratificados pela sua irmã. “Ela mobilizou muito a escola e a comunidade. Formou grupos de ginástica rítmica e ginástica de solo, grêmio estudantil [...] além disso, minha irmã arrecadava verba com esses eventos e ajudou a levantar a primeira quadra com piso de cimento”. (ROCCA, 2018)

Prestou concurso público em 1959 para atuar na rede de ensino estadual, após um incidente com um padre de Guariba – relatado em depoimento à Melo (2004), Rosinha lembra que era criticada pelo vestuário de trabalho na escola onde lecionava. As normalistas responsáveis pela cadeira de educação física utilizavam, em geral, saias longas<sup>48</sup>. A educadora, no entanto, tinha uma leitura diferente sobre a vestimenta das calças para uma professora desta disciplina. Esta passagem é a versão de Rosinha sobre o incidente:

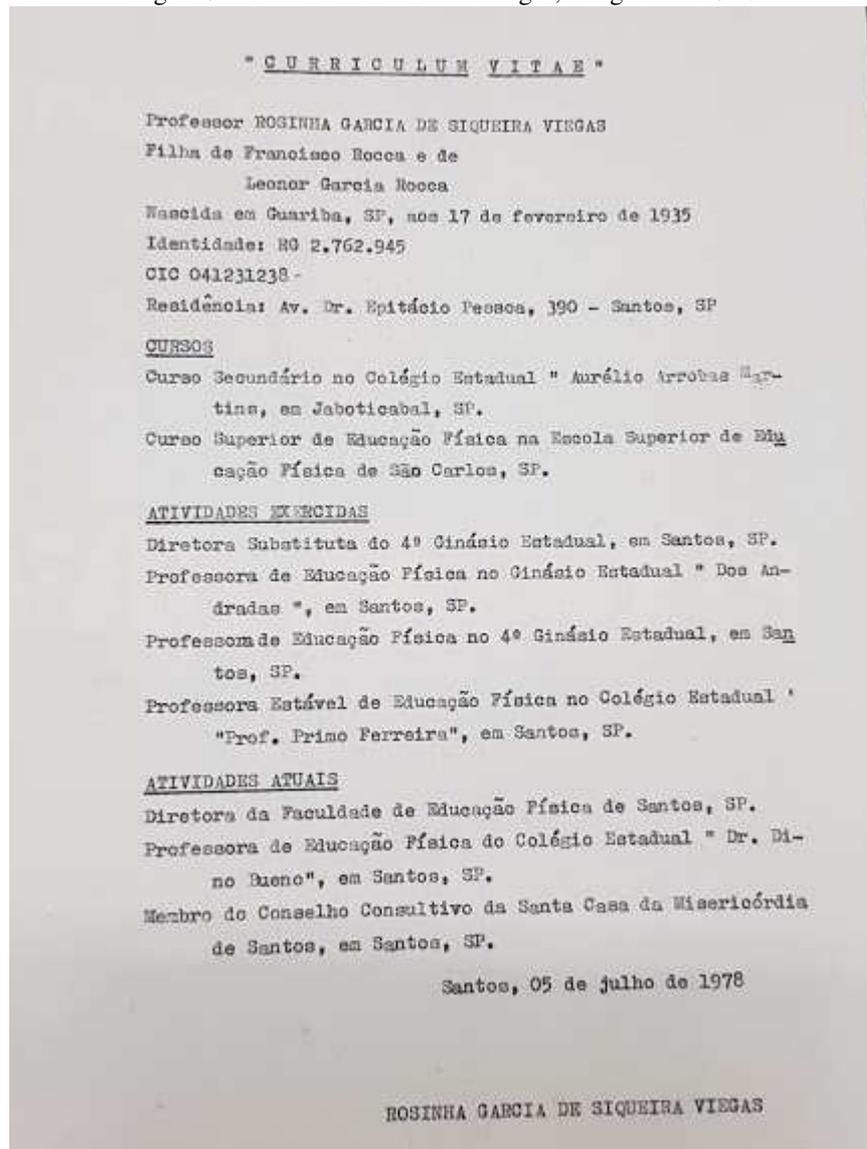
Ele [o padre] chegava no sermão de domingo e acabava com a minha raça. Minha mãe ia à missa e voltava chorando para casa. Eu dizia: ‘Mãe, então não vá à missa, porque eu não posso dar aula de saia’. Ia levantar as pernas, dar cambalhota... Essas coisas que não dão para fazer de saia. [...] Um dia, fui conversar com ele: ‘Padre Celso, eu tenho que dar aula de ginástica, como é que vou dar aula de saia?’. Mas não tinha conversa. [...] Em Guariba, ninguém poderia andar de calça comprida. Ele não entrou em um acordo comigo. Um dia, o padre foi ao púlpito e fez referência ao meu irmão: ‘[...]tem justamente uma irmã que é mulher macho, que anda de calça comprida’. Disse a mim mesma que eu ia me vingar. A cavalo, atropelou o padre. A história se espalhou pela cidade. O povo se revoltou comigo, mas não sabia onde apertava meu sapato. (MELO, 2004, p. 47-48)

---

<sup>48</sup> Para esse tema, posiciono-me a favor das ideias de Soares (2011). Ela contextualiza as roupas como “[...] traços humanos, revelando pertencimentos ou exclusões” e “[...] diferenças entre uma natureza corporal e as marcas da cultura”. Vou além e incluo a questão da especificidade religiosa, tendo em vista este episódio da educadora. A religião e o Estado como interferências no modo de vestir. Na história, a mulher ocidental foi subjugada a não ter seus corpos expostos, de modo a evitar uma suposta distração do público masculino que acompanha as competições ou, ainda pior, remeter a ideia do pecado e da imoralidade. Atualmente, a história ‘se repete’ (se for possível dizer assim) quanto aos costumes de países do Oriente Médio. Em Jogos Olímpicos e outras competições internacionais, vemos as atletas muçulmanas utilizando o *hijab* (véu em árabe, obrigatório para mulheres de acordo com as leis de países islâmicos – a *Sharia*) em modalidades praticadas durante verões escaldantes. Um tanto desumano? Se historicamente a Educação Física e o esporte foram utilizados como instrumentos de vender um ideal de qualidade de vida, fica a contradição nestas condições?

Quando foi aprovada no concurso, mudou-se para Santos e começou a trabalhar como professora estável do Colégio Estadual Professor Primo Ferreira e do Colégio Estadual Dos Andradas. Também foi diretora substituta do 4.º Ginásio Estadual em Santos, conforme pode ser visto no currículo, na Figura 9. Casou-se em 5 de fevereiro de 1961 com o investigador de polícia Rubens Flávio de Siqueira Viegas, tornando-se Rosinha Garcia de Siqueira Viegas. Tiveram dois filhos, Rubens e Renata, e, depois de alguns anos, fundou a FEFIS. A motivação da criação e os desdobramentos desta história seguem nas próximas seções.

Figura 9 - Currículo de Rosinha Viegas, redigido em 1978



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

### 3.2 APROVAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS

Antes mesmo do estabelecimento da Reforma Universitária de 1968, o presidente da República na época, João Goulart, promulgou o decreto n.º 53.741, dispondo sobre um Plano Diretor de Educação Física e de Desportos no País.

Menos de um mês antes do golpe que tirou o último presidente democraticamente eleito antes da Ditadura Civil-Militar, já se existia uma perspectiva de políticas públicas para uma suposta melhoria na capacitação dos professores de Educação Física, que já atuavam nos ensinos ginásial e secundário, além da formação acadêmica, ainda que figurassem poucas instituições de ensino superior na área da EF.

Art. 4.º - A Campanha Nacional de Educação Física, para execução do Plano mencionado no art. 1.º, adotar as seguintes providências:

I - Construção de Centros de Educação Física e Desportos nas unidades universitárias e nos estabelecimentos isolados de ensino superior, bem como em áreas reservadas por municípios.

II - Contrato de pessoal especializado, de acordo com a legislação trabalhista, para proporcionar assistência atléticas universitárias, federações atléticas, à Confederação Brasileira de Desportos Universitários e a entidades desportivas, mediante convênios.

III - Promoção e autorização de jogos, competições e campeonatos de estudantes de grau elementar e médio, além de fornecimento e auxílio para a realização de certames congêneres para universitários e entidades desportivas, estímulo à organização periódica de jogos nacionais de várias nacionalidades.

IV - Venda de equipamento para a Educação Física e Desportos/a unidades escolares, clubes e entidades desportivas, ou distribuição gratuita às que carecem de recursos.

V - Distribuição de insígnias desportivas àquelas que cumprirem os índices das tabelas de eficiência física e habilidade motora/ginástica-desportiva.

VI - Promoção de concursos de obras literárias e artísticas ligadas à Educação Física, nos Desportos e à Recreação.

VII - Organização de congressos, cursos, estágios, certames, simpósios, seminários, encontros e reuniões destinados ao estudo de temas relacionados com a Educação Física, o Desporto e a Recreação, bem assim a concessão de recursos para a participação em promoções congêneres.

VIII - Concessão de bolsas de estudos a jovens que satisfizerem índices desportivos de possibilidades internacionais.

IX - Divulgação, por todos os meios disponíveis, de temas/assuntos de interesse pertinentes à educação física, aos desportos e à recreação. (BRASIL, 1964)

Como é possível constatar, a primeira providência prevista pelo decreto, em menção à Campanha Nacional de Educação Física, é a construção de centros para as práticas da EF em escolas e até universidades, independentemente dos cursos. Para isso, também seria necessário o fortalecimento da formação docente dos profissionais da EF. Outros pontos que encontramos ao longo do trabalho, em outras seções, são as bolsas de estudos concedidas, em que os alunos relatam ter recebido por suas conquistas no cenário esportivo, e o movimento dos Jogos Universitários.

Nesta parte, destaco os resultados da investigação sobre como a FEFIS foi autorizada para o seu funcionamento. Enquanto professora do ginásio em Santos, Rosinha Viegas passou por diversos desafios. Em algumas escolas estaduais, faltavam quadras e espaços para prática adequada da educação física –problema que, mesmo com a campanha em vigor, ainda foi difícil de ser resolvido. A propósito, este foi um problema apontado por professores de EF décadas antes, em manifesto nos anos 1940. Em pesquisa ao acervo do Centro de Memória DeVaney, na Secretaria de Esportes da cidade de Santos, foi encontrada uma pasta com desenhos e fotos das instalações que consideravam as ideais para a realização de práticas físicas, conforme ser visto na Figura 10, a seguir:

Figura 10 -Carta de Oscar da Silva Musa sobre as instalações



Fonte: Arquivo/ Centro de Memória DeVaney

Neste manifesto, o professor Oscar da Silva Musa, que era, até então, o delegado regional de esportes (atual Secretaria de Esportes de Santos), trouxe um diálogo que chama a atenção e que talvez tenha corroborado para a iniciativa privada de Rosinha, como se explica adiante.

Já é chegado o tempo de se ministrar uma aula sem obrigar o professor a improvisar quase tudo, por falta de material necessário. Apelamos a todos os diretores de educandários, professores de educação física e autoridades em geral, a fim de darmos o exemplo. Transformemos a região de Santos no mais bem montado centro de Educação Física do Estado, continuado a ser a pioneira das boas realizações no setor educacional [...] O educandário não conta, no momento, com espaço coberto para a instalação de SALA DE AULA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA? Instale o material ou parte dele, ao ar livre, porém em local adequadamente preparado para, num futuro próximo, receber uma cobertura (galpão modesto, mas que possa abrigar não somente os aparelhos, como em particular os alunos). Tudo é possível realizar, dependendo apenas da boa vontade e sobretudo de um plano diretor, a fim de ser

executado com rigor e dentro do espaço de tempo julgado necessário pelo educandário (MUSA, 1941, grifos do autor).

Rosinha, como mencionado na seção anterior, era formada pela Escola Superior de Educação Física de São Carlos e sempre lecionou ginástica feminina. Rubens, seu marido, era investigador de polícia, mas também ministrava aulas para complementar sua renda. Começou como professor de Latim e, posteriormente, ministrou aulas de educação física masculina por influência de Rosinha, para dividir a demanda que a professora tinha, já que chegou a lecionar em nove escolas simultaneamente. Não possuía formação superior na área, mas se valeu da lei de estabilidade: promulgada durante o governo Castelo Branco, durante a Ditadura Civil-Militar, a legislação previa a efetivação do funcionário público no magistério com mais de cinco anos de atuação.

A FEFIS foi estabelecida por meio de convênio feito entre o casal de educadores e o presidente do Brasil Futebol Clube, Alfredo Cotting. A intermediação foi realizada pelo funcionário Davino Sapucaia Borges, que, de acordo com Melo(2004) e Rubens (2009), se tornou um amigo pessoal, o que teria facilitado a negociação. A assinatura do contrato com o clube foi datada em 1.º de fevereiro de 1969 e o acordo previa que os educadores adquirissem tantos títulos patrimoniais enquanto fossem alunos. Na prática, portanto, os discentessariam obrigados a se tornarem sócios do clube. A aprovação veio em seguida, conforme Figura 11.

Figura 11- Aprovação do funcionamento da FEFIS, no jornal “Cidade de Santos”

Santos — Quinta-feira, 30 de Janeiro de 1969

55-3 — 1.º

## Inspetores federais aprovaram faculdade

"A Faculdade de Educação Física de Santos teve seu funcionamento aprovado pelos Inspetores Federais professores Filó de Azeite e Sebastião da Silva Cruz, que estiveram ontem em Santos inspecionando as instalações e concluíram que existem possibilidades de funcionamento ainda este ano." A informação é do deputado Raul Schwinden, que está na Cidade especialmente para cuidar da instalação da FEFIS.

"Agora — continua o professor Schwinden — é necessário que o Conselho Federal de Educação examine o processo, e provavelmente o parecer será favorável, uma vez que nada impede o funcionamento." E explica: "São Paulo, dado o crescimento de sua rede escolar de grau médio, necessita de professores qualificados, pois só na Balneária Santista há dezenas de professores de Educação Física leigos, por falta de licenciados."

A mesma maneira de pensar tem o Delegado Regional de Educação Física de Santos, sr. Geraldo Fagiano, e a Coordenadora-Geral do Setor Regional de Assistência Pedagógica de Santos, sra. Maria Adelaide Delgado. "Há realmente necessidade de uma Faculdade de Educação Física em Santos, pois se deseja dar uma nova dimensão a esse ensino, principalmente em nossa cidade, onde o esporte, que era cultivado de maneira sócia especial, perdeu muito de seu entusiasmo nos últimos tempos."

**MUITOS CANDIDATOS**

"Mais de 500 candidatos já procuraram inscrever-se nos exames vestibulares, o que evidencia o interesse de nossa cidade pela Educação Física", disse o deputado Raul Schwinden.

"Muitos dos vestimentários são atletas, campeões da Balneária Santista e de outras regiões do Estado, isso possibilitará à FEFIS tornar-se campo logo no primeiro ano de funcionamento, em diversas modalidades de esportes."

"Dessa maneira, a Faculdade, sob a direção da professora Rosinha Garcia de Silveira Viegas, que tem sempre participado das demonstrações esportivas da cidade, procurará ser o centro irradiador de todos os esportes na Balneária Santista, integrando-a perfeitamente ao meio, para que a população reciba seus efeitos."

**FOLCLORE, TURISMO E CIVISMO**

"A FEFIS pretende, em convênio com a Prefeitura e a Secretaria de Turismo, realizar demonstrações de folclore, danças típicas e demonstrações de ginástica, nas datas cívicas. Esses espetáculos serão efetuados não só na Balneária Santista, mas em todo o Estado de São Paulo", informa a professora Rosinha.

"É também pensamento da diretoria dar aulas de ginástica na época das férias, nas praias, às crianças que venham a Santos, bem como organizar demonstrações para os turistas, tudo com elevado espírito educacional", explica a diretora.

Também um curso para professoras normalistas será incluído no programa da FEFIS. "Foi este criado porque o ensino primário do Estado de São Paulo inclui Educação Física; é dedicado às que desejarem especializar-se na disciplina. A duração será de 1 ano, e o número de vagas, de 150".

**PREPARATÓRIO**

No próximo dia 1.º haverá às 8 horas aula inaugural do Curso Preparatório à Faculdade, de, na rua José Knudsen n. 141. As aulas serão práticas e teóricas, para que as 20 vagas existentes sejam preenchidas por boas alunas.

Deputado anuncia nova faculdade para este ano

Fonte: Arquivos Deops/DOPS

Um dia antes, o jornal “Cidade de Santos” já anunciava a vistoria feita por inspetores federais do CFE no Brasil Futebol Clube. O deputado federal Raul Schwinden<sup>49</sup> tornou-se a pessoa responsável pelas tratativas com o governo federal quanto à aprovação do funcionamento da Faculdade. A aproximação de Rosinha e Rubens Viegas com o deputado também foi encontrada no livro de autoria de Rubens.

Procuramos a orientação do deputado federal e amigo Raul Schwinden, que na época era presidente da Apeoesp, o Sindicato dos Professores de São Paulo. Todo mês íamos ao Rio de Janeiro para acompanhar a tramitação do processo. As reuniões do Conselho Federal de Educação aconteciam sempre na primeira semana de cada mês. O deputado nos acompanhou durante um ano nesse processo, que foi o tempo que levou para sair a autorização [...] E no transcorrer destas tramitações, se acentuou a amizade existente (VIEGAS, 2009, p. 93).

Alguns apontamentos encontrados nesta reportagem são essenciais para compreender o momento histórico desta tramitação, levando a compreender alguns motivos por trás de um possível interesse “maior” para a implantação de uma Faculdade de Educação Física em Santos: 1) a necessidade de melhorar a qualificação dos professores de EF do secundário, em razão do aumento das escolas da rede pública neste grau; 2) o apoio e interesse do delegado regional de Educação Física, à época, Geraldo Faggiano<sup>50</sup>, em aprimorar a cultura esportiva da cidade; 3) o interesse de 600 candidatas, a maior parte atletas evidencia a cultura “esportivizada” da EF; 4) interesse de captar esportistas para ganhar visibilidade nas competições esportivas com grande apelo da imprensa à época.

O primeiro vestibular, que contava com mais de 600 candidatas, foi realizado em três fases: a primeira, exame médico; a segunda, no período matutino, as provas práticas; e, por fim, no período vespertino, os exames teóricos. A matéria do jornal “A Tribuna”, datada de 29 de março de 1969, revelava alguns momentos de como o processo seletivo da FEFIS se dava – percebemos pontos importantes quanto à esportivização da EF, em que o peso do desempenho nas práticas desportivas era alto, conforme Figura 12.

Faculdade de Educação Física de Santos, ano I. Primeiro exame. Muita gente está nervosa com esse vestibular: não basta ser bom estudante, é preciso também ser bom atleta. São 249 inscritos, 128 rapazes e 118 moças, que começaram correndo. Elas, de manhã, procurando fazer o menor tempo possível nos 400 metros; eles correram o dobro: 800. À noite, pegaram suas canetas e foram resolver as questões de Matemática, iguais para homens e mulheres. As provas de atletismo serão todas na

<sup>49</sup> Fundador do antigo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e diretor do Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp).

<sup>50</sup> O delegado tornou-se um dos professores da FEFIS após a aprovação e funcionamento das atividades.

pista de atletismo do Brasil Futebol Clube, com exceção do nado, na piscina do Colégio Monte Serrate. Além de saber Biologia, Matemática, Português e Francês (ou Inglês), nesse vestibular os concorrentes devem saltar em distância e altura, trepar em corda, fazer flexões na barra, executar exercícios rítmicos, nadar em muitos estilos e buscar objetos no fundo da piscina. Marçal, Turcão e Paulo, do Santos; Leivinha e Lalá, da Portuguesa de Desportos; Cabralzinho, do Palmeiras, são futebolistas que prestam exames. Paulo Russo, da Seleção Brasileira de Voleibol, e Douglas, seu técnico no Santos, são igualmente candidatos a calouros. Carlos Alberto disse para d. Rosinha Viegas que fará exames ano que vem. E Pelé também está disposto a entrar no curso de Madureza para ser aluno de Educação Física. Pelo menos, é isso que conta a diretora (RAPAZES E MOÇAS CORRENDO PARA ENTRAR NA FACULDADE, 1969, P. 24).

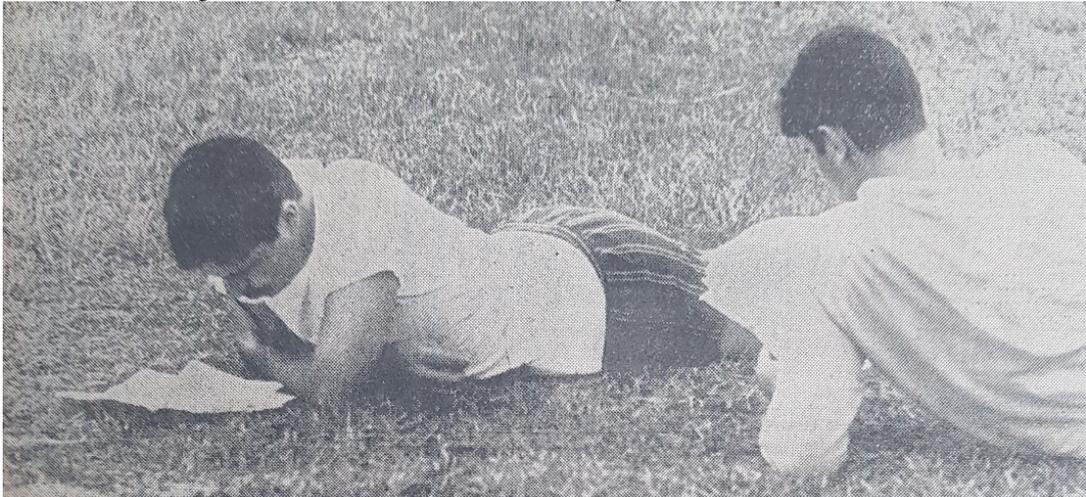
Figura 12 -Exame prático de Atletismo vestibular da FEFIS



Fonte: Arquivo pessoal/Negrelli

A ginástica, o atletismo e a natação eram as práticas básicas pedidas no vestibular da FEFIS. Eram como se fossem os “testes de aptidão”, para que pudessem realizar as disciplinas ao longo do curso sem grandes dificuldades. Mesmo porque, em outros esportes coletivos, como o futebol e o basquete, o pré-requisito era o bom condicionamento físico para correr e executar as jogadas. Estudar teoria também era necessário, conforme Figura 13.

Figura 13 -Candidatos estudando no campo do Brasil Futebol Clube



Fonte: Arquivo/ A Tribuna

Em março de 1969, mesmo mês e ano em que a FEFIS iniciou o processo seletivo discente para a abertura da primeira turma do curso de Educação Física, a cidade de Santos perdia sua autonomia política. O prefeito eleito da época, Esmeraldo Tarquínio, teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional n.º 5 (AI-5) dois dias após tomar posse do poder executivo. Para os agentes do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP), Tarquínio era considerado um “[...]‘marginado’<sup>51</sup>, que teria se envolvido em diversos atos subversivos” (ARAÚJO, 2013, p. 2). Desta forma, a cidade de Santos passou a ser governada por prefeitos nomeados e, no mesmo ano, e considerada como “área de interesse de Segurança Nacional”<sup>52</sup> pelo governo federal durante a Ditadura Civil-Militar.

No início de abril de 1969, precisamente no dia 3, o jornal “A Tribuna” divulgou o resultado do primeiro vestibular da FEFIS, anunciando os aprovados, conforme Figura 14. Nesta lista, estava o próprio marido de Rosinha Viegas, Rubens, que era o mantenedor da Sociedade Civil de Educação Física, e precisava regularizar sua situação como professor, obtendo o diploma na área para atuar nas escolas.

<sup>51</sup> Este é um conceito da autora e, embora ela não tenha feito uma definição, subentende-se que Tarquínio era considerado à margem da sociedade por ser um homem negro com postura política progressista em Santos.

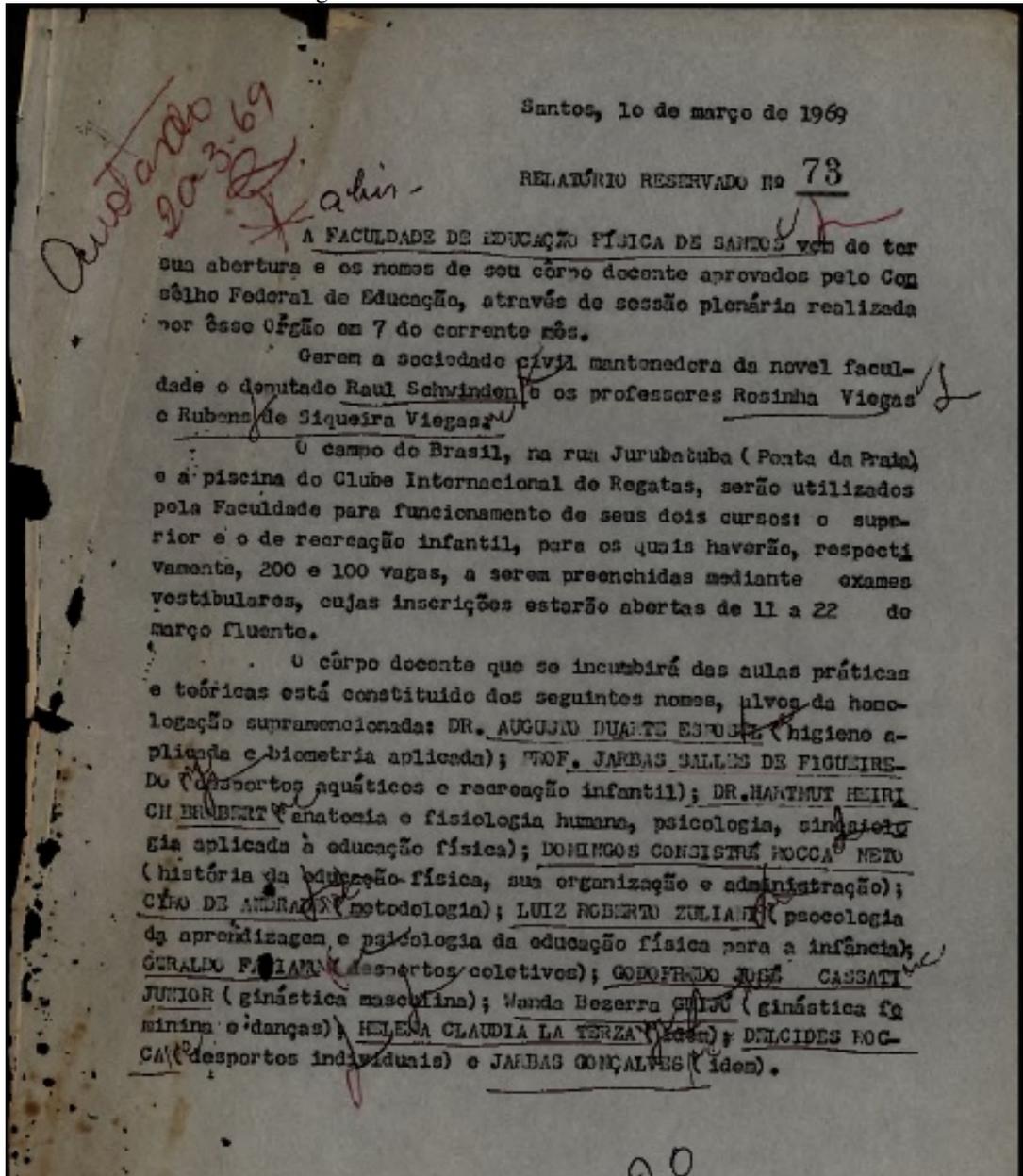
<sup>52</sup> Decreto-lei n.º 865, de 12 de setembro de 1969; feito em função de a cidade apresentar atividade portuária e ser conhecida pelo ativismo político. A intenção era impedir ato de subversão e instaurar ordem política e econômica.

Figura 14 - Aprovação do funcionamento da FEFIS



Nos arquivos DEOPS/DOPS, foi encontrado também um relatório que regulamenta o funcionamento da Faculdade, destacando desde os membros da mantenedora até o corpo docente da instituição, conforme Figura 15.

Figura 15 - Relatório de abertura da FEFIS



Fonte: Arquivos DEOPS/DOPS

Na relação de funcionários da FEFIS, instalada no Brasil Futebol Clube, pode-se constatar a presença do filho de Davino Sapucaia Borges, que ajudou o casal de educadores a viabilizar o convênio com o Brasil Futebol Clube. Percebe-se, também, conforme Figura 16, que a logomarca que representa a FEFIS fazia referência aos aros dos Jogos Olímpicos<sup>53</sup> – uma característica esportiva da FEFIS desde então, pensada por Rosinha e Rubens Viegas?

<sup>53</sup> Atualmente, o COI proíbe que símbolos olímpicos sejam utilizados sem prévia autorização, além de não permitir nenhum usufruto comercial. No artigo 15 da Lei Pelé, apenas o Comitê Brasileiro Olímpico (COB) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) podem fazer atribuição da logomarca.

Figura 16 -Relação da Diretoria e Funcionários da FEFIS

**Faculdade de Educação Física de Santos**  
 RUA ARADUTAN, 47 - CAMPO DO BRASIL - FONE, 3-0220  
 SANTOS - S. P. - BRASIL

**ROSINHA GARCIA DE SIQUEIRA VIEGAS - RG - 2.762.945**  
 Natural de Guariba-SP  
 Filha de Francisco Rocca e  
 Leonor Garcia Rocca

**YVONNE D'ASCOLO VIEIRA - RG - 2.391.968**  
 Natural de Santos-SP  
 Filha de Francisco D'Ascola e  
 Conceição Viola D'Ascola

**BENTO GOMES VIEIRA - RG - 1.995.834**  
 Natural de Ibitinga-SP  
 Filho de José Gomes Vieira e  
 Maria Sinões Vieira

**ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA BORGES - RG- 6.540.972**  
 Natural de Santos-SP  
 Filho de Davino Sapucáia Borges e  
 Celina de Oliveira Borges

**CELINA DE OLIVEIRA BORGES - RG- 5.666.265**  
 Natural de Nairi-Ba  
 Filha de Gaudêncio de Oliveira e  
 Maria L. de Oliveira

**SEVERINO JOAQUIM DA CUNHA - RG- 624.457-Pe**  
 Natural de Igarassu-Pe  
 Filho de Manoel Joaquim da Cunha e  
 Cosena Ana da Cunha

**EFRAIM JOAQUIM DA CUNHA - RG - 878.660-Pe**  
 Natural de Igarassu-Pe  
 Filho de Manoel Joaquim da Cunha e  
 Rosena Ana da Cunha

\* \* \* \* \*

**Professor JOSÉ MARCONDES - RG- 3.230.709**  
 Natural de Andradés-MG  
 Filho de Benedito Marcondes e  
 Ida Dominichelli Marcondes

Santos, 29 de junho de 1972

*Rosinha Garcia de Siqueira Viegas*  
 ROSINHA GARCIA DE SIQUEIRA VIEGAS  
 Diretora

Fonte: Arquivos DEOPS/DOPS

### 3.3 BRASIL FUTEBOL CLUBE E CLUBE INTERNACIONAL DE REGATAS: A INFLUÊNCIA DOS CLUBES SOCIODESPORTIVOS NA ESPORTIVIZAÇÃO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FEFIS

Neste fragmento, proponho alguns recortes históricos da influência dos clubes nos cursos de Educação Física de ensino superior. Para a FEFIS, dois clubes desportivos de Santos fizeram parte das práticas dos estudantes: o Brasil Futebol Clube (onde situava-se a sede da Faculdade) e o Clube Internacional de Regatas (onde eram realizadas as aulas da cadeira de Desportos Aquáticos).

Antes de dissertar sobre a história dos dois clubes citados, fundamento brevemente a história dos clubes socioesportivos<sup>54</sup> no Brasil. Barros (2016) traz elementos que elucidam aspectos sobre esta discussão. A influência da Família Real Portuguesa e a imigração de outros povos europeus contribuíram para que o Brasil se tornasse uma “filial europeia” no esporte. Prova disso é que o primeiro clube brasileiro a ser fundado, de acordo com a Confederação Brasileira de Clubes (CBC), foi a Sociedade Germânica<sup>55</sup>, criada em 20 de agosto de 1821, ainda no período do Brasil Colônia. De acordo com Barros (2016, p. 29), “[...]os diversos clubes espalhados pelo Brasil que foram fundados ainda no século XIX demonstra que clubes socioesportivos eram uma tendência da época, não importando assim o local de sua instalação, mas a ideia de associação e grupos de interesse”.

Em 1955, Santos ganhava o prêmio concedido pelo jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro. À época, premiavam a cidade mais esportiva do Brasil e o critério para a escolha veio de um trabalho realizado pelo jornalista Adriano Neiva da Motta e Silva, conhecido por De Vaney<sup>56</sup>. Ele realizou uma longa pesquisa, mostrando o número de clubes desportivos que Santos abrigava até então.

No acervo do Centro de Memória que leva seu nome, tive acesso a uma pesquisa feita por um jornalista chamado Roberto Paulino. Nestes documentos, constatou-se que, até o ano de 1969, quando foi a fundação e início da primeira turma da FEFIS, a cidade de Santos contava com 154 clubes esportivos. Percebe-se um *boom* de criação de clubes de futebol na década de 1910, em Santos, incluindo a fundação do Santos Futebol Clube, do qual parte dos atletas estudou na FEFIS.

A lista é composta por: Clube de Regatas Santista (1893), Clube Nacional de Regatas (1893), Clube Internacional de Regatas (1889), Santos *AthleticClub*, conhecido por Clube dos Ingleses (1889), Clube Atlético Americano (1902), Clube Atlético Internacional (1902), Clube de Regatas Saldanha da Gama (1903), Clube de Regatas Vasco da Gama (1911), Santos Futebol Clube (1912), São Paulo *Railway* (1913), Brasil Futebol Clube (1913), América *FootballClub* (1914), São Cristóvão (1914), Atlas *FootballClub* (1914), Clube Atlético Santista (1914), Associação Atlética Americana (1914), Esporte Clube Nacional (1914), Rio de Janeiro Futebol Clube (1914), Miramar Futebol Clube (1914), Ypiranga

<sup>54</sup> Por socioesportivos entendem-se aquelas agremiações que não só investem no esporte competitivo, mas nas atividades sociais (festas, eventos etc.).

<sup>55</sup> Ligada à colônia alemã no Brasil.

<sup>56</sup> Leva o nome do Centro de Memória Esportiva da cidade de Santos, onde foram realizadas algumas pesquisas para este trabalho.

Futebol Clube (1914), Rio Grande Futebol Clube (1914), Jabaquara Atlético Clube, ex-Hespanha (1914), Atlântico Futebol Clube (1914), Excelsior Futebol Clube (1914), *Black and White* Futebol Clube (1915), Vera Cruz Futebol Clube (1915), Esporte Clube Ingaguassu (1915), Docas de Santos *Club* (1915), XI de Novembro Futebol Clube (1915), Argonautas Atlético Clube (1915), Guarani *Football Club* (1915), Associação Atlética Lusitana (1915), Americano *Football Club* (1915), ABC *Football Club* (1916), Libertário Futebol Clube (1916), Gonzaga Futebol Clube (1916), Paysandu Futebol Clube (1916), Paulistano Futebol Clube (1916), Corinthians Futebol Clube (1916), Santópolis Futebol Clube (1916), Nobel Futebol Clube (1916), Espéria Futebol Clube (1916), Carioca Futebol Clube (1916), Bangu Atlético Clube (1916), Monteiro Lopes Futebol Clube (1916), Santa Cleo Futebol Clube (1916), Uruguay Futebol Clube (1916), Associação Predial Futebol Clube (1916), Associação Atlética Salesiana (1916), Associação Atlética São Bento (1917), Associação Atlética Ordem e Progresso (1917), União Santista *Football Club* (1917), Associação Atlética Amazonas (1917), Centro Sportivo União Santista (1917), Bello Horizonte Futebol Clube (1917), Associação Atlética Rio Branco (1917), Sul América Futebol Clube (1917), Barroso Futebol Clube (1917), Clube Velo Santista (1917), *Sport Club* Corinthians Santista (1917), Riachuelo Futebol Clube (1917), Externo Santa Cruz Futebol Clube (1917), Associação Atlética Pátria Brasileira (1917), Maranhão Futebol Clube (1917), Aliados Futebol Clube (1917), Associação Atlética Portuguesa (1917), Tecelagem Futebol Clube (1918), Estrela do Oriente Futebol Clube (1918), Paraná Futebol Clube (1920), Clube de Xadrez de Santos (1925), Esporte Clube Vasco da Gama do Macuco (1925), Esporte Clube Senador Feijó (1925), Santa Maria Atlético Clube (1925), Tênis Clube de Santos (1926), Companhia City Atlético Clube (1926), Esporte Clube XV de Novembro (1926), Shell Esporte Clube (1928), Santos Moto Clube (1931), Paulistano Futebol Clube (1933), Associação Desportiva Polícia Militar (1933), Associação Atlética Banco do Brasil (1933), Paquetá Futebol Clube (1935), Pouca Roupas Futebol Clube (1935), Independente Futebol Clube (1935), Grupo Graussás (1936), Clube Atlético Vila Henedina (1938), Clube Atlântico (1938), Clube Atlântico (1938), Fluminense Atlético Clube (1938), Nosso Clube (1939), S. Magalhães Clube (1939), Clube Atlético Lanus (1939), Boqueirão Praia Clube (1939), Fri-Kiki Clube (1939), Afonso Pena Futebol Clube (1939), Unidos Praia Clube (1939), Clube de Regatas Flórida (1940), Sorocabana Atlético Clube, Paulistano Futebol Clube (1941), Jaú Futebol Clube (1943), Esporte Clube Vasco da Gama, o Vasquinho do Campo Grande (1943), Telefônica Atlético Clube (1944), Ouro Preto Futebol Clube (1945), Marinheiros Futebol Clube (1945), Esporte Clube Martins Fontes (1945), Pombal Futebol Clube (1945), Paquetá Futebol Clube (1945),

Clube Atlético Santa Cecília (1946), Oswaldo Cruz Atlético Clube (1946), São João Clube (1946), Acaraí Praia Clube (1946), Pic-Nic Clube (1946), São Paulo Futebol Clube (1946), Sociedade Esportiva Barreiros (1948), Praia Futebol Clube (1948), Pará Futebol Clube (1948), União Futebol Clube (1948), Esporte Clube Vila Jockey (1948), Vila Atlântica Futebol Clube (1949), Santa Isabel Atlético Clube (1949), Bacia Futebol Clube (1949), Primeiro de Maio Atlético Clube (1950), Clube de Regatas Cunha Moreira (1950), Bandeirantes Futebol Clube (1950), Ouro Verde Futebol Clube (1950), Grêmio Recreativo Consertadores (1950), Associação Santista de Tiro ao Alvo (1950), Clube Santista de Halterofilismo (1950), Esporte Clube Corinthians Santista (1951), Associação Esportiva Casa Branca (1952), Estrela de Ouro Futebol Clube (1952), Tamoio Atlético Clube (1952), SMTC Atlético Clube (1952), Tricolor Futebol Clube (1952), Clube de Regatas Pompéia (1952), It Clube (1954), Caiçara Praia Clube (1954), Grêmio A Tribuna (1954), Esporte Clube 7 de Setembro (1956), Associação Desportiva Clube Copebrás (1956), Clube 2004 (1957), Sociedade Esportiva Nova Cintra (1958), Tropical Praia Clube (1958), Associação dos Funcionários da Cosipa (1959), Alvi-Verde Futebol Clube (1960), Esporte Clube Morávia (1960), Clube Esportivo Nove de Julho (1961), Clube Tricanas de Coimbra (1962), Jabaquara Futebol Clube (1962), Samburá Praia Clube (1963), Grêmio Esportivo Camboja (1963), Grêmio Esportivo Athié (1966), Grêmio Prodesan (1968) e Esporte Clube Safra 69 (1969).

O Brasil Futebol Clube foi criado em 21 de agosto de 1913, a princípio, somente com o objetivo de se formar uma equipe de futebol competitiva. Ainda não existia um campeonato santista de futebol, tendo sido criado somente dois anos depois. Encontrei um relato da Revista de Amadores do clube, datada de 1948, citando as dificuldades iniciais do clube, a saber

Inúmeras dificuldades, a maior das quais era a falta de campo para os exercícios, surgiram logo de início, provocando o abandono em que o deixaram alguns dos seus fundadores. À força da vontade de meia dúzia de idealistas, deve o Brasil Futebol Clube não ter percebido a esses primeiros revezes (HOMENAGEM AOS SEUS AMADORES, 1948).

Ulrico Mursa<sup>57</sup>, à época, superintendente da Companhia Docas de Santos, conferiu a título precário uma área de construção para o campo de futebol do clube no Bairro do Paquetá. Em 1915, foi realizado primeiro campeonato de futebol da cidade, organizada pela Liga Santista de Esportes Atlético. O Brasil Futebol Clube teria cooperado para tal fundação

---

<sup>57</sup> Empréstimo o nome ao estádio da Associação Atlética Portuguesa Santista, em Santos.

– e o campo foi construído na Avenida Conselheiro Nébias, um dos principais logradouros da cidade.

Nos anos 1950, o clube já contava com outras modalidades, como o atletismo e o basquete, e o local também já ficava em outro lugar, ainda maior para as modalidades, à Rua Arabutan, 47, onde a FEFIS passou a funcionar, conforme Figura 17.

Figura 17 - Campo de futebol do Brasil Futebol Clube, em 1970



Fonte: Centro de Memória Esportiva DeVaney

Além das quadras de basquete, pista de atletismo e o campo de futebol já disponíveis, é possível evidenciar as contribuições da FEFIS para o próprio clube. Viegas (2009, p. 92) menciona os feitos ao Brasil Futebol Clube nesta passagem e que estão demonstrados na Figura 18.

Durante os 30 anos em que permanecemos no clube, construímos três prédios com cerca de 15 salas e as demais dependências necessárias para o funcionamento da escola. Construímos também dois ginásios cobertos, piscina, salão espelhado para ginástica olímpica e danças folclóricas, sala para judô e lutas marciais e biblioteca. E ainda, uma nova sede de uso exclusivo do clube para atendimento aos associados. (VIEGAS, 2009, p. 92)

Figura 18 - Ampliação do prédio do Brasil Futebol Clube para salas de aula da FEFIS



Fonte: Centro de Memória Esportiva DeVaney

O Clube Internacional de Regatas foi utilizado nas primeiras décadas para a prática da disciplina de Desportos Aquáticos (e, em algumas ocasiões, a piscina utilizada para as práticas era da própria diretora da FEFIS, em sua casa). A agremiação era um dos símbolos da história do remo e das práticas náuticas em geral, como o iatismo, na cidade de Santos, conforme Figura 19.

Figura 19 -Competição de remo do Clube Internacional de Regatas



Fonte: *Site* Novo Milênio

Foi criado em função de uma dissidência de 32 jovens que não concordavam com as políticas praticadas no Clube de Regatas Santista. Em 1900, sua sede social foi transferida para o bairro da Ponta da Praia e, em 1912, “[...] teve o maior número de sócios entre clubes e agremiações da cidade” (SOUZA, 2012, p. 35).

A piscina semiolímpica<sup>58</sup>, utilizada pelos estudantes da FEFIS, foi criada no ano de 1954 e chamada de Theodorino Freitas Nascimento, em homenagem a um remador. O clube até hoje figura entre os mais bem frequentados e que consegue manter bons ativos financeiros em função de seu trabalho no patrimônio e social (SOUZA, 2012).

### 3.4 COMPONENTES CURRICULARES E CURSOS LIVRES: UMA CULTURA ESPORTIVA?

<sup>58</sup> Chamada também de “piscina curta”, seu tamanho é de 25x20m.

A proposta nesta investigação é abordar como eram os componentes curriculares da FEFIS e se eles configurariam, de fato, uma cultura esportiva. Para esta pesquisa, acessei os currículos do curso de Educação Física da FEFIS em quatro décadas: anos 1960 (referente ao primeiro ano de atividades da instituição); anos 1970; anos 1980 e início dos anos 1990. A proposta é trazer um comparativo entre os componentes curriculares de cada época e refletir como a racionalidade da “esportivização” da Educação Física se configurou na academia – e questionar se realmente a influência das modalidades esportivas foi preponderante no recorte histórico desta investigação.

Pelos recortes de jornais, também colocamos em diálogo a possível hegemonia do ensino do esporte nos chamados “cursos livres”<sup>59</sup>, realizados durante o período de férias escolares nos meses de janeiro.

Sob o patrocínio da FIEP, a FEFIS recebeu, de 10 a 21 de janeiro de 1972, o 1.º Curso de Férias de Santos. Ele era destinado a professores de Educação Física, Médicos, Especialistas, Técnicos Desportivos e Diplomados de 1972. Houve aí uma distinção pelo caráter de especialização e nível de pós-graduação, no qual os dez cursos foram divididos em teóricos e práticos. Os conferencistas foram: Jayr Jordão Ramos, Inezil Penna Marinho, Isel de Carvalho, Waldemar Areno e Jacintho Francisco Targa. De acordo com o boletim da FIEP, o curso reuniu 571 participantes de diferentes estados e de outros países sul-americanos. Teve a coordenação geral do professor Inezil Penna Marinho, que foi redator especial do Ministério da Educação e uma das primeiras referências nos estudos de História da Educação Física em caráter mais documental (GRUHN, 2010).

Na coleta de depoimentos de ex-alunos e ex-professores da FEFIS, encontramos Helena Cláudia La Terza, professora da instituição e ex-nadadora do Clube Internacional de Regatas, clube da cidade de Santos. Os docentes da época correspondente entre os anos de 1969 a 1985 (que constam dos arquivos) já faleceram, exceto ela. São colocados alguns trechos de sua fala quanto às questões de currículo – na instituição, ela lecionava Ginástica Femininas primeiras décadas e ficou no quadro de professores até 2003, quando precisou se afastar por problemas de saúde.

---

<sup>59</sup> Apesar de semelhante aos chamados cursos técnicos, os cursos livres diferem por não possuírem uma regulamentação específica. Apresentam carga horária de curta duração e, em geral, são ministrados conteúdos mais segmentados. Não possuem, portanto, regulamentação do MEC ou de secretarias estaduais de educação. (EDUCAR E TRANSFORMAR, 2020) De acordo com o MEC, também são chamados de “profissionalizantes”. Os desdobramentos legais desses cursos constam na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 – LDB – Lei n.º 9.394/1996.

Assim como uma instituição escolar sempre é construída, com seus sujeitos e culturas particulares, com o currículo, o processo também não é diferente. Nunca é neutro e parte sempre de uma tradição seletiva (APPLE, 2000), produzida por quem detém o poder. Em outras palavras, o currículo escolar (seja na educação básica como no ensino superior) é resultante de conflitos, tensões e configurações culturais.

Para Saviani (2005), o currículo nada mais é do que uma seleção, com sequência e dosagem de conteúdos da cultura, em uma perspectiva do processo de ensino-aprendizagem que

Compreende conhecimentos, ideias, hábitos, valores, convicções, técnicas, recursos, artefatos, procedimentos, símbolos etc. dispostos em conjuntos de matérias/disciplinas escolares e respectivos programas, com indicações de atividades/experiências para sua consolidação e avaliação (SAVIANI, 2005, p. 35).

Sobre a Educação Física enquanto uma disciplina acadêmica, é salutar trazer para o debate a questão da cientificidade. Betti (2005, p. 183) propõe uma dialética entre a teoria e a prática como o "fazer corporal" e o "saber sobre esse fazer" e que, para isso, a disciplina é concebida na "[...]mediação entre a matriz científica e na matriz pedagógica". Nos próximos parágrafos, o leitor poderá perceber como este entendimento vai ao encontro da composição dos componentes curriculares da FEFIS nos anos que propus investigar nesta dissertação.

No plano acadêmico, a FEFIS procurou seguir um modelo de formação semelhante à Escola Superior de Educação Physica do Estado de São Paulo – ESEP, atual EEFE-USP. A maior parte do corpo docente era composta por professores formados e/ou que lecionavam nesta escola superior. Entre 22 professores do quadro inicial, 15 obtiveram formação pela USP: Augusto Duarte Esposel (Higiene Aplicada; Biometria Aplicada), Cyro de Andrade<sup>60</sup> (Metodologia), Jarbas Salles de Figueiredo<sup>61</sup> (Desportos Aquáticos; Recreação Infantil), José Roberto Borsari (Desportos Coletivos - Futebol; Handebol Feminino), Luiz Roberto Zuliani (Psicologia da Aprendizagem; Psicologia da Educação Física para a Infância), Walter Hermann Siegl (Cinesiologia; Biologia), Helena Cláudia La Terza (Ginástica Feminina), Wanda Bezerra Grijó<sup>62</sup> (Basquete Feminino), Sérgio de Souza Franzolin (Judô), Roberto

---

<sup>60</sup> Professor catedrático da USP, foi um dos fundadores da Escola Superior de Educação Física e Esportes da instituição; seu nome foi dado à Biblioteca da Escola de Educação Física da USP, depois que a escola foi integrada à USP, em 1969. (BIBLIOTECA CYRO DE ANDRADE, 2013).

<sup>61</sup> Foi também professor da EEFE desde o início de suas atividades, tendo sido o responsável pela aula inaugural do curso em 4 de agosto de 1934. O tema foi “Atividades Físicas para Crianças de 7/8 anos de Idade” (MASSUCATO; BARBANTI, 1999).

<sup>62</sup> Competiu pelas seleções santista, paulista e brasileira de basquete; conquistou os seguintes títulos: Campeonato Santista de Basquete, Jogos Abertos do Interior (ano não encontrado), Campeonato Paulista,

Eleasar Nemer (Ginástica; Didática), Paulo de Tarso Bartholomeu Silva (Basquete)<sup>63</sup>, Paulo Horneaux de Moura Filho (Estudos de Problemas Brasileiros), Mariângela Regina La Terzados Santos (Danças) e Alcino Pellegrini (Basquete Masculino) e Geraldo Faggiano (Desportos Coletivos – Voleibol). As informações sobre a relação de professores foram acessadas pelos arquivos antigos da instituição e também do DOPS/DEOPS<sup>64</sup>, que estão disponíveis na seção Anexos.

Esta escolha não aconteceu por acaso. A professora Rosinha optou por professores da USP, levando em conta a referência da instituição quanto à formação de professores de Educação Física, e por ser a única existente na cidade de São Paulo até aquele momento, o que facilitaria a locomoção dos professores que moravam na capital até Santos. Os demais docentes eram oriundos da Escola Superior de São Carlos, incluindo dois de seus irmãos, Delcides Rocca (Atletismo) e Domingos Consistre Rocca Neto (História da Educação Física), e o professor Godofredo José Casati Junior<sup>65</sup> (Ginástica Masculina). Os professores João Luongo obtiveram formação na Escola Paulista de Medicina (atual UNIFESP) e o professor Coronel Helder Serra, que dividia a cadeira de Estudos de Problemas Brasileiros com o professor Padre Paulo Horneaux de Moura Filho, era formado na Academia Militar Agulhas Negras<sup>66</sup>, no Rio de Janeiro.

No trecho da entrevista realizada com a professora Helena Cláudia La Terza, ela explica como foi chamada para compor o quadro de professores da FEFIS. É possível perceber uma evidência da esportivização nas primeiras classes que lecionou.

A Rosinha ainda era professora do Estado, e eu também era uma das poucas professoras de Educação Física de Santos. Você acabava conhecendo quase que todo mundo... Lembro que ainda estudava na USP, mas já estava dando aula, dei aula no Colégio Dante Alighieri, em São Paulo. Ela queria contratar aqueles alunos que

Campeonato Brasileiro (datas não indicadas), bronze nos Jogos Pan-americanos de 1955, no México (ALMANAQUE ESPORTIVO DE SANTOS, 2009).

<sup>63</sup> Foi técnico desportivo do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo; em 1967, foi afastado de suas funções no estado para participar do V Campeonato Mundial de Basquete Feminino na antiga Tchecoslováquia – atual República Tcheca).

<sup>64</sup> Departamento de Ordem Política e Social e Departamento de Ordem Política e Social; em função da Faculdade ter tido início no auge da Ditadura Civil-Militar, acabou sendo uma das instituições a serem vigiadas e fichadas pelos órgãos citados. Vale a pena reforçar, pelo contexto da época, que Santos era considerada “Área de Segurança Nacional”, em que o próprio prefeito democraticamente eleito, Esmeraldo Tarquínio, havia sido cassado. O episódio precedeu a perda da autonomia política da Cidade (WILLIANS, 2019).

<sup>65</sup> Foi um dos precursores, ao lado de Auguste Listello, do ensino de handebol em Santos.

<sup>66</sup> Quando se formou (1943), era chamada de Escola Militar de Realengo.

estavam para se formar na USP. Chegou ao ouvido dela uma vez, falaram do meu trabalho, não sei quem foi. Sei que me reuni com ela no Jornal A Tribuna, ela tinha me falado que ia abrir a Faculdade e se eu queria dar aula. E eu fiquei muito feliz. Porque muitas das minhas alunas eram pessoas que jogaram vôlei comigo na Seleção... uma delas foi a Maria José Marques, era levantadora<sup>67</sup>, hoje é professora de Pedagogia (LA TERZA, 2018).

O desenvolvimento dos conteúdos trabalhados nos componentes curriculares da época mostrava abertura à pesquisa pelo esporte, e já se manifestava a introdução à Medicina e Saúde<sup>68</sup>, uma tendência que veio crescendo nas matrizes curriculares dos cursos de Educação Física das últimas décadas de 2000-2010:

Nós, professores, tínhamos liberdade. A Rosinha falava que a disciplina era minha, e que eu tinha de fazer o que eu achava que tinha de ser feito. Como eu vim da USP, eu me baseava no que eu tinha estudado lá e o mecanismo corporal eu tive lá, era bem interessante... quando a gente tinha aula de parto, as meninas iam procurar filme, vídeo pra passar aula de parto e, às vezes, elas queriam levar até médico, pra fazer as coisas lá, e elas aprenderam muito, e era tudo com desenho, tudo com jornal, tudo com pesquisa, e a gente foi indo. Um dos trabalhos que nunca irei me esquecer que dei para as minhas alunas da FEFIS foi sobre os Jogos Olímpicos. Na época que pedi para a classe fazer. Foi da edição de Munique, em 1972. Tem outro dos Jogos de Montreal, de 1976. Guardo esses trabalhos até hoje comigo, quero doar para a Faculdade. Tenho muita paixão por eles. É algo que prevalece há 46 anos, feito com capa dura, as alunas faziam com recorte de jornal, ou senão, batido à máquina de escrever, ou com outros materiais que encontravam (LA TERZA, 2018).

Para esta pesquisa, a professora Helena cedeu alguns dos trabalhos feitos por seus alunos da FEFIS na década de 1970 que foram supervisionados por ela. Um deles é mencionado durante a entrevista, mostrando outra influência da esportivização nos trabalhos teóricos na disciplina de Ginástica Feminina. O leitor pode reparar, na Figura 20, a seguir, que eram feitas com “garatujas” (desenho rudimentar, feito em formas geométricas), o que reforça a hegemonia do esporte como característica mais clara sobre execução – embora execução não seja uma atividade somente de um esportista ou de alguém que pratique um esporte.

---

<sup>67</sup> É o atleta de vôlei que possibilita a jogada para o ataque durante a partida.

<sup>68</sup> Apesar desse movimento na disciplina acadêmica, estudiosos como Bracht (1999) e Betti (2005) atentaram-se à uma possível falta de “identidade epistemológica” e “disciplinar” no campo da Educação Física. Existem muitos outros estudos da História da Educação Física, como o de Oliveira (1983) que questiona qual a real definição (se é possível apostar em uma definição) sobre a constituição da Educação Física: é um desporto? É ginástica? É política? É educação? É saúde? É ciência do movimento? Ou é tudo isso?

Figura 20 -Trabalho teórico sobre Jogos Olímpicos de Montreal, na disciplina “Ginástica Feminina”



Fonte: Arquivo pessoal/ La Terza

Nos arquivos da FEFIS, foram encontradas oito caixas de slides antigos usados para a disciplina de Basquete (conforme mostra a Figura 21, o componente curricular era chamado à época de “Bola ao Cesto”). Eram ministrados pelo professor Alcino Pellegrini<sup>69</sup>, que foi preparador físico do time de futebol do Santos e, como atleta, dedicou-se ao basquete. O professor, que era conhecido pelos demais docentes, diretoria e alunos como “Véio”, dividia os slides entre os seguintes conteúdos: Noções do Jogo; Pivô; Defesa; Sinalização, Planilha e Quadra; Drible; Passes; Arremessos; Manejo da Bola. A identidade “tecnicista” do componente curricular, mais uma vez, pode ser percebida e analisada na imagem da Figura 21, a seguir.

<sup>69</sup> Como jogador de basquete, atuou pelo time da ACCP (Associação Casabranquense de Cultura Física), posteriormente, como universitário na USP, jogou no Esperia, no São Paulo, no Palestra Itália (atual SE Palmeiras), na Federação Universitária e integrou a seleção paulista e a seleção brasileira (GROHMANN, 2010).

Figura 21- Trabalho teórico de Basquete do professor Alcino Pellegrini



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

Um estudo de Gonzalez (2004) explicita alguns pontos que encontraremos a seguir em relação à disposição dos componentes curriculares da FEFIS. A primeira delas é a separação entre teoria e prática. A ênfase teórica se dá, especialmente, "[...]na área biológica e psicológica" (GONZALEZ, 2004, p. 213). Também aponta algumas considerações que parecem pertinentes para o entendimento da condução dos conteúdos e das matrizes curriculares, defendendo uma ressignificação da cultura do esporte no ensino da Educação Física, de modo a formar profissionais na perspectiva da “pedagogia do esporte”. Será que a montagem do currículo foi considerada dessa forma? A seguir, mostraremos no Quadro 2 o currículo de três décadas distintas: anos 1960, 1970 e 1980, diferenciando também quais disciplinas eram para as turmas masculinas e femininas.

Quadro 2 - Componentes curriculares do curso de Educação Física da FEFIS (1969-1985)

1.º ANO/1969	2.º ANO - 1970	3.º ANO - 1971
História da Educação Física	Psicologia da Aprendizagem	Psicologia Aplicada
Metodologia da Educação Física	Metodologia da Educação Física	Metodologia da Educação Física
Anatomia Humana	Ginástica Feminina	Estudos de Problemas Brasileiros
Fisiologia Humana	Desportos Individuais (Atletismo)	Cinesiologia Aplicada
Higiene Aplicada	Desportos Coletivos (Bola ao Cesto)	Biometria Aplicada
Ginástica Masculina/Feminina		
1.º ANO/1969	2.º ANO - 1970	3.º ANO - 1971
	Desportos Aquáticos (Natação)	Fisioterapia e Socorros de Urgência Aplicados
Desportos Coletivos (Voleibol)	Desportos Coletivos (Voleibol)	Desportos de Ataque e Defesa (Judô)
Desportos Individuais (Atletismo)	Organização e Administração da Educação Física	Desportos Coletivos (Handebol)

Danças	Ginástica para a Infância	Desportos Coletivos (Bola ao Cesto)
	Ginástica Masculina/Feminina	Ginástica Masculina/Feminina
		Recreação
<b>1.º ANO/1976</b>	<b>2.º ANO - 1977</b>	<b>3.º ANO - 1979</b>
História da Educação Física	Psicologia	Didática (Prática de Ensino)
Didática (Prática de Ensino)	Didática (Prática de Ensino)	Psicologia
Anatomia	Ginástica	Biometria
Fisiologia	Atletismo	Futebol
Higiene	Bola ao Cesto	Socorros Urgentes
Voleibol	Natação	Judô
Atletismo	Voleibol	Handebol
Danças <sup>70</sup>	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1.º e 2.º graus	Bola ao Cesto
Rítmica	Estudo de Problemas Brasileiros	Ginástica
Biologia	Cinesiologia	Recreação
	Rítmica	Massagem e Ginástica Corretiva
		Rítmica

(continuação)

<b>1.º ANO/1983</b>	<b>2.º ANO - 1984</b>	<b>3.º ANO - 1985</b>
História da Educação Física	Psicologia da Educação	Didática (Prática de Ensino 1.º e 2.º Graus)
Didática (Prática de Ensino 1.º e 2.º Graus)	Didática (Prática de Ensino 1.º e 2.º Graus)	Psicologia da Educação
Anatomia	Ginástica	Biometria
Fisiologia	Atletismo	Futebol <sup>71</sup>
Higiene	Bola ao Cesto	Socorros Urgentes
Ginástica	Natação	Judô
Voleibol	Voleibol	Handebol
Atletismo	Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	Bola ao Cesto
Danças	Estudo de Problemas Brasileiros	Ginástica
Ginástica de Solo	Cinesiologia	Recreação
Rítmica	Rítmica	Massagem e Ginástica Corretiva
Biologia		Rítmica

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira turma de Educação Física da FEFIS, que correspondeu aos anos de 1969, 1970 e 1971, absorveu conteúdo de um currículo que valorizava as metodologias da EF – a disciplina era ministrada pelo professor Cyro de Andrade nos três anos de curso. Calistenia, Desportiva Generalizada, Métodos Francês, Alemão e Sueco eram presentes na disciplina. O repertório dos professores em trazer as influências do ensino da EEFÉ – depois integrada à USP – era notório. No *site* oficial da Escola de Educação Física e Esporte da USP, setor “história”, faz-se a seguinte menção quanto ao objetivo inicial de formação docente: “A área da Educação Física era vista majoritariamente pela perspectiva profissional e não acadêmica.

<sup>70</sup> Somente para mulheres.<sup>71</sup> Somente para homens.

O curso, portanto, focava-se em disciplinas de orientação prática, como esportes, jogos e danças. O lema era: ‘aprender a executar para poder ensinar’” (EEFE, 2020).

Mesmo que se tratasse de um curso de licenciatura, ou seja, com o enfoque na formação docente, a visão neoliberal do mercado de trabalho já prevalecia na constituição de um currículo que atendesse às novas demandas da época – e o esporte era uma delas. Nessa perspectiva, Neira (2015, p. 283) traz a seguinte contribuição sobre a influência do neoliberalismo no desenho de um currículo nas escolas superiores de Educação Física: “[...] a função social da escola passa a ser a transmissão de habilidades e competências ao aluno para que este possa instrumentalizar-se e inserir-se competitivamente no mundo do trabalho”.

Considerando esta realidade das práticas esportivas, também deve-se acrescentar que a fundamentação teórica da Educação Física enquanto disciplina acadêmica ainda era rasa até a metade dos anos 1970, muito pelo fato de não existir uma literatura mais ampla. William Urizzide Lima comenta sobre este aspecto no capítulo “Memória e História Oral: Experiências e Percepções de Ex-Alunos Esportistas sobre a FEFIS”.

Prova deste aspecto é que a origem histórica do desenvolvimento da Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil foi regulamentada por parecer, o de n.º 977/65<sup>72</sup>, feito pelo antigo Conselho Federal de Educação (CFE). Uma tese orientada por Dermeval Saviani, de autoria de Karla Nazareth Corrêa de Almeida (2017), explica as diferenças entre pesquisa científica e pós-graduação, em que a primeira oferece a contextualização da pesquisa enquanto processo de produção do conhecimento científico, enquanto a segunda constituiria na organização que

[...] articula ensino e pesquisa enquanto ações de formação, produção e reprodução de quadros de novos cientistas e/ou técnicos altamente qualificados que por sua vez produzem/reproduzem o fazer científico nas modernas sociedades, no interior das universidades (ALMEIDA, 2017, p. 33-34)

Para Silva (2013, p. 59), as fases de desenvolvimento em pesquisa e pós-graduação no Brasil, especialmente às correspondentes aos campos da Educação e da Educação Física, ganham espaço (ainda que inicial) entre 1965-1974, com a “[...] institucionalização, regulamentação e criação dos primeiros cursos de pós-graduação nopaís, segundo as normas recém estabelecidas para o setor”. Depois, entre 1975 e 1989, com os ciclos dos Programas Nacionais de Pós-Graduação.

---

<sup>72</sup> No final de 1965 foi aprovado o primeiro mestrado em educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC-Rio (BIANCHETTI; FÁVERO, 2005).

Voltando ao quesito das disciplinas vigentes na FEFIS nos anos escolhidos para este estudo: a presença do componente curricular Estudos de Problemas Brasileiros era uma exigência contemplada pelo Decreto-Lei n.º 869, de 12/09/69 durante o governo militar – algo que não era somente exigido no curso de Educação Física, mas em todos os demais cursos superiores no Brasil (BELTRAMI, 1992).

As disciplinas práticas esportivas já aparecem logo nos primeiros anos de curso. Embora não se tenha um indício mais consistente, este cenário parece levar a um entendimento de que se tratou de uma estratégia da própria diretoria pedagógica em atrair e manter os discentes, minimizando possíveis evasões do curso – afinal, os atrativos da época eram as práticas esportivas<sup>73</sup>. Neste quesito de estratégia, baseio minha compreensão em Certeau(1998, p. 122) novamente, onde são encontradas as “bricolagens” nas composições estruturais de um curso superior. Os dirigentes de ensino acabam “aproveitando o macio que esconde o duro, [e] vão criando nesta rede as suas próprias pertinências”. Ainda que não conste do quadro elaborado para esta dissertação, fiz uma comparação entre as disciplinas e percebi que as maiores cargas horárias pertenciam aos seguintes componentes curriculares: Desportos Aquáticos - Natação (90 horas/aula); Metodologia da Educação Física (90 horas/aula); Desportos Individuais – Atletismo (60 horas/aula), Desportos Coletivos – Voleibol (60 horas/aula) e Desportos Coletivos – Bola ao Cesto/Basquete (60 horas/aula). Um dos componentes curriculares pode ser visto na Figura 22, a seguir.

---

<sup>73</sup> No discurso dos entrevistados, cursar Educação Física na FEFIS era sinônimo de “alegria”, “confraternização”, em função das práticas esportivas e da integração realizada pela diretoria. Abordarei mais sobre isso na seção seguinte.

Figura 22 -Aula prática de Voleibol na FEFIS



Fonte: Arquivo pessoal/Negrelli

### 3.5 “A TAÇA DO MUNDO É NOSSA!”: O RECONHECIMENTO DO CURSO DA FEFIS APÓS A CONQUISTA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE 1970

*Noventa milhões em ação*

*Pra frente Brasil*

*Do meu coração*

*Todos juntos vamos*

*Pra frente Brasil*

*Salve a Seleção!*

*De repente*

*É aquela corrente pra frente*

*Parece que todo o Brasil deu a mão*

*Todos ligados na mesma emoção*

*Tudo é um só coração*

*Todos juntos vamos*

*Pra frente Brasil! Brasil!*

*Salve a Seleção!*

Embora tenha-se optado pelo título “A Taça do Mundo é Nossa!”, música composta para a primeira conquista do Brasil em Copas do Mundo<sup>74</sup> nesta seção, a canção que

<sup>74</sup> O Brasil venceu a anfitriã Suécia na final da competição em 1958, pelo placar de 5 a 2.

representou a vitória do Brasil na Copa de 1970 no México foi intitulada “Pra Frente, Brasil!”. Composição de Miguel Gustavo e melodia de Raul de Souza, percebe-se nela a valorização do discurso nacionalista – no trecho “parece que todo o Brasil deu a mão” lembra traduzir a suposição de uma união nunca antes vista no País, em prol de um bem maior do que qualquer desenvolvimento socioeconômico. O futebol tornava-se o “placebo” que curaria os problemas cotidianos do povo brasileiro.

O futebol, no imaginário dos brasileiros, suscita relações além do entretenimento desportivo, sendo também palco de tensões sociais, políticas e culturais. A Copa do Mundo de 1970, realizada no México, representou uma das mais emblemáticas conquistas nacionais: o tricampeonato mundial, que não só sagrou a Seleção Brasileira de Futebol como referência para a modalidade, como proporcionou uma visibilidade maior para o País nas relações internacionais presentes em um contexto da Guerra Fria, no conflito político-ideológico entre os países dos blocos ocidental (capitalista) e oriental (socialista).

A singularidade da formação de uma modalidade pode ser explicada em uma perspectiva sociológica. Wisnik (2008, p. 19) defende a tese de que o futebol, diferentemente de esportes como o basquete, futebol americano, vôlei, tênis e outros, apresenta uma “[...] margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico”, em que permite um fluxo de acontecimentos inseparáveis à trama continuada da partida, estimulando o apelo passional dos torcedores.

Não à toa que este apelo foi potencializado com os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão na década de 1970. Chamado “esporte espetáculo”, apresentou elementos como a competição exacerbada e a obrigação pelo resultado, influenciando a Educação Física enquanto uma prática educacional (BETTI, 1997). A Copa do Mundo de Futebol de 1970, realizada no México, foi considerada, também, uma realização de um ideal nacional, ainda que ligado aos interesses da Ditadura Civil-Militar (GUTERMAN, 2006).

Importante salientar que outro indício que culminaria nesta identidade para a população é de que o futebol no Rio de Janeiro, outrora capital do Brasil, chegou a cair “[...] nas graças da juventude carioca bem-nascida” (FRANZINI, 2009, p. 119) desde o início do Brasil República, ganhando sua legitimidade social. Por essa razão, os clubes de remo cariocas foram dando mais espaço para as modalidades do futebol e, aos poucos, a hegemonia da *pelota* vigoraria na sociedade vigente até os dias de hoje. Escolas da elite carioca, como o Alfredo Gomes, fizeram parte da formação dos corpos e mentes dos alunos, tendo como perspectiva o desenvolvimento físico da raça (FRANZINI, 2009, p. 119).

Neste fragmento, propõe-se questionar o papel da Copa de 1970 como colaboradora de um possível prestígio da FEFIS, que culminaria no processo de reconhecimento do curso pelo MEC. Aqui, dialogo com os referenciais teóricos propostos e com documentos e fotos para que, depois, o leitor seja direcionado aos depoimentos dos ex-atletas que foram testemunhas deste contexto histórico enquanto discentes do curso de Educação Física.

Organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), a Copa do Mundo de Futebol do ano de 1970 foi realizada entre 31 de maio a 21 de junho daquele ano. Nesta edição, 16 seleções nacionais foram qualificadas para disputar a competição. Nove eram europeias (União Soviética<sup>75</sup>, Bélgica, Itália, Suécia, Inglaterra, Romênia, Tchecoslováquia, Alemanha Ocidental e Bulgária), cinco das Américas (México, El Salvador, Uruguai, Brasil e Peru), mais Israel e Marrocos (que representavam Ásia e África, respectivamente). A seleção brasileira de futebol era atrelada à antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que logo depois foi criada uma outra entidade mais segmentada para a modalidade, até hoje em atividade, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Depois do “fracasso” da Seleção Brasileira na Copa de 1966 na Inglaterra, que foi eliminada logo na primeira fase, o então dirigente da CBD, João Havelange, contratou o jornalista e técnico de futebol, João Saldanha. A intenção nesta escolha era uma estratégia da direção em tentar conseguir uma certa simpatia da imprensa esportiva no Brasil, de modo que minimizassem as críticas feitas pela última campanha (MOURA, 2018). A presença de um jornalista parecia fazer a diferença para “ganhar” a simpatia dos repórteres e conseguir manchetes menos negativas.

Mas havia um “porém”. Saldanha exercia sua militância no futebol, algo impraticável nos chamados “anos de chumbo”. Durante um sorteio dos grupos da competição que faria o Brasil ser tricampeão na modalidade, o até então treinador levou um dossiê ao país sede da Copa, “[...] que alertava para a presença de mais de 3000 presos políticos, além das práticas de tortura promovidas pelo governo” (MOURA, 2018). Uma forma de mostrar ao mundo as mazelas de um país que vendia a ideia do “Milagre Econômico”<sup>76</sup> que podia até

---

<sup>75</sup> “Guerra Fria de Chuteiras”: A referência da União Soviética nos esportes era forte; no caso do futebol, ainda mais valorizado que nos Estados Unidos, que possuía um desempenho fraco nesta modalidade até os anos 1980, portanto, sequer participou dessa edição da Copa do Mundo da FIFA. Na história das duas nações, houve uma única partida, na primeira fase das competições do futebol nos Jogos Olímpicos de Seul, em 22 de setembro de 1988. A URSS venceu os EUA por 4 a 2 (FUTEBOL NOSTÁLGICO, 2012).

<sup>76</sup> A economia brasileira alcançou taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 11,1% ao ano, enquanto a inflação declinava para “os padrões brasileiros da época” entre 1968 a 1973 (VELOSO; VILLELA; GIAMBIAGGI, 2008).

comprar mais televisores para assistir às partidas de futebol, mas que perseguia seus cidadãos que faziam oposição às políticas praticadas pelo regime imposto.

Uma outra situação que também tornou impraticável a permanência de Saldanha no comando da Seleção Brasileira (algo que seria ruim para o relacionamento de João Havelange com a alta cúpula do governo federal) foi quando o técnico se recusou a atender uma vontade do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici. Ele desejava que Dadá Maravilha, à época centroavante da equipe do Atlético-MG, fosse convocado para a Copa. Saldanha deu uma declaração na imprensa, que fomentaria sua saída: “Eu não escalo os ministros, então ele (Médici) não escala meus jogadores”<sup>77</sup>.

A equipe técnica precisou ser reformulada “às pressas”, e Mário Jorge Lobo Zagallo foi o escolhido pela CBD para assumir o cargo deixado por Saldanha. O auxiliar-técnico foi Carlos Alberto Parreira, que esteve à frente também da conquista da Copa de 1994, nos Estados Unidos, desta vez como técnico principal. Na primeira fase da competição, o Brasil foi cabeça-de-chave do Grupo 3, que contava com as seleções da Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia<sup>78</sup>. Brasil se classificou em primeiro lugar, e em segundo, a Inglaterra – os times passaram para a fase eliminatória. Na época, não havia as oitavas-de-final, os times iam direto para as quartas-de-final. O Brasil venceu o Peru por 4 a 2, seguiu para as semifinais contra o Uruguai, vencendo por 3 a 1 e conquistou a Taça Jules Rimet<sup>79</sup>, na final, contra a Itália, no placar de 4 a 1.

O Brasil se tornou o primeiro país tricampeão mundial do esporte mais popular do mundo e estampou as capas dos principais jornais nacionais e mundiais. As referências ufanistas ganharam o discurso logo nas manchetes, conforme Figura 23. De acordo com Guterman (2006, p. 107), “a vitória no México foi, portanto, a centelha que deflagrou um processo que já estava em gestação no país. Ao governo, coube aproveitá-la”. Aproveitar, como mencionado, seria a capitalização da vitória para promover a imagem do governo nacional.

---

<sup>77</sup> Era chamado de “João Sem Medo”, por não se deixar intimidar pelas autoridades. O episódio pode ser visto em um especial realizado pelo Jornal O Globo, intitulado “João Saldanha sai após ‘peitar’ Médici e não convocar Dario para Copa de 1970”.

<sup>78</sup> Atual República Tcheca.

<sup>79</sup> Pelo regulamento da FIFA, o país que conquistasse primeiro os três títulos da Copa do Mundo ficava com a Taça Jules Rimet em definitivo.

Figura 23 - Reportagem sobre a torcida brasileira, após a seleção vencer a Copa de 1970



Fonte: Arquivo/Folha de S. Paulo

Para esta pesquisa, encontrei também uma reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo em 18 de maio de 2018<sup>80</sup>, em que foram entrevistados fisiologistas do exercício, cientistas do esporte e outros especialistas que pudessem explicar a preparação física dos atletas da seleção tricampeã. De acordo com os entrevistados, o Brasil e a Alemanha Ocidental eram os países mais bem preparados fisicamente. O repórter Eduardo Gerarque também fez menção a Clément Astruc, um historiador francês da Universidade Sorbonne Nouvelle Paris 3, que fez uma breve análise sobre o contexto da época e o que teria levado ao Brasil ter o desempenho acima da média em termos físicos eram “[...] as técnicas científicas utilizadas. O plano da escola de educação física do Exército. O tempo investido na concentração. São itens evocados pela imprensa internacional” (GERARQUE, 2018). Na matéria, ainda há menção de que o historiador questionava o fato do investimento dessa preparação física, dessa operação, influenciada pela Escola de Educação Física do Exército, nunca ter sido divulgada pela CBD.

Analisando este ponto, a Educação Física no Brasil e sua esportivização mais uma vez são elevadas à valorização prevista nos embasamentos teóricos feitos em outros capítulos. Mais que isso, a forte interferência governamental abria o caminho aparentemente inevitável da ‘hegemonia esportiva’ nos planos de ensino da disciplina acadêmica.

Quem acompanhava futebol à época concordava com a ideia de que o elenco brasileiro do tricampeonato mundial era composto por jogadores de qualidade. Um deles,

<sup>80</sup> O ‘gancho jornalístico’ dessa reportagem era a aproximação com a Copa de 2018, realizada na Rússia.

Pelé, que já havia conquistado duas Copas (1958 e 1962), pensava em se aposentar e quase não participou da Copa do Mundo. Por sentir estar em fim de carreira, veio a ideia de cursar Educação Física. Como atuava pelo Santos Futebol Clube, foi indicado a estudar na FEFIS. O marido de Rosinha Viegas, Rubens Viegas, conta esta passagem em livro de sua autoria sobre a história da Unimes.

No ano de 1970, o clima no Brasil era de muita euforia por causa da Copa do Mundo. Foi um ano de muitas alegrias para o futebol brasileiro e foi o ano também em que Edson Arantes do Nascimento resolveu cursar Educação Física. Pelé entrou na segunda turma da faculdade. As aulas começaram em março. Lembro de uma reunião informal na minha casa, na avenida Epiplácio Pessoa, 390, um mês antes da Copa. Entre os convidados, estavam Pelé e o cantor Agostinho dos Santos. [...] e é claro que o assunto mais comentado foi futebol. Eu gostava muito do esporte e perguntei a Pelé quem ganharia a Copa do Mundo. Ele sorriu e disse que seria o Brasil, e quem iria dar a vitória para os brasileiros seriam os jogadores, e não a equipe técnica e os dirigentes. [...] Naquele encontro, conversamos com o Pelé sobre a situação da Educação Física no país. Existia um processo para regulamentação da Educação Física que estava engavetado há 11 anos. Com a conquista da Copa, com a evolução do esporte no país naquele ano e com a presença de três tricampeões (Pelé, Leão e Carlos Alberto) nas salas de aula da FEFIS, começamos a pensar na possibilidade de lutar por essa regulamentação. No ano seguinte, em 1971, por intermédio de Pelé, conseguimos uma audiência com o presidente do Brasil na época, o general Emílio Garrastazu Médici. O assunto era educação, esporte e cultura no país (VIEGAS, 2009, p. 100).

Esta pesquisadora chegou a entrar em contato com pessoas ligadas ao Pelé, desde assessores pessoais, a amigos e até um de seus filhos, o ex-goleiro do Santos, Edinho. Por conta de seu estado de saúde, ele raramente concede entrevistas. Optei até mesmo por encaminhar perguntas ao ex-jogador, com o intuito principal de saber quais os detalhes da conversa com o presidente Médici, para o agendamento da audiência a qual Rubens Viegas se referiu. 1) O que ou quem o motivou a cursar Educação Física?<sup>81</sup> 2) Quais os desafios que encontrou ao estudar na FEFIS? 3) Detalhes quando ele foi com a Seleção Brasileira tricampeã para Brasília: quais as memórias que têm e como falou com o presidente Médici sobre a FEFIS? 4) Quais as lembranças de professores que tinha na faculdade, as matérias, os colegas de classe? A terceira pergunta era a que mais me interessava, porque tinha a intenção de confirmar o contexto do encontro. Tudo indica, pelo contexto histórico, que a oportunidade desta conversa surgiu logo quando Médici convidou os jogadores e a comissão técnica vencedora a participar de um almoço com ele em Brasília, conforme indica no início das

---

<sup>81</sup> Nas pesquisas do livro de Rubens Viegas, encontrei que sua mãe foi uma das incentivadoras de Pelé para cursar Educação Física. Analisando sua carreira após a Copa de 1966, não descarto a possibilidade de o então atleta pensar em se aposentar da Seleção Brasileira e atuar somente pelo Santos Futebol Clube.

chamadas de capa do jornal “Folha de S. Paulo”, em 22 de junho de 1970, um dia depois da conquista do tricampeonato

Em nome de todos os brasileiros, o presidente Médici será o primeiro a homenagear o grande feito dos nossos heróis e lhes oferecerá um almoço no Palácio do Planalto. Depois, os tricampeões desfilarão pelas ruas da capital federal e participarão de uma sessão especial no Congresso Nacional, embarcando em seguida para o Rio, onde várias comemorações estão programadas (ELES VOLTAM, 1970).

Figura 24 - Capa da Folha de S. Paulo, após a conquista do tricampeonato



Fonte: Arquivo/ Folha de S. Paulo

Quando voltou da viagem que consagrou a seleção brasileira no México, Pelé entregou o *sombrero*<sup>82</sup>, conforme Figura 25, que ganhou após a final contra a Itália. Na biografia de Rosinha Viegas, o atleta comenta sobre os tempos que estudou na FEFIS e a relação com a Copa do Mundo, conforme Figura 26.

<sup>82</sup> Chapéu, em espanhol, o modelo é popular em países como o México, por suas enormes abas.

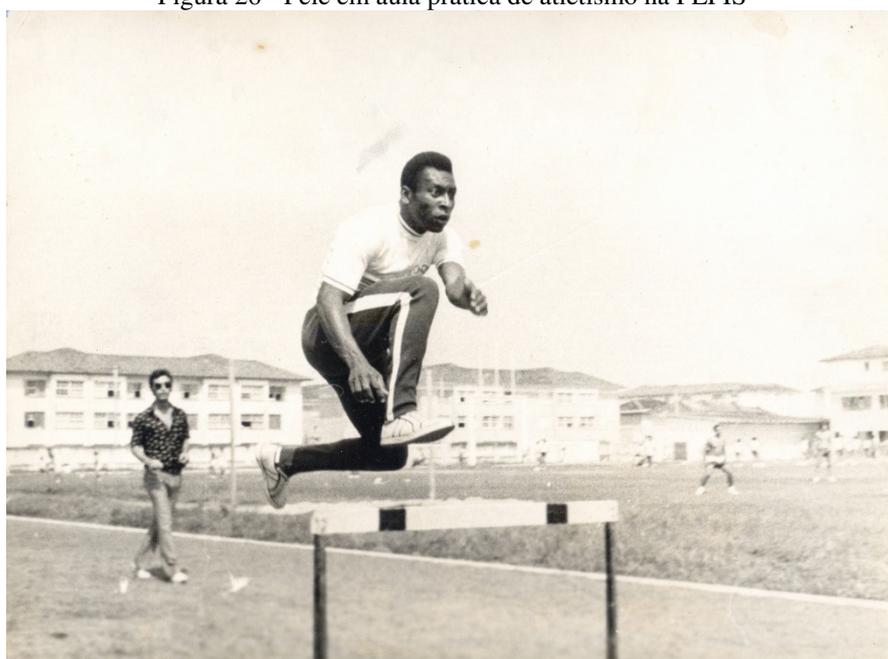
Existem algumas coisas importantes na vida que a gente nunca esquece. E tem que agradecer eternamente. Eu me lembro que estava viajando com a Seleção, com o Santos, e estava cansado. Eu cheguei para a dona Rosinha, na época nossa diretora, e disse: 'Eu estou cansado. Eu acho que vou parar. Acho que não vou continuar a faculdade'. Ela me chamou e falou: 'Olha aqui, Pelé, não faça isso, porque você vai fazer uma coisa muito errada. Jogador de futebol não pode ficar a vida toda. Agora, o saber, o aprender você leva para o caixão'. Me lembro como se ela estivesse falando para mim até hoje. E a grande coisa que eu fiz foi terminar o curso. Se hoje eu tenho essa pequena sabedoria, esta pequena educação, eu devo à professora Rosinha. (VIEGAS, 2009, p. 8).

Figura 25 - Entrega do sombrero por Pelé a Rosinha



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

Figura 26 - Pelé em aula prática de atletismo na FEFIS



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

Também entrei em contato com o ex-jogador Leão, que fez parte da turma de Pelé na FEFIS, conforme Figura 27, e que esteve na equipe tricampeã mundial no México. Não consegui, depois de inúmeras tentativas. Cheguei até a conversar pessoalmente com pessoas ligadas ao Santos Futebol Clube, time pelo qual o jogador teve algumas passagens como técnico, em especial, em 2002, quando o clube se sagrou campeão brasileiro. Disseram-me que Leão não é afeito a entrevistas<sup>83</sup>. Carlos Alberto Torres, o capitão da equipe naquele ano, faleceu em 2016, portanto, é uma fonte inviável para a pesquisa.

Figura 27 -Rosinha Viegas com o formando de 1973, Emerson Leão



Fonte: arquivos da FEFIS/Unimes

Estes “não-ditos” me remeteram às considerações de Michael Pollak (1989), que apesar de ter nascido no pós-Segunda Guerra Mundial e ter pesquisado a fundo os esquecimentos relacionados àqueles que sofrem com os traumas das batalhas e das violências bélicas, trouxe contextos mais amplos que dialogam com meu entendimento sobre a opção dos possíveis entrevistados não me concederem as entrevistas.

As fronteiras desses silêncios e "não ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos(POLLAK, 1989, p. 8).

<sup>83</sup> Alguns profissionais da imprensa brasileira afirmam que Leão é marcado pela sua personalidade controversa, certas vezes destemperada em entrevistas coletivas.

Um único depoimento feito a Melo (2004), quando ainda era técnico do time de futebol do Santos, revela mais uma evidência da esportivização da Educação Física na FEFIS a partir dos primeiros anos da instituição. Faço um grifo proposital, a fim de ressaltar algo que parece intrínseco nos discursos dos demais entrevistados para o trabalho: o esporte era o carro-chefe na formação acadêmica— especialmente nos anos 1970.

Eu tive uma proximidade dela [a Rosinha] nos anos 70, na época em que *houve uma febre de atletas profissionais buscando a Educação Física*. A princípio, era um relacionamento de respeito, de uma diretora para com um aluno. Depois, de dois admiradores, porque eu passei a admirá-la na medida em que ela mostrava toda sua competência e a recíproca se tornou verdadeira. [...] Meu relacionamento com a Rosinha foi tão grande, que fui, inclusive, convidado a fazer parte do corpo diretivo da Faculdade. Fui convidado para ser o responsável pelos cursos de especialização. Só que a minha vontade é tão grande quanto a minha falta de tempo. (MELO, 2004, p. 96-97, grifos meus).

Quando foi definida uma data para a audiência com o presidente Médici, a FEFIS organizou uma comissão para ir à Brasília. Foram Rosinha Viegas e seu marido, Rubens Viegas, mais o professor da cadeira de Metodologia, Cyro de Andrade e a discente Laurete Godoy, que havia sido campeã sul-americana de atletismo (MELO, 2004; VIEGAS, 2009). Escolhas “naturais”, tratando-se da diretora da FEFIS, do mantenedor da instituição, mais um professor que possuía *status* acadêmico da USP, considerada uma das principais instituições de ensino superior do país, e a aluna, que conquistou a confiança da diretoria da FEFIS por sua oratória e habilidade com a escrita.

Viegas (2009) também fez menção à audiência realizada em Brasília, no capítulo “O Encontro com Médici”:

Era um final de tarde do dia 26 de março de 1971. Quando chegamos ao gabinete, fomos recebidos pelo próprio presidente, que dispensou o chefe da Casa Civil. Depois das apresentações, a Laurete falou ao presidente Médici que Pelé gostaria que ele fosse o patrono da turma dele. Ela aproveitou para pedir que ele fosse o patrono da turma dela também. Médici aceitou. Em seguida, o professor Cyro explicou ao presidente que nós gostaríamos que a regulamentação da Educação Física saísse do papel. [...] Essa regulamentação tornaria a matéria obrigatória em todos os níveis de ensino. Complementando, falamos ao presidente que essa lei abriria o campo de trabalho aos professores e beneficiaria aos jovens já que a prática de esportes, além de fazer bem à saúde, é importante para a formação e o desenvolvimento do ser humano. E o pedido, quem fez, foi a Laurete, só que em forma de poesia. À medida em que ela foi recitando os versos, o presidente foi se emocionando. Com os olhos marejados, abraçou Laurete. E prometeu que, em um mês, o pedido seria atendido. [...] A promessa do presidente Médici foi cumprida em menos de uma semana. No dia 1º de abril de 1971, ele encaminhou ao Congresso o pedido de regulamentação da Educação Física. [...] Esta foi uma grande colaboração da FEFIS para todo o Brasil, que valorizou a cultura, o esporte e a educação (VIEGAS, 2009, p. 101).

O processo da regulamentação da Educação Física enquanto uma disciplina acadêmica e escolar passou no Congresso, mas ainda havia mais uma etapa que faltava: o reconhecimento da própria FEFIS. Em 27 de março de 1972, Laurete Godoy escreveu uma carta endereçada aos membros do Conselho Federal de Educação. À época, ainda era servidora pública. A própria Laurete tem todos os discursos que fez datilografados e fez algumas cópias para esta pesquisa.

Prezados senhores,

No momento em que tramita por esse conselho, processo de reconhecimento da Faculdade de Educação Física de Santos, esta ex-aluna não poderia sufocar seus sentimentos, seu respeito e sua gratidão àqueles que dirigindo-a, com segurança, nunca deixaram de socorrer aos que batiam às suas portas à procura de conforto.

Leões na defesa de seus ideais, em audiência com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República empenharam-se pela Regulamentação da Educação Física no País, que foi levada a efeito dias após; na formatura, deu à sua primeira turma uma cerimônia digna de menção, pela seriedade, organização e imponência e, na ânsia de elevar a Educação Física, com o maior de seus esforços demonstrados através de colaboração financeira expressiva, comprovou, mais uma vez, que a Faculdade não é mantida visando fins lucrativos.

Talvez os senhores estejam estranhando a minha atitude, mas desejo justificá-la. Creio ter o direito de manifestar-me a respeito, pois pertenço a primeira turma e, desde 1969, vi pouco a pouco a Escola crescer e transformar-se num prédio amplo que dá condições de conforto aos seus alunos; desde a secretaria, vestiários, biblioteca e demais instalações, participei tijolo por tijolo de sua construção. As primeiras dificuldades foram contornadas e nos deparamos com professores interessados e amigos, que nunca recusaram orientação aos seus alunos, mesmo que o pedido fosse feito fora do horário regulamentar das aulas; para melhor motivação, a projeção de filmes e “slides”, desenvolvendo um dos mais modernos métodos de ensino, o audiovisual; o campo, a pista e as quadras ficavam à disposição daqueles que pretendiam aprimorar seus conhecimentos; a biblioteca foi enriquecida com exemplares especializados, de tal forma que os alunos tinham condições de fazer consultas e elaborar os trabalhos científicos sem necessidade de recorrer às Bibliotecas Públicas; durante os três anos que aqui passamos, teoria e prática mesclavam-se de tal forma que não sabíamos exatamente onde terminava uma e começava outra; com tudo isso e com cursos de especialização e palestras, nossos conhecimentos foram aplicados, tornando-nos profissionalmente aptos para enfrentar qualquer concurso.

Muitas vezes, quando tentamos falar a palavra coração, a palavra sentimento, ao passá-la para o papel, elas perdem o sentido e não dizem nem a décima parte daquilo que pretendíamos. Acredito que os senhores devam ter em mãos papéis que descrevem uma Faculdade, seus estatutos, suas dimensões, quantos professores nela trabalham, quantos alunos estão matriculados, qual o número de livros existentes na Biblioteca, como são os vestiários e as dependências esportivas. Papéis... números... palavras, mas por favor, lembrem-se que atrás de todos esses dados, existe uma parte humana que não pode ser esquecida, e eu, como atleta que fui, não poderia deixar de contar-lhes o muito que tem sido pela Faculdade para dar maiores dimensões à Educação Física, no momento em que tal disciplina aparece com força total dentro do processo educativo.

Não me interprete mal por levar até aí as minhas palavras; sou funcionária pública há 14 anos e aguardo ansiosamente, junto com os demais formandos, o reconhecimento da FEFIS para prestar um concurso e não perder, após três anos de estudos, trabalho e sacrifício, todos os anos de serviço prestados ao Estado.

Talvez, se algum dos senhores me perguntar em quantos metros quadrados está construída a Faculdade, eu responderia:

“- Não sei dizer com exatidão, pois sua extensão é muito ampla. Não se limita ao espaço compreendido entre quatro paredes; cresce, amplia-se, expande-se e está instalada no coração de cada um dos alunos”.

Confiamos nos dignos membros do Conselho e, se nossa vontade é VENCER, a missão dos senhores é DECIDIR. E, mesmo na qualidade de ex-aluna; concedo-me o direito de lhes fazer um convite: “-Venham a Santos. Façam uma visita à Faculdade, comprovem tudo que tentei lhes dizer e os senhores verão, ‘in loco’, que minhas palavras foram pobres demais para descrever o que a FEFIS representa”.

Atenciosamente, Laurete Aparecida Godoy – Fórum de Santos – 5.ª Vara Criminal (GODOY, 1972)

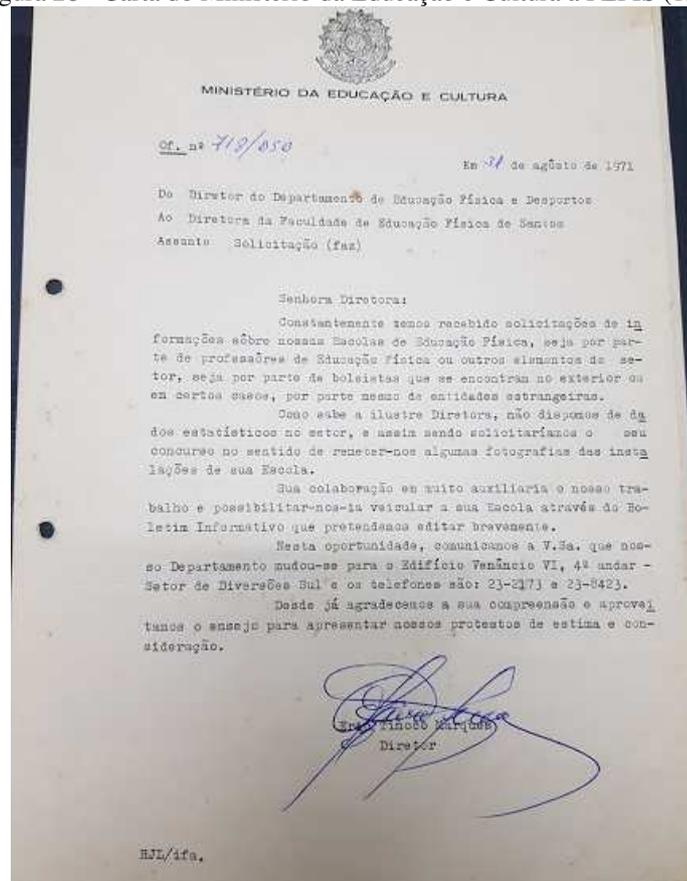
A partir de agosto deste mesmo ano, a Faculdade já dispunha do reconhecimento do MEC. Para esta pesquisa, foi também encontrada uma carta na secretaria geral do curso de um dos diretores da Secretaria Especial do Esporte, fazendo uma solicitação para a diretora da FEFIS, Rosinha Viegas. A carta foi assinada pelo Coronel Eric Tinoco Marques, conforme Figura 28, que era um dos diretores do departamento estratégico do governo do presidente da República Emílio Garrastazu Médici<sup>84</sup>. Além de membro do Exército Brasileiro, representou o pentatlo moderno<sup>85</sup> na Seleção Brasileira, tendo conquistado as medalhas de ouro e de prata nos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires, Argentina, no ano de 1951.

---

<sup>84</sup> Terceiro presidente da República durante o período da Ditadura Civil-Militar.

<sup>85</sup> É composta por cinco modalidades: hipismo, esgrima, natação, tiro esportivo e corrida. Conquista a medalha (em Jogos Pan-Americanos ou Jogos Olímpicos) o atleta que obtiver o melhor desempenho geral na somatória de pontos.

Figura 28 - Carta do Ministério da Educação e Cultura à FEFIS (1971)



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

De acordo com informações do *site* do Ministério da Cidadania, de onde consta a pasta da Secretaria Especial do Esporte, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura foi criada em 1937, no período do Estado Novo. Em 1970, esta divisão sofreu sua primeira transformação na sua concepção, passando a ser chamada de Departamento de Educação Física e Desportos – demonstrando, portanto, que os interesses governamentais em associar suas políticas e gestões ao esporte estavam cada vez mais evidentes. Sua vinculação, entretanto, ainda estava ligada ao Ministério da Educação e Cultura.

### 3.6 O CONTEXTO DOS JOGOS UNIVERSITÁRIOS DA BAIXADA SANTISTA (JUBAS) COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DE UMA ESPORTIVIZAÇÃO DO CURSO

A escolha para dissertar sobre os Jogos Universitários da Baixada Santista (JUBAS) partiu das escutas que tive com os entrevistados para esta dissertação. Até então, não havia sequer escutado nada sobre o evento. Faltavam alguns escritos e documentos mais específicos sobre essa competição esportiva – ao menos, na Faculdade. Pelo trabalho envolvendo a

esportivização da Educação Física na FEFIS, não poderia, portanto, ignorar a competição mencionada.

As informações que obtive para contextualizar os JUBAS partiram de jornais locais de Santos, em especial, “A Tribuna” (que foi por um certo tempo apoiador do evento esportivo) e o “Cidade de Santos”. O jornal experimental da Faculdade de Comunicação de Santos (FACOS), o “Agência Facos”, também deu alguns subsídios para esta pesquisa.

Para contextualizar os escritos e a consulta ao material empírico, fez-se necessário considerar uma breve trajetória do esporte universitário no Brasil, a fim de apanharmos alguns aportes históricos para compreendermos como que se constituíram os JUBAS e qual a influência deste evento na esportivização da FEFIS.

De acordo com Starepravoet *al*(2010), o esporte universitário brasileiro passou por um total de quatro fases. A primeira manifestação registrada na historiografia da educação veio com os esportes praticados no ensino superior durante o século XIX, começando pelo *College Mackenzie*, em São Paulo, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro, e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. A princípio, as competições eram estaduais. Depois de 1916, passaram a ser interestaduais, com as disputas entre universidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde se concentravam as principais instituições de ensino superior. A segunda fase é marcada pela criação das federações esportivas universitárias, entre os anos de 1933 e 1934, “sem uma participação efetiva do estado” (STAREPRAVOet *al*, 2010, p. 137). Percebe-se que a real interferência do Governo Federal no Esporte já se manifestava antes do governo militar, que, supostamente, detinha por seus presidentes a vontade de fazer o esporte se desenvolver no país. A realidade é que o esporte, como entretenimento, lazer e competição, já era a “menina dos olhos” das autoridades federais.

Em 1935, foi realizada a I Olimpíada Universitária do Brasil, sendo a sede em São Paulo. Em 1939, criou-se a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) (STAREPRAVOet *al*, 2010). A participação mais efetiva dos estados nas competições desportivas universitárias aconteceu somente a partir de 1941, com a primeira fundação em nível estadual, a Federação Paranaense de Desportos Universitários (FPDU).

A quarta fase está relacionada a abertura das principais competições. A CBDU, entidade máxima do esporte universitário nacional, realizou eventos e, em especial, os Jogos Universitários Brasileiros (JUB’s), que se tornaram uma das maiores competições do esporte nacional. A Confederação tornou-se também a representante brasileira junto à Federação Internacional de Esporte Universitário (FISU), organizando a participação nacional nas competições internacionais (MINISTÉRIO DOS ESPORTES, 2003).

Anos depois, uma versão regional figurou no cenário universitário da Baixada Santista. Os JUBAS foram idealizados pelo jornalista Ouhydes Fonseca no ano de 1972, quando ocupava o cargo de editor do caderno de Esportes do jornal “A Tribuna”, de Santos. Além do cargo no periódico, também era professor na Faculdade de Comunicação de Santos desde 1971.

A ideia foi aceita pela diretoria do jornal, concedendo as premiações, a cobertura jornalística e os impressos que fossem necessários. Também teve o apoio dos próprios estudantes universitários. A partir deste movimento, criaram uma comissão para a competição, denominada Comissão Central Universitária (CCU). A ideia, de acordo com reportagem feita por estudantes de Jornalismo para o Agência Facos de junho de 1985, era que cada faculdade participasse da organização dentro de sua especialidade. Assim, a Comunicação auxiliaria na divulgação, a Educação Física, no estabelecimento do regulamento dos jogos e demais atribuições de gestão do esporte, e por aí vai.

O nome foi criação de um ex-aluno da FEFIS, Cláudio Mauriz, que foi também foi goleiro do Santos Futebol Clube na época. O apoio de “A Tribuna” seguiu até o ano de 1977 e, a partir de 1978, a cúpula diretiva afastou-se do evento. Os estudantes universitários, por meio de suas atléticas, buscaram a criação de uma liga que auxiliasse na organização dos JUBAS – a Liga Universitária Santista de Esportes (LUSE).

Pode-se dizer que, motivado pelas mudanças legislativas quanto à obrigatoriedade do ensino da Educação Física nas escolas e nas universidades após a Reforma de 1968 e a LDB/71, os JUBAS se fortaleceram, embora o objetivo deste evento não fosse a formação e revelação de novos atletas, conforme o jornalista explicou em entrevista à Agência Facos.

O JUBAS não pode revelar atletas, devido a média de idade dos universitários. O nível técnico é baixo, porque o estudante só treina por ocasião da competição, mas isso poderia ser mudado com um calendário esportivo para o ano todo, fiando o JUBAS como o coroamento das competições, aí sim haveria um aprimoramento técnico. E os novos alunos teriam mais oportunidades (COMO NASCEU, 1985, p. 35).

Beltrami (1992) faz uma ressalva importante, que faz referência à constituição de uma cultura esportiva universitária e o papel da EF neste aspecto.

A Educação Física vai se institucionalizar de duas formas na universidade: como um novo campo de saber profissional e científico e como instrumento para a organização controlada do corpo discente. Na mesma instituição de Ensino Superior, constituem-se os Departamentos de Educação Física ou Escolas de Educação Física onde são ministrados os cursos de formação profissional e realizadas as pesquisas; e, constituem-se as Coordenadorias ou similares de Educação Física e Desportos para a prática desportiva obrigatória a todos os alunos da Universidade (BELTRAMI, 1992, p. 167).

De acordo com as pesquisas realizadas nos arquivos de “A Tribuna”, “Cidade de Santos” e “Agência Facos”, os JUBAS eram compostos por competições envolvendo as seguintes modalidades: Handebol (Masculino e Feminino), Basquete (Masculino e Feminino), Vôlei (Masculino e Feminino), Futebol de Salão (apenas Masculino), Futebol de Campo (apenas Masculino), Atletismo (Masculino e Feminino), Ciclismo (Masculino e Feminino), Judô (apenas Masculino), Tamboréu<sup>86</sup> (apenas Masculino), Natação (Masculino e Feminino), Tênis de Mesa (Masculino e Feminino), Tênis de Campo (Masculino e Feminino) e Xadrez (Masculino e Feminino).

Na matéria intitulada “Mais difícil este ano”, conforme Figura 29, a reportagem de “A Tribuna” fez um balanço sobre as perspectivas dos VII JUBAS, perguntando se existiria alguma Faculdade que bateria a hegemonia da Educação Física, Medicina e Filosofia.

Figura 29 - Reportagem de Atribuna sobre os VI JUBAS



Fonte: Arquivo/ Atribuna

Deixando de lado a FEFIS, que por uma obrigatoriedade curricular pratica esporte o ano todo, Medicina parece estar disposta a tirar a supremacia da Educação Física. Desde ontem, e durante toda a próxima semana, os atletas estarão treinando intensivamente, inclusive promovendo encontros com outras faculdades santistas e até contra a Medicina da USP (A TRIBUNA, 1979, p. 16).

<sup>86</sup> Modalidade santista, semelhante a um *beachtennis*, em que os atletas arremessam a bola por um pandeiro.

A análise de A Tribuna parece não ter “caído bem” para os estudantes membros do Diretório Acadêmico Dr. Constâncio Vaz Guimarães<sup>87</sup> à época, que pediram um direito de resposta ao jornal, reforçando uma suposta “falácia” de que os componentes curriculares da EF teriam seu peso maior na esportivização de seus conteúdos. A carta foi publicada em 28 de maio de 1979.

Prezados senhores, vimos, pela presente, esclarecer aos universitários da Baixada Santista e ao público em geral os objetivos de um estudante de Educação Física. Nós não temos, como a maioria pensa e acredita e como foi publicado neste conceituado jornal, em 13/05 do corrente, a obrigação de ganharmos os Jogos Universitários da Baixada Santista. Por quê? Nosso estudo nos três anos de faculdade visa ensinar a prática da Educação Física e a Desportiva aos interessados, necessitados, etc... e não treinarmos como verdadeiros *atletas*, como pensam. Nosso estudo nos dá, somente, o direito de sermos professores de Educação Física ou técnicos desportivos. Além disso, as dificuldades que todos encontram, aqui nós também as encontramos talvez até maiores, pela responsabilidade que nos é dada, erroneamente, que é a de ganhar. Outro detalhe importante: durante os três anos de faculdade, temos somente seis matérias práticas, ou desportivas, a saber: 1º ano: das 11 matérias lecionadas, somente atletismo e voleibol de práticas. 2º ano: das 11 matérias lecionadas, somente atletismo, bola ao cesto, natação e voleibol de práticas. 3º ano: das 11 matérias lecionadas, somente handebol, bola ao cesto, futebol de campo e judô de práticas. Se até agora ganhamos, é porque merecemos (D.A. CONSTÂNCIO, 1979, p. 2).

Os locais para a competição eram variados e muitos deles aconteciam no Brasil Futebol Clube, onde funcionava a FEFIS, pelo fato de ser propício para as disputas de atletismo, basquete e futebol. Curioso é que, mesmo com tantos clubes existentes, poucos eram os locais adequados para as práticas, o que traz uma contradição: a cidade era “esportiva” na teoria ou na prática?

De qualquer forma, a FEFIS mostrava certo favoritismo nas competições, mesmo com o crescimento de outras faculdades de Santos, como a Medicina e a Filosofia, que se programavam para treinar e competir em alto nível em relação aos demais universitários, conforme Figura 30.

---

<sup>87</sup> Responsáveis pela organização das modalidades que os estudantes da FEFIS participariam nos JUBAS e em outras competições universitárias.

Figura 30 -Partida entre FEFIS x Faculdade de Direito de Santos



Fonte: Arquivo/ ATribuna

## **4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: EXPERIÊNCIAS E PERCEPÇÕES DE EX-ALUNOS ESPORTISTAS SOBRE A FEFIS**

Para apresentar as entrevistas realizadas com os sujeitos que estiveram na instituição de ensino proposta para esta pesquisa, este capítulo foi dividido em seis partes.

Na primeira parte, intitulada “Entrevistas: Por que e Para que(m)?”, desenvolvo acerca de minhas leituras sobre o processo das entrevistas com base nos estudos do professor José Carlos Sebe Bom Meihy, além de pontuar algumas experiências que tive enquanto pesquisadora com referenciais teóricos como E.P. Thompson (1981; 1998; 2002) e Larossa Bondía (2002).

Na sequência, apresento os resultados de minhas entrevistas com cinco atletas de alto rendimento da época, que foram alunos da FEFIS, para dissertar sobre a instituição. Os critérios de escolha dos entrevistados para produzir um trabalho de História Oral foram feitos da seguinte maneira: cada atleta entrevistado representou uma modalidade diferente (para que pudesse avaliar a sua leitura sobre como eles viam o processo de esportivização em suas modalidades e o quanto a FEFIS fez parte neste processo – ou não); o prestígio do atleta no cenário do esporte regional e/ou nacional (exemplos como Negrelli no voleibol, que teve uma ligação forte com a FEFIS, tendo sido aluno e, depois, professor; Pepe, jogador de futebol, vice-artilheiro da história do Santos Futebol Clube, atrás de Pelé, que foi seu colega de classe; William, que representa a natação e ajudou a desenvolver a metodologia de ensino da modalidade com a filosofia de Gustavo Borges<sup>88</sup>); ligação do atleta com a instituição (Laurete, como o leitor poderá conferir, foi uma aluna e ex-atleta que participou de diversos momentos da instituição, incluindo do processo de reconhecimento do curso de Educação Física; Buru, ex-aluno que conquistou tempos depois o cargo de diretor da FEFIS, que era ocupado pela Rosinha).

### **4.1 ENTREVISTAS: POR QUE E PARA QUE(M)?**

Utilizando-se da História Oral para a realização desta parte da investigação, nos deparamos com a necessidade de explicar as diferenças entre este método e as memórias.

---

<sup>88</sup>Ex-nadador olímpico brasileiro de natação, conquistou a medalha de prata nos 100 metros livres da edição dos Jogos Olímpicos em Barcelona (1992) e Atlanta (1996).

Por História Oral, Meihy (2007) entende que se trata de um “conjunto de procedimentos”, que vão além das entrevistas. Começa pela elaboração de um projeto e segue pelo processo seletivo de pessoas a serem entrevistadas.

Há, posteriormente, a captação dos depoimentos dos entrevistados (que pode ser feito por diversos recursos, entre eles, o gravador de áudio ou uma câmera de vídeo), a textualização, transcrição ou transcrição e as normas de conduta para armazenar e divulgar os resultados da pesquisa. O pesquisador menciona, inclusive, a fluidez desse método de se fazer história, podendo também ser conceituada como

[...]um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela [a HO] é sempre uma história do “tempo presente” e também reconhecida como história viva (MEIHY; HOLANDA, 2007,p.17).

Seja individual ou coletiva, as memórias possuem uma função distinta da História Oral, embora essa última utilize das versões apreendidas pelas memórias. Alguns pesquisadores da História entendem como uma “matéria-prima para a formulação de narrativas que se amparam em lembranças e referenciais que dispensam provas ou enquadramentos ditos científicos” (MEIHY, 2011, p. 144).

Já Bosi (1999) recorreu a estudos de sociólogos como Durkheim e Halbwachs para dissertar sobre uma “reconstrução do passado” – que só pode acontecer além da memória do indivíduo, independentemente de suas relações sociais, seja com a família ou com qualquer grupo de convívio externo. Disserto sobre as percepções e considerações particulares como pesquisadora acerca das memórias do grupo de entrevistados ao longo deste capítulo.

Tendo por objetivo trabalhar a História Oral e as memórias como metodologia investigativa, vieram as seguintes indagações para justificar tais escolhas: por que contar a história de ex-esportistas egressos da Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS)? E para quem esta história convém?

São duas perguntas que demandam critério, para não cair no modismo colecionável de depoimentos soltos, conforme Meihy (2005) salienta. As mais vastas entrevistas que estas pessoas concederam a esta pesquisa tem por objetivo o registro de fatos – algo distinto da História Oral, que não se ocupa com “verdades”, e sim com “experiências”. São pessoas acostumadas com o assédio da imprensa, dos holofotes midiáticos.

Se a história depende de sua finalidade social (THOMPSON, 1998, p. 20), ampliar este campo e/ou espaço de fala para esses sujeitos contarem o que lhes tocaram/passaram

(LAROSSA BONDÍA, 2002) nas práticas educativas durante o ensino superior significa criar não só novas pautas de discussão, mas fazer um exercício *inclusivo* nos estudos sobre Educação.

Por *inclusivo*, entendo que muitas vezes os atletas não estão no rol dos eruditos/intelectuais. Em referencial distinto, este mesmo grupo também não se encontra na categoria “popular” – especialmente se gozarem de certa projeção midiática. Existe, portanto, uma zona intermediária para este grupo, que consideramos relevante no movimento do diálogo com as evidências neste trabalho.

O esportista, enquanto aluno de um curso superior de Educação Física, traz sua experiência particular, tanto de treinos físicos quanto táticos, além das competições que atua ou atuou. Conhece as vitórias e os fracassos, os extremos positivo e negativo. É um ofício em que o resultado é constantemente mensurável e está sob a mira de muitos públicos: torcedores, patrocinadores, dirigentes de clubes esportivos e outros grupos de interesse. O aspecto da disciplina também é preponderante e cobrado não só por quem realiza sua preparação física/técnica, mas também pelo próprio meio social em que se está inserido. Os altos e baixos são constantes neste campo.

E. P. Thompson (1981) torna-se uma base fundamental para a reflexão feita enquanto autora desse trabalho, na seguinte passagem:

A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. Se tivermos de empregar a (difícil) noção de que o ser social determina a consciência social, como iremos supor que isto se dá? Certamente não iremos supor que o "ser" está aqui, como uma materialidade grosseira da qual toda idealidade foi abstraída, e que a "consciência" (como idealidade abstrata) está ali (THOMPSON, 1981, p.16).

Não menos importante, optou-se pela história oral temática, que segundo Meihy e Holanda (2007, p. 38), é mais considerada por jornalistas e demais pessoas que se valem de entrevistas “[...] como forma dialógica de promover discussões de um assunto específico”, no caso, como se deu a esportivização da Educação Física no Brasil e a FEFIS nesse movimento. Isto porque, embora seja importante analisar uma instituição e seus sujeitos enquanto um coletivo, não podemos olvidar de suas trajetórias e de seu teor testemunhal, que se torna a chave “[...] que abre os compartimentos escurecidos por versões que devem ser resolvidas pelo narrador” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 39).

Portanto, a narrativa do entrevistado não é somente uma apropriação dele sobre suas memórias passadas, mas também do próprio entrevistador, que toma a oralidade do sujeito que entrevista e da formulação das perguntas em si. Diferentemente da história oral de vida, não tratarei os entrevistados como o “eu narrador” ou como num modelo de narrativa biográfico de terceiros.

Entretanto, não pude deixar de observar a importância dos detalhes da história pessoal dos entrevistados. Embora estes últimos procedimentos caibam mais naquilo que os autores configuram como “história oral de vida”, penso que, para o tema desta pesquisa, os personagens explicitam experiências na infância quanto à prática esportiva antes da formação superior, e portanto, suas trajetórias particulares se justificam para compreender a construção social de uma instituição escolar.

Quanto ao texto, optei pela textualização. Fiz esta escolha a fim de eliminar as perguntas feitas ao entrevistado, possíveis erros gramaticais que acontecem durante a oralidade, além de sons e ruídos durante a gravação, a fim de se ter um “[...]texto mais claro e liso” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 142). Além disso, a análise de uma instituição escolar sob seu contexto social “extrapola os muros” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2012): é preciso *sentir* e apanhar o *tom vital* (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 142) das falas explicitadas sobre aqueles que conviveram naquela instituição de ensino. As múltiplas evidências inter-relacionadas no discurso oral não são ofício apenas de um historiador de formação, mas de todo pesquisador que se aventura nos estudos acerca da Educação.

Conforme E.P. Thompson (1981, p. 15), das indagações surgem novos problemas, que “[...] dão origem continuamente à experiência” e reforça que, por mais que a experiência seja uma categoria dotada de alguns equívocos, “[...] compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”.

E. P. Thompson (1998) reforça que a história é subordinada a uma finalidade social. Não se trata apenas de dissertar factualmente: é preciso estimular a contestação dos acontecimentos e articular os sujeitos históricos dentro de contextos particulares. Portanto, se não há qualquer registro disponível, é preciso criar.

Febvre (1989) nos traz algumas metáforas que vão ao encontro da necessidade de se fazer uma História Oral quando se há a ausência dos documentos escritos:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu

mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1989, p. 249).

Voltando às considerações de Meihy (2007, p. 15), a História Oral trata-se de uma “[...]soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto”. Mas, de que soma articulada estamos falando? São as entrevistas? O modo de entrevistar? A formulação de perguntas? A escolha dos entrevistados?

Estas variáveis são parte deste todo proposto por Meihy. É o que denomina de “projeto” ou “planejamento”, como condições essenciais para a existência da História Oral. Não tomada como um todo, mas vale considerar que parte dos procedimentos de pesquisa observados nas práticas daqueles que atuam nesse campo disciplinar da HO muito se assemelha a outros tantos procedimentos observados nas práticas daqueles que atuam no Jornalismo, em que o primeiro parágrafo de uma notícia é composto por um conjunto de informações. Conhecido por *lead*<sup>89</sup>, é respondido por algumas perguntas, entre elas: “o quê”, “quem?”, “quando?”, “onde?”, “como?” e “por quê?” – este exemplo fiz com todos meus entrevistados, para saber seus lugares de fala, respeitando sua historicidade.

Podemos perceber que história oral não pode ser concretizada se não há um conjunto de pessoas dentro do contexto a ser pesquisado que possam contribuir para as narrativas de uma (nova) história. Como pesquisadora e jornalista de formação, ainda acrescentaria a pergunta “e daí?”, apesar do tom informal.

Meihy e Holanda (2007) complementam bem a prerrogativa, destacando que:

A necessidade de ter claro os porquês do uso da história oral, em particular quando se pensa em entrevistas, demanda levar em conta as escolhas que dirigirão os passos que dizem respeito tanto à aquisição das entrevistas, como de seu uso (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 17).

Por mais roteirizadas que elas possam se apresentar, as entrevistas são feitas com sujeitos, e muitos deles padecem do sentimento nostálgico ao lembrar o passado, outros permeados pelos ressentimentos, angústias e frustrações – e o próprio pesquisador pode ser encurralado à prática. Muitas vezes, senti meus entrevistados nestas posições, o que foi

---

<sup>89</sup>O *lead* é uma fórmula de linguagem jornalística, que responde seis perguntas básicas para uma notícia analítica (ERBOLATO, 2006).

preciso retornar, também, às próprias reflexões deles enquanto faziam parte da Faculdade de Educação Física de Santos. E eu, enquanto alguém que também vivencia a instituição (ainda que em outro contexto histórico), percebi alguns resquícios da cultura acadêmica da instituição na fala dos entrevistados.

Se a intenção deste trabalho foi conhecer como se fez a instituição por depoimentos de ex-alunos e ex-professores num determinado acontecimento histórico (ditadura civil-militar no Brasil; 1969-1985), a minha delimitação foi feita com entrevistados que apresentem este perfil.

Vale ressaltar que, durante a textualização das entrevistas, optei pela diferenciação do uso de “Educação Física” com as iniciais em maiúsculo, em referência ao curso superior e/ou ao nome da função de professor de Educação Física/profissional de Educação Física) e “educação física” com as iniciais em minúsculo, quando utilizadas para se tratar da disciplina escolar.

A textualização que estas entrevistas apresentaram, à luz das propostas trazidas por Meihy (2007, p. 142), conforme mencionado há uns parágrafos anteriores, é o momento em que me preocupo em eliminar perguntas, sons, ruídos e interjeições. Conforme o autor, é nesta fase em que se elucida as falas de um modo mais formal, sem perder sua identidade: “[...] é tarefa de quem estabelece o texto entender o significado dessa mensagem e reordenar a entrevista seguindo esse eixo”.

#### 4.2 ENTREVISTADO 1: JOSÉ OSWALDO MARCELINO, O “NEGRELLI” (TURMA 1970-1972)

“Negrelli” foi ex-jogador de basquete, e posteriormente, transferiu-se para outra modalidade, em que apresentou maior destaque no esporte: o vôlei. Atuava pelo Santos Futebol Clube. Pela Seleção Brasileira, atuou em 186 jogos (OLIVEIRA, 2009). Entre suas conquistas na modalidade, destacam-se o tricampeonato sul-americano e o vice no Pan-Americano de vôlei. Participou dos Jogos Olímpicos da cidade de Munique, na Alemanha, no ano de 1972 – Negrelli, à época, ainda era estudante de Educação Física da FEFIS. Formou-se em 1972, conforme Figura 31, tendo trabalhado como professor de Educação Física em algumas escolas de Santos, como o Colégio Canadá, e posteriormente abriu sua própria academia de ginástica. Também atuou como secretário na pasta de Esportes da Prefeitura de Santos em 2004 e foi presidente da Fundação Pró-Esportes (FUPES), ligada à Secretaria de Esportes do município.

Figura 31-Negrelli recebendo o diploma da diretora Rosinha Viegas



Fonte: Arquivo pessoal/ Negrelli

#### 4.2.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com “Negrelli”

Tinha conhecimento prévio sobre “Negrelli”, em especial, sobre a sua importância como atleta que representou a Seleção Brasileira e o Santos Futebol Clube. Em matérias que realizei durante a graduação em Jornalismo, conversei com outros ex-esportistas que foram seus colegas de time. Eles me relataram diversas vezes sobre sua atuação pela modalidade em nível regional, nacional e mundial, este último, quando foi escalado para compor a Delegação Olímpica de Munique, em 1972.

Mas, ainda não tinha conhecido o ex-atleta pessoalmente. A oportunidade veio durante um dia de trabalho, quando cobri jornalisticamente uma homenagem em que a FEFIS receberia durante sessão solene, marcando as comemorações da Semana do Profissional de Educação Física na Câmara Municipal de Santos. Este evento aconteceu no início de setembro de 2018. Estavam presentes a atual diretoria da Unimes, composta pela reitora Renata, a pró-reitora acadêmica, Elaine Marcílio Santos, e o diretor da FEFIS, professor Marcelo Casati (seu pai, já falecido, professor Godofredo Casati, foi um dos primeiros professores contratados pela professora Rosinha). Na ocasião, o professor Marcelo também representava o CREF, Conselho Regional de Representação dos Profissionais de Educação Física.

Durante o evento, outros profissionais de Educação Física também seriam homenageados pelos seus feitos e contribuições para a sociedade santista. Negrelli esteve lá. Aproveitei que estava a serviço, também, para colher contatos de possíveis entrevistados para o meu trabalho. O professor Marcelo Casati me auxiliou neste processo.

Negrelli foi extremamente simpático. Acabei conhecendo, também, sua esposa, a Ivete Roxo, que também foi aluna da FEFIS. Peguei o contato dos dois antes que a cerimônia se iniciasse. Eles me avisaram que passariam uns tempos viajando, mas que quando voltassem a Santos, conversariam comigo.

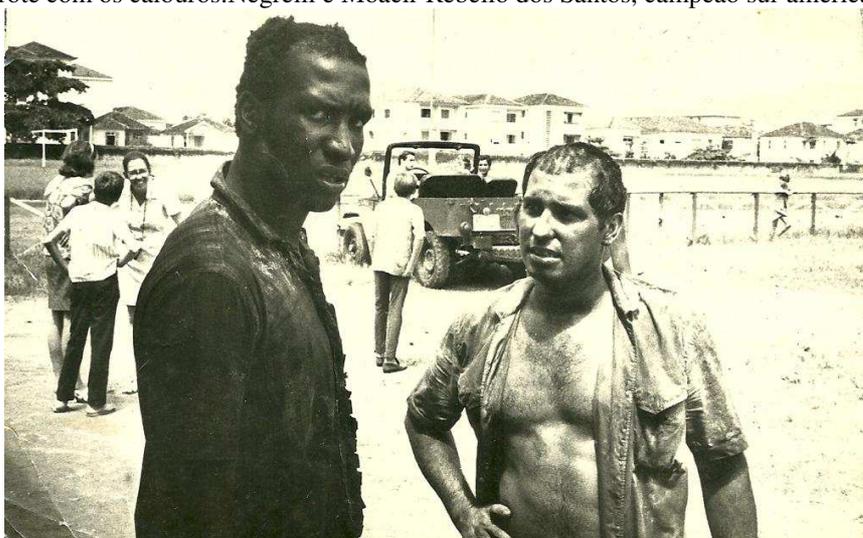
E o combinado foi cumprido. Negrelli sugeriu de marcar a entrevista na própria FEFIS, o prédio que atualmente trabalho e é hoje chamado de *Campus Rosinha Viegas* – conforme explicado na terceira seção, atualmente é no prédio da FEFIS que funcionam todos os cursos de graduação e pós-graduação, exceto o curso de Medicina Veterinária.

A vontade de Negrelli, segundo ele, era visitar o prédio, ver como as “novas obras” tinham ficado. “Quanta coisa mudou aqui!”, disse ele. “Na minha época de professor, não havia uma praça de alimentação tão ampla”. Ele também aproveitou para reencontrar alguns ex-alunos seus, que o receberam com muito carinho. Aparentemente, Negrelli também ficou na memória de quem se formou na FEFIS nos anos 1990.

A entrevista foi realizada numa sala da reitoria da Universidade, local sugerido por mim. Julgava ser adequado para uma gravação limpa, sem ruídos. Eu teria optado também pelo estúdio de TV, mas o local estava sendo usado por professores para gravação de aulas dos cursos EaD(ensino a distância) da instituição. De qualquer forma, a entrevista correu muito bem. Negrelli parecia bem à vontade ao falar sobre seus anos na instituição tanto como aluno quanto professor. Senti nele um orgulho em lembrar principalmente sobre sua carreira e ele relacionou muitas vezes seu legado esportivo com a FEFIS. O que me deu muitas pistas sobre o tema a que me propus a pesquisar.

Negrelli também contribuiu na iconografia deste trabalho, cedendo imagens pessoais que até então não tínhamos em nossos arquivos, conforme Figura 32. Algo que valoriza muito não só esta dissertação, mas também no futuro trabalho de arquivo e HO que pretendo desenvolver na Unimes, instituição onde trabalho.

Figura 32 - Trote com os calouros: Negrelli e Moacir Rebello dos Santos, campeão sul-americano de natação



Fonte: Arquivo pessoal/Negrelli

Isso porque, ao longo dessa investigação, percebi a cultura escassa de preservação de arquivos nos ambientes privados no País. Muitas das documentações, quando preservadas, são mantidas por famílias, funcionários ou ex-funcionários de empresas. Ao entrevistar os sujeitos para esta pesquisa, deparei-me com este cenário. Diários de classe, trabalhos escritos, fotos de formatura, de trotes, das aulas práticas, eram todas enviadas pelos ex-alunos e professores.

[...] No Brasil não há uma prática corriqueira de preservação documental privada, e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras. Muito poucos são os casos de iniciativas de organização de tais acervos empreendidas por seus produtores ou detentores, com o objetivo final de franqueá-lo à consulta. (PINSKY, 2008, p. 42)

Reforçando o que mencionei na introdução deste capítulo, optei nesta entrevista com Negrelli e outros entrevistados pela abordagem de como eles viam a instituição em sua época de estudante. Afinal, o objetivo é sempre retomar ao “fio condutor” da pesquisa: saber como a esportivização da Educação Física se desenvolveu na FEFIS – isso se, eventualmente, aconteceu. Analisei minhas impressões diante do resultado destas e de outras entrevistas, desde evidências a contradições nas falas dos entrevistados.

#### **4.2.2 “Para um atleta da época, associar o emocional com o físico é algo estranho. Mas foi um ensinamento importantíssimo para nós”**

Nasci no dia 8 de abril de 1950, em Santos, no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Santos, um sábado de Aleluia, antecedendo a Páscoa. Negrelli é um apelido que o técnico do Santos, Ayrton José de Araújo, conhecido por “Fumanchu”, me deu quando eu tinha entre

9, 10 anos de idade. Ele achava que o estilo era semelhante ao de um jogador italiano que tinha esse sobrenome. Carrego esse apelido comigo desde essa época.

Digo que sou um privilegiado. A partir dos oito anos de idade, minha mãe era cozinheira do Santos Futebol Clube. A princípio, comecei a bater uma bolinha de futebol nos arredores da Vila. Acabei me apaixonando pelo lugar, pelo esporte. Tudo começou a acontecer lá, no antigo Ginásio Athié Jorge Cury. Agora, fico até triste que o local tenha virado uma loja de material esportivo do próprio clube. Ao longo do tempo, acabaram reduzindo o ginásio de esportes. Minha vida foi lá, a partir dos nove anos de idade. Fiz vários amigos, que me abriram a porta para o sucesso que tive no esporte.

Morava em frente à Escola Primo Ferreira, onde ficava o campo da Associação Atlética Americana. Era situada exatamente na Dom Pedro I, 75. A associação ficava no local onde hoje é a Escola Estadual “Primo Ferreira”. A professora Rosinha e o professor Rubens lecionaram nessa escola. Foi um privilégio para um jovem, como eu, ter tido o esporte em minha vida. Tive a oportunidade de viajar bastante, fazer muitos amigos e construir uma carreira vitoriosa.

Uma coisa interessante, que eu tenho conversado muito a respeito com meus colegas, é sobre o quão impressionante é a comparação da Educação Física daquele tempo com os tempos atuais. Estamos falando de aproximadamente 50, 60 anos atrás ou um pouquinho mais. O que era oportunidade ou acesso à prática esportiva para crianças e jovens, era bem diferente do que é hoje. Eu me lembro de fazer *peneira*<sup>90</sup> lá no campo da própria Vila Belmiro, com 450 ou 500 crianças e jovens. Havia a manhã esportiva. Acontecia todo sábado e domingo. Havia um campeonato para adolescentes de até 16 anos, o basquete tinha mais de cem crianças em uma escolinha, na faixa etária de 8 a 12 anos para masculino e feminino. Eram muitas crianças. E em volta ali da Vila Belmiro, todo mundo jogava futebol, basquete ou voleibol. Além das crianças participarem dessa iniciação esportiva, já havia o campeonato mirim infantil e juvenil, e na maioria das faixas etárias, tinham equipes A e B.

Quer dizer, cada categoria tinha 30 ou 40 garotos, disputando campeonato santista e algumas delas, disputando até campeonato estadual, e isso foi de 1958 até os anos 1970. Em 1964, veio uma equipe do Clube Internacional, digamos, mais profissional. Embora tivesse uma ajuda de custo, ainda era um sistema amador.

Foi quando nós passamos a jogar voleibol e participamos da primeira escolinha da

---

<sup>90</sup> Seleção feita por clubes de futebol para revelar jovens jogadores para atuarem nas categorias de base, antes de chegarem ao time profissional.

modalidade, talvez do Brasil, que ficava justamente no Santos Futebol Clube. Nosso técnico era o Roberto Gomes Machado, que foi o idealizador do time. Ele já é falecido. Foi formado na primeira turma da FEFIS. Era um homem que estava à frente de seu tempo era marido da professora Helena Cláudia La Terza, que lecionava na disciplina de Ginástica Feminina da Faculdade. Foi quando começou a minha carreira e dos meus amigos Geraldo e Arlindo. Nós jogamos basquete e voleibol dos 10 até os 18 anos, chegamos a ser convidados para asseleções paulistas do Juvenil no basquete e no Voleibol.

Era possível conciliar o esporte com os estudos, porque não se treinava tanto quanto se treina hoje. Então, eram três vezes por semana o basquete, e de duas a três vezes o voleibol. E a gente fala isso com muito orgulho, eu e o Arlindo, porque nós éramos convocados para uma Seleção Paulista de Basquete onde jogava o Carioquinha e o Zé Geraldo, que foram depois atletas olímpicos, campeões mundiais de interclubes. Era um basquete considerado um dos melhores do mundo e a gente teve oportunidade de conviver, jogar contra esses atletas de altíssimo nível.

Fico triste, porque nosso auge foi bem na época das grandes disputas no futebol, com o Santos Futebol Clube de Pelé e o Botafogo de Garrincha, e isso talvez tenha ofuscado nosso time. Mas esta mesma rivalidade, estas mesmas disputas aconteciam também no voleibol. Décio, Feitosa, Paulo Russo e o Nicolau, que eram contemporâneos do ex-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Arthur Nuzman, assim como o Bebeto de Freitas que foi técnico da seleção brasileira e da seleção italiana. Era um duelo bastante interessante, mas que não teve a mesma visibilidade que o futebol teve.

Minha formação escolar começou no colégio Cesário Bastos, onde fiz o primário. Depois, eu fiz admissão para o colégio Ateneu Santista, que fica na Carvalho de Mendonça. Também fiz Datilografia, lembro que, na época, eu não gostava. O ginásio foi no Liceu São Paulo, e o colegial, fiz no Colégio Santista. Depois do Colégio Santista, prestei vestibular para a FEFIS e entrei na segunda turma, em 1970. Minha formatura foi no ano de 1972.

Quando terminei o colegial, estava na dúvida de qual profissão eu iria seguir. Minha mãe queria que eu fosse advogado, embora eu tivesse uma influência muito grande do Bebeto de Freitas<sup>91</sup>, que foi meu grande mentor no esporte, meu padrinho de casamento e era professor de educação física e foi meu técnico de basquete desde os 13, 14 anos. Mas, para

---

<sup>91</sup> Paulo Roberto de Freitas foi jogador de voleibol; atuou como treinador na modalidade e, como gestor esportivo, foi presidente do Clube de Regatas Botafogo, no Rio de Janeiro (MORRE BEBETO DE FREITAS, 2018).

cursar Educação Física, eu tinha de ir a São Paulo. Só havia o curso na USP e na cidade de São Carlos, então para mim, não tinha nada definido.

Areal definição surgiu quando fui para os Jogos Abertos do Interior, em Jaboticabal. Foi no ano de 1968. Foi quando conversei pela primeira vez com a Dona Rosinha, soube que ela era daquela região. Já a conhecia por conta dos campeonatos colegiais, porque ela era professora do Colégio Moderno, e nós do Liceu São Paulo. Durante os Jogos, ela não só apareceu no nosso alojamento, como também apareceu no alojamento das outras cidades. Ela ia conversando com os atletas de alta performance. Ela mesma fazia a propaganda da FEFIS, captando alunos.

Ia ao pátio, ao refeitório, explicando a importância e dando uma orientação para nós, atletas. Lembro das palavras dela até hoje: “Vocês são atletas de nível de seleção e tudo mais, é uma boa oportunidade vocês terem uma formação dentro do que vocês gostam, dentro daquilo que vocês fazem de melhor”. Foi quando eu fiquei convencido a cursar Educação Física. Cheguei até a pensar: “Estou ainda na escola, não posso repetir de ano, porque quando eu terminar, quero estar na FEFIS”.

Não tinha um ‘plano B’. A decisão de cursar Educação Física foi extremamente importante para mim, porque teve a primeira turma logo no meu último ano de colegial. Entrei na segunda turma da Faculdade, em 1970. Mesmo estudando, continuava atuando como atleta. Inclusive, fui para a Olimpíada de Munique, na Alemanha, em 1972. No primeiro ano, fui colega do Pelé, que teve que trancar a matrícula dele por causa da Copa de 1970, e também do Leão. Nós nos chamávamos de Primeiro Ano E. Esse ‘E’ era de “especial”, só tinha fera na nossa classe.

Costumava encontrar com o Pelé diariamente, apesar de ter uma certa distância. Era muito engraçado. Sempre que eu o via, tomava um susto, não acreditava, pensava comigo: “O jogador do século, o maior jogador do mundo, está aqui do nosso lado”. E lá estava ele, batendo papo, como um aluno normal. Esta era uma das coisas mais interessantes que vivi na FEFIS. Era impactado diariamente com a presença dele.

E digo mais, ele era um excelente aluno. Muitos falam: “Ah, ele deve ter passado por lá, facilitaram a vida dele”. Sei que não foi assim. O professor Godofredo Casati pegava no pé dele, deixava a gente de segunda época, que era a dependência na matéria. Mesmo assim, ele foi um aluno brilhante. Na Faculdade, a gente entendia o porquê de ele ter sido o melhor jogador do mundo e de todos os tempos. Eu nunca vi nada parecido ou semelhante em termos de privilégio físico, ele era de uma força... Nas aulas práticas, jogando basquete, quando esbarrávamos nele, era como se estivesse batendo na parede. Ele era extremamente forte e

veloz. Em corrida de 100 metros, ele fazia em 11 segundos na época, era um absurdo.

Diria também que um dos melhores períodos para o voleibol de Santos foi o nosso. Teve uma certa revolução dentro do voleibol, porque eu vejo que ninguém treinava mais do que a gente. Treinávamos segunda, quarta e sexta. Mas nós tínhamos um privilégio: dos seis titulares do nosso time, cinco faziam Educação Física na FEFIS. Então era eu, o Geraldo, o Arlindo, o Paulo e o Careca. O tempo todo fazíamos atividades físicas e estudávamos. Nós passamos a fazer musculação na época da Faculdade. Na época, não era muito comum, porque achavam que ficaríamos com a hipertrofia muito grande e que isso poderia atrapalhar no toque ou na impulsão da gente, e foi quando surgiu o teste de *cooper*, porque já se discutia a fisiologia do exercício.

Outra pessoa que nunca vou me esquecer é do professor Zuliani, que lecionava Psicologia. Lembro muito bem que ele dizia que “a cabeça é quem manda em tudo, inclusive, no corpo humano”. E eu me questionava: “Como a cabeça que comanda? O que importa é a parte muscular”. Mas ele tinha razão. Nunca mais me esqueci disso. Porque na atividade física, a gente tem sempre que procurar evoluir. Além dos treinos, a parte emocional conta muito. Para um atleta da época, associar o emocional com o físico é algo estranho. Mas foi um ensinamento importantíssimo para nós.

Nós, do Santos, chegamos a perder somente uma partida no ano, no ano de 1971. Fomos vice-campeões brasileiros, só perdemos a final. No primeiro jogo, no início de temporada, tínhamos dois ou três semanas de treinamentos, nós fomos convidados a fazer um jogo amistoso com a Seleção Brasileira em São Paulo no Ibirapuera, perdemos o primeiro *set*, e eu disse: “Olha, se nós jogarmos bola e não respeitarmos tanto o adversário, a gente vai vencer”. Ganhamos de 3 a 1. Jogamos a temporada inteira. Na maioria dos jogos, vencíamos de 3 a 0, só perdemos a final para o Botafogo, que era um time mais alto que o nosso. Tínhamos o Geraldinho Nakasato, que se formou comigo. Ele não tem mais de 1 metro e 60 centímetros, e mesmo com a estatura baixa, foi sem dúvida nenhuma um dos melhores levantadores do Brasil. O próprio Zé Roberto, que hoje é técnico de vôlei da seleção feminina, foi atleta olímpico e se espelhou no Geraldo. Digo que eu tenho um privilégio danado, porque ele foi o meu levantador, então a bola vinha redonda, nas melhores condições possíveis.

Apesar de ter ido para a Olimpíada de Munique no último ano de Faculdade, consegui conciliar com a Faculdade. Fui conversando com os professores, planejando o que podia. Antecipei algumas provas e fiz outras no fim do ano. Não foi fácil. O mais duro de todos os professores era o pai do Marcelo Casati, o professor Godofredo. Ele pegava no pé, mesmo. Nesse ano, ele me deixou em segunda época, na disciplina de ginástica masculina.

Também havia ginástica olímpica e ginástica de solo e educação física geral. Foi com dificuldade, mas felizmente deu tudo certo no fim.

Na época em que disputei os Jogos Olímpicos, me lembro que fiz um pedido ao Pelé. Na época, ele era representante da Puma<sup>92</sup>, e eu sabia que ia ter um estande da marca dentro da Cidade Olímpica. Queria uma pulseira da Puma, e eu pedi para que ele me desse alguma referência ou alguma carta para conseguir entrar no estande. O Pelé me disse: “Te dou sim, Negrelli, aparece no treino<sup>93</sup>”. Mas sempre era uma dificuldade após os treinos você conseguir chegar perto do Pelé, aí eu pensei: “Ele vai esquecer e não vai conseguir cumprir o prometido”. E em um dos dias em que eu estava descansando, falaram que o professor Godofredo queria conversar comigo. Ele disse que tinham duas encomendas de um colega pedindo para que eu comprasse um tênis para ele, e mais uma carta do Pelé, que era uma carta de apresentação para Puma. Eu já tinha estado na Puma e não tinha sido muito bem tratado naquela outra ocasião. Quando eu cheguei com a cartinha do Pelé, tive até tapete vermelho, passaram-me o triplo de brindes que foi dado para todos os atletas da Olimpíada, entre outros materiais esportivos.

O nosso chefe de delegação da Olimpíada de Munique era militar. O General Piresera bravo, eu me lembro de que uma das coisas que me deixou chateado foi que eu queria levar uma máquina fotográfica no desfile de abertura. Deixar registrado aquele momento maravilhoso, que foi uma das maiores emoções da minha vida, entrar no campo tocando a música brasileira e a sensação de ouvir “Aquarela do Brasil”<sup>94</sup>. Venci, porque faço parte da elite do esporte mundial. Foi através de muito esforço e muita dedicação, então, é um sentimento de vitória você estar participando de uma Olimpíada. O coronel proibiu que a gente levasse a máquina fotográfica, e eu estava preparadinho para o desfile, para nós nos encaminharmos para o estádio. Ele falou: “Se eu vir alguém tirando foto, volta pro Brasil amanhã”. Pensei: “Foi uma luta pra estar aqui, e se eu bobear, não vou poder disputar”. Eu e alguns colegas voltamos para deixar a máquina fotográfica. Chegando ao desfile, vimos que alguns se arriscaram e tiraram foto. Fiquei louco da vida. Tinham outros países também, não havia necessidade de tanta linha dura e rigidez. Mas se bem, que, às vezes, sinto que o fato de termos vivenciado estas situações desde 1964, não se tinha muita ideia política do que estava

---

<sup>92</sup> Empresa alemã de artigos esportivos fundada em 1948.

<sup>93</sup> Os treinos aconteciam na Cidade Olímpica, complexos esportivos montados para as delegações de cada modalidade, representando os países.

<sup>94</sup> Escrita pelo compositor Ary Barroso, em 1939.

acontecendo, mas eu me lembro que até na FEFIS, tinha uma matéria que era o coronel que dava pra gente, nem me lembro mais o nome dele, e era Estudos dos Problemas Brasileiros. E são coisas que você ficava até com medo, era uma situação que não podia dar opinião.

Na FEFIS, não tinha essa de dar opinião sobre política. É uma outra situação muito interessante, que é quando nós íamos viajar pela seleção brasileira, nós passávamos a treinar três vezes ao dia. Parte física de manhã, à tarde, técnica e tática, e à noite, coletivo. E ficávamos alojados no centro de treinamento do exército ou da marinha. Nós ficávamos praticamente confinados, nós saíamos da concentração só no sábado à tarde, e quem tinha algum lugar para ficar, saía e voltava na segunda de manhã ou no domingo à noite, e me lembro de quando ficávamos alojados na ilha das Enxadas, tinha a barquinha que saía de lá com os horários certos, então, se você não voltasse no horário, ficava na rua. A barca voltava às 22h. Se eu perdesse, só conseguia voltar no dia seguinte, às 6 da manhã, em cima da hora do treino, que começava às 8 da manhã. Comíamos a comida dos militares e não tinha nenhum mal nisso, mas hoje, estão preparando os atletas com nutricionistas e toda uma equipe estruturada.

Comíamos arroz, feijão, carne, legumes, porque afinal de contas, é uma alimentação para militar, então, não pode ser uma alimentação qualquer, mas era de militar nível soldado. Porque os oficiais faziam as refeições em outro refeitório, obviamente que não era uma alimentação para atleta de alto rendimento e de alto nível. E o preparador físico também era militar, era o Coutinho, ele popularizou a corrida dos 12 minutos, o *cooper*. Nesta época, toda a preparação física era feita pelo Cabo ou Tenente do exército. Lembro que nós fazíamos praticamente todo o treinamento militar, entrava no fosso, saía, nadava, subia corda... o esquema era mais ou menos assim. Subíamos as paineiras, que era a subida para Cristo, 3 mil metros de subida, você não imagina o que era aquilo, o que teve de choro de tanta dor que a gente sentia.

O que eu percebi em meio à minha experiência é que a Educação Física, na minha época, era muito focada no esporte, e ao longo do tempo, ela foi se desenvolvendo. Tanto que tinham as modalidades da minha época. Ovôlei era uma delas. Geraldo Faggiano era o nosso professor de voleibol, depois virou meu amigo pessoal. Como depois se tornou diretor da Faculdade, praticamente foi ele quem fez o convite para que eu viesse dar aula na disciplina de voleibol nos anos 90, e era uma coisa que eu queria muito, falava assim para ele: “Não quero tirar o lugar de ninguém, mas assim que tiver oportunidade, eu gostaria muito de dar aula de voleibol na faculdade”. E acabou acontecendo tempos depois. Geraldo Faggiano, um técnico de Seleção Brasileira, foi ao mundial em 1960 na Rússia, técnico do Clube Atlético

Santista, que tinha uma equipe de voleibol maravilhosa, uma pessoa muito respeitada. Mas era exigente, com ele não tinha ‘moleza’. Na época, você tinha alguns objetivos na aula que você tinha que cumprir, obviamente, como atleta que a gente era, não tinha muita dificuldade, às vezes até pedia para que nós ajudássemos dentro da aula, na orientação com os colegas. Ou seja, ele respeitava a gente. Queria a nossa ajuda, mas também exigia muito. Não é porque eu era atleta de seleção e fazia qualquer coisa que era dispensado da aula. Havia uma tolerância, mas tinha uma cobrança, sim.

Uma outra influência do militarismo que há alguns anos deixou de existir era a formação do pelotão militar. A gente formava os menores na frente e os maiores atrás, quatro colunas e você ficava em posição correta, e o professor dava a preleção dele. Na aula, fazia chamada com os alunos nessa formação em sala de aula, e a partir daí, ele começava a aula.

Fora isso, tinham uns professores que eram extremamente exigentes, o professor mais exigente que nós tivemos foi o professor Godofredo Casati. Os professores nos ensinaram que era preciso ficar à distância do seu braço em relação ao seu companheiro da frente, tinha um alinhamento e o professor dava bronca se você não tivesse alinhado, e era na formação por ordem de altura, posição fundamental, calcanhares juntos, com os braços próximo ao corpo, cabeça erguida, o tronco estufado e assim tinha que ficar e eles passavam todas as instruções. Havia até ordem, você marchava, esquerda, volver, oitava direita e oitava esquerda. Pensando comigo, quando me tornei professor, acabei me tornando exigente também. Queria que os alunos fizessem exatamente a mesma coisa, seguindo o mesmo rigor.

As nossas aulas eram no campo do Brasil Futebol Clube. A aula começava às 8 horas em ponto, todo mundo já sabia, o professor chegava e a classe ficava já posicionada aguardando a presença e a chegada do professor, e o professor vinha e começava a aula, e nós já sabíamos o que tinha de fazer, no caso, entrar em forma.

A Rosinha não participava desses momentos, era algo que os professores faziam. Ela só interferia quando ocorria algum problema, e ela vinha muito enérgica e brava. Fora isso, pessoas como a Rosinha são aquelas que estão à frente do seu tempo, era uma empreendedora de uma visão incrível. Como foi importante essa Faculdade de Educação Física aqui em Santos! Não foi só a região que ganhou com isso, quantos atletas que vieram aqui do interior de São Paulo e até de outros estados do Brasil que vieram fazer a faculdade aqui. Era uma pessoa muito boa, devo muito a ela, embora nós recebêssemos uma ajuda de custo do Santos Futebol Clube, mas o esporte não dava o dinheiro que se paga atualmente. Hoje você consegue fazer seu pé de meia jogando voleibol. Para a gente, era mais difícil. Por ter vindo de uma família humilde, teria problemas financeiros para pagar o curso.

Rosinha me deu uma bolsa de estudos e as pessoas sabem disso. Estas coisas têm que ser ditas quando a gente é ajudado no momento que a gente precisa. Por isso, sou muito grato por ter conseguido me formar, eu até me emociono porque hoje, graças a Deus, eu tenho uma situação financeira tranquila, mas tudo começou lá atrás, com várias pessoas que me ajudaram, e ela foi uma delas.

Quando me formei em 1972, me perguntei: “E agora, o que vou fazer?”. Recorri ao meu grande mentor desde os meus 13 anos de idade, o professor Santoro, que me disse: “Você vai lecionar no Colégio Canadá”. Ele era diretor do colégio. Fui para lá junto com o Bebeto e íamos nós, junto com o Benedito Juarez Câmara, da primeira turma da FEFIS, o Reinaldo também da primeira turma, além do professor Laerte Peçanha, professor da FEFIS e formado na USP, a professora Maria Silva, Professora Santa, Abigail, Vera de Castro... éramos mais ou menos em 11 professores de educação física no Colégio Canadá, com mais de 2 mil alunos. O que nós formamos de atleta foi algo incrível.

No Colégio Canadá, foram muitos alunos que formamos para o esporte. Um deles foi o Cidão, jogador de vôlei da seleção brasileira de voleibol, na mesma época que o atual técnico Bernardinho jogava, foi Secretário de Esportes de Santos entre 2012 a 2016. Ele era meu aluno da 5ª série no Colégio Canadá, e depois meu aluno de Educação Física na universidade concorrente, a UniSanta que é a FEFESP, onde também lecionei. Então, isso me deixa muito orgulhoso.

Além do Colégio Canadá, lecionei no Colégio Dino Bueno. Nessa época, perdi uma Olimpíada, porque foi Montreal em seguida, já era formado e era professor, chamavam na época de ‘título precário’, então, todo ano, como eu tinha acabado de me formar, não tinha pontos suficientes para poder escolher um número suficiente de aulas e também não havia garantia de que ia ter aula. Então, eu precisaria prestar um concurso do estado para ser um professor efetivo e aí, sim, eu teria as minhas aulas garantidas a cada ano.

Cheguei ao ponto de algumas vezes, para manter o vínculo com o Estado, pedir para o professor deixar uma aula e eu pagava por fora essa aula para ele, para poder contar pontos para os anos seguintes, ter um número de aulas suficiente que desse para nos sustentar. Houve um concurso em 1976, na época da Olimpíada de Montreal, e eu resolvi fazer. Só que não daria para estudar para o concurso e ir para Montreal, então, eu pedi uma dispensa. Se eu soubesse que ir para uma Olimpíada dava tanto ímbope, que fosse tão importante como é hoje, eu teria ido a Montreal e não teria feito o concurso.

Na época, o Governo do Estado até ofereceu para que a gente trabalhasse no Projeto “Adote Um Atleta”, com Caio Pompeu de Toledo, que na época era o Secretário de Esportes

do Município de São Paulo, mas eu pensei em não ir. Resolvi fazer o concurso, fui o segundo de todo o Estado de São Paulo, com mais de 10 mil candidatos, também fui o segundo da região de Santos, tanto que eu morava na Ana Costa e escolhi o Colégio Dino Bueno para lecionar, eu praticamente atravessava a rua para dar aula na escola.

Também lecionei na Escola José Carlos de Azevedo Junior, que fica na saída da cidade, lá no Jardim São Manoel. Enfim, no mínimo, lecionei em umas 10 escolas de Santos. Eu brincava com meus alunos que queriam atuar na Educação Física: "Vocês têm que escolher uma profissão em que vocês vão ter que trabalhar muito, de 12 a 16 horas por dia, não vão ter férias, vão trabalhar de segunda a segunda". Porque quando eu começava a falar para eles do meu currículo, eles perguntavam: "Como é que é isso, professor? Trabalhava em três, quatro lugares ao mesmo tempo, quantos anos você tem?". Porque fora a aula na escola, eu era técnico de voleibol e tinha uma academia de ginástica, então tinha que conciliar isso tudo.

Fui proprietário da Negrelli Ginástica, a princípio ficava na Rua Tolentino Figueiras 23, bairro Gonzaga. Depois foi para a Ana Costa 363, do lado do prédio da Prodesan<sup>95</sup>. Depois, transferimos para a Avenida Ana Costa, 482/484, que foi o auge da minha academia, em cima do prédio do Banco do Brasil, no Bairro Gonzaga. Nesse último lugar, tínhamos 2.000 metros quadrados e chegamos a ter 2.500 alunos pagantes. Tinha um sócio, e nós nos desentendemos. Em seguida, fui contratado para ser professor na Universidade Santa Cecília (UniSanta), na academia deles, depois fui para o 'Curvão', no Canal 1, na Avenida Pinheiro Machado, 363. Depois, fui para o Clube XV, no Canal 3, e lá eu encerrei as atividades na academia.

Nós começamos com a aula de ginástica localizada, nós tínhamos uma casa até humilde, a sala devia ter uns 7mx5m, cabia exatamente 12 alunos na sala, e tinha a parte de cima que eram três quartos. Tinha um outro espaço, onde nós colocamos a bicicleta ergométrica, umas pranchas abdominais, uns espaldares, e fazíamos um circuito de aparelhos. Tínhamos 24 pessoas, 12 em baixo e 12 em cima, mas não podíamos ter só alunos fazendo acalistenia, e depois só os alunos fazendo exercícios nos aparelhos, então a gente alternava, segunda, quarta e sexta uma turma fazia embaixo, e terça e quinta, a turma ia pra cima, e na semana seguinte, era ao contrário. Outro fator muito interessante para a época, na academia as aulas eram separadas, as mulheres não faziam aula com os homens.

Na escola e na FEFIS, fui do tempo em que a professora de educação física dava aula

---

<sup>95</sup> Progresso e Desenvolvimento de Santos.

para as meninas, e o professor de educação física dava aula para os meninos<sup>96</sup>, e com o tempo isso deve ter sido nos anos [19]90, liberaram para ministrar as aulas mistas. Na época, falaram que seria um grande problema. Confesso que também achava, mas o resultado foi muito positivo. Inclusive, na hora de jogar um futebol, os meninos reclamavam que as meninas também iam jogar, e os professores ensinavam que tinha que ser respeitar as meninas e que elas também podiam jogar. E os meninos começaram a respeitar as meninas e a coisa fluía naturalmente, numa boa.

Na FEFIS, o professor Soriano dava aula de basquete para o masculino. Para o feminino, era a professora Wanda Bezerra, se não me engano. Olha que loucura, a Helena Claudia dava aula de Ginástica só para as meninas e o professor Godofredo dava a mesma disciplina para os meninos, era uma separação bem evidente. Eu me lembro muito bem de quando falaram que iam misturar as turmas e que as aulas seriam mistas, em 1993 e 1994 até perto dos anos 2000, no novo prédio, lembro dos professores acharem que não ia dar certo de jeito nenhum, e eu falei pra eles: “Relaxem, que na escola já está assim e funciona”. Hoje em dia, nem se pode imaginar que algum dia seria ao contrário de como é hoje. Jogam todos juntos sem problema algum.

Na minha época, a maioria dos alunos que vinha cursar Educação Física era composta por atletas, mas a gente se formava para trabalhar na área de educação física escolar. Era licenciatura, não havia o bacharelado. Cada professor de Educação Física também tinha a tendência de puxar mais para a modalidade de atuação, porém, o muito bonito disso tudo, é que antes, nem todos os professores de Educação Física tinham uma vivência esportiva, mas eram professores comprometidos com a Educação, em termos de proporcionar aos alunos a vivência de várias práticas esportivas, por isso que eu questiono como a Educação Física está nos dias atuais.

Porque, hoje em dia, os clubes esportivos estão fechando. Quem quer praticar algum esporte, tem que pagar, e dificilmente existem lugares que ofereçam espaços assim. Sem a prática, é muito difícil ser introduzida a um clube para atuar profissionalmente. Quando eu digo que no Santos havia um monte de jovens praticando basquete e voleibol, não era um

---

<sup>96</sup>Dada a Resolução n.º 69 do Conselho Federal de Educação, que determina mudanças no ensino da Educação Física, não encontramos vestígios de diferenciação de gêneros pensando em uma perspectiva curricular. Possivelmente, vale a reflexão sobre a influência de alguns escritos da história da Educação Física, tais como as de Fernando de Azevedo, no que tange ao que determinaria uma melhor fomentação de prática da EF nas escolas – e se tratando de ensino superior, quais melhores práticas desenvolvidas para a formação de professores desta área. Na seção 4.2.3, uma citação de Azevedo (1960) talvez possa explicar melhor essa divisão de gêneros encontrada no curso da FEFIS.

privilégio do Santos. Havia no Clube Internacional, na Ponta da Praia, no Brasil Futebol Clube, no Macuco, no Vasco da Gama tinha, no Tumiaru em São Vicente, no Vila Souza no Guarujá, enfim... bastava a criança ir em algum desses clubes, as portas estavam abertas, e em qualquer uma delas tinha um professor, um técnico pra ensinar e iniciar essa criança na atividade física. E o professor de educação física escolar se preocupava que a criança tivesse uma noção esportiva, fomentava e realizava campeonatos internos, masculino e feminino de futsal.

E hoje em relação ao esporte, perdeu-se muito, o que melhorou muito hoje em dia foi na área *defitness*, com as academias. Principalmente para as mulheres, porque elas tinham pavor, medo de fazer musculação ou uma atividade física mais forte, e a hoje a Faculdade recebe muitas alunas que foram estimuladas em virtude da academia. Antes, o perfil do estudante era o atleta, ou porque ele curti ou gostava de esporte. Hoje, não. Hoje, às vezes, é porque o curso é mais barato, porque ele acha que vai chegar na Faculdade, brincar de esporte. Vai descobrir que não é bem assim, chega até a ficar frustrado. Por outro lado, creio que temos formado excelentes profissionais, maravilhosos. Mas eu sinto que aos poucos o esporte está sendo prejudicado, porque a gente não vê tanto professor com a vivência de um esporte competitivo. Então, se você não tem essa vivência, fica difícil você depois de formado passar isso para os seus alunos, embora a vivência não seja tudo, tem que ter o comprometimento e eu não tenho visto isso em relação ao esporte.

Além do Santos Futebol Clube, a FEFIS foi a minha grande base profissional e de vida. Engraçado descobrir isso falando nesta entrevista, afinal de contas, foram 27 anos como aluno e depois como professor, eu me sinto aqui como se ainda tivesse em casa, e com pessoas que foram tão importantes na minha vida, como a professora Rosinha, a filha dela, a Renata, fez dança comigo no meu grupo Negrelli Dança & Companhia. O nosso professor era o Marcos Delon e um dia fez um espetáculo de final de ano. Foi maravilhoso, pena que não temos registrado. E foi ele que fez o convite para eu retornar aqui para lecionar na FEFIS. Primeiro, fui professor de Ginástica de Solo e Ginástica II e III, e depois, assumi a cadeira que é o meu ramo de atuação de base, o Voleibol.

Na mesma época em que estudei, também participei dos Jogos Regionais representando a cidade de Santos. Joguei uma edição em Itu e a outra, em Araraquara. Lembro bem porque em Itu representei o basquete e não o voleibol. Lembro bem porque as equipes na época que tivessem as primeiras classificações nos Jogos Abertos do Interior estariam automaticamente classificadas para os próximos Jogos Abertos. Naquele ano, mudaram o regulamento. Para competir nos Jogos Abertos, tinha que participar dos Jogos Regionais e ficar

entre as primeiras colocações para ser classificado às disputas dos Jogos Abertos seguintes.

A delegação da cidade de Santos bobeou no regulamento da época. Quem quis ir para os Jogos Regionais, acabou indo e quem não quis, não foi. Lembro bem de estar indo de ônibus para Araraquara, que era a cidade que eu queria curtir e conhecer, porque ir para os Jogos naquela época era uma festa, era uma coisa que a gente curtia muito e sempre é muito bom quando você ganha.

Lembro até de ter ido junto com uma namorada minha, que era jogadora de voleibol e professora de educação física. Estávamos no ônibus e chegamos ao alojamento, reparamos que ninguém mandava a gente descer do ônibus, e entrava dirigente da delegação santista, saía dirigente e nada. Todos os ônibus parados e nós não desembarcamos.

Nem chegamos a sair do ônibus, pegamos e voltamos, perguntaram aos dirigentes o motivo de nós estarmos lá, alegaram que tínhamos pouquíssimas modalidades classificadas, basquete foi uma delas, mas o voleibol não. Então, em sinal de protesto, os dirigentes de Santos resolveram boicotar os Jogos Abertos e fizeram com que toda a delegação não participasse. Não ficamos nem duas horas em Araraquara. Não teve nenhum cunho político na época.

Lembro bem do Esmeraldo Tarquínio, que foi o prefeito cassado na época da Ditadura. Ele foi uma pessoa que sempre me prestigiou enquanto atleta e também nas academias, sempre que tinha alguma inauguração, ele sempre estava presente, eu lembro porque o Roberto Douglas, o marido da professora Helena Cláudia, foi presidente do Diretório Acadêmico da FEFIS, era outro que estava à frente do seu tempo, fez campanha pro Dr. Esmeraldo para prefeito. Eu lembro disso, de estar fazendo campanha para ele e tudo mais. Lembro de momentos antes da cassação dele, foi uma coisa assim muito triste para todos nós. Achávamos que o Roberto, que era nosso técnico, seria o secretário de esportes e que faria muito pelo esporte da cidade. Com a cassação, ele acabou não entrando. Foi uma pena.

Quando Santos perdeu sua autonomia política, não sentimos muito o impacto direto no esporte. Pelo contrário, acho que o militarismo no esporte foi algo positivo, porque valorizou a competição, as modalidades esportivas no país. Foi um momento interessante para o esporte, que foi muito valorizado. Politicamente, não, porque queríamos eleger os nossos candidatos e não passar por tanto tempo sem exercer a nossa cidadania.

#### **4.2.3 Considerações finais sobre a entrevista com “Negrelli”**

No início do depoimento de Negrelli, percebe-se seu orgulho em rememorar as práticas desportivas, principalmente, o local onde nasceu e cresceu. Ele logo menciona que sua mãe trabalhava como cozinheira no clube onde atuou, o Santos Futebol Clube, e por aí justifica ter sido possível construir “toda a sua trajetória de sucesso”.

Importante observar uma menção a qual Le Goff (2003) faz sobre um dominicano, Giovanni da San Gimignano, que transcreveu sobre fórmulas de recordações no início do século XIV, que parecem ainda muito atuais e vão ao encontro da entrevista de Negrelli.

Há quatro coisas que ajudam o homem a bem recordar. A primeira é que se disponham as coisas que se deseja recordar numa certa ordem. A segunda é que adira a elas com paixão. A terceira consiste em reportá-las a similitudes insólitas. A quarta consiste em chamá-las com frequentes meditações (LE GOFF, 2003, p. 450)

O leitor pode reparar como Negrelli articula suas lembranças de infância em frente à Vila Belmiro com a relação de ter estudado Educação Física. Ele poderia ter separado suas memórias por ordem cronológica, mas ele conecta pontos, reflete sobre sua própria atuação e visão do esporte e da EF.

Exemplo disso é quando o ex-atleta, depois de trazer suas memórias sobre sua infância tanto no esporte quanto na escola, dizendo ter “sido um privilegiado” e de ter “construído uma carreira vitoriosa”, logo fez comparações de como a Educação Física era considerada mais esportiva, sem sequer eu ter chegado a perguntar sobre esse assunto.

Pode-se considerar que, de certa forma, sua paixão pelo tema faz com que não só discorresse sobre suas vivências no esporte e na FEFIS, mas também sobre seu envolvimento com a prática do professor de EF – até porque entra seu posicionamento como professor, que passou por experiências no ambiente escolar (exemplo do Colégio Canadá) e acadêmico (retornou à FEFIS para ser professor da cadeira de vôlei).

Como bem aponta LarossaBondía (2002), “[...] costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre a teoria e a prática”. Negrelli, assim como seus outros colegas, vivenciaram a prática e encontraram na Faculdade a teoria. A partir disso, questionaram situações que já vivenciaram. Como ele fez, a partir do momento em que menciona uma passagem de uma aula do professor de Psicologia do Esporte na sua época, o que acabei conferindo o tom vital da fala de Negrelli em sua entrevista:

Outra pessoa que nunca vou me esquecer é do professor Zuliani, que lecionava Psicologia. Lembro muito bem que ele dizia que "a cabeça é quem manda em tudo,

inclusive, no corpo humano". E eu me questionava: "Como a cabeça que comanda? O que importa é a parte muscular". Mas ele tinha razão. Nunca mais me esqueci disso. Porque na atividade física, a gente tem sempre que procurar evoluir. Além dos treinos, a parte emocional conta muito. Para um atleta da época, associar o emocional com o físico é algo estranho. Mas foi um ensinamento importantíssimo pra nós (NEGRELLI, 2018).

Nesta entrevista, Negrelli aponta também alguns aspectos de como a esportivização acabou sendo fomentada, particularmente, na FEFIS: a atuação da própria fundadora e diretora da Faculdade, Rosinha Viegas. Pelas suas considerações, ela parecia ser uma empreendedora. Sua estratégia foi de chamar os atletas que estavam em destaque, como Negrelli apontou em seu depoimento: “No primeiro ano, fui colega do Pelé, que teve que trancar a matrícula dele por causa da Copa de 1970, e também do Leão. Nós nos chamávamos de Primeiro Ano E, de “especial”, só tinha fera na nossa classe”.

Também um apontamento que foi feito e que não poderia deixar de considerar é sobre a separação de turmas por masculino e feminino na FEFIS. Na legislação vigente da época, nada apontava para uma separação específica de gêneros em classes, mas os escritos da história da Educação Física parecem ter influenciado a condução que a EFE e as instituições de ensino superior, como foi o caso da FEFIS, tiveram para ensinar práticas físicas aos estudantes.

Fernando de Azevedo (1960), um dos primeiros a refletir sobre as práticas da Educação Física no Brasil, faz uma observação que mostra como era a visão vigente daquela época, em que os profissionais percebiam claramente as diferenças entre homens e mulheres, e que, portanto, configuraria a necessidade de se distinguir as aulas para o público masculino e o feminino:

O que é preciso, no entanto, ter sempre em vista na educação física é a diferença do sexo. [...] Os órgãos de agressão e defesa do homem reclamam violência de movimento, na mulher apenas os gestos suaves, a quase quietude. Por exemplo, o olhar do homem está habituado a produzir medo e os sinais da energia e do mando; o da mulher é veludoso e educa-se em atraí-los. A violência e o exercício do homem criam as asperezas da superfície do corpo pelo desenvolvimento de ossos e músculos. A maternidade ou a sua predestinação avoluma as formas no ventre, nos seios e nos membros inferiores (AZEVEDO, 1960, p.81).

#### 4.3 ENTREVISTADA 2: LAURETE GODOY (TURMA 1969-1971)

Laurete Aparecida Godoy tem 80 anos, foi formada na primeira turma da Faculdade de Educação Física de Santos (FEFIS). Sua irmã mais velha, Lucy, também era atleta e se formou em Educação Física. Inspirada nela, participou do “Torneio das Estrelas” em Santos,

aos 10 anos de idade, e se apaixonou por esportes a partir deste evento. Tornou-se velocista, gostava de correr os 200 metros no atletismo.

Participava de campeonatos colegiais e, por vencer, passou a defender o Clube de Regatas Saldanha da Gama. Em 1958, mudou para São Paulo e foi convidada para competir pelo Clube Atlético Paulistano e defender o Brasil em Lima (Peru), no Campeonato Sul-Americano de Atletismo (GENNARI; RIBEIRO, 2012). Destas competições, seu auge foi a vitória nos 4 x 100 metros rasos no Campeonato Sul-Americano de Atletismo.

Durante o curso de Educação Física, Laurete também se mostrou aparentemente uma das protagonistas da construção e do processo de reconhecimento da FEFIS, como mostrado na entrevista a seguir. Rosinha Viegas apostou em seus atributos intelectuais – não só o físico, como muitos imaginam que a Educação Física se resume ao estudo do corpo – mas principalmente à escrita. Elemento este que seria fundamental para o encaminhamento de cartas e relatórios ao Conselho Federal de Educação e o Ministério da Educação (MEC), entre outros processos burocráticos iniciais.

Depois de se formar em Educação Física, Laurete não seguiu a carreira como professora de Educação Física, mas o esporte esteve presente em sua vida em diversas atividades. Fez pós-graduação em Administração Esportiva pela Universidade de São Paulo (USP) e deu sequência à carreira de escritora. É autora dos seguintes livros “Segurança nos Esportes”<sup>97</sup>, “Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga” e “Os Olímpicos – Deuses e Jogos Gregos”. Também foi convidada a acompanhar as delegações brasileiras nos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984), além de ter sido consultora do Departamento de Esportes da Rede Globo para assuntos de ‘Olimpismo’, visando os Jogos Olímpicos de Seul (1988).

#### **4.3.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com Laurete**

Ao terminar de ler a biografia de Rosinha Viegas – ainda quando meu enfoque de pesquisa fosse voltado ao estudo biográfico desta educadora – saberia que poderia contar com as contribuições de Laurete Godoy. Ela, talvez, tenha sido uma das pessoas que mais contribuíram para as informações do livro escrito pela jornalista Lídia Maria de Melo.

Cheguei a pesquisar se ela possuía acesso às redes sociais, mas não a encontrei. Porém, encontrei uma mensagem de um amigo, o Paulo Gonzalez Monteiro, que atualmente

---

<sup>97</sup> Em parceria com o professor da FEFIS, Augusto Duarte Esposel.

trabalha como gestor no Museu Pelé, sobre alguns escritos de Laurete Godoy e sua trajetória no Facebook<sup>98</sup>. Mandei mensagem direto para ele, perguntando se ele a conhecia, quando me confirmou que não só a conhecia, como também era um grande amigo dela.

Ele prontamente me passou seu contato pessoal. Laurete é extremamente apaixonada em sua fala, queria saber de todo o processo do trabalho que faria, desde a construção das entrevistas, o enfoque, e disse que era um orgulho poder contribuir para o trabalho.

Sugeri que poderia ir à São Paulo para entrevistá-la, mas ela fez questão de vir a Santos e passaria em minha casa para conceder um depoimento. Depois, aproveitaria o ensejo para visitar uns amigos.

Minha mãe estava em casa no momento. Chegamos a lhe oferecer água e lanche, mas ela recusou. Estava empolgada com o tema, com as histórias que tinha para contar sobre a Rosinha Viegas, a FEFIS e também sua própria trajetória de vida. O que mais me impressionou em Laurete foi a sua lucidez, embora já estivesse praticamente com 80 anos de idade. Não só articulou bem suas lembranças, mas também trouxe discursos escritos da época em que foi aluna— como, por exemplo, o da formatura de sua turma, a primeira da FEFIS (1969-1971). Inclusive, leu um dos poemas que fez para o então presidente da República, à época, Médici, conforme Fig. 33 e 34. Decorou do início ao fim.

Figura 33 -Laurete Godoy com o livro autografado pelo ex-presidente Médici



Fonte: Elaborada pela autora

---

<sup>98</sup> Rede social em 2004, fundada e dirigida atualmente pelo norte-americano Mark Zuckerberg.



Paula Martins Saragoza, que foi minha professora de Português no Canadá, para agradecer a base que ela nos proporcionou durante o período escolar.

Eu me formei em 1957. Em fevereiro de 1958, mudei-me para São Paulo. Optei por cursar Educação Física porque eu era atleta. Defendia Santos nos Jogos Abertos do Interior. Já tinha uma vida dentro do esporte. Fui estudar Educação Física em São Paulo. Era a Escola Superior de Educação Física da USP. Fiz o vestibular para Educação Física Infantil, por causa do meu diploma de normalista, passei muito bem, inclusive, passei em primeiro lugar, e comecei o curso. Depois de três meses, cheguei à conclusão de que não era aquilo que eu queria. Paralelamente, comecei a praticar esportes no Clube Atlético Paulistano. Ao mesmo tempo, fui nomeada funcionária pública, trabalhava no departamento de trânsito de São Paulo... era uma vida tão sacrificada! Não havia as facilidades de hoje, eu estou falando de 1959, são 60 anos atrás! Depois de três meses, falei para mim mesma: “Não quero ser professora de Educação Física”. E desisti. Nesse ínterim, fui estudar taquigrafia, estudar espanhol, pensei em mil coisas para fazer.

Fui atleta até 1961. Foi quando eu conquistei o título de campeã sul-americana de atletismo. Essa era a minha meta. Eu era velocista, corria 100, 200 metros. Também fui campeã paulista e brasileira. Quando atingi o título sul-americano, parei com as competições e fui cuidar da vida, embora eu tivesse recebido convite para atuar em um clube do Rio de Janeiro. Fiquei durante dez anos tentando descobrir o que eu queria me desenvolver profissionalmente.

Em 1963, fui morar em São José dos Campos, comecei a faculdade de Belas Artes. Descobri que também não era o que eu queria e voltei para São Paulo. Em 1967, fiz um concurso para a Secretaria da Justiça e passei. Tornei-me escrevente de um cartório criminal. Neste período, uma das minhas irmãs, a Lucy Godoy, morava no Paraná e voltou para São Paulo para retomar a carreira de professora de educação física. Ela lecionava natação no ginásio do Ibirapuera. Era engraçado, porque eu me arrumava para ir para o Fórum de salto, meia, ficava toda arrumadinha, e a Lucy chegava de agasalho, tênis. Ela me perguntava: “Aonde você vai?”. Eu dizia: “Estou indo trabalhar”. E ela respondia: “Ah! Eu também”.

Na época, eu trabalhava na 19.<sup>a</sup> Vara Criminal, para onde foram encaminhados os processos do “Bandido da Luz Vermelha”<sup>99</sup>, que promoveu terror em São Paulo. Num dia ensolarado, teve uma audiência tão pesada, porque era terrível a energia que rolava entre as

---

<sup>99</sup> José Acácio Pereira da Rocha, conhecido por “Bandido da Luz Vermelha”, assaltava residências da elite paulistana e utilizava uma lanterna de luz avermelhada antes de cometer o assassinato (CABRAL, 2016).

vítimas e o bandido da Luz Vermelha. Ele queria ir para o manicômio judiciário, ficávamos naquela tensão. Quando acabou a audiência, eu perguntei para o juiz se podia sair um pouquinho, e ele autorizou. Atravessei a rua e me sentei num banco da Praça Clóvis Beviláqua. Olhava para o céu, depois olhava para o Fórum e eu encontrei dois caminhos naquele momento. Em um dos caminhos, eu continuaria no Fórum, estudaria Direito e seria promotora, juíza, ou o que eu quisesse. O outro caminho me permitiria voltar para a vida ao ar livre, algo que a profissão de Educação Física me proporcionaria.

Pensei muito sobre tudo isso. No dia seguinte, fui à USP para saber como estaria a minha situação, já que eu havia trancado o curso de Educação Física. Fui informada de que as aulas eram ministradas em período integral, de manhã e tarde, e eu não queria. Era funcionária há quase dez anos, não queria perder a estabilidade.

Foi quando meu pai me avisou que iam abrir uma Faculdade de Educação Física em Santos. Ele ainda morava em Santos e leu nos jornais da época. Fiz o vestibular, me matriculei e fiquei durante um ano trabalhando em São Paulo e tendo que conciliar com os estudos em Santos. Confesso que foi um desespero, pensei em desistir, mas resisti e aí começou toda a minha resenha com uma Faculdade de Educação Física, e até hoje eu ‘agradeço’ ao “Bandido da Luz Vermelha”, porque foi graças a ele que eu fiz a minha escolha profissional. Deus mostra o caminho que a gente tem de seguir. Ele usa os mais diferentes recursos para dizer que estamos no lugar errado e foi assim que eu cheguei à FEFIS.

Prestei vestibular na FEFIS em 1969 e fui muito bem classificada. Os testes foram no Brasil Futebol Clube. O que eu me lembro bem é que eu estava apavorada com as duas provas de corrida, porque eu fumava naquela época. Como fui velocista, pensei: “Meu Deus, vou ter que correr com essa dificuldade respiratória por causa do cigarro!”. Eu me lembro que na prova dos 400 metros começou aquele falatório entre os candidatos, porque eu tinha sido campeã sul-americana de corrida, e havia uma expectativa por conta disso.

Na metade da prova de 400 metros, dei uma respirada bem funda. O ar entrou direto e pensei: “Salve-se quem puder!”, pois minha especialidade era a prova de 200 metros. Dei aquela arrancada nos duzentos finais e fui muito bem. Tive um ótimo desempenho nos 400 metros, e se não me engano, nos 50 metros fiz o melhor tempo. Depois, minha marca serviu de base para os exames subsequentes da faculdade. E o pessoal pensava assim: “Nossa, se ela é boa corredora, então ela não vai saber nadar”. Porque estava aquela disputa de quem ia ser o primeiro no vestibular, só que eu sabia nadar (risos) e as provas escritas foram tranquilas. A classificação de quem seria o primeiro ou segundo nunca me preocupou, mas fui muito bem em tudo e comecei a cursar a faculdade.

Esse vestibular foi um acontecimento social aqui em Santos. “A Tribuna” noticiava, foi muito interessante e foi um marco na história da cidade essa fundação. Quando comecei, eu era dezanos mais velha que todas as meninas da minha sala. Elas estavam na casa dos 20 e poucos anos, e eu, 30. A cada dia que passa, você aprende uma coisa nova. Se formos levar isso em conta, pela lógica, em 10 anos eu teria aprendido, pelo menos, três mil coisas a mais do que elas. Era diferente o jeito de encarar o que eu estava fazendo, o meu interesse e a minha vontade eram muito diferentes do da maioria. Havia outras pessoas da minha idade que já atuavam na Educação Física, mas que estavam à espera do diploma para que pudessem ser efetivados nos cargos. A faculdade foi um marco na história da Educação Física nacional, pois não eram muitos os cursos que existiam naquele tempo.

A Rosinha forneceu condições para que as pessoas pudessem sobreviver profissionalmente. Deu às pessoas a oportunidade de se formarem, constituírem família e ganharem um salário para sustentar as famílias. Lembro que, uma vez, fui com a minha irmã para o Rio a pedido da Rosinha, e quando nós falamos da Faculdade de Educação Física, teve um senhor que virou para mim e perguntou se Faculdade de Educação Física não era um título muito pernóstico para uma escolinha de ensinar ginástica. Diante daquela pergunta, retruquei, querendo saber se ele conhecia as disciplinas que são ensinadas em um curso de Educação Física. As pessoas torciam o nariz, mas a Rosinha teve o peito e a coragem de seguir em frente com o seu projeto e fundou, em Santos, a primeira Faculdade de Educação Física do país.

Ela trouxe os professores da USP, um ou outro professor que era de outras instituições. O corpo docente era composto pelos melhores. Por exemplo, o nosso professor de Higiene era extraordinário, o Dr. Augusto Duarte Esposel. Aprendíamos como a educação física atuava de uma maneira preventiva para a manutenção e aquisição da saúde. Higiene no sentido médico, os cuidados que deveríamos tomar... Depois, o professor Esposel faleceu e eu acabei tendo a honra de concluir o livro dele, porque ele foi meu professor na USP durante a pós-graduação, quando fiz Administração Esportiva. Também havia o professor Dr. Augusto Longo, que lecionava Anatomia, o de Cinesilogia... ótimo também!

Já o professor Cyro era responsável pela cadeira de Metodologia. Ele era terrível, muito exigente. Além das matérias teóricas, como História da Educação Física, nós tínhamos as práticas. Atletismo, Natação, Basquete, Voleibol... era um currículo amplo e, ao mesmo tempo, muito dinâmico. A gente intercalava as aulas práticas com as teóricas. E os alunos vinham de várias cidades do estado. Foi uma faculdade que eu fiz brincando, com muito prazer.

Uma vez, ia ter uma sabatina de ginástica, e um rapaz entrou na toaleta da Faculdade. Os amigos trancaram a porta por fora, e ele gritava: “Ei! Ei! Me solta!”. E eles não soltavam, e havia um monte de brincadeiras desse tipo. Apesar dessas traquinagens, as aulas práticas e teóricas, se eu não me engano, eram todas separadas, turmas de homens e mulheres.

Minha aproximação com a Rosinha aconteceu quando eu comecei a apresentar bons resultados, bom rendimento nas aulas. Tinha umas meninas de Guariba que moravam na casa da mãe da Rosinha, a Dona Leonor, e elas eram da minha turma. Eu ia muito à Dona Leonor, para estudar com a Lilian, a Miriam, a Ana Maria, a Martha, irmã da Rosinha que era da nossa classe. Acho que a coisa foi acontecendo naturalmente, e eu era aquela aluna que ia pra São Paulo, voltava e na maior correria... fazia muitas coisas ao mesmo tempo! Lembro que, no fim de 1970, a Rosinha me chamou e falou: “Laurete, eu estive no Rio, na Escola de Educação Física do Exército, e eles convidaram a turma de Santos para participar da Colônia de Férias que o Exército faz no Rio de Janeiro, e eu só deixo a turma de Santos ir se você for chefiando a equipe”. Penso que, de repente, ela passou a sentir confiança em mim, no meu trabalho, provavelmente pela maneira de me portar dentro da faculdade. Acabou tendo a oportunidade de me conhecer melhor e eu também sempre gostei de escrever. Então, quando a faculdade estava naquela fase que precisava esperar a aprovação do Conselho, eu e o Pelé entramos em cena. Eu com o discurso e o Pelé com a bola autografada. Por esse motivo, a gente foi criando um elo, uma grande amizade.

Ela era a diretora da faculdade e sempre foi muito participativa. Gostava de promover festas, o que aproximava muito os alunos e os professores. Eu me lembro que o meu aniversário, 26 de junho, era o mesmo dia do aniversário da mãe dela, a Dona Leonor. Não me lembro em que ano foi isso, mas sei que a Rosinha fez uma festa na Faculdade. Teve uma feijoada para todo mundo, a caipirinha era distribuída naqueles carrinhos de mate vendido na praia. Agora imagina, eu fazendo aniversário no mesmo dia que a mãe dela com aquela festa maravilhosa, foi no campo do Brasil, era uma turma muito boa, as pessoas trabalhavam com amor, o Seu Davino e a Dona Celina, ele e a Rosinha que pintaram, prepararam o Brasil Futebol Clube pro vestibular, para as festas. A Dona Celina cuidava da cantina, na secretaria era o Bento e a Yvonne D’Áscola. As D’Áscola eram irmãs nadadoras famosas aqui em Santos... Era gente ligada ao esporte, os professores também, por exemplo, o Professor Adalberto Mariano, o Professor Pellegrini, muitos alunos eram jogadores do Santos Futebol Clube, era uma turma ligada ao esporte... a cidade também é ligada ao esporte, então era uma grande alegria... E a Rosinha com aquele temperamento dela, alegre e festeiro,

acabava unindo aquele pessoal. Mas ela não recebia só aplausos, porque nós não somos moedas de ouro. Penso que só moeda de ouro agrada todo mundo.

Na época que buscamos o reconhecimento da FEFIS, no começo do ano de 1971, eu tinha de um estresse terrível. Fora isso, também estava doente, e eu não sabia o que era, mas hoje eu sei que foi decorrente de hipoglicemia crônica. Estava muito mal e desanimada. Um dia, abri o jornal “A Tribuna” e li uma notícia que dizia que a Faculdade de Educação Física iria a Brasília para o encontro com o presidente Médici. No texto, dizia que a comitiva era formada por Rosinha Viegas, Rubens Viegas, professor Cyro de Andrade e... Laurete Godoy. Fui chamada para falar com o presidente Médici, mas não tinha a menor ideia de que eu ia. Descobri pelo jornal! Quando li, corri para falar com a Rosinha, disse que eu não ia, mas ela negou, falou que eu tinha que ir de qualquer jeito. A audiência parece que foi no dia 26 de março de 1971, um ano após a Copa do Mundo, quando o Pelé esteve com o presidente após a conquista do tricampeonato e falou sobre a Faculdade e a Rosinha... era uma sexta-feira e foi a última audiência do dia.

Estávamos nós quatro lá no palácio. Havia um embaixador japonês, que chegou antes. Na despedida, ele fazia inúmeras reverências, e saiu andando de costas. Depois, nós entramos naquela sala enorme, no fundo havia uma mesa grande, em que o presidente despachava com as autoridades. E o professor Cyro começou a falar da importância da Educação Física, mas, antes, eu tinha falado com a Rosinha que, desde 1941, estavam tentando promover a regulamentação da Educação Física e ninguém conseguia, e eu reparei que o presidente quebrou o protocolo quando foi entregar o prêmio para os jogadores durante a Copa. Disse que precisávamos fazer alguma coisa diferente, porque se a gente chegasse lá, fazendo a mesma coisa que outras pessoas, não ia surtir efeito. Também disse que estava pensando em fazer uma poesia, e ela topava, eu dava as ideias e ela sempre abraçava, dava apoio. Disse também à Rosinha que, se ficasse parecido com "batatinha quando nasce" a gente deixaria de lado, mas se o resultado fosse interessante, a gente mostraria ao presidente. Ficou razoável e não tive nem tempo de tomar banho, porque fui datilografar.

No momento que estávamos sentados na sala do presidente, reparei nos olhos dele. Eram de um azul profundo, ele possuía duas marcas oblíquas na testa e possuía o timbre de voz parecido com o do Pelé. A gente falou que o Pelé tinha mandado um abraço para ele, em seguida, comentei que tínhamos vontade de chamá-lo para ser o patrono da nossa turma, mas que o Pelé tinha falado que não seria viável, porque ele seria da turma dele. Médici acabou aceitando ser nosso patrono também.

Tudo foi dito, o presidente recolheu os envelopes e falou assim: “Bom, está tudo aqui o que vocês pediram?”. Foi neste momento que a Rosinha informou que o pedido da regulamentação da Educação Física seria feito por mim, em versos. Percebi que ele olhou para mim com um olhar de desespero, porque era a última audiência da semana, a última do dia e também a última do mês. Ele deve ter pensado: “Meu Deus, eu vou ter que ouvir essa mulher recitar pra mim!”.

Mas ele foi muito educado e perguntou se eu era poetisa. Disse que não pretendia, mas que iria recitar naquele momento. Levantei-me e os meus joelhos tremiam tanto, que eles batiam um no outro. Eu estava diante do presidente da República e recitando! Não era mais uma criança, já tinha 30 e poucos anos... Comecei dessa forma:

Neste momento solene, o protocolo é quebrado  
 Pois faremos nosso apelo todinho versificado  
 Vou começar passo a passo, contando a pequena história  
 De um país que adormecido, despertou cheio de glória  
 Escolhido um general para chefe da nação  
 Na hora da sua posse, fez uma linda oração  
 Falou sobre seus anseios, sobre Deus e o Minuano  
 Definiu todo o seu credo, leal, correto, humano  
 E o gigante altaneiro que fingia repousar  
 Abriu os olhos sorrindo, começava a despertar  
 E marchava resoluto, passo certo, firme e forte  
 Cultivando educação, cultura, arte e esporte  
 E o esporte aconteceu, vibrando toda a nação  
 Que sentiu nas suas veias o auriverde pendão  
 As bandeiras desfraldadas, emoção, glória e otimismo  
 Brasileiros delirando, na febre de patriotismo  
 Cadê o sorriso triste? Cadê a seca falada?  
 Não importou nada disso, a taça foi conquistada  
 E a camisa canarinho da Seleção Brasileira  
 Não era dos jogadores, mas sim da nação inteira.  
 Aqui vai o nosso apelo, aqui fala a faculdade  
 Que abriga o Rei Pelé, sua Alteza, Majestade.  
 Não só em nome da FEFIS, mas de uma classe confiante  
 Que aguarda a solução, de um problema angustiante.  
 Escolas estão criadas, há mestres em profusão,  
 Que aguardam ansiosos, a famosa regulamentação  
 De um sistema de trabalho, de um decreto firmado,  
 Que até hoje, sem razão, não foi regulamentado  
 O tempo segue ligeiro, nossa matéria esperando,  
 Os sonhos vão fenecendo e a gente desesperando  
 A luta não terminou e permanece um dilema  
 Quando será, Excelência, resolvido esse problema?  
 Uma legião de mestres, uma equipe sonhadora,  
 Espera das suas mãos a penada salvadora.  
 Que o famoso minuano, do seu rincão adorador  
 Represente a doce brisa do nosso sonho dourado  
 Ginástica pela infância, na adolescência - esporte  
 Adultos sempre saudáveis, um Brasil alegre e forte  
 Uma classe satisfeita, brado forte e varonil  
 OBRIGADA, PRESIDENTE  
 PRESIDENTE DO BRASIL...

Terminei assim. Ele levantou, abraçou-me, perguntou o meu nome, disse que eu o havia emocionado e disse que iria publicar os meus versos. Depois, colocou a mão no meu ombro pediu para lhe acompanhar até a mesa do fundo. Abriu um armário e começou a procurar alguma coisa, fez-me sentar-se na cadeira do Ministro da Fazenda. Ele me presenteou com um livro de sua autoria e um cumprimento por escrito.

Depois, perguntei a ele: “General, o senhor que conhece o presidente melhor do que eu, será que ele se incomodaria de tirar uma foto conosco?” Naquele instante, já me senti dona da situação, porque ele já havia se emocionado com a minha poesia. Ele respondeu que ia sentir-se muito honrado com a foto. Porém, não havia mais fotógrafo no gabinete. Não conseguimos o registro, mas ficou marcado em nossas lembranças.

Uma semana depois, os assessores de Médici informaram que o projeto havia sido encaminhado ao Congresso, para regulamentação. Com essa questão resolvida, enviei outro verso, dessa vez, de agradecimento:

Professores agradecem o carinho dispensado  
O minuano chegou muito antes do esperado  
E veio com alegria, soprando suavemente  
Sê bem-vindo, Minuano, obrigada, Presidente!

Na época, fomos pedir ajuda ao DED (Departamento de Educação e Desporto), órgão do MEC, com sede em Brasília. O Coronel Erick Tinoco, que era o diretor, já me conhecia de um discurso que eu tinha feito na Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, com a Turma do Projeto Rondon. Fomos e pedi verba para dar continuidade às atividades da Faculdade. Depois disso, sempre quando encontrava o marido da Rosinha, ele dizia: “Nossa, Laurete, o primeiro grande dinheiro que nós recebemos, devemos a você, que conseguiu!”.

Eu tinha sempre na bolsa um livro chamado “Imitação de Cristo”. Lembro que depois do presidente Médici, quando cheguei ao hotel abri o livro, e eu nunca me esqueci da mensagem que caiu e a mensagem dizia que muitas vezes nós nos surpreendemos na vida, com o pouco ou com o muito que recebemos, mas não cabe ao homem julgar, Deus sabe a quem manda e porque manda. E naquele momento eu estava feliz pelo muito que havia recebido. Esse foi um marco importante para a Faculdade e, em especial, para mim e para os meus colegas. Estávamos no último ano e íamos nos formar, conquistando essa regulamentação, o que abriu um campo de trabalho extraordinário para nós.

O ensino da educação física também passou a ser obrigatório nas universidades e as pessoas se sentiram altamente estimuladas. Até hoje, penso nisso e falo comigo mesma: “Gente, que bênção foi a Rosinha ter pedido ao Pelé pra marcar a audiência com o presidente da República!”. Quer dizer, ela teve a visão da oportunidade e eu ter tido aquela ideia de ter feito aqueles versos e tudo ter dado certo. Nós fomos astutas.

Nós não víamos a hora de terminar a faculdade, porque já era o terceiro ano, aí teve eleição para orador da primeira turma, escolhemos o Dr. Esposel (professor de Higiene), ele era maravilhoso, para ser nosso paraninfo. Lembro que, na época, teve gente se candidatando para ser o orador e estavam brigando para ser o orador, e eu me lembro que o Paulo Russo, do voleibol, perguntou por qual motivo estavam brigando, porque na opinião dele, eu que deveria ser a oradora. Foi quando todos concordaram em me indicar. Nossa formatura foi no Cine Indaiá, foi muito bonita!

Meu discurso foi o primeiro da formatura. Falei de todos os professores e tem um detalhe, porque a nossa professora de Folclore só ensaiou uma música, chamada “Balaio”, e eu falei para as meninas que ia cantar “Balaio” na formatura, e elas não acreditaram em mim e brincaram comigo. Quando chegou a hora, falei assim: “E durante o ano, era constante o cantarolar de balaio, meu bem balaio...”. E foi aquela risada na plateia, eu fiz uma homenagem a todos os professores.

A Rosinha queria entregar o diploma para mim, mas neguei. Queria que o Dr. Ângelo Gallucci, meu chefe aqui no Fórum de Santos, fizesse a entrega. Hoje, ele é desembargador aposentado, amigo querido até hoje, e eu me lembro que quando terminei o discurso, foi uma festa e o pessoal adorou.

Nosso objetivo era que a Educação Física fosse regulamentada. Todo mundo precisava disso para trabalhar. Acho que essa foi a grande conquista da primeira turma da FEFIS.

Em janeiro de 1972, houve um curso internacional de Educação Física aqui em Santos, vieram professores do Brasil inteiro, vieram profissionais da Colômbia, de vários locais. O encerramento foi no Clube de Regatas Santista. Nessa ocasião, fiz uns versos para a cerimônia. O início foi assim:

Da FEFIS saiu o brado, o grito sensacional  
De um curso a ser ministrado, com fama internacional  
O Brasil todo acorreu ao ouvir o chamamento  
Alunos e professores ávidos de conhecimento  
O clamor vibrou tão alto, fronteiras atravessando  
Que a Colômbia fez presença, ao curso prestigiando  
E provou mais uma vez, com grande satisfação

Que é do nosso Brasil, país vizinho e irmão  
 Os estados acorreram, na devida proporção  
 Vou comentar cada um, sem nenhuma pretensão  
 Alguns falam 'Inverno Verde', pela beleza que encerra  
 Amazonas grandioso, celeiro da nossa terra [...]

Depois de formada, dei aula no curso de Comércio Exterior que a Rosinha abriu. No começo, quis ir embora para São Paulo. Eu fui assessora de direção do Perito, que era diretor da Faculdade de Comércio Exterior, eu cheguei a dar aula, mas não era a minha praia. Eu quero chegar, falar e ir embora, eu não tenho esse perfil de ficar muito tempo em um só lugar. E depois do Fórum, fiz concurso, dei aula na Escola Estadual "Ermelino Matarazzo", em São Paulo, depois de pouco tempo, fui para a Secretaria de Esportes do Estado, e eu gostava muito de escrever e eu tinha que aproveitar o meu talento.

Meu pai guardou uma carta que mandei para o Conselho Federal de Educação, pedindo o reconhecimento da Faculdade. Comecei assim: "No momento em que tramita por esse Conselho o processo de reconhecimentos da faculdade de Santos, essa ex-aluna não poderia sufocar seus sentimentos, seu respeito e sua gratidão". Eu me formei em 1971, dei aula em algumas faculdades da Rosinha, mas cheguei à conclusão de que a vida acadêmica não me interessava. Acabei depois partindo para o campo da pesquisa, e eu gostava de escrever livros.

No Brasil Futebol Clube, também havia coisas interessantes. Por exemplo, na quadra de basquete, tinha na lateral uma parede enorme que era o fundo de casas, e um dia o professor da modalidade estava treinando passe de peito, que é jogar a bola e receber na altura do peito, então, aquele paredão era ideal pra fazer passe de peito, e de repente chega uma senhora desesperada, dizendo: "Pelo amor de Deus, estão derrubando todos os bibelôs da minha parede!".

Nossa turma pegou uma estrutura com muito improvisado. De repente, anos depois, o pessoal vai para um prédio maravilhoso, como aquele da FEFIS ali na Avenida Conselheiro Nébias, criado em 1999. Foi impactante pra nós, que fizemos a primeira turma, eu vim até com um grupo de amigas de Guariba pra assistirmos à inauguração, foi maravilhoso, e a Rosinha falou no discurso: "Até câmara hiperbárica temos agora!".

Então, foi o suprassumo da modernidade. Foi muito bom ver como aquela Faculdade de Educação Física da Rua Jurubatuba expandiu tentáculos para todo lado como um polvo e a Rosinha foi crescendo. Foi muito gratificante eu ser chamada por ela e organizar a festa de implantação da Unimes. Teve *buffet* de São Paulo, as flores, e eu me lembro que, quando

acabou a festa, alguém chegou para mim e disse: “Inegavelmente, a instalação da Unimes foi o acontecimento da década na cidade de Santos”.

Foi tudo muito lindo, eu me sinto muito feliz. Muitas vezes, para elaborar os discursos, eu perguntava à Rosinha o que ela queria que eu colocasse, e ela ia me dando imagens e eu ia colocando em palavras. Então, os discursos dela eram sempre muito bonitos, porque sempre partiam do coração dela e do meu, para podermos transmitir a melhor imagem possível.

A Rosinha era muito engraçada. Se um dia me perguntarem o que eu falaria dela, diria: “Se você colocasse na mesa todas as virtudes da Rosinha e elas fossem transformadas em pedras preciosas, a que brilharia com mais intensidade seria a pedra chamada generosidade”. Ela ajudava as pessoas, os alunos... ela era brava, perspicaz... percebia as coisas a quilômetros de distância, e eu acredito que ela tenha devotado tanto carinho a mim, que era uma forma de respeito, porque ela percebia que eu queria fazer o melhor possível para a faculdade e eu não tinha interesse algum e ela percebia as coisas.

Ela sentiu que eu peguei a bandeira da FEFIS junto com ela. Se precisava mandar carta para o Conselho, eu mandava, porque sei que uma carta bem escrita é como um assalto, tem muita chance de êxito. Imagina fazer verso para o Médici e, em uma semana, regulamentar a educação física e se conquistar o reconhecimento do curso... São coisas que acontecem na vida da gente porque Deus sabe a quem manda e a razão de mandar. Uma pessoa que foi chamada de “Rosinha do Brasil” por um ícone da Igreja Católica Apostólica Romana, que é o Papa João Paulo II, é porque ela merece muito, porque o que ela fez em Santos ela também fez para o Brasil inteiro e ela foi muito corajosa, e isso que eu estou falando somente da Educação Física. Agora imagina todas as outras faculdades e todas as outras oportunidades que ela criou. Corajosa, audaciosa, malcriada, ela soltava o palavrão que ela quisesse na frente de quem quer que fosse, assustava as pessoas, mas era respeitada.

Agradeço a oportunidade de falar sobre a FEFIS, sobre a Rosinha Viegas, uma pessoa incrível que eu tive o prazer e a alegria de conhecer, de ser amiga, de ter trabalhado lado a lado com ela. Então, eu é que fico feliz de poder trazer que ela representou, isenta de qualquer paixão ou qualquer coisa, a Rosinha escreveu uma página de ouro na história da educação física brasileira pela coragem dela, pela fibra, pela fé e pela certeza de vencer.

### **4.3.3 Considerações finais sobre a entrevista de Laurete**

Nesta entrevista, Laurete apresentou alguns elementos que, assim como na fala de Negrelli, demonstram novamente a presença do “tino empresarial” de Rosinha Viegas. Um desses comentários é como Rosinha pensou na formação administrativa de seu curso. Não apenas professores que vieram da USP ou de São Carlos, mas que também trabalharam em clubes esportivos, mas também em outras funções estratégicas da instituição. A escolha de Ivone D’Ascola, como secretária da FEFIS, seria mais um detalhe considerado para captar alunos que desejariam trabalhar com esportes, afinal, ela era um nome conhecido na cidade – foi nadadora do Clube Saldanha da Gama e campeã da Travessia do Canal a Nado em três ocasiões: 1939, 1940 e 1942.

O capital intelectual de Laurete também se tornou um chamariz para Rosinha Viegas, que a viu como uma espécie de liderança e, ao mesmo tempo, como uma porta-voz da instituição. Nos versos ditos por ela ao presidente da República, Médici, em audiência para reivindicar o reconhecimento da EF, Foucault (1996, p. 23) consegue trazer um contexto quanto ao seu discurso. “Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos”. Não bastava somente o trabalho intelectual, mas também sua sensibilidade, o que também foi um detalhe que somou para se diferenciar na condução das falas.

## **4.4 ENTREVISTADO 3: DIRCEU LEAL, O “BURU” (TURMA 1970-1973)**

Dirceu Leal, conhecido por “Buru”, já era um nome conhecido nos corredores da FEFIS, especialmente pelos professores. Formou-se na turma de 1970-1973 e depois, tornou-se docente e diretor da Faculdade, tendo ocupado o cargo até em meados dos anos 2000. Na cidade, é considerado uma das referências em formação de atletas de base no basquete, sendo responsável há mais de 40 anos pela formação de juvenis na modalidade do Clube Internacional de Regatas. Na infância, foi jogador de Basquete do Brasil Futebol Clube. Depois, foi para o Atlético Clube em Santos.

### **4.4.1 Considerações sobre a entrevista com “Buru”**

Meu contato com Buru foi feito por meio das redes sociais. O acesso não foi tão fácil quanto imaginei que seria, mas decidi falar diretamente com Buru, em vez de recorrer à Assessoria de Imprensa do Clube Internacional de Regatas, onde trabalha. Depois de algumas semanas, ele me respondeu que concederia uma entrevista no próprio clube. Tive de me desdobrar nos horários do trabalho, mas consegui conciliar.

A entrevista foi feita no dia 21 de fevereiro de 2019, uma quinta-feira chuvosa. Assim que cheguei, tive de aguardar um dos treinos do juvenil – não lembro se era do masculino sub-14 ou outra categoria. Em seguida, ele me recebeu gentilmente, ofereceu um café da cantina do clube e, em seguida, fomos nos sentar em uma das mesas do refeitório. O som da televisão ligada e, posteriormente, o barulho dos trovões causados pelas fortes chuvas atrapalharam a entrevista. Cheguei a perguntar se teria a possibilidade de fazermos em outro local, o que me foi negado. De fato, uma quadra também não seria o ideal, por conta do ruído causado pelos treinos dos atletas. Mas, não ter local mais reservado para uma entrevista? Estranhei, mas dei continuidade mesmo assim.

De fala calma, mas meticoloso com horários, sabia que horas precisava voltar para continuar a dar aulas. Uma das coisas que marcou para mim em sua fala é dele se considerar uma pessoa que preza pela estabilidade – a razão que ele alega estar por muito tempo em vários lugares (e nesse quesito, incluiu também a FEFIS, embora não esteja mais lá nem como professor, nem como diretor do curso da Faculdade).

Buru também me pareceu uma pessoa muito bem quista por todos do clube. A cada pergunta que fazia, aproximavam-se atletas mirins, pais e funcionários cumprimentando-o. É como se fosse uma espécie de celebridade. E não é nenhuma hipérbole constatar isso. Em sua conta no *Facebook*, cada postagem lhe confere mais de 200 curtidas e muitos comentários positivos, especialmente de pessoas que foram seus alunos no Clube ou no Colégio do Carmo, que fica no bairro da Ponta da Praia, em Santos. Ele faz questão de responder a cada um. Sem pressa.

#### **4.4.2“Praticamente, minha vida foi na FEFIS”**

Meu nome é Dirceu Leal, tenho 73 anos, nasci em Santos, no dia 7 de janeiro de 1946, no bairro do Macuco, na Avenida Pedro Lessa, próximo ao Brasil Futebol Clube, onde foi o início da Faculdade de Educação Física de Santos.

Sou mais conhecido por “Buru”. O motivo do meu apelido, ao certo, não sei. Cada um tem uma história, são duas versões. Uns dizem que era por causa do meu irmão. Ele era

jogador de futebol, jogava em Bauru, e quando eu era criança, eu ia muito para a casa dele em Bauru. Outros dizem que tinha um menino que tinha o apelido Buru. Morava no mesmo bairro que eu. E ele era meio doido, meio sapeca, para não dizer que era bandido, e como eu também era um moleque sapeca, que gostava de brigar, essas coisas, alguns dizem que era por causa disso.

Aprendi a jogar basquete na quadra do Brasil, onde depois seria a quadra da Faculdade e eu lecionaria basquete para os alunos da FEFIS. Como pode ver, praticamente minha vida foi na FEFIS.

E toda a minha família é direcionada ao futebol, tive tios e os meus irmãos foram jogadores profissionais. Eu também gostava de futebol, mas, em decorrência de outras oportunidades no clube, acabei descobrindo a paixão pelo basquete.

Meus tios se chamavam Zeca Ferreira e Mario Ferreira, os dois jogaram no Santos Futebol Clube. E os meus irmãos, um é o Nelson Leal, que foi presidente do Portuários e também chegou a jogar no Santos. E o outro, foi o que chegou mais longe no futebol, o nome dele é João Leal Neto, conhecido como Leal, foi jogador de vários clubes do interior e do São Paulo Futebol Clube, e depois foi técnico de futebol, inclusive, sendo auxiliar técnico da Seleção Brasileira de Futebol, entre 1980 a 1990.

Tive a oportunidade de jogar no Santos Futebol Clube e também treinei no time da Portuguesa Santista. Os técnicos do Santos e da Portuguesa me observavam na várzea, na praia e faziam convites até para a minha família. Cheguei a treinar na Portuguesa, e na hora de levar a documentação, não apareci mais, porque não era o que eu queria. Tinha tudo para jogar futebol, inclusive, os meus amigos falavam que eu ia ser profissional, mas realmente não era aquilo que eu queria. Meu negócio era o basquete.

Na época, o Toninho Ruas foi o meu técnico, que era filho do Zelador, o *Seu Ruas*. Eu fiquei na Portuguesa alguns anos, e depois fui convidado para ir para o Atlético, porque o Brasil não tinha mais nada para me oferecer, para crescer como jogador de basquete.

Eu adorava o Brasil Futebol Clube. Se houvesse uma estrutura maior, eu não sairia, porque eu sou muito enraizado com as minhas coisas. Todas as coisas que eu faço, fico durante muitos anos. Fiquei muito tempo na FEFIS, estou há muito tempo como técnico de basquete no Clube Internacional de Regatas... os dois, mais de 40 anos... como estou no Colégio do Carmo. Sempre assim, trabalhando, jogando durante muito tempo no mesmo lugar, até o meu barbeiro e a minha manicure são pessoas que estão comigo de 20 anos para cima. Sou muito fiel às minhas coisas. Mas naquela época, o Brasil não tinha muito a oferecer e eu tive de ir ao Atlético, depois fui para a Seleção de Santos no basquete e parei.

O Brasil era um clube pobre, na época tinha uma quadra, um campo de futebol e tinha um gramado que a gente usava quando era criança, depois, eles construíram uma pista de atletismo. O clube se resumia ao futebol, que era a principal modalidade. Depois começaram a montar equipes de atletismo, e cresceu, representou a cidade durante muito tempo em Jogos Abertos e outras competições. Fora essas modalidades, não havia mais nada. Nem uniforme a gente tinha, bola faltava... Quando vinham clubes competir com a nossa equipe, como o Atlético, víamos que eram bem estruturados. E a gente ficava imaginando como ir para um clube assim, o que fazer... A gente usava uniforme dos adultos, tinha que dá um nó, para não ficar muito comprido, e chegou uma hora, que as pessoas que realmente tinham um futuro pela frente, saíam do Brasil. Como base, o Brasil foi excelente, mas, depois, não havia muito mais a oferecer.

Se a FEFIS não tivesse ido para lá, talvez o Brasil já teria morrido há muito tempo. Com a instalação da Faculdade, construíram um prédio para as aulas. Antes, era só a área da quadra, do campo. Depois, construiu-se uma sala grande, depois surgiu outro prédio, e depois foram arrumando o ginásio, a quadra... se não fosse a FEFIS, o Brasil já teria falido. Não tinha estrutura nenhuma, não tinha renda nenhuma, não tinha mensalidade nenhuma, não tinha associado, não tinha nada. Era um clube que vivia de aluguel de campo, aquelas coisas de alugar salão para eventos.

Fiz o primário no Colégio Cidade de Santos, depois, fiz o ginásio no Monte Serrat, que hoje é onde funciona a Universidade Santa Cecília – UniSanta. Passei uma parte no Colégio Independência, e depois, fui fazer o segundo grau e técnico em contabilidade no José Bonifácio. Na época, não existia Faculdade de Educação Física aqui em Santos, então eu ia fazer Economia, por isso que eu fiz o curso de Técnico em Contabilidade por três anos. Meu pai, que foi uma excelente pessoa, que me orientou em tudo, disse: “Mesmo se você não quiser continuar, pelo menos você vai ter um diploma, você terá uma profissão”.

Eu perdi a minha mãe aos 13 anos de idade, ela ficou doente e atestaram que ela teve um enfarto e acabou falecendo. Aos 13 anos, eu não me ligava muito nas coisas, mas ela tinha uns problemas, tontura. Naquela época, as coisas eram muito atrasadas, a medicina não tinha a evolução que tem hoje, e a minha mãe tinha 49 anos. O meu pai faleceu 10 depois. Tenho certeza de que, se fosse hoje, eles não teriam falecido. E de 13 até 23 eu fiquei com o meu pai, que foi meu grande incentivador e o meu grande orientador. Eu era um molequemeio sapeca, meio metido. Graças a ele, consegui ser alguma coisa na minha vida.

Meus irmãos eram mais velhos, com diferença de idade, já eram casados, vidas encaminhadas. Por isso mesmo, meu pai falava: “Meu filho, se cuida, se preocupa com você,

tenha confiança, porque você tem que tocar sua vida”. Precisei caminhar sozinho, e graças a Deus, eu consegui.

La fazer Economia a princípio, só que surgiu a Educação Física. Consegui entrar na faculdade, inclusive, naquela época já existia até cursinho para você ingressar no ensino superior. Lembro que era tanta dificuldade para entrar no curso. Na época, eram poucas as faculdades de Educação Física em São Paulo, havia aqui em Santos, em São Carlos, depois foi criada a FEFISA, em Santo André.

Sei que a primeira faculdade, com nome de faculdade de Educação Física foi a FEFIS, porque as outras, eram escolas superiores de Educação Física. Então, quando surgiu a oportunidade, eu pensei: “Essa é a minha oportunidade!”.

Naquela época, as coisas eram muito difíceis, não se tinha a facilidade de hoje, em relação à deslocamento. Não havia outra opção, precisava ficar aqui mesmo. Não dava para sair da cidade para estudar fora. O engraçado é que, quando meu pai era vivo, proporcionava-me tudo que queria. Tive carro, andava com roupas de grife, meu negócio era paquerar as meninas, aquele negócio todo de me divertir, e quando o meu pai faleceu, a minha ficha caiu. Estava com 22 anos, ia completar 23 anos. Pensava o que faria da minha vida.

Não trabalhava. Tinha tudo que o meu pai fornecia. Até que me veio a ideia de pegar o táxi do meu pai. Ele deixava com o primo da minha mãe, que precisava, e eu embarquei nessa empreitada. Fui trabalhar como taxista. Na época, os motoristas eram tudo portugueses, aquele pessoal sem cultura nenhuma, e eram poucos os jovens que trabalhavam como motorista de táxi.

Naquele tempo, tinha eu e mais um jovem, o resto era tudo gente mais velha. Havia um certo preconceito com taxista jovem, e hoje, tem jovem trabalhando em ônibus e caminhão, mas naquela época não existia, era uma profissão vista com desconfiança. Graças a Deus, por causa das corridas de táxi, concluí a faculdade, casei-me, montei a minha casa e cheguei onde eu estou.

Falo muito da minha história para a garotada, os meus meninos atletas do clube. Conto a minha trajetória, meus altos e baixos. É importante para incentivar, ver que a vida não é um mar de rosas, e que precisamos saber lidar com ela.

Entrei na Faculdade em 1970. Na época do vestibular da FEFIS, o Pelé também fez o vestibular. Ele vinha depois de mim na ordem de chamada para as provas. Tinha uma revista que se chamava ‘Fatos e Fotos’ e publicou uma foto nossa, eu o observando fazendo a prova prática de atletismo na barra. Foi uma fase muito boa. O vestibular era muito forte, bem

difícil. Na parte física não tinha problema, porque eu era atleta e me garantia. Mas tinha até francês na parte teórica. Mesmo assim, consegui.

Quando comecei a estudar, conciliava minha vida como atleta de basquete. Jogava como pivô. Não havia pessoas tão altas assumindo essa posição, como acontece hoje. Agora, os meninos da minha equipe estão com 14 anos, e chegam a 2 metros de altura, ou mais. Mesmo assim, atuava como pivô e fazia ala, que é a posição de lateral.

Eu ainda jogava no Atlético, era o melhor clube que tinha aqui em Santos. Particpei de Jogos Abertos Regionais, Jogos Abertos do Interior, como atleta e também como técnico, e fui atleta e técnico da seleção santista. Minha carreira de atleta foi curta, justamente porque precisava trabalhar e estudar. Digo que a minha vida mudou da água para o vinho, porque cada acontecimento foi uma mudança radical. Mas praticamente, fui atleta de alto nível, e na nossa época, o nosso clube era um dos melhores do estado.

As lembranças que mais me marcaram na FEFIS foram as aulas do professor Godofredo Casati, porque era uma pessoa exigente e rígida. A gente tinha de estudar muito para passar na matéria dele. Mas aprendi muito. Aprendi também com o Cid e com o Neto, irmãos da professora Rosinha... Vejo que o ser humano pega um pouco de cada um em sua formação. Analisamos o que é melhor para nos basearmos em quem gostaríamos de nos tornar. Exemplo: o professor Alcino Pellegrini me influenciou bastante na minha atuação como professor, depois o substituí na disciplina de basquete. Ao mesmo tempo, sinto que foi o professor Godofredo quem me inspirou bastante. A disciplina dele exigia muito do aluno, até na postura de se trabalhar com a Educação Física Escolar. Aprendíamos até nos exemplos de andarmos bem-apegoados, com a barba feita, com postura correta, em forma, não poderia estar acima do peso.

Penso que os esportes não tinham a força na Educação Física como tem hoje. Antigamente, os únicos esportes que se praticavam eram o basquete, o futebol, o voleibol, a natação e o atletismo. Não havia a infinidade de modalidades, que nem as lutas, hoje você consegue trabalhar várias artes marciais... o aluno na época, era formado, basicamente, para trabalhar em escola. O mercado voltado a clubes esportivos era muito pequeno. Já a carga curricular da faculdade era mais voltada para essa área da Educação Física Escolar. Até quando eu fui diretor da faculdade, o nosso currículo não era totalmente direcionado à parte prática.

Enquanto fui professor, minha preocupação era que o aluno pudesse sair da Faculdade e soubesse selecionar uma boa aula uma aula. Soubesse como se portar dentro de uma escola, de um clube, mas principalmente, nessa parte prática, porque eu via muito no aluno

com muito conhecimento teórico, mas na prática, travava. Inclusive, tinham comentários de pessoas que trabalhavam na prefeitura falando que quando contratavam um aluno formado pela FEFIS, era outro padrão de qualidade... era um profissional que tinha o perfil de quem sabia como lidar com o ser humano, com o aluno.

Quando eu cursei Educação Física, havia mais prática do que teoria. Minha visão é de que o curso em si precisa proporcionar uma base para o futuro profissional trabalhar em uma escola, ou em um clube, e depois disso, você vai fazer uma especialização, uma pós-graduação. E na formação de professores, é preciso fazer com que o futuro profissional entenda um pouquinho de cada coisa, não é só mostrar uma modalidade, ou direcionar só para a rede escolar, tem que ser no geral. Precisa saber trabalhar um pouquinho de cada coisa. Que nem no meu caso: queria basquete, e eu fui buscar me aperfeiçoar no basquete. No meu caso, fiz especialização, fui técnico desportivo, fiz curso de técnico, fiz vários cursos em São Paulo e fui buscar por conta própria.

Outra coisa que lembro era dos Jubas. Quando a gente queria fazer algum jogo amistoso, ninguém queria jogar com a gente, porque a FEFIS era composta por muitos atletas e ex-atletas, e os outros cursos, não. Nós disputávamos jogos paulistas em São Paulo. A FEFIS também praticamente ganhava em todas as modalidades.

Depois que as edições foram diminuindo, mesmo os primeiros atletas se formaram na FEFIS e foram fazer os seus cursos, acabaram fortalecendo outras universidades, outros cursos. E aí, começou a ganhar corpo. Hoje em dia, esses jogos que a UniSantafaz, que tem a Unimes e outras universidades, não se admite uma Engenharia ganhar de Educação Física, jamais naquela época ia se admitir uma Engenharia ganhar de uma Educação Física, porque na realidade, todos eram ex-atletas. Nós tínhamos campeão de natação, de voleibol, de futebol, enfim, tinham de todos os esportes, os atletas estavam lá na FEFIS, então, a primeira opção do atleta era fazer o curso de Educação Física.

Agora, nós tínhamos muita prática, mas muita coisa que eu vi a gente não sabia. Às vezes, tinha professor que cometia umas gafes, e sempre tinha um que tirava vantagem em cima do erro do professor, o professor falava: “Fica na tua!”, ainda mais quando o professor era gente boa. Mas o professor dava umas escorregadas e a gente percebia, porque a gente já tinha sido atleta e reconhecia o erro. A gente deixava o cara falar para não ferir a moral do professor. Seria deprimente um aluno ensinar o professor. Mas de vez em quando acontecia, principalmente, naqueles esportes que a gente praticava futebol, basquete, essas modalidades.

O professor Alcino Pellegrini era o meu professor de Basquete na FEFIS. Ele era ex-atleta, então, já tinha experiência e ele era uma pessoa boa, o pessoal gostava dele, ele era

muito exigente, mas a gente também colaborava. Às vezes a gente brincava com ele, era uma pessoa incrível, um ex-atleta muito competente. Depois ele parou, chegou em uma certa idade e se aposentou. O que mais me marcou nele era o valor que ele dava para o ensino da prática, porque na realidade, o atleta tem muita prática, e teoria não, e depois, como professor, eu percebia, em ex-atletas, que eles chegavam na parte teórica e se perdiam.

Eu tive ex-atletas de basquete que tiveram nota 4 em uma prova que valia 10 em uma prova teórica, de perguntas básicas que ele não sabia. E o Alcino Pelegrini não, ele era mais um professor que partia para a parte prática. Eu era assim, por exemplo: na prova, eu sempre fazia uma parte prática e outra teórica boa, a gente procurava dar condição para os dois, tanto para o ex-atleta como para aquele que nunca foi atleta fazer uma prova decente. Graças a Deus, eu sempre tive um bom conceito com meus alunos, e o Alcino Pelegrini foi a mesma coisa, sempre foi uma pessoa muito bondosa, capaz, competente, alguém que eu me inspirei muito.

Depois que me formei, em 1972, me tornei professor-auxiliar do Neto, irmão da Rosinha, no curso de Comércio Exterior, criado depois da Educação Física. Os alunos do curso também tinham aulas de educação física aos sábados, e era feito Brasil Futebol Clube mesmo. O resto das matérias de Comércio Exterior eram ministradas no Colégio Coração de Maria. O Alcindo se aposentou, e algumas vezes eu substituía o Godofredo Casati na época que ele trabalhava no Santos Futebol Clube. Eu acho que eu fiquei uns dois, três anos com o Alcindo e depois eu assumi como professor-titular. Mas foi uns três anos depois de formado, eu já comecei como professor, então, foi quase que imediato, eu praticamente não me desliguei da FEFIS.

Havia, também, o Diretório Acadêmico Constâncio Vaz. Eu fazia parte, mas eu não fazia muita coisa. Apesar que nós tínhamos uma pessoa que era como se fosse um coordenador, mas ele não era nem aluno da faculdade. Era o Toninho Marra, que hoje, trabalha com táxi, mas era o responsável, que tomava conta do Diretório Acadêmico (D.A.). e era ele que fazia tudo e até hoje ele é meu amigo. Não sei se ele fez faculdade, e nem sei quem arrumou para ele lá, mas era ele que coordenava tudo, era ele que levava o Centro Acadêmico, a gente só ia para dar uma força.

O objetivo do D.A. era de manter equipes para jogar, a gente ia jogar Campeonato Paulista em São Paulo, o diretório pagava condução, íamos de Kombi<sup>100</sup> jogar, então a gente ia jogar de uniforme, a taxa de inscrição que eles pagavam. A arrecadação que eles tinham era

---

<sup>100</sup> Automóvel fabricado pela marca alemã Volkswagen.

mais para esse tipo de negócio, para os alunos competirem pelo Diretório, mas não tinha muita participação política, ao menos, eu não me lembro disso. Sinceramente, eu não me lembro de nada de repressão contra o Diretório Acadêmico, para mim, passou a ditadura, e não vi repressão em lado nenhum. Pelo menos na Faculdade, não tinha. Nós tínhamos um bom relacionamento com o Capitão do Exército, o professor Elder Serra, e nunca tivemos problema algum, ao menos da minha parte, não teve. Agora, é aquilo que eu falei, as pessoas que se envolviam, foi cada um para o seu lado, se você se envolve numa coisa, outro tem que defender, estando certo ou errado, ele tem que defender o seu lado.

Não falávamos abertamente sobre política. A gente procurava não se envolver com isso, naquela época, era uma coisa delicada. Se tivesse que comentar, era uma coisa mais entre nós. Na aula de Estudos Sociais, tínhamos dois professores, o Padre Paulo e o Coronel Elder. O Padre Paulo era o padre do Colégio que estudei, fiz a primeira comunhão, mas não era de ir à missa. Aí um dia, eu fui me confessar, e ele falou que eu tinha que rezar não sei quantas Ave Maria, e eu brincava: “Pelo amor de Deus, eu não vou fazer isso!” Mas era uma pessoa muito bondosa. Já o professor Elder era um militar com uma postura mais séria que a do Padre Paulo, mas a nossa turma também gostava dele.

Tínhamos regras em sala, principalmente do professor Godofredo, a turma ficava unida, com postura correta, posicionamento em quadra. Hoje em dia, eu não vejo os professores de Educação Física com uma turma unida, não tem marcha. Então, naquela época, tinha mais essa parte, que era ligada ao militarismo. Mas eu acho que isso é extremamente necessário, tanto que depois que eu virei professor, a gente tinha desfile de escola, e graças a isso, eu pude ensinar a marcha de posicionamento para os meus alunos.

Gostava muito dos desfiles cívicos-militares que aconteciam na praia de Santos. Eu participava dos desfiles cívicos quando fui aluno, e, depois, quando fui professor e diretor da Faculdade, em 2000. A FEFIS sempre abria os desfiles e, quando eu fui diretor, eu fiz questão que aquilo continuasse. Aí, teve um ano que a FEFIS não queria abrir o desfile, aí eu briguei, chutei o pau da barraca, e a FEFIS continuou fazendo a abertura do desfile (conforme Figura 35). E eles queriam tirar a FEFIS do Desfile Cívico-Militar, eu briguei lá com a Prefeitura e continuei. Mas eu acho que essa parte do militarismo é muito importante. Eu também sou muito assim, sou muito exigente, eu sou um professor que não dou moleza aos meus alunos, e eu acho que essa rigidez está faltando no Brasil, não só como professor, mas também na educação de casa. Eu acho que soltaram muito os alunos, então, você tem que manter uma rigidez, mas também ser amoroso.

Figura 35 -Desfile cívico-militar composto por alunos da FEFIS



Fonte: Arquivo FEFIS/Unimes

Na minha época de aluno, todos participavam, havia alunos que disputavam o porta bandeira, que era a posição mais disputada. O critério de escolha era, muitas vezes, por exemplo, atletas que eram destaques: a pessoa de um porte físico adequado, com a aparência bonita, e era o professor que escolhia na época. E quem sempre coordenava, era o Godofredo, era ele que organizava tudo, ele e a Helena Claudia, com as alunas. Precisava ter as três bandeiras: do Brasil, do Estado de São Paulo e a da cidade de Santos. A primeira impressão é a que fica. É que nem antigamente, o desfile era assim: era o porta bandeira, o pelotão e mais nada. E quando eu assumi a direção, eu falei que tinha que mudar, para colocar as meninas com fita, alguns alunos lutando capoeira, aquilo que a gente tem dentro da faculdade, vamos levar para a rua, voleibol, basquete, para não ficar aquele convencional de porta bandeira e pelotão. Chegava na minha época, íamos assistir a um desfile, passava aquela turma e depois passava outra, e eu pensei de fazer alguma coisa diferente, mostrando aquilo que nós tínhamos na faculdade.

Sobre a Rosinha Viegas, para mim, é como já dizia no título da biografia dela. Era uma leoa, essa mulher é incomparável. O que a Rosinha fez para a Educação Física pouca

gente fez. Ela quem levantou a Faculdade, ela que começou tudo, que fez praticamente tudo, depois deu a sequência de expandir o prédio da FEFIS no Brasil, mas ela quem comprou o ColégioCoração de Maria para ampliar outros cursos. E ela veio do nada. A Rosinha começou como professora de educação física, foi professora da minha esposa, o Rubens foi meu professor de educação física, enfim, eram pessoas ligadas à educação física e ao esporte. Rubens tem a sua parcela, mas quem fez acontecer foi a Rosinha.

Já o Rubens era daquele tipo bonzinho, eu o acho uma pessoa maravilhosa. Tinha um respeito pelas pessoas, que era fora de série. Quando eu era diretor da FEFIS, ele pediu-me licença para pegar um livro emprestado na biblioteca, depois mandou recado, que estava devolvendo o livro. Ele era o dono daqui, por que tinha que dar satisfação?O respeito que ele tinha pelas pessoas, a bondade que ele tinha eram admiráveis.

Agora, como empreendedora, a Rosinha, não se tem o que falar dela.Eu tive um relacionamento bem próximo, inclusive, naquelas primeiras épocas, no final de ano, tinha aquela comemoração na casa da mãe dela, na época da ditadura, então, eu tinha uma proximidade com eles, eu não era amigo, mas tinha uma aproximação com eles.

Um dos momentos inusitados que tive foi quando foi quando fomos convidar o Laudo Natel<sup>101</sup>, que era governador do Estado de São Paulo, nós fomos lá no Palácio do Bandeirantes. Fomos os meninos e a turma de meninas era a que tinha a Simone, a cantora, e aquelas jogadoras de basquete daSeleção Brasileira, na época.Foi o grupo todo, algumas meninas da Seleção e fomos convidá-lo para ser nosso paraninfo, e a Rosinha quem foi comandar. Ela entrou no Palácio e parecia a casa dela, as portas foram se abrindo, quando nós percebemos, estávamos na frente do Laudo Natel de imediato.

Rosinha cumprimentava, se dava bem com todo mundo e era muito justa. Ajudava muito as pessoas. Quem precisava de bolsa de estudos chegava nela e conversava para negociar. Tenho grande uma estima por ela, inclusive, rezo muito em nome dela.Não só aqui em São Paulo, como em Brasília, ela era muito conhecida das pessoas, ela tinha uma facilidade de ter o relacionamento com as pessoas, e as pessoas gostavam dela, pessoas que eu nem imaginei conheciam a Rosinha, ela era uma pessoa internacionalmente conhecida.

Alguns ex-alunos se tornaram professores, como eu, mas acho que foi mais uma coisa natural. As pessoas se destacavam, e obviamente, para a faculdade era bom você ter um professor de destaque, é uma força que você traz para a instituição. Que nem no meu caso,

---

<sup>101</sup> Governador do Estado de São Paulo entre 1971 a 1975, era filiado ao Partido ARENA. Também foi tesoureiro do São Paulo Futebol Clube, em 1952.

quando eu assumi a direção, fui buscar pessoas que tinham destaque e pessoas capazes. Levei o Negrellie várias outras pessoas do esporte eu procurei trazer para a faculdade. E eu acho que isso tem uma questão natural dos outros diretores em buscar aquilo que era melhor, principalmente na época, a maioria era ex-aluno da FEFIS, porque não existia outra faculdade, a maioria era tudo ex-alunos da própria instituição.

A FEFIS contribuiu para a melhora do esporte aqui na cidade. Eu lembro perfeitamente, eu tinha um professor chamado Zuliani e ele era de São Paulo. Na época, ele era preparador físico do São Paulo Futebol Clube, e ele lecionava aqui e a maioria dos nossos professores era tudo de São Paulo, da USP, e ele dizia: “Eu não imagino vocês, com essa praia aqui, e não ter uma pessoa fazendo uma corrida, uma caminhada”. Surgiu *cooper* depois de um tempo. Hoje, encontramos o santista correndo facilmente na areia ou no calçadão, já virou um costume. Isso tudo fez com que também a Educação Física formasse professores, o professor ia buscar um grupo para fazer uma atividade, montar as assessorias esportivas na praia, ou criar um clube, e isso aí foi fomentando, foi crescendo o número de adeptos do esporte e das atividades físicas.

Eu trabalhei em quatro empregos, incluindo a FEFIS, era bem intenso. Trabalhava das 7h da manhã até às 11h da noite, alguns dias na FEFIS. Foram 31 anos no estado, 30 anos no Colégio do Carmo, estou até hoje no Clube Internacional, já são 40 anos de clube. Na FEFIS, fiquei mais de 40 anos. Então, essas foram as minhas quatro casas, como eu falei, as minhas coisas são duradouras. Então, esses meus horários aqui no clube, são horário de 40 anos e sempre deixei tudo encaixado. Eu nem tinha tempo de me alimentar direito, era correr, correr e correr. Mas, graças a Deus, deu tudo certo, porque quando a gente faz aquilo que gosta, não tem tempo, não tem horário, não tem nada, vai tranquilo.

#### **4.4.3 Considerações finais sobre a entrevista de “Buru”**

Ao contrário dos demais entrevistados, Buru colocou em xeque a esportivização na FEFIS. Talvez até pelo fato de se identificar com o esporte enquanto enfoque principal do ensino e da prática da EF, e levou em conta a estruturação dos componentes curriculares.

Percebe-se que a herança esportiva em sua época de estudante o levou, enquanto diretor da FEFIS, a sugerir à instituição outros nomes do esporte para o corpo docente. Isso demonstra o quanto a ligação esportiva ainda se perpetuou por tempos na Instituição, pela identidade dos ex-alunos, que se tornaram professores e veem como referências os atletas – hoje, com a EF mais voltada à saúde e bem-estar, o perfil tem mudado.

Buru também ressaltou as características empreendedoras de Rosinha, sem eu necessariamente fazer menção, assim como as redes de sociabilidade da educadora com autoridades políticas para ampliar sua influência e entrada nas entidades educacionais e nas pastas do Ministério da Educação, o que dialoga com evidências de documentos que encontramos ao longo do trabalho.

#### 4.5 ENTREVISTADO 4: WILLIAM URIZZI DE LIMA (TURMA 1972-1974)

William Urizzi de Lima foi nadador do Náutico Clube Mogiano e, atualmente, está à frente da supervisão pedagógica da Metodologia Gustavo Borges de Natação (MGB). Também é professor do curso de Educação Física da Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) nas disciplinas de Natação, Vivências Aquáticas e Condicionamento Aquático.

Conhecia seu trabalho antes de produzir esta entrevista. Acompanhei seus comentários no canal de tv por assinatura ESPN durante os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, nas competições da natação. Não tinha, até então, o mínimo conhecimento de que era um ex-aluno da FEFIS. Descobri a informação por meio de uma postagem nas redes sociais, feita por um professor de Educação Física e amigo pessoal, Fabrício Madureira. Eles estiveram juntos em um congresso de Ciências do Esporte e, na legenda da foto, mencionava que era um “fefiano” formado nos anos 1970.

##### 4.5.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com William

Assim que soube de sua ligação com a FEFIS, imediatamente entrei em contato com o professor Fabrício, que não hesitou em me ceder o contato de William e ainda sugeriu que me acompanharia para a entrevista em São Paulo, pois teria de se reunir com ele na sede da MGB. Ao ligar para William, percebi a satisfação em querer conversar e relembrar os tempos da Faculdade. Ficou interessado na abordagem da esportivização da Educação Física e como teria influenciado. Adiantou, sem muita hesitação: “o esporte movia o curso, porque a maior parte dos alunos era atletas”. Senti naquele momento que poderia elucidar muitos pontos sobre a pesquisa.

Na companhia do professor Fabrício, viajei no dia seguinte – 5 de dezembro de 2019, uma quinta-feira - para conhecer William pessoalmente. Fui recebida na sede do escritório do ex-nadador Gustavo Borges. Antes da entrevista, William fez questão de apresentar toda a equipe administrativa e pedagógica à frente da metodologia do ensino de natação em escolas e

academias. Já a gravação foi feita em uma sala de reunião do escritório. Tive a colaboração dos funcionários para que o ambiente fosse o mais silencioso possível para uma melhor captação do depoimento de William.

Sua eloquência era nítida durante a entrevista. A formação familiar de professores e o fato de ter seguido adiante com os estudos mais avançados, fazendo pós-graduação e se tornando professor universitário, revelava um perfil diferente dos demais entrevistados para este trabalho. O depoimento de William trouxe-me à tona algumas passagens de Walter Benjamin (1994) sobre a força da narrativa em detrimento das experiências, uma vez que no mundo moderno, a opinião se sobressai às vivências cotidianas – e nesse sentido, LarossaBondía (2002) teve grande inspiração neste filósofo esociólogo alemão ao dizer que “o que se passa” é superficialmente a grande “antiexperiência” dos tempos atuais.

William mostrou estar ao contrário desta passividade, porque embora não tivesse construído uma longa carreira como atleta, conseguiu obter a experiência em diversos campos do esporte, da educação física e da docência – e longe de buscar uma “verdade dos fatos”, algo que não se intenciona em uma pesquisa de História Oral, mostrou a consciência de seu posicionamento entre o que ele compreendeu sobre a esportivização na Educação Física e na FEFIS e como pode entrelaçar com a sua experiência fora de sala de aula.

#### **4.5.2 “20% dos alunos da minha turma eram treinadores de natação”**

Meu nome é William Urizzi de Lima, tenho 68 anos, nasci em 25 de fevereiro de 1951 em Mogi das Cruzes. Meu signo é de Peixes, tudo a ver com água, com a natação.

Praticamente, minha família toda era de professores. Meu pai trabalhava no Estado, inclusive existe um colégio estadual com o nome dele, E.E. Prof. Dr. Rubens Mercadante de Lima em um Bairro de Mogi chamado César de Souza. Depois de um tempo, minha família e eu fomos morar em Campinas, porque meu pai foi estudar na PUC, em seguida, fomos à Americana e, por fim, voltamos a Mogi.

Vim de uma família de seis irmãos, quatro homens e duas mulheres. O mais velho, Rubens, apresentava dificuldades respiratórias, tinha asma, decorrente de um fator genético, meu pai também era asmático. Por conta disso, meu pai colocou meu irmão para nadar. Como éramos de família do interior, quando um começa uma atividade, todos seguem. Foi por isso que comecei a fazer natação. Todos nós, quatro. Só que o único que continuou a nadar fui eu.

Sempre fui um nadador mediano. Minha melhor colocação foi um terceiro lugar num campeonato estadual, em 1965. Comecei a nadar aos 12 anos. Lembro até da data: 14 de

agosto de 1963. Treinei e competi até os 20 anos de idade pelo clube Náutico Mogiano. Durante os três anos que estudei Educação Física, fui da Federação Paulista Universitária de Esportes. Nadei meu primeiro ano de Faculdade, em 1971, em uma competição no Rio Grande do Sul, depois em Fortaleza em 1972, em plena comemoração de 150 anos da Independência do Brasil.

Por incrível que pareça, terminei minha carreira como nadador defendendo a cidade de Cubatão, na Baixada Santista. Fui chamado pelo Arlindo Pedro, que era secretário de esportes da cidade. Era da minha classe na FEFIS, foi jogador de voleibol do Santos, era um timaço! Ele me disse que queria estabelecer o time de futebol na cidade, mas para isso, era obrigado a ter atletas para representar a natação.

Minha ideia de fazer Educação Física veio nos anos 1960. Nessa época, houve uma sistematização da aprendizagem da natação nos clubes do Rio de Janeiro. Com exceção do América e do Fluminense, todos os demais clubes tradicionais cariocas tinham origens nas regatas. Flamengo, Vasco, Botafogo, todos começaram com a prática do remo. E quem praticava as regatas, precisava saber nadar. Por isso, a origem da natação no Brasil começou por volta de 1896, 1898, nos clubes cariocas e de Santos também.

Os treinadores dos clubes no Rio, por volta dessa década de 60, pensaram: “por que não desenvolvermos um sistema que priorize a montagem de uma escola de natação dentro do próprio clube de regatas?”. Existiam dois motivos para essa iniciativa. O primeiro, era a questão financeira. Os treinadores ganhavam muito pouco, era uma questão de dois salários mínimos, comparando com os dias atuais. O segundo motivo era uma massificação. Isso aconteceu porque o esporte praticado nos clubes era muito amador. Para se ter uma ideia, meu treinador de clube na época era químico industrial, que ganhava oito vezes mais do que como treinador de natação. Mas ele estava como treinador porque era apaixonado, um idealista.

A origem do profissional de Educação Física nos clubes foi muito amadora. Esse cenário começou a mudar com a profissionalização de algumas modalidades, como o futebol. Infelizmente, a natação ainda continua com uma formação bastante amadora. A gente trabalha muito mais como um idealista do que como um profissional, mesmo. Na época, então, era como um subemprego, um “bico”. Só que nessa época dos anos 1960, os clubes começaram a trabalhar com aulas de três, quatro alunos, passaram a juntar 40 ao mesmo tempo, com diversos professores dando aula na piscina. Houve uma gestão diferente, em que uma porcentagem de ganho ia para o clube, e a outra, para os professores, que passaram a ganhar dez vezes mais. A massificação que eu mencionei é que aumentou o número de crianças no nado, por consequência, as equipes passaram a ter mais atletas ao longo dos tempos. Por isso,

nos anos 1970, os clubes do Rio, primeiro o Botafogo, seguido do Fluminense e do Flamengo, conquistaram oito campeonatos brasileiros absolutos. A hegemonia daquela década era dos clubes cariocas. Lembro que só em 1975 e 1979 é que o Esporte Clube Pinheiros acabou vencendo esse mesmo campeonato. Eu estive nessa época como assistente do Pinheiros, então vivi esta fase.

Com a sistematização da natação nos dois estados, São Paulo passou a ter 220 clubes federados nos anos 1970. Hoje, se tiver 80 clubes, é muito. Para que esta sistematização acontecesse na época, os clubes passaram a procurar os professores dos colégios estaduais. Os professores do Estado ganhavam muito bem, eram salários compatíveis com os de um juiz, um desembargador. Meu pai, como falei, era um deles, e ganhava bem. Por consequência, as escolas também eram de excelente qualidade.

Até entendi, na época, já que passávamos por um governo militar, que era uma ditadura que não tinha interesse em formar uma massa crítica, então eles começaram a desvalorizar o salário dos professores. O que me chama a atenção é que viramos um país civil em 1986. Ou seja, foram mais de 16 anos que nós não tivemos uma equiparação de salários. Com a redemocratização política do Brasil, deveriam ter feito uma revisão das profissões e categorias mais importantes que mereciam a valorização. Essa foi minha grande surpresa, enquanto na minha época escolar, a valorização das modalidades esportivas era evidente. Tinha basquete, tinha futebol, tinha ginástica. Lembro de ter “inaugurado” a piscina do Ibirapuera em 1968, nadando e representando meu colégio em Campeonato Colegial.

Quando meu treinador passou a procurar os professores de colégios públicos e alguns particulares, a maioria não estava disponível por conta de carga horária. Por isso, passou a captar nadadores, como eu, que tinha 16 anos à época, para lecionar nos clubes. Meu conhecimento era de treino, experiências com competições. Não tinha uma metodologia específica, nada. Mas era uma oportunidade para a gente. Dava para ganhar uma graninha, chamávamos de “santinho”, cobria lanche, cinema, essas coisas que todo jovem gosta. Meu pai deve ter dado risada, achando que eu era muito “pivete” para dar aula. Mas como professor que era, chegou a me dar algumas dicas, para que eu pudesse motivar os alunos durante as aulas.

Quando completei 18 anos, fui prestar o vestibular. Estava com uma vida atribulada, morando em Mogi das Cruzes e dando aula em vários períodos. Não tive tempo de estudar e acabei não passando no vestibular da USP. Por indicação de amigos, prestei vestibular na FEFIS e passei. A FEFIS, assim como outras escolas superiores de Educação Física, foi beneficiada com esse *boom* da sistematização dos clubes de São Paulo, especialmente das

escolas de esportes dentro dos clubes. Então, houve uma procura grande de nadadores, ex-nadadores e de outros atletas para cursar Educação Física. Na minha turma na FEFIS, se eu não me engano, tinha 20% de alunos que eram treinadores de natação.

A relação candidato-vaga na USP chegava a 150 por 100 vagas, o que era muito para à época. Tinham excedentes que iam para as particulares e a FEFIS, no Estado de São Paulo, era basicamente a única escola particular que formava professores de Educação Física. Em 1969, houve um número de excedentes enorme e a professora Rosinha percebeu esse movimento. Como tinha muita gente de fora, ela montou a FEFIS e, ainda, atraía nomes maravilhosos, como o Pelé e assim por diante.

Também atraía porque o corpo docente era dos quadros da USP e da Escola Superior Federal de Educação Física de São Carlos, que hoje, se eu não me engano, virou uma autarquia municipal, mas não tenho certeza. Sei que 80% dos nossos professores também davam aula na USP e 20% lecionavam em escolas de Santos, que tinham se formado ou na USP ou em São Carlos.

A esportivização na FEFIS era muito evidente na época. Hoje, se pegarmos o cenário atual, poucos são os que buscam a Educação Física visando a uma formação esportiva competitiva. No ano que fui estudar na FEFIS, basicamente só os atletas buscavam a Educação Física. Era uma reação imediata. Você é atleta, então vai se tornar professor, profissional de Educação Física.

Tanto que o primeiro filtro que tínhamos era o vestibular. Na prova prática, você tinha de subir três metros de corda, nadar, correr em um determinado tempo... E tinham muitos candidatos em relação ao número de vagas. Então, a primeira seleção feita tinha como critério a habilidade técnica. Nem tanto do movimento em si, mas como você praticava o esporte, de uma forma mais refinada.

Nos primeiros meses, fazia uma longa jornada. Saía 4h30 de Mogi para Santos, umas 2 horas e pouco de viagem, estudava na FEFIS, depois seguia para São Paulo e lecionava nos clubes e voltava para casa. Depois, aluguei um apartamento na divisa de Santos-São Vicente e passei a dar aula para senhoras idosas na praia, e almoçava na casa de cada uma delas. Para complementar, ainda dava aulas de matemática para poder pagar a Faculdade.

Eu acho que o movimento, o prêmio que Santos venceu do jornal “O Globo” também contribuiu muito para a esportivização da FEFIS, para a preocupação dos professores e da diretoria em formar profissionais que pudessem lecionar os esportes na escola. Aliás, até faço uma crítica, embora eu não seja de Santos, acho que os governos pouco valorizaram esse título de cidade mais esportiva. Acho que se apegaram mais ao turismo, em vez de juntar as

duas coisas. São tantas provas acontecendo aqui! A geografia da cidade também sempre favoreceu às práticas esportivas. Tantas provas de triatlo, pedestrianismo, futebol, futebol de areia, vôlei de praia... E detalhe, que na época da esportivização, não era só a hegemonia do futebol no Santos Futebol Clube, como muitos pensavam. Eles também investiam no voleibol, por exemplo, que foi campeão ou bicampeão sul-americano.

Lembro que, nos intervalos da FEFIS, o que tinha de quadra de areia no Brasil Futebol Clube, eram uns 20, 30 minutos de intervalo, comíamos lanche, pastel, enquanto assistia o povo fazendo o “rachão”<sup>102</sup> inclusive com o Pelé em campo. Era esporte mesmo o que a gente vivia! O aluno de Educação Física na minha época era praticante de esportes e atleta, e mais: a maioria já trabalhava na área. Já quem não tinha sido atleta, passou a trabalhar, porque a procura era enorme.

Ter estudado com o Pelé, que para mim foi o Atleta do Século mesmo, merecia esse título, foi um enorme privilégio. E eu estive com ele numa fase boa, porque ele entrou em 1969, parou em 1970 para a Copa do Mundo e em 1971 ele parou, só que em 1972 ele voltou, foi bem no ano que entrei, e ele tinha um contrato com o Santos que ele só jogava nos fins de semana. Quer dizer, ele ia em todas as aulas, alguns dias ele ia com uma Mercedes<sup>103</sup> placa 1000, em alusão aos mil gols de sua carreira, e a outra Mercedes era uma 1040 que deram de presente quando ele atingiu mais outros 40 gols. Ele também costumava pegar pastel fiado, estou brincando, deve ter pago tudo depois. Mas era muito disciplinado. A única disciplina que era um zero à esquerda era em natação. Lembro que tinha uma prova muito interessante que consistia em ficar dentro d'água na altura da cintura, no quadril, e a gente tinha de pegar a pedra com lacinho vermelho no fundo. O Pelé nunca conseguia pegar. Durante as provas, a gente ficava empurrando com o pé, e aí ele afundava para conseguir enxergar onde tinha ido a pedrinha. Pelé pegou DP por dois anos na disciplina, depois conseguiu passar. De resto, era excelente. Tinha uma ótima impulsão, jogava todo tipo de esporte possível.

Ele foi um baita companheiro, assim como o Pepe, que jogava com ele e conosco, o Leão<sup>104</sup>. Era interessante. A característica do Leão é que ele nunca ia com o uniforme da FEFIS, ele sempre ia com o uniforme da Seleção Brasileira de Futebol. Prova às vezes ele ia com o uniforme da FEFIS, de resto, ele ia com a camisa da Seleção. Acho que, para ele, era

---

<sup>102</sup> Jargão de *pelada*, partida informal de futebol.

<sup>103</sup> Marca alemã de automóveis criada em 1924; atualmente, pertence ao grupo Daimler AG.

<sup>104</sup> Emerson Leão foi goleiro reserva da Seleção Brasileira de Futebol em 1970 e atuava pelo time do Palmeiras.

um orgulho representar o futebol dentro da faculdade. Já o Pelé, não, usava normalmente o uniforme da FEFIS.

Quanto às disciplinas, a prática tinha mais peso que as matérias teóricas. Mas isso acontecia porque a literatura da Educação Física da época era muito escassa. A literatura de natação que nós tínhamos era um de metodologia da natação, de autoria do professor David Machado. Lembro que ele lecionava em várias facultadese na FEFIS também, ou então era um livro sobre treinamento do James Counsilman, um americano cujo livro era traduzido em espanhol via Espanha e Argentina. A gente aproveitava muito mais ali a técnica dos movimentos de nado para poder aplicar. Foi até meu livro de cabeceira. Mas aí vem uma história, porque isso aconteceu. Em 1896, aconteceu a primeira Olimpíada da Era Moderna, na Grécia. A meu ver, foi um grande marco, porque ali mudaria a dinâmica da metodologia das atividades físicas na Educação Física. Não que não tivessem outras metodologias trazidas pelos gregos e tudo mais. Depois, tivemos duas grandes guerras mundiais, que militarizou tudo na área. Com isso, as escolas de Educação Física foram sendo criadas pelos militares. A primeira faculdade de Educação Física no Brasil foi militar. Digamos que este mecanicismo, tecnicismo que veio, inclusive influenciados pela calistenia<sup>105</sup>, pelo método francês, recreações, esportiva generalizada, depois mudou, mas naquela época que eu fiz a FEFIS, bem no começo, era 80% de você ser um atleta e 20% de você ser um professor. Um movimento que aconteceu por guerras e, com elas, as mudanças na cultura, é inevitável. Foi, realmente, uma influência política forte na época.

Quando chegou a Guerra Fria, em que se estabeleceu a União Soviética e diversos países fizeram parte do bloco socialista, incluindo a Alemanha Oriental, eles fizeram coisas maravilhosas para o desenvolvimento da Educação Física, e muitas foram descobertas depois, a partir dos anos 1980. Uma delas foi desenvolver e revolucionar a periodização, pois levaram grupos multiprofissionais para trabalhar alta performance. A outra foi o *doping*. Apareceu justamente na Olimpíada de Munique, em 1972.

Durante essa época da esportivização na FEFIS, foi um período complicado. Digo politicamente. Lembro que a redação que escrevi durante o vestibular foi sobre o “Milagre Econômico Brasileiro”. Você era obrigado a elogiar, falar que aquilo era de fato um milagre e tudo mais. E às vezes eu tinha colegas que sumiam da FEFIS, do nada! Aí encontrando o colega 10 anos depois, a gente perguntava o que tinha acontecido, o porquê de desistir do curso... e ele dizia que tinha sido preso, porque era contra a ditadura. Não podia se falar, era

---

<sup>105</sup> Ginástica com séries de exercícios localizados.

muito amordaçado. Os professores não se posicionavam muito politicamente pela própria repressão. Até 1969, a ditadura foi em banho maria, mas depois do AI-5, a situação ficou complicada. Você imagina o Médici, sendo um presidente que adorava esporte, que estava lá acompanhando a Copa de 1970, abrindo Jogos Universitários de Fortaleza e todo mundo aplaudindo o cara... Ao mesmo tempo, matou pessoas durante a ditadura. Os professores viviam sem muitos livros e informações e eles passavam conteúdos que vinham muito mais de suas experiências pessoais do que de uma vasta literatura. Agora, houve também uma grande mudança, porque o movimento que a USP fez de intercâmbio com a Alemanha Ocidental ajudou até a formar esses professores, os professores da USP que tínhamos. O curso era na cidade de Colônia, era onde tinha um dos melhores cursos de Educação Física. De lá, chegavam muitas novidades.

No caso da natação, vários professores que se interessaram em trabalhar com bebês começaram a ir para a Alemanha, porque era o berço de tudo. Quando a FEFIS incorporou como uma Universidade, aí ganha muito, porque aumenta o conhecimento científico.

Nos anos 1980, começou um movimento iniciado pela USP e influenciou muitas instituições, que foi a separação de licenciatura e bacharelado em Educação Física. Particularmente, não achei que foi uma decisão boa. Acho que deveria dar uma base, mas nunca separar a Educação Física Escolar e o Esporte. O aluno não define no primeiro semestre o que ele vai seguir. É que nem na Medicina, não tem como ele já sair e escolher uma especialidade. Mas enfim, a USP fez isso para separar o Esporte e aproximá-lo mais com a área de pesquisa.

Agora, o que acho interessante também é que, na nossa época, o professor que ensinava natação entendia mesmo de natação, vivia a natação, foi atleta, ou era treinador da modalidade. De vôlei, era a mesma coisa. Lembro que tive aula nesta modalidade com o professor Faggiano. Ele era um fenômeno, treinador da equipe santista, era do ramo mesmo. Os professores eram mais técnicos, esportistas, que professores. E é claro que, com isso, aconteciam também alguns erros, porque tinha muito colega meu que detestava natação, tinha medo de encarar piscina funda, mas tinha de aprender a nadar em apenas quatro meses. Por isso, quando me tornei professor universitário nos anos 1990, vi que precisava mudar tudo no ensino da natação. Ela precisava ser viável para cada indivíduo. Como pegar um aluno que nunca nadou e pedir para fazer um *crawl*<sup>106</sup>?

---

<sup>106</sup> Estilo de nado, que trabalha diversos grupos musculares, fazendo a flexão do cotovelo.

Hoje em dia, também vejo outro aspecto nas faculdades de Educação Física. As instituições colocam professores substitutos, que geralmente manjam um pouco de tudo, de Metodologia, a um esporte, a Anatomia, mas não são especialistas em um determinado assunto.

Mas, analisando todos esses cenários, posso dizer que a ponte que eu faço é que houve uma evolução na literatura da Educação Física graças a um intercâmbio maior em outros países. E, apesar de ter começado na Alemanha, o crescimento na nossa natação também aconteceu graças a abertura feita com os Estados Unidos. Eu mesmo fui fazer clínica lá.

Na FEFIS, tive grandes professores. Eu lembro do Zuliani, era preparador físico do São Paulo Futebol Clube e professor da USP. Outros eram da área esportiva e que gostava demais, como o Esposel. Até hoje, não consegui encontrar outro professor que fosse tão teatral. Ele explicou o sistema digestório de uma maneira que até hoje nunca pensei que pudesse aprender tão bem, porque nunca mais esqueci na vida. Na prática, nunca me esquecerei do professor de Ginástica, o Godofredo Casati. Era um professor muito rígido. Só o vi sorrir uma vez na vida. Mas era extremamente didático. Aprendi muito com ele sobre disciplina. Depois de uns anos, ele chegou a me convidar para dar uma palestra na FEI<sup>107</sup>, onde ele também lecionava.

O legal também é que a FEFIS me deu vários amigos e colegas que fui encontrar quando passei a ser professor da FMU, como o Paulo Russo, que se formou na primeira turma. Lembro também da cantora Simone, que antes de se lançar na carreira artística, era atleta de basquete da Seleção Brasileira. Era ótima aluna. Só tinha atleta de ponta na minha época. Só jogador do Santos na minha turma, deveria ter uns 15. Não sei se todos se formaram. E tiveram muitas revelações também entre técnicos. O Odimar, era do handebol, o Arlindo, do vôlei. Muitos desses colegas encontrei também nos Jogos Abertos do Interior, quando eu defendia a cidade de Cubatão. Santos ganhava quase todas, era quase que soberana nas competições.

Até posso dizer que os Jogos Abertos ajudaram no status da FEFIS. É o que acontece com a UniSantanos dias de hoje, que organiza os Jogos do Santa<sup>108</sup> e tem um chamariz para atletas de alta performance, oferecendo bolsas e tudo mais. Os atletas que iam para os Jogos

---

<sup>107</sup> Centro Universitário Fundação Educacional Inaciana, em São Bernardo do Campo.

<sup>108</sup> Jogos Universitários da Universidade Santa Cecília, aberto para universidades da Baixada Santista; hoje, é considerada a principal competição entre atléticas de universidades, centros universitários e faculdades na região.

Abertos estudavam na FEFIS, vinha gente de fora para a Faculdade e isso era chamariz para outras pessoas quererem cursar a Educação Física.

#### **4.5.3 Considerações finais sobre a entrevista de William**

Como professor universitário que se tornou, William explica suas vivências articulando com a história do esporte e da Educação Física. A meu ver, foi o entrevistado que não só viveu a esportivização, como os demais também vivenciaram, mas compreendeu seu movimento levando em conta a historicidade de cada período, relacionando e refletindo com os momentos políticos e sociais de sua época.

Exemplo disso é quando explicita sobre a sistematização do ensino da natação nos clubes esportivos. Explica a origem deste movimento e traz exemplos pessoais para elucidar o que o levou a cursar Educação Física naquele período.

Volto, novamente, às noções de experiência trazidas por LarossaBondía (2002). William é exemplo de que via até falhas na formação superior quanto ao ensino da natação, pela falta de literatura/pesquisa científica suficiente que pudesse direcionar quais benefícios e malefícios de um determinado exercício.

Como as técnicas eram sistematizadas para atletas de alta performance, quem não estava acostumado a nadar, não poderia, talvez, usar o mesmo método de seus colegas mais experientes. Nesse caso, William é um sujeito da experiência, que "[...]se define não por sua atividade, mas por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura" (LAROSSA BONDÍA, 2002, p. 19).

#### **4.6 ENTREVISTADO 5: JOSÉ MACIA, O “PEPE” (TURMA 1971-1973)**

José Macia, mais conhecido como “Pepe”, 84 anos, é considerado o vice-artilheiro da história do Santos Futebol Clube, com 405 gols, ficando apenas atrás de Pelé, que, no clube, marcou 763 gols.

Além de sua carreira como ponta-esquerda<sup>109</sup> do Santos, Pepe também despontou como técnico em clubes brasileiros e estrangeiros, tendo atuado em Portugal e em clubes do

---

<sup>109</sup> Posição ofensiva, o atleta joga mais para a esquerda do campo, visando o ataque à equipe adversária.

Japão e da África<sup>110</sup>. É chamado pelos torcedores do clube de “Canhão da Vila”, pelo seu chute forte na canhoto.

#### **4.6.1 Considerações iniciais sobre a entrevista com “Pepe”**

Perdi as contas de quantas vezes entrevistei Pepe, enquanto jornalista esportiva. Lembro da primeira vez que conheci Pepe. Estava fazendo um caderno especial para o semanário “Boqnews”, jornal de Santos, sobre o centenário do clube. Um dos personagens para as minhas matérias era o “Seu Didi”, um barbeiro que trabalha há anos em frente ao estádio “Urbano Caldeira”, conhecido por Vila Belmiro, a “casa” do Santos Futebol Clube. Seu Didi cortou o cabelo de quase todos os jogadores do clube, principalmente daquela época, pois muitos ainda moravam nos alojamentos em frente ao clube. E o Pepe aparou seus fios até hoje por lá.

Depois, eventos como o Memorial das Conquistas, onde ficam os principais troféus e documentos históricos do clube, me fizeram ter a oportunidade de conversar mais uma vez com este ex-atleta, que é sem dúvida um dos principais nomes do futebol da década de 1950-1960. Sempre muito simpático, humilde, atende a todos, gosta de falar sobre suas conquistas e sempre de ressaltar os companheiros de equipe.

Para essa entrevista, fiz contato com uma de suas filhas, a Gisa Macia. Por já ter uma idade avançada, sua filha tem ajudado seu pai a marcar as entrevistas com jornalistas que ainda o procuram para falar de sua época como jogador, como vê as novas gerações e assim por diante. Pepe estudou e se formou na FEFIS no ano de 1973.

A entrevista foi feita na casa de Gisa, no bairro da Ponta da Praia, no dia 14 de novembro de 2019. A família de Pepe é extremamente receptiva, o local era bem adequado para a entrevista, iluminado e sem barulhos. A família já está acostumada a receber jornalistas de todo o País para diversas pautas, então foi automático para sua filha me deixar a sós com ele.

Percebi que Pepe lembrava muito da carreira, até mesmo por ter sido marcante em vários aspectos, e da FEFIS, houve alguns lapsos de memória, até por conta da idade e do fato de que precisava conciliar seu trabalho de técnico com os estudos, o que era um desafio para ele. O que me chamou a atenção era a lembrança que teve do professor Godofredo Casati – aliás, esse professor foi unânime em todas as entrevistas. Seu jeito sisudo e exigente chamava

---

<sup>110</sup>Internacionalmente, ficou conhecido por ser técnico do Verdy Kawasaki, do Japão, e do Al Ahly, no Catar.

a atenção de todos os alunos, ainda mais em uma época marcada pela disciplina oriunda de um governo militar.

#### **4.6.2 “A dona Rosinha dava preferência para atletas ingressarem no curso, de forma a promover a Faculdade, que estava começando”**

Meu nome é José Macia, tenho 84 anos, nasci em 25 de fevereiro de 1935, na Rua João Pessoa, no Centro de Santos. Sou santista de time e de cidade. Naquela época, o Centro era um bairro residencial, hoje a gente só encontra comércio, mudou muito.

Por um erro no cartório, não foi acrescentado o “Filho” no meu registro. Então acabei ficando com o mesmo nome do meu pai. Ele era espanhol, aliás, toda a minha família era espanhola, minha mãe era Clotilde Aras Macia. E na Espanha, todo José é chamado de Pepe. Chamavam ele assim, e eu, na infância, era conhecido por “Pepinho”. Com o passar do tempo, passei a assumir o sobrenome do meu pai. Virei o “Pepe” do Santos Futebol Clube.

O esporte veio logo na infância. Eu lembro de um Natal que meu pai foi fantasiado de Papai Noel e chegou cheio de pacotes. Eu e meus irmãos, o Mario e o Silvinho, ficávamos esperando ansiosos. Naquela vez, deixou os pacotes de presentes na esquina de onde morávamos. Eu tinha pedido uma bola de borracha. Aliás, eu acabava sempre pedindo isso de Natal, porque meu pai incentivava a gente para escrever cartas ao Papai Noel. E a gente, evidentemente, acreditava.

Meu negócio era bola de borracha. Já tinha essa tendência para o futebol. Não era um menino de rodar pião, jogar bolinha de gudeou de empinar pipa. E eu era canhoto. Não na mão, mas no pé. E as pessoas observavam, diziam que eu chutava bem com a perna esquerda, que era um chute forte.

Com 10 anos de idade, meu pai comprou uma mercearia em São Vicente, cidade vizinha a Santos, e fomos morar lá. Ajudava meu pai no comércio, atendendo os fregueses, mas continuei a jogar bola também. Ficávamos até de noite jogando num barranco que tinha na rua. Quando chegava às 7 e meia, 8h da noite, meu pai assobiava bem alto para voltarmos para casa. Ele era bravo, então a gente corria para casa.

Aos 16 anos, eu era amigo de um menino, o apelido dele era “Cobrinha”, e ele virou goleiro no time infantil do Santos Futebol Clube. Ele agradou a equipe, depois, foi falar comigo para fazer um teste. Comecei a treinar, o pessoal gostou também e assinei com o Santos. Lembro de ter chegado todo contente em casa, falei para os meus pais que o Santos ia

me dar uma carteirinha de atleta juvenil e que não ia pagar mais ingresso para assistir aos profissionais! Esse foi o meu primeiro prêmio.

Isso tudo foi no ano de 1951. Passando o tempo, descobriram que eu jogava muito bem e que merecia ter chance de chegar ao profissional. Quem me descobriu nessa época foi o Salu. Ele era uma figura incrível no Santos, era chefe da banda musical do clube, era massagista. E também era treinador do infantil. Depois, chegou o Lula, que foi o maior treinador da história do clube. Só que ele começou no infantil e lá que nós conhecemos. O bacana é que eles foram fazendo um trabalho muito bonito comigo, me colocando no time misto<sup>111</sup> e me preparando aos poucos para chegar no profissional mais preparado. Outra coisa: eu era um jogador com um chute muito forte e tinha faro para o gol. Quem não queria ter um jogador desse num time profissional? Às vezes, o jogador bom não está nos melhores dias, mas com um chute, consegue decidir uma partida. Aconteceu várias vezes comigo durante minha carreira como jogador.

Particpei da campanha que levou o Santos a vencer o Campeonato Paulista em 1955, depois de 25 anos. Joguei 13 jogos, um ano depois que fui promovido à equipe principal, e marquei 10 gols. Era uma média boa para um garoto na época. Eu fiz o gol que deu o título ao Santos, que jogou contra o Taubaté na final. O placar foi 2 a 1. Chutei tão forte que quase rasguei a rede. Fiquei conhecido a partir daí.

Com a conquista, fui carregado pelos meus amigos e meu pai decidiu celebrar na mercearia, deixou tudo por conta da casa, ninguém pagou nada naquele dia. Depois disso, as coisas foram acontecendo naturalmente. Ganhei campeonato brasileiro, fui convocado para atuar na Seleção Brasileira de Futebol.

Em 1956, foi o ano que o Pelé chegou no Santos para fazer teste. Lembro que estava no barbeiro na Vila Belmiro<sup>112</sup>, alguém tinha me falado que o Waldemar de Brito tinha chegado no Santos para uma visita. Ele foi um grande jogador, de Seleção e tudo mais. E quando nos vimos, ele disse: “Pepe, estou trazendo um garoto aí que vocês vão gostar, ele vai fazer alguns testes. O nome dele é Edson Arantes do Nascimento, mas o apelido dele é Pelé”. Foi quando me apresentou a ele. Estava tomando um refrigerante num bar próximo ao estádio. Eu tinha uns 20, 21 anos na época. O Pelé me deu um aperto de mão que quase me quebrou. Estava bem arrumado, de terno. E o Lula, que era meu treinador, tinha uma visão brilhante e

---

<sup>111</sup> Times de futebol que unem jogadores profissionais e amadores.

<sup>112</sup> Bairro da cidade de Santos, onde se situa o Estádio Urbano Caldeira, do Santos Futebol Clube (conhecido também por Vila Belmiro).

percebeu que o Pelé tinha algo a mais. Ele disse que Pelé seria o maior jogador do Brasil. Nisso, Lula errou feio. Pelé se tornou o maior jogador do mundo!

Foi assim que passamos a jogar juntos e nos tornamos algumas peças do famoso plantel ofensivo, que ficou na história do Santos Futebol Clube. Era formado pelo Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e eu. Dizia sempre que, dos cinco, eu era o único “cara pálido” do ataque.

Fui estudar na FEFIS bem depois. Aproveitei minha carreira como jogador. Quando fiz meu último contrato no Santos Futebol Clube, já estava com a intenção de parar e seguir a carreira de treinador no futebol. O diploma de Educação Física na época era muito importante, não só para trabalhar no Brasil, mas também no exterior. Os clubes davam preferência para quem tinha o diploma de ensino superior. E foi assim que fui parar na FEFIS, estudar na faculdade da dona Rosinha, que era a diretora.

Havia muitos jogadores do Santos Futebol Clube estudando comigo na época. O próprio Pelé estudava lá conosco, o próprio Mengálvio<sup>113</sup> chegou a se matricular, mas acho que não conseguiu cursar, o Zito. O Negrelli, que era um jogador excepcional de basquete e de vôlei do Santos, também estudou lá, sei que também se tornou professor depois de um tempo, o Paulo Russo, que também era do vôlei. Era uma turma muito forte. A dona Rosinha até dava preferência para que atletas ingressassem no curso, porque isso dava mais prestígio para a Faculdade, que estava começando. Cada ano que passava, ia entrando mais atletas famosos para estudar. Até atletas de outros clubes, de outras cidades, vinham para estudar na FEFIS. Especialmente aqueles que queriam seguir na carreira de técnico, como foi meu caso, porque a carreira de atleta também é curta.

O esporte era muito valorizado no curso. Eu diria que uns 50% das disciplinas eram voltadas para a parte atlética. A gente corria no campo, também corríamos na praia. Mas também era 50% de escrita. Lembro da História da Educação Física... quem descobriu a ginástica, o envolvimento dos chineses, e assim vai. Para passar de ano, precisava ter uma base de escrita muito boa, mas o condicionamento físico também era fundamental.

Tem uma passagem da FEFIS que lembro até hoje, acho graça disso. Eu estava fazendo uma prova escrita de Ginástica, e o professor era o Godofredo Casati. Ele era muito bravo. Eu estava “colando” durante a prova dele. O engraçado disso é que eu tinha 40, quase 50 anos de idade, e eu lá, fazendo isso. O professor me pegou no flagra e me disse: “Senhor Macia, o senhor colando?”. O pior é que tinha uma turminha lá que também colava. Falei para

---

<sup>113</sup>Meio-campista, atuava no Santos Futebol Clube na década de 1960.

ele que estava com dificuldades. Ele achou graça, me tirou a prova e me deu um zero bem redondo. O irônico de toda essa história é que, depois, eu chamei o professor Casati para ser o meu preparador físico no time do Santos. Mas os métodos deles eram muito rígidos e acabou que não se adaptou tão bem aos meandros do futebol, então não chegou a ficar muito tempo.

Nós, que já tínhamos a bagagem do futebol, de termos sido atletas, saíamos em vantagem em alguns momentos. Por exemplo, no atletismo, a gente corria bastante. No futebol, também íamos bem. Se bem que, na minha turma, acho que futebol só tinha na teoria, não lembro bem se já tinha na prática.

Hoje, sou grato a tudo que conquistei na vida. Viajei para mais de 60 países diferentes, graças à minha carreira como atleta e também pelo diploma que conquistei na Faculdade, para ser treinador no Brasil e no exterior. Agradeço aos professores, à memória da professora Rosinha. Acho que nós, atletas, íamos para as aulas com prazer, porque era gostoso cursar uma faculdade que fazia parte das nossas experiências passadas. Quando íamos lá, era um momento também de aconchego e de descontração.

#### **4.6.3 Considerações finais sobre a entrevista de “Pepe”**

A entrevista de Pepe revela mais pontos interessantes para a constatação de uma possível esportivização da Educação Física em sua época: os esportistas, sabendo que suas carreiras profissionais eram curtas, buscavam dentro de suas áreas de atuação uma recolocação – e a área de treinamento desportivo era uma delas, embora a Licenciatura capacitasse para atuar em escolas. Mas o diploma, que não era o bacharelado, tinha um peso importante na contratação para clubes esportivos (no depoimento de Pepe, isso fica claro).

Outro ponto interessante é o tom vital destacado para este depoimento: de que a própria professora Rosinha, enquanto diretora da FEFIS, enxergava que os jogadores famosos eram os chamarizes para aumentar a captação de novos alunos. Isso demonstra, mais uma vez, a visão empresarial desta educadora.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esportivização foi um movimento que aconteceu por motivações políticas da época, na guinada de esportes, como o futebol, que ganharam projeção mundial. Exemplos que deixamos explicitados nesta pesquisa, como o tricampeonato mundial da Seleção Brasileira em 1970 no México, além dos Jogos Olímpicos Modernos - todas estas competições com grande visibilidade de público em função do advento dos meios de comunicação de massa, como a TV.

Não se pode ignorar, entretanto, que as literaturas científicas sobre os benefícios do esporte para a saúde ainda eram escassas nas décadas de 1960 e 1970 (somente em 1980 é que o movimento da pesquisa e do *Stricto Sensu* no País ganhou força). Nesta perspectiva, consideramos que ainda era preciso fortalecer mais as práticas para que a teoria pudesse ser mais bem desenvolvida.

A área da Educação Física era vista majoritariamente pela perspectiva profissional e não acadêmica. O curso, portanto, focava-se em disciplinas de orientação prática, como esportes, jogos e danças. O lema era “aprender a executar para poder ensinar”.

No que diz respeito à esportivização no Brasil, pode-se considerar que foi um movimento que também esteve presente na formação de professores (e, por consequência, no ambiente escolar) e que aconteceu na metade do século XX por duas razões: 1) pelo contexto histórico político mundial, da Guerra Fria, em que o esporte é codificado, normatizado e institucionalizado (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001) como resposta aos anseios pelo poder de um governo autoritário, impactando na ação de professores e alunos.

O conjunto de práticas corporais desenvolvidas dentro da escola resumiu-se à prática de algumas modalidades esportivas, tendo como fundamentos primordiais a técnica esportiva, o gesto esportivo, a repetição, disciplina e até a minimização de diversidade corporal a poucas técnicas estereotipadas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2001).

Portanto, é possível considerar que a motivação da criação da FEFIS surgisse desta necessidade de buscar alternativas para a ausência de espaços físicos adequados às práticas de ensino no campo da educação física, tais como as quadras esportivas. A primeira iniciativa concreta da instalação da Educação Física de Santos envolveu a educadora Rosinha Viegas, que veio à cidade em 1959 após passar em concurso público para atuar em escolas estaduais da cidade. Ela e seu marido, Rubens Viegas, conseguiram com que o Brasil Futebol Clube cedesse as dependências esportivas do clube, que ficavam ociosas em determinados horários.

Quem cursava Educação Física na FEFISera atleta ou tinha família ligada a esportes. Pode-se perceber tais evidências na fala dos próprios entrevistados para esta pesquisa, que também foram atletas de renome em nível regional, estadual, e até em outros casos, nacional e internacional. Além disso, os funcionários da instituição também foram atletas. Nesta perspectiva, é possível considerar que Rosinha possuía um perfil empreendedor, que corroborava com as mudanças das políticas educacionais dos anos 1960-1970, especialmente após a Reforma Universitária, em que o predomínio de instituições privadas de ensino superior se iniciou. Ainda que, seguindo à Constituição Brasileira vigente da época e levando em consideração o caráter sem fins lucrativos<sup>114</sup> destas instituições particulares que foram abertas, este movimento pode ser entendido como uma abertura para a chamada “mercantilização da Educação”.

Osex-atletas entrevistados para o trabalho representaram as delegações de cidades como Santos durante os Jogos Abertos do Interior e outras competições nacionais, o que se tornava uma boa vitrine para que outras pessoas se matriculassem no curso. Por outro lado, atletas de alto rendimento têm carreiras de curta duração e, mesmo com projeção internacional, o retorno financeiro não era o mesmo em relação aos dos atletas da contemporaneidade. A carreira de professor de Educação Física apresentava-se como uma opção e, mesmo não havendo o bacharelado na época, o diploma auxiliava na contratação para treinamento desportivo.

Em razão da popularidade dos Jogos Abertos do Interior, as modalidades que mais levavam atletas para estudar na FEFIS naquelas décadas eram: Futebol, Voleibol, Basquete (estes, em sua maior parte, ligados ao Santos Futebol Clube) e Natação/Desportos Aquáticos.

Foi interessante perceber contradições nos depoimentos colhidos. Mesmo com o movimento da esportivização datado naqueles primeiros 15, 16 anos de Faculdade, alguns entendiam que este movimento não foi tão presente na FEFIS quanto se apresentava. Creio que, talvez, para alguns desses entrevistados, ser ‘esportivizado’ era ter necessariamente mais componentes curriculares voltados às práticas desportivas, o que não seria possível, porque o MEC direcionava um currículo mínimo que não só previa as bases do esporte, mas também da Biologia e da Didática.

A esportivização na FEFIS apresentava influências do militarismo, especialmente na condução das aulas realizadas por alguns professores. Ficou bem evidente como os ex-alunos

---

<sup>114</sup>Por essas razões, alguns entrevistados deste trabalho afirmaram terem sido beneficiados com bolsas de estudos.

descreveram os movimentos influenciados pela disciplina de determinados professores. E sem exceção, todos os alunos que tiveram aula com o professor Godofredo Casati fizeram menção a ele pelo seu jeito “rígido”, por exemplo.

No plano acadêmico, a FEFIS procurou seguir um modelo de formação semelhante à Escola Superior de Educação Physica do Estado de São Paulo – ESEP, atual EEFE-USP. No *site* da história da instituição, percebe-se que a área da Educação Física era vista majoritariamente pela perspectiva profissional e não acadêmica. O curso, portanto, focava em disciplinas de orientação prática, como esportes, jogos e danças. O lema da ESEP era “aprender a executar para poder ensinar”, o que possivelmente levou esta herança para o corpo discente, que formou a FEFIS nas primeiras décadas.

A maior parte do corpo docente era formado por professores formados e/ou que lecionavam nesta escola superior. Entre 22 professores do quadro inicial, 14 vieram da USP: Augusto Duarte Esposel, Cyro de Andrade, Jarbas Sales de Figueiredo, João Luongo, José Roberto Borsari, Luiz Roberto Zuliani, Walter Hermann Siegi, Helena Cláudia La Terza, Wanda Bezerra Grijó, Sérgio de Souza Franzolin, Roberto Eleasar Nemer, Paulo de Tarso Bartholomeu Silva, Mariângela Regina La Terza dos Santos e Alcino Pellegrini.

Para a diretoria, o corpo docente também foi um instrumento fundamental para conquistar a regularidade de funcionamento da instituição, especialmente nos primeiros anos de atividades. Além dos atletas de renome nacional e internacional, a diretora da FEFIS, Rosinha Viegas, também contou com a amizade de uma aluna, Laurete Godoy, que foi entrevistada para esta pesquisa.

Não somente a experiência como atleta, mas o engajamento intelectual fez com que a ex-aluna se tornasse peça fundamental para os processos de reconhecimento do curso de Educação Física de Santos. Conforme Bobbio (1996, p. 9), “os intelectuais são transformistas”, o que lhe confere, de certo modo, a figura de um intelectual engajado, que se identifica com as “lutas” da constituição de uma instituição de ensino superior – como foi mostrado no caso da busca pelo reconhecimento do professor de Educação Física e, em seguida, da FEFIS, de modo que o diploma pudesse ser validado.

No processo de uma suposta valorização do professor de Educação Física prometida na época, os dirigentes das instituições escolares também precisaram se filiar a autoridades públicas e sindicais, articulando interesses políticos, como foi o caso de Rosinha Viegas, fundadora da FEFIS. Ela e seu marido, Rubens Viegas, estabeleceram relacionamento com deputados federais e assessores do Ministério da Educação e da Saúde com o objetivo de passar favoravelmente pelos processos administrativo-burocráticos. Também foi preciso

“conquistar mentes e corações”<sup>115</sup> de dirigentes locais, como os diretores da Delegacia Regional de Educação Física de Santos, e posteriormente, o Governo Federal, o que parece não ter sido difícil durante o momento político da época.

A “moeda de troca” desse apoio político teve diversos desdobramentos, desde concessões de cargo de professor a homenagens e convites para patronados em formaturas, de forma que essas autoridades pudessem ser associadas ao esporte que, ainda que em nível acadêmico, se tratava de uma atividade bem quista pelos brasileiros. Para a Faculdade de Educação Física, a benesse seria conquistar os reconhecimentos burocrático-administrativos, passando a ser uma referência em formação docente na EF, tendo em vista que a escola não só é formada por intelectuais, mas também assume a função de ser um instrumento da burguesia para elaborar os intelectuais em diversos níveis.

---

<sup>115</sup> Referência gramsciana.

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DE SANTOS. *Grandes Personagens*: José Oswaldo da Fonseca Marcelino. 2009. Disponível em: <https://almanaqueesportivodesantos.wordpress.com/category/grandes-personagens/page/36/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. *Revista Dimensões*, Espírito Santo, v. 32. 2014.

ALMEIDA, Katia Nazareth Corrêa de. *A pós-graduação no Brasil*: História de uma tradição inventada. 2017. 213f. Tese. (Doutorado em Educação: Filosofia e História da Educação), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

AN INVENTION for alleternity. *FIFA*. Zurique, 2020. Disponível em: <https://www.fifa.com/news/invention-for-all-eternity-1078787>. Acesso em: 8 jan. 2020.

APPLE, Michael W. *Política Cultural e Educação*. São Paulo: Cortez, 2000.

ARAÚJO, Dayane Santos. *A luta pela autonomia política da cidade de Santos*: da Caravana Leonardo Roitmann à posse de Oswaldo Justo (1983-1984). 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARAÚJO, Wesley Batista; SILVA, Sheila dos Santos. *Professor de Educação Física e a Ditadura Militar no Brasil*: comandado ou comandante? Jundiaí: Paço Editorial, 2012.

AZEVEDO, Fernando. *Cultura Brasileira*: Introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física*: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1960.

BAHU, Lígia Zagorac; CARBINATTO, Michele Viviene. Currículo em Educação Física: Unificar ou Especializar? *Iniciação & Formação Docente*, Minas Gerais, UFTM, p. 1-21. 2016.

BARROS, José Arthur Fernandes. *Estrutura Organizacional e das Tomadas de Decisão em Clubes Sociodesportivos de São Paulo*. 2016. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esportes) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BELTRAMI, Dalva Marin. *A educação física no âmbito da política educacional no Brasil pós 64*. 1992. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação: História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENVEGNÚ JÚNIOR, Arnaldo Elói. Educação física escolar no Brasil e seus resquícios históricos. *Revista de Educação do Ideau*, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 13.2011.

BETTI, Mauro. *A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*. 1997. 275f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 1997.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Rev.Br. Ed. Fís. Esp.*, v. 19, n. 3, p. 183-197, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16594/18307>. Acesso: 18 dez. 2019.

BIANCHETTI, Lucídio; FÁVERO, Osmar. História e histórias da pós-graduação em educação no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, editorial, dez. 2005.

BIBLIOTECA CYRO DE ANDRADE. USP. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://bibliotecaefe.blogspot.com/p/biblioteca.html>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Editora Unesp: São Paulo, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. Decreto n.º 53.741, de 18 de março de 1964. Dispõe sobre a execução do Plano Diretor de Educação Física e dos Desportos. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, seção 1, p. 2768, 23 mar. 1964. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53741-18-marco-1964-393873-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 abr. 2019.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] União*. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 4 jul. 2018.

BRASIL. Formação Inicial e Continuada ou Qualificação Profissional – Saiba Mais. *Ministério da Educação*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2018-pdf/89181-1-qualificacao-profissional-saiba-mais-final-jun18-1/file>. Acesso em: 12. jan. 2020.

BRASIL. Secretaria Especial do Esporte. *Plataforma Governo Federal*. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/o-ministerio/sala-de-imprensa/52-ministerio-do-esporte/institucional/o-ministerio/historico>. Acesso em: 13 dez. 2019.

CABRAL, Danilo Cezar. João Acácio Pereira da Rocha, o Bandido da Luz Vermelha. *Superinteressante*, 14 set. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/joao-acacio-pereira-da-rocha-o-bandido-da-luz-vermelha/>. Acesso em: 20 maio 2018.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: A história que não se conta*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2010.

CASTRO, Celso. In corpore sano: os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. *Antropolítica*, Niterói, RJ, n. 2, p. 61-78.1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho; CERQUEIRA, Aline Carvalho; SOUZA, Thiago Cavalcante de; MENDES, Patricia Adorno. *A trajetória da LDB: um olhar crítico frente à realidade brasileira*. Santa Cruz: UESC, 2013.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira*. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2014.

CHELUCHINHAK, Aline; CAVICHIOLLI, Fernando. A Busca da Excitação: a natureza e o comportamento humanos quanto ao consumo do esporte e do lazer. In: Simposio Internacional Proceso Civilizador, 11, 2008, Buenos Aires. *Anais [...]*. Buenos Aires, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COMO NASCEU o Jubas. *Agência Facos*, Santos, ano 13, p. 35, jun. 1985.

D.A. CONSTÂNCIO Vaz Guimaraes. *A Tribuna*, Santos, 18 maio 1979.

DALBEN, André. Inezil Penna Marinho: Formação de um intelectual da Educação Física. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 59-76, jan./mar. 2011.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

EDUCAR E TRANSFORMAR. Disponível em: <https://www.educaretransformar.net.br> Acesso em: 12 jan. 2020.

EEFE – Escola de Educação Física e Esporte. USP. São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <http://www.eefe.usp.br/?pagina/mostrar/id/115> Acesso em: 12 jan. 2020.

ELES VOLTAM AMANHÃ COM A TAÇA. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1970. Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte\\_22jun1970.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/esporte_22jun1970.htm). Acesso em: 14 out. 2019.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FEBVRE, Lucien. *Combates Pela História*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Florestan. *Universidade Brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Loyola: São Paulo, 1996.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. *A história da educação física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil: o estabelecimento de uma disciplina*. Belo Horizonte, 2016, 272f. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2016.

FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: Del Priore, Mary; Melo, Victor Andrade de (org.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 107-132.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. *Almanaque Olímpico SporTV*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

FUTEBOL NOSTÁLGICO. *Guerra Fria de chuteiras: a história dos confrontos entre EUA e URSS*. 2012. Disponível em: <http://futebolnostalgico.blogspot.com/2012/09/guerra-fria-de-chuteiras-historia-dos.html> Acesso em: 17 jan. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 213-221, nov. 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11147/8178>. Acesso em: 30 mar. 2018.

GERARQUE, Eduardo. Pioneiro, Brasil foi campeão quando esteve à frente do físico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://temas.folha.uol.com.br/evolucao-do-futebol/jogadores/pioneiro-brasil-foi-campeao-quando-esteve-a-frente-no-fisico.shtml> Acesso em: 17 jan. 2020.

GENNARI, Célia.; RIBEIRO, Ignez. Laurete Godoy: de Atleta e Professora a Escritora e Palestrante. *Maturidades, PUC-SP*, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.pucsp.br/maturidades/gente\\_notavel/gente\\_notavel\\_52.html](https://www.pucsp.br/maturidades/gente_notavel/gente_notavel_52.html). Acesso em: 20 dez. 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *O método francês e a educação física no Brasil: da caserna a escola*. 1992. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 8, n.1, p. 85-100, 2005.

GODOY, Laurete. [Correspondência]. Destinatário: Conselho Federal de Educação. Santos, 27 mar. 1972. 1 carta.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo; GARCIA, Alessandro Barreta. A Eugenia em Periódicos da Educação Física Brasileira (1930-1940). *R. da Educação Física/UEM Maringá*, v. 22, n. 2, p. 247-254, abr./ jun. 2011.

GONZALEZ, Fernando Jaime. O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes. *Revista Movimento (UNIJUÍ)*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan/abr., 2004.

GRAMSCI, Antonio. A Formação dos Intelectuais. In: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROHMANN, Gustavo. Que fim levou: Alcino Pellegrini. In: *Terceiro Tempo*, São Paulo, 10 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/alcino-pellegrini-1569>. Acesso em: 7 jan. 2020.

GRUHN, Almir Adolfo. Resumo Histórico da FIEP no Brasil (1949-2010). *Boletim Técnico Informativo da FIEP*, Brasília, 2010.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70*. 2006. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

HOMENAGEM aos seus Amadores (1913-1948). *Revista do Brasil F.C.* Santos, 1948.

JAHN, Friedrich Ludwig; EISELEN, Ernst. *Die Deutsche Turnkunst zur Einrichtung der Turnplatze*. Stuttgart: Verlagstruckerei Conradi & Co, 1967.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

LA TERZA, Helena Claudia. [Entrevista concedida a] Natasha Guerrize Claro. Santos, 13 dez. 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.

LEPENIES, Wolf. *Ascensão e Declínio dos Intelectuais na Europa*. Lisboa: Forum, 1992

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-182.

LIMA, Rubens Rodrigues. História da Educação Física: algumas pontuações. *Rev. Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 7, n. 13, p.246-257, jan./ jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/199>. Acesso em: 15 mar. 2019.

MAIS DIFÍCIL este ano. *A Tribuna*, Santos, p. 16, 23 maio 1979.

MANDELL, Richard D. *Sport: a cultural history*. New York: Columbia University Press, 1984.

MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro, 1980.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino privado no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 30, n. 106, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302009000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000100002). Acesso em: 3 mar. 2019.

MARTINS, Iguatemy Maria de Lucena (Org.). *Intervenção Profissional e Formação Superior em Educação Física: Articulação necessária para a qualidade do exercício profissional*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2015.

MARTINS, Thiago Amaral; SILVA, Gilvan Moreira da. As LDB's no Brasil: implicações na prática de ensino da Educação Física na Educação Básica. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, n. 172, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd172/as-ldbs-no-brasil-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 12 jan. de 2019.

MASSUCATO, José Geraldo; BARBANTI, Valdir José. Histórico da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, 1999, Vol 13, n. esp. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v13%20esp%20artigo1.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2019.

MEDINA, João Carlos Subirá. *A educação física cuida do corpo e... mente: bases para a renovação e transformação da educação física*. 9 ed. Campinas: Papirus, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Lidia Maria de. *Rosinha Viegas: A Garra de uma Leoa*. Santos: Unimes, 2004.

MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física em Desportos: uma possível história*. 1996. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. São Paulo. 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. *Histórico dos Jogos*. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/jubs/historico.jsp>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MOURA, Matheus Jacomin. *A Ditadura Brasileira e a Copa de 1970*. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/semclubismofc/a-ditadura-brasileira-e-a-copa-de-1970-65aaed471a10> Acesso em: 15 dez. 2019.

MUSA, Oscar da Silva. [Correspondência]. Sala de aula para Educação Física. Destinatário: Delegacia Regional de Educação Física e Esportes de Santos. Santos, 1941. 1 carta.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: uma resposta aos dilemas da contemporaneidade. *Revista Linhas*, Santa Catarina, v. 16, n. 31, 2015. Disponível em: [www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../pdf\\_73](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../pdf_73). Acesso em 24 out. 2018.

NEGRELLI, José Oswaldo Marcelino. [Entrevista concedida a] Natasha Guerrize Claro. Santos, 14 dez. 2018

NICOLINI, Henrique. Esporte é fruto da Revolução Industrial. *Plataforma Gazeta Esportiva*, 2015. Disponível em: <https://blogs.gazetaesportiva.com/henriquenicolini/2015/08/11/esporte-e-fruto-da-revolucao-industrial/> Acesso em: 15 dez. 2019.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. *Instituições Escolares: por que e como pesquisar*. Campinas: Alínea, 2013.

NOVO MILÊNIO. *Remo, a primeira atividade esportiva santista*. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0276r.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.

O GLOBO. *João Saldanha sai após 'peitar' Médici e não convocar Dario para Copa de 70*. 2014. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/joao-saldanha-sai-apos-peitar-medici-nao-convocar-dario-para-copa-de-70-11811737?GLBID=10359ee40228e3ed3c9ef911efebe3c83425941744641556c4465554942675a70437435646577624545576952534a385f49414b3775345344377343536b5578487861456d547a5f3574654b327a5f7a7759415a6f706c564f6c3569686e726e625452666d57413d3d3a303a6e5f6775657272697a652e32303136> Acesso em: 15 dez. 2019.

OLIVEIRA, Antonio Sergio Francisco. *Inezil Penna Marinho: História e Educação Física (1940 a 1958)*. Vitória, 2012. 134 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Vitória, 2012.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é Educação Física?* 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PELLI, Ronaldo. O pioneiro de Bangu. *Revista Piauí*, São Paulo, n. 75, dez. 2012. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-pioneiro-de-bangu/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

PELLISSARI, Rodrigo. O gênero, a Educação Física e o Esporte: análise de uma escola na Zona Leste de São Paulo. *EF Deportes.com, Revista Digital*, Buenos Aires, 2011, n. 159. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd159/o-genero-a-educacao-fisica-e-o-esporte.htm>. Acesso em: 9 nov. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 15 jun. 2018.

PORCHAT DE ASSIS, Arthur. *Eduquemos*. Santos: Escolástica Rosa, 1915.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: [www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg2-3.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf). Acesso em: 20 mar. 2018.

PRONI, Marcelo Weishaupt. História do Esporte: A contribuição de Richard Mandell. In: XXIII Simpósio Nacional de História (ANPUH), 23., 2005, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2005. p. 1-8.

QUITZAU, Evelise Amgarten. A Ginástica Alemã: aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn. *Rev. Bras. Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. S501-2514; Santa Catarina, 2014.

RAPAZES E MOÇAS correndo para entrar na faculdade. *A Tribuna*, Santos, p. 24, 1969.

REIS, José Carlos. Os Annales: A Renovação Teórico-Methodológica e “Utopia” da História pela Reconstrução do Tempo Histórico. In: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação*. O Debate Teórico-Methodológico Atual. Campinas, SP: Autores Associados, 1998, p. 25-49.

ROCCA, Maria Isabel. [Entrevista concedida a] Natasha Guerrize Claro. Santos, 5 maio 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. (1930-1973). Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

ROVAI, Marta; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. História oral testemunhal, memória oral, memória escrita. Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. *História Agora*, São Paulo, n. 9, p. 190-195, 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/22496813/ROVAI\\_Marta\\_MARANH%C3%83O\\_Fo\\_Eduardo\\_Meinberg\\_de\\_Albuquerque.\\_Hist%C3%B3ria\\_oral\\_testemunhal\\_mem%C3%B3ria\\_oral\\_mem%C3%B3ria\\_escrita.\\_Entrevista\\_com\\_Jos%C3%A9\\_Carlos\\_Sebe\\_Bom\\_Meihy.\\_In\\_Hist%C3%B3ria\\_Agora\\_S%C3%A3o\\_Paulo\\_n.\\_9\\_p.\\_190-195\\_2010](https://www.academia.edu/22496813/ROVAI_Marta_MARANH%C3%83O_Fo_Eduardo_Meinberg_de_Albuquerque._Hist%C3%B3ria_oral_testemunhal_mem%C3%B3ria_oral_mem%C3%B3ria_escrita._Entrevista_com_Jos%C3%A9_Carlos_Sebe_Bom_Meihy._In_Hist%C3%B3ria_Agora_S%C3%A3o_Paulo_n._9_p._190-195_2010). Acesso em: 18 out. 2019.

SANTOS cresce, o esporte cai. *Cidade de Santos*, Santos, ano 69, p. 10, 1 jul. 1969.

SAVIANI, Nereide. Currículo: um grande desafio para o professor. *Revista de Educação (APEOESP)*, São Paulo, 2005. Disponível: [http://files.educar-e-uma-arte.webnode.com/200000808-60ed861e7c/Curr%C3%ADculo%20-%20Um%20grande%20desafio%20para%20o%20professor\(1\).pdf](http://files.educar-e-uma-arte.webnode.com/200000808-60ed861e7c/Curr%C3%ADculo%20-%20Um%20grande%20desafio%20para%20o%20professor(1).pdf). Acesso em: 6 jan. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Biografia como gênero e problema*. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/1577/1083>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

SILVA, Osni Oliveira da. Percurso histórico da formação profissional em Educação Física no Brasil e na Bahia. *Revista EP Deportes*, Buenos Aires, v. 141, 2010. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd141/formacao-profissional-em-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 14 maio 2019.

SILVA, Régis Henrique dos Reis. *Tendências teóricas-filosóficas das teses em educação especial desenvolvidas nos cursos de Doutorado em Educação e Educação Física do Estado de São Paulo (1985-2009)*. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072011000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000300007). Acesso em: 9 jan. 2020.

SOUZA, Felipe Amorim de. *Participação das escolas secundárias de Santos nos campeonatos colegiais: prática de Educação Física Escolar (1934-1964)*. 2012. 184 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos. 2012.

SOUZA, Maria Inêz Salgado de. *Os empresários e a educação: o IPES e a política educacional após 1964*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

SOUZA, Rosa Fátima de. As políticas de expansão e de modernização do ensino secundário no Estado de São Paulo e a questão da qualidade da escola pública (1945-1968). In: VI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (SBHE), 2011, Vitória. Anais [...]. Vitória: UFES, 2011. p. 1-15.

STAREPRAVO, Fernando Augusto *et al.* Esporte Universitário Brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 131-148, maio. 2010.

STRINI, Antônio; CARA, Thiago. Há 50 anos, militares tomaram o poder também no esporte. *Plataforma ESPN*, 2014. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/400261\\_ha-50-anos-militares-tomaram-o-poder-tambem-no-esporte](http://www.espn.com.br/noticia/400261_ha-50-anos-militares-tomaram-o-poder-tambem-no-esporte) Acesso em: 15 dez. 2019.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. 2001. 399f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. *Revista Brasileira De História Da Educação*, v.8, n. 1 [16], p. 147-169, 7 fev. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38591>. Acesso em: 19 out. 2018.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 387-416.

TEIXEIRA, Cesar Luis; SOUZA, Camila Heloisa de. O jogo de bets praticado pelas crianças de Itambé, Paraná: aprendizagem, regras e fundamentos. *EF Deportes.com*, 2012, n. 172. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd172/o-jogo-de-bets-regras-e-fundamentos.htm>. Acesso em: 16 dezembro de 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. Educação e Experiência. In: *Os Românticos. A Inglaterra na Era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TUBINO, Manoel. *O que é Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VAZ, Leopoldo Gil; PEREIRA, Laércio Elias. Listello e a educação física brasileira. Centro Esportivo Virtual. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/listello-e-a-educacao-fisica-brasileira/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André, GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do "milagre" econômico brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71402008000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402008000200006). Acesso em: 20 dez. 2019.

VIEGAS, Rubens. *A História de uma Universidade e 80 anos de Agradecimentos*. São Paulo: Cromosete Gráfica e Editora, 2009.

WACQUANT, Loïs. Habitus. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; Hey, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina de. (org.). *Vocabulário Bourdieu*. São Paulo: Autêntica, 2017.

WILLIAMS, Sérgio. Há 50 anos, Santos era novamente amordaçada. *Plataforma A Tribuna*, 2019. Disponível em: <https://www.atribuna.com.br/cidades/santos/h%C3%A1-50-anos-santos-era-novamente-amorda%C3%A7ada-1.67542> Acesso em: 12 jan. 2020.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## ARQUIVOS E INSTITUTOS DE PESQUISAS VISITADOS

- Centro de Memória Esportiva DeVaney, no Ginásio Rebouças, Secretaria de Esportes de Santos (consulta aos arquivos e imagens utilizadas deste acervo nesta dissertação)

- Arquivo do Jornal A Tribuna de Santos -Grupo Tribuna (consulta feita aos jornais nos períodos de 1969 a 1974)
- Acervo da Faculdade de Educação Física de Santos - FEFIS (consulta de documentos e utilização de imagens da Faculdade)
- Hermeroteca da Universidade Católica de Santos (consulta no acervo de publicações)
- Hermeroteca Municipal de Santos (até o momento, consulta feita no acervo dos jornais A Tribuna e Cidade de Santos nos períodos entre 1969 a 1975)
- Acervo Digital DOPS e DEOPS pela Fundação Arquivo e Memória de Santos – FAMS (consulta às fichas remissivas e prontuários entre os anos de 1969 a 1985)

**ANEXOS**

Anexo 1 -Discurso da primeira turma da FEFIS, em 22/02/1972

26-1-72 Com Indaiá - Discurso como  
Oradora da 1ª Turma da FEFIS

... Demais autoridades civis e militares, mestres, senhoras, senhores, colegas e, com carinho todo especial ao senhor, meu pai, exemplo de trabalho honrado, que me ensinou a respeitar o direito, a entender o valor da perseverança na luta, e com quem aprendi, que é muito mais importante viver de pé, num plano, do que encalhada - no tópo de u'a montanha .

Com respeitosa ternura ao Sr. Francisco Rocca e Dona Leonor - Garcia Rocca, que pelo esforço e dedicação, pela luta e união, pelo trabalho e amor, pelo muito que fizeram por seus filhos, representam o alicerce sólido de uma família bem constituída, pois não existiria o regato se não houvesse a fonte e a árvore não daria bons frutos se fôsse uma árvore daninha . Por intermédio desse casal honrado, pais de nossa Diretora e ainda, por intermédio do Dr na Lucinda Viegas, mãe de Rúbens Flávio Siqueira Viegas, presidente da Sociedade Civil de Educação Física de Santos, pelo muito que eles representaram e representam, neste momento, eu presto a minha afetuosa homenagem, aos pais de todos os formandos que aqui se encontram presentes .

- Senhores, hoje, está formanda não lhes ifa falar dos benefícios da Educação Física, dizendo que nós trataremos , dentro da Educação, daquilo que há de mais importante para o ser humano - A SAÚDE . Hoje, também não irei falar sobre despedidas, pois dizer adeus após três anos de convivência quase que diária, tornar-se-ia algo de muito pungente . Nesta noite, eu me concedi o direito de lhes contar uma estória. E a minha estória vai começar da mesma forma que começaram todas as estórias que ouvimos até hoje e que por certo já contamos também. Começará com o clássico era uma vez .

Era uma vez, uma professora de Educação Física, que veio lá de Guariba, uma cidadezinha presépio situada perto de Jaboticabal, para exercer o magistério em Santos. Certa noite, essa professora teve um sonho . Sonhou que estava no campo do Brasil Futebol Clube instalando uma escola de Educação Física. Para qualquer outra pessoa, esse seria um sonho simples e comum e iria, certamente, para o rol dos sonhos impossíveis. Mas, para Rosinha Rocca Viegas, batulhadora, lutadora e repleta de ideias, esse sonho representou o ponto de partida para uma grande realização. E ela armou-se de coragem, armou-se de fibra, armou-se de vontade de vencer, entrou na arena e começou a lutar. E lutou ... lutou ... lutou, na ânsia de vencer . Venceu . E da sua vitória, foi criada a FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE SANTOS .

Faculdade de Educação Física ... mas ... Faculdade de Educação Física ? Para muitos dos senhores, talvez um título um tanto quanto pernóstico, para uma simples escola de ensinar ginástica.

(continuação)

Mas, há exatamente três anos, vindos de todos os lugares, nos reunimos na pista, no ginásio, na piscina e nas salas de aula, enfrentamos o temeroso e exame vestibular. Vencida a primeira barreira, começou a nossa caminhada. Na grande maioria das vezes exaustiva e árdua, mas víamos descortinar-se à nossa frente um mundo novo, dando-nos concepções completamente diferentes daquelas que possuíamos até então .

Assim, iniciou-se o primeiro ano e, como primeiro trabalho do curso, lá vem o Professor Cyro de Andrade e exige o desenvolvimento do tema - " O QUE É A EDUCAÇÃO FÍSICA ? ". Acredito que a maioria dos alunos terminou o trabalho com a seguinte frase :- " A EDUCAÇÃO FÍSICA É A PRÓPRIA EDUCAÇÃO." E foi ele, ministrando aulas de Metodologia, que nos colocou em contato com o Método francês, o Sueco, o Dinamarquês, o Alemão, Calistenia e Desportiva Generalizada, ensinando-nos os primeiros passos dentro da carreira que pretendíamos abraçar .

Mas ... para ensinar Educação Física, é preciso aprender Educação Física e, sob o olhar austero do Professor Godofredo Casati - Júnior, que dissertava sobre distâncias e intervalos, colunas e fileiras, os rapazes dedicavam-se com afinco ao Método Francês e, ao executarem os exercícios mímicos, transformavam-se, provisoriamente em boxeadores, aviões, passarinhos, borboletas irriquistas e trenzinhos barulhentos. Paralelamente, nas aulas de ginástica de Solo, aprendiam a arte do salto mortal, das cambalhotas e das paradas de mão.

Durante três anos, enquanto tentavam descobrir se Amoros y Ordeano era melhor que Demany, ou se Hèbert estava à frente de Listello, com o professora Helena Cláudia La Terza, as moças comungavam a ideologia de Stela Guérios, com seu mecanismo corporal, sequência - fraseada e ginástica básica, fazendo com que , em cada exercício, aprendessem a condicionar a mente e controlar o corpo. Havia também o cantarolar constante de Balaio, meu bem, balaio, cinhá ... - através do qual, na cadeira de Ritmos, aprendíamos baiões, sambas e outras músicas folclóricas. Procurávamos assim, atingir as palavras de Vítor Hugo - "Para nossos filhos, a força . Para vossas filhas, a graça . "

Atletismo e História da Educação Física - Ministradas por - dois irmãos - Professores Delcídes Rocca e Domingos Consistrelli da Rocca Neto . Disciplinas essas tão antigas quanto o próprio homem, - Quando o primeiro homem deu o primeiro passo sobre a Terra, quando arremessou a primeira pedra, ou quando transpôs o primeiro obstáculo, já estava praticando o atletismo. E a História da Educação Física nos falava da evolução dos jogos e da nobreza do ideal olímpico, tão bem simbolizado pelas cinco anéis entrelaçados. Cinco anéis - azul, amarelo, preto, verde e vermelho, representando as cores funda

(continuação)

mentais dos pavilhões dos países soberanos e a união dos cinco continentes unidos pela idéia olímpica. Cinco anéis - presos entre si em campo branco, onde acha-se em palavras distintas a divisa olímpica - CITIUS, ALTIUS e FORTIUS, palavras com as quais o Barão Pierre de Coubertin pretendia dizer - Mais rápido, mais alto e mais forte .

E, por falar em forte, com o professor Sérgio Franzolin não podíamos brincar. Faixa preta e professor de Judô, fez-nos ver que tal disciplina não representa apenas um desporto. Constitui-se numa filosofia de vida onde, na arte de ceder, a etiqueta é colocada em primeiro plano e o respeito ao próximo é materializado por um cerimonial codificado.

Para aprender Judô é preciso muita força de vontade e uma grande dose de paciência. Quem sabe, toda aquela paciência necessária para se lidar com as crianças. E o professor Jarbas de Figueiredo, ao ensinar Recreação e Ginástica Infantil mostrava-nos a importância da atividade lúdica na infância, constituindo-se em parte indispensável à lei do crescimento e do processo através do qual, o indivíduo quer ser avançar para a idade adulta.

Antes de atingir a maturidade completa, uma fase difícil e complicada - a adolescência. É nessa época da vida que o educador precisa ser, acima de tudo, um psicólogo . O professor Luiz Roberto Zuliani, fiel seguidor da doutrina de Piaget, fixava-se na racionalização do quadro didático, enaltecendo o circuit-training e o emprego de halteres, material excelente para motivar uma aula de Educação Física . Aula essa, na qual não pode deixar de estar presente o desporto coletivo . Inegavelmente o desporto coletivo representa o coroamento da Educação Física, desenvolvendo qualidades físicas, morais e intelectuais, onde o participante aprende a coexistir através da cooperação, da colaboração e do trabalho de equipe.

E por falar em desporto coletivo ... no Voleibol, o professor Geraldo Fagiano empenhava-se ao máximo ensinando manchete, toque por cima, saque, tática e técnica, e passava a aula inteira controlando os alunos com suas advertências - olha essa mão, cuidado com o tronco, flexiona as pernas e, enquanto isso, as notas diminuíam na razão direta do aumento de erros .

A campeã e professora Wanda Bezerra Gró e o professor - Alcino Pellegrini dividiam os ensinamentos de basquetebol . Orientados pelos mestres, desvendávamos os mistérios dos passes, dos rebotes, das bandejas e dos dribles . Mas, algumas vezes, procurávamos mesmo era driblar as aulas, principalmente se elas aconteciam sob o sol causticante das onze horas .

Acredito que se o professor José Roberto Borsari desincumbia-se com maestria, ensinando para as moças a prática do Andebol .

(continuação)

com os rapazes a sua missão era bem mais árdua. Não acho os senhores, que deve ser difficilissimo ensinar futebol no país tri-campeão do mundo, onde há, praticamente, 50 milhões de técnicos no esporte da pelota ?

Mas, depois de uma partida de futebol, nada mais compensador que um refrescante banho de piscina. E era justamente na piscina que enfrentávamos a disciplina espantalho do curso - NATAÇÃO . Enquanto o professor David Camargo Machado empenhava-se para explicar, pelo princípio de Arquimedes, a arte da flutuação, conseguia apenas fazer com que os alunos afundassem cada vez mais - nas notas, bem entendido .

Professores Padre Paulo Horney de Moura e Coronel Helder Serra, dividiam a cátedra de Estudos de Problemas Brasileiros. O petróleo, o aço, o Nordeste, a Transamazônica, as 200 milhas marítimas, o Produto Nacional Bruto, o Índice de Natalidade e a Segurança da Pátria eram assuntos que bem elaborados e explicados colocavam-nos a par dos planos governamentais, no momento em que o Brasil deixou de ser o País do Futuro, para se transformar num gigante de certezas .

Agora, um destaque especial à Ciências Médicas, pois, sob nossa pele, está instalada toda uma organização de mistério e poesia, que garante o funcionamento do corpo humano.

Em Cinesiologia, o professor Doutor Walter Hermann nos fazia entender os movimentos dos músculos e das alavancas, e quanto mais ele explicava sobre aceleração e velocidade, M.K.S. e centro de massas, mais aumentavam os nossos conhecimentos sobre Força de Resistência e Força de Atrito . E quanto mais havia resistência por parte dos alunos, tanto maior era a força de atrito em relação ao professor.

Anatomia, Fisiologia e Biometria - disciplinas distintas ministradas pelo mesmo mestre - professor doutor João Luongo, que se utilizava de um dos mais modernos métodos de ensino - o audio-visual e, através das projeções jocosamente chamadas pelos alunos de "cine-minhas de terror", víamos desfilar à nossa frente, esqueletos e vísceras. Mas quase chegávamos a perder a razão em Biometria, quando nos víamos às voltas com termos tais como braquisquídicos, macrocórnicos e tentávamos estabelecer paralelos entre perímetros, diâmetros e polígonos morfológicos.

Higiene, Socorros de Urgência e Fisioterapia - três matérias, um só mestre - o professor Doutor Augusto Duarte Espoel . Se hores, que mais eu poderia sobre o homem que explica o nascimento - de seguinte forma ? - " O ser humano, já nasce fazendo ginástica. Na sua passagem, pelo canal que lhe dará vida, o bebê executa primeiro uma flexão de cabeça, seguida de uma extensão, e volta seus olhos para o céu, quem, sabe, à procura de uma esperança que nunca virá ." -

(continuação)

O nosso paranimfo, o querido mestre, médico e poeta, dignificou, como todos os outros, a cátedra que exerceu.

Essas as disciplinas que nos foram ministradas. Talvez agora, muitos dos senhores, já não considerem - Faculdade de Educação Física, um título um tanto perodático para uma simples escola de ensinar ginástica.

E enquanto aprendíamos ginástica e nos envolvíamos com estudos e notas, lá estavam na secretaria o Toninho, "seu" Bento e a Yvone, sempre atenciosos, sempre amigos, apesar da tubulância - que por certo provocávamos. Tomando conta da cantina estava o sorridente China e, na distribuição do material desportivo, encontrava-se o Severino, que veio lá do Norte, mas acredito que já tenha feito o seu coração criar raízes em Santos. Ah! Neste momento, eu quero fazer menção carinhosa e especial àquele casal, que vindo da boa terra, que bons baianos que são, acompanharam-nos durante essas três anos, sempre com um sorriso, sempre solícitos e cordiais, socorrendo-nos nas menores dificuldades. "Seu" Davino e Dona Celina - ali já se encontravam quando foi colocado o primeiro tijolo da Faculdade e nela trabalham arduamente e com dedicação e, por serem como são, estarão sempre em nossas lembranças.

Esses os mestres, esses os amigos, esses os personagens da minha estória. E a estória que começou com o - Era uma vez uma - professora de Educação Física, que veio lá de Guariba, uma cidadezinha presépio localizada perto de Jaboticabal para exercer o magistério em Santos. Certa noite, essa professora teve um sonho e termina da mesma forma que terminam as estórias que gostamos de ouvir. O sonho transformou-se em realidade e a realidade aqui está, na presença de quase 200 fernandos, que se encontram neste local, neste momento, neste memorável 26 de janeiro de 1972 - data em que Santos comemora 133 anos de existências, e aos quais eu peço que acompanhem em pensamento, numa oração extraída de tudo aquilo que tivemos a honra de aprender-

SENHOR - Fazer com que lancemos nosso ideal cada vez mais alto e sejamos fortes bastante para correr em sua direção com toda velocidade.

SENHOR - Fazer com que nosso trabalho seja útil ao físico e à mente, para que consigamos atingir a máxima de Juvena - "MENS SANA IN CORPO RE SANO."

SENHOR - Fazer com que sejamos alavancas da Educação e possamos levar a luz do saber onde houver apenas as trevas da ignorância. Fazer com que ensinemos àqueles que estiverem sobre nossas ordens, a serem humildes na vitória e valentes na derrota.

SENHOR - Fazer com que nossos corações não sejam apenas feixes de músculos cumprindo suas funções anatômicas. Fazer com que cada fibra que os compõem, transformem-se em gesto de amor, ternura e justiça, para aqueles que confiam em nós.

SENHOR - Fazer com que consigamos cumprir realmente a nossa missão - EDUCAR - pois se assim o fizermos, não estaremos sendo menos úteis à nossa Pátria, que nossos soldados quando a defendem nos campos de batalha.

SENHOR - O NOSSO MUITO OBRIGADO .

## Anexo 2 - Carta endereçada ao Conselho Federal de Educação para o reconhecimento da FEFIS

*Carta que enviei aos Membros do Conselho Federal de Educação, para reconhecimento da FEFIS.*  
Santos, 27 de março de 1972.

Prezados Senhores .

No momento em que tramita por esse Conselho, processo de reconhecimento da Faculdade de Educação-Física de Santos, esta ex-aluna não poderia sufocar seus sentimentos, seu respeito e sua gratidão, àqueles que dirigindo-a com segurança, nunca deixaram de socorrer aos que batiam às suas portas a procura de conforto .

Leões na defesa de seus ideais, em audiência com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República empenharam-se pela Regulamentação da Educação Física no País, que foi levada a efeito dias após; na formatura, deu à sua primeira turma uma cerimônia digna de menção, pela seriedade, organização e imponência e, na ânsia de elevar a Educação Física , com o maior de seus esforços demonstrados através de colaboração financeira expressiva, comprovou - mais uma vez que a Faculdade não é mantida visando fins lucrativos

Talvez os senhores estejam estranhando a minha atitude, mas desejo justificá-la. Creio ter o direito de manifestar-me a respeito, pois pertencço à primeira turma e, desde 1969 vi pouco a pouco a Escola crescer e transformar-se num prédio amplo que dá condições de conforto aos seus alunos; desde a Secretaria, vestiários, biblioteca e demais instalações, participei tijolo por tijolo de sua construção. As primeiras dificuldades foram contornadas e nos deparamos com professores interessados e amigos - que nunca recusaram orientação aos seus alunos, mesmo que o pedido fosse feito fora do horário regulamentar das aulas; -para melhor motivação, a projeção de filmes e "slides", desenvolvendo um dos mais modernos métodos de ensino; o áudio-visual; o campo, a pista e as quadras ficavam à disposição daqueles que pretendiam aprimorar seus conhecimentos; a biblioteca foi enriquecida com exemplares especializados, de tal forma que os alunos tinham condições de fazer consultas e elaborar os trabalhos exigidos sem necessidade de recorrer às Bibliotecas Públicas; durante os três anos que aqui

(continuação)

passamos, teoria e prática mesclavam-se de tal forma que - não sabíamos exatamente onde terminava uma e começava a outra; com tudo isso e com cursos de especialização e palestras, nossos conhecimentos foram aplicados, tornando-nos profissionalmente aptos para enfrentar qualquer concurso.

Muitas vezes, quando tentamos falar a palavra coração, a palavra sentimento, ao passá-la para o papel elas perdem o sentido e não dizem nem a décima parte daquilo que pretendíamos. Acredito que os senhores devam ter em mãos papéis que descrevem uma Faculdade, seus estatutos, suas dimensões, quantos professores nela trabalham, quantos alunos estão matriculados, qual o número de livros existentes na Biblioteca, como são os vestiários e as dependências esportivas. Papéis ... números ... palavras, mas por favor, lembrem-se que atrás de todos esses dados existe uma parte humana que não pode ser esquecida, e eu, como atleta que fui, não poderia deixar de contar-lhes o muito que tem sido pela Faculdade para dar maiores dimensões à Educação Física, no momento em que tal disciplina aparece com força total dentro do processo educativo.

Não me interpretem mal por levar até aí as minhas palavras; sou funcionária pública há catorze anos e aguardo ansiosamente, junto com os demais formandos, o reconhecimento da FEFIS para prestar um concurso e não perder após três anos de estudos, trabalho e sacrifício, todos os anos se serviço prestados ao Estado.

Talvez, se algum dos senhores me perguntar em quantos metros quadrados está construída a Faculdade, eu responderia:

- " Não sei dizer com exatidão, pois sua extensão é muito ampla. Não se limita ao espaço compreendido entre quatro paredes; cresce, amplia-se, expande-se e está instalada no coração de cada um de seus alunos. "

Confiamos nos dignos membros do Conselho e, se nossa vontade é VENCER, a missão dos senhores é DECIDIR. E, mesmo na qualidade de ex-aluna; concedo-me o direito de lhes fazer um convite: -"Venham a Santos. Façam uma visita à Faculdade, comprovem tudo que tentei lhes dizer e os senhores verão, "in loco", que minhas palavras foram pobres demais para descrever o que a FEFIS representa."

Atenciosamente ~

---

\* LAURETE APPARECIDA DE GODOY \*  
 Fórum de Santos - 5ª VARA CRIMINAL.

## Anexo 3 - Carta do Ministério da Educação e Cultura endereçada à FEFIS



## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Of. nº 712/050

Em 31 de agosto de 1971

Do Diretor do Departamento de Educação Física e Desportos  
 Ao Diretor da Faculdade de Educação Física de Santos  
 Assunto: Solicitação (faz)

Senhora Diretora:

Constantemente tenho recebido solicitações de informações sobre nossas Escolas de Educação Física, seja por parte de professores de Educação Física ou outros elementos do setor, seja por parte de balaiistas que se encontram no exterior ou em certos casos, por parte mesmo de entidades estrangeiras.

Como sabe a ilustre Diretora, não dispomos de dados estatísticos no setor, e assim sendo solicitáramos o seu concurso no sentido de remeter-nos algumas fotografias das instalações da sua Escola.

Sua colaboração em muito auxiliaria o nosso trabalho e possibilitar-nos-ia veicular a sua Escola através do Boletim Informativo que pretendemos editar brevemente.

Nesta oportunidade, comunicamos a V.Sa. que nosso Departamento mudou-se para o Edifício Venâncio VI, 4º andar - Setor de Diversões Sul e os telefones são: 23-2173 e 23-8423.

Desde já agradeço a sua compreensão e aproveitamos o ensejo para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

  
 Eraldo Pinheiro Marques  
 Diretor

RJM/ifa.